

## PRIMEIRA SEÇÃO

### BIOGRAFIAS EXEMPLARES

#### Apresentação

*Os perfis biográficos de Luís Comollo (na edição de 1854), Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco estão entre os documentos espirituais e pedagógicos mais representativos dos ideais de Dom Bosco. A narração faz emergir um horizonte de sentido, um modo de pensar e de agir bem enraizado no seu contexto cultural. Ao mesmo tempo, porém, para além das contingências históricas, evidencia uma série de elementos que iluminam melhor os traços característicos da pedagogia espiritual do Santo.*

*Destinatários prioritários dessas biografias edificantes eram os jovens da metade dos anos Oitocentos e os seus educadores, mas o instrumento narrativo – magistralmente dominado por Dom Bosco – permite a um leitor atento descobrir nelas um discurso mais profundo sobre a experiência dos protagonistas e sobre os seus ambientes de vida, sobre o humanismo educativo pleno e a fascinante cultura do espírito que constituem como a moldura.*

*Em primeiro lugar, reproduzimos a biografia de Luís Comollo (n. 305), na sua segunda edição (janeiro de 1854). É um documento de notável relevância espiritual. De fato, o Santo, que havia pouco tinha iniciado em Valdocco um internato para estudantes encaminhados ao sacerdócio, revê os Dados históricos sobre a vida do amigo, publicados dez anos antes, para oferecer aos jovens um substancial exemplo de vivência cristã integral, segundo as suas perspectivas. O texto básico e seu enquadramento são idênticos aos da primeira edição (1844), mas as numerosas inserções – que nesta coletânea evidenciamos em caráter cursivo (itálico) – assinalam uma relevante transposição de acento. Dom Bosco agora não está somente preocupado em lembrar o colega falecido e oferecê-lo à imitação dos seminaristas, mas tende a iluminar uma proposta de vida espiritual que considera apta para as novas gerações.*

*Percorrendo os textos inseridos e suas especificações notamos a consciência amadurecida ao longo de um decênio de experiência educativa e pastoral, que lhe permite iluminar dinâmicas espirituais precisas e indicar itinerários interiores, para além do simples registro de fatos e palavras. Encontramos todos os temas religiosos mais caros a Dom Bosco, já acenados no Jovem Instruído, mas enquadrados num tecido de vida concreto. Nessa perspectiva é reveladora a recomendação*

acrescentada por Dom Bosco ao pé do Regulamento da Companhia da Imaculada (1856), escrito por José Bongiovanni, Domingos Savio e companheiros: “Antes de aceitar alguém, fazer-lhe ler a vida de Luís Comollo”<sup>6</sup>. Ele se referia precisamente a esta edição.

Quanto à figura de São Luís Gonzaga, o jovem Comollo podia servir como modelo mais eloquente e estimulante: perfeito imitador do Santo na totalidade da entrega a Deus e na tensão ascética e virtuosa, mas situado numa moldura histórica, cultural e social mais próxima dos jovens leitores. A publicação da vida de Domingos Savio (1859) porá na sombra a figura de Comollo, mas também demonstrará quanto impacto teve esta pequena biografia do santo adolescente.

A segunda fonte inserida nesta seção é a vida de Domingos Savio (n. 306), na última edição cuidada pessoalmente por Dom Bosco (1878). Nota-se nela a consolidação e a especificação dos itinerários formativos do Oratório, “a chegada e a proposta de um modelo vivo de espiritualidade juvenil excelente, encarnado na sua vicissitude terrena e na biografia” do jovem aluno<sup>7</sup>. Domingos exprime, “na sua realidade concreta, uma santidade cristã típica de adolescente, realizada de forma plena”, e Dom Bosco a explicita pondo-a ao alcance de outros jovens “decididos e ousados”. Com a diferença, em relação ao perfil de Comollo, que esta biografia resulta também em grande parte autobiografia de Dom Bosco formador e guia espiritual, “espelho da sua espiritualidade, praticada e ensinada”, ilustração do seu modo inconfundível de agir na qualidade de padre educador, de guia espiritual, “segundo uma mentalidade plasmada ao longo da formação sacerdotal, teológica e experiencial”<sup>8</sup>.

Mas a vida de Domingos Savio, e mais ainda a simpaticíssima e atraente vida de Miguel Magone (n. 307) – o terceiro texto da seção –, são também ilustração muito eficaz do ambiente formativo, vivaz e intenso, de Valdocco, tão “saturado de humanidade simples e de espiritualidade intensa”<sup>9</sup>.

Se, na vivência espiritual de Domingos Savio, o autor reconhece, junto com os méritos da educação familiar, “o trabalho que a graça divina tinha já realizado em tão tenra idade”<sup>10</sup>, dada a extraordinária receptividade do menino, na aventura espiritual de Miguel Magone ele evidencia de forma inequívoca a eficácia do próprio método educativo. A transformação moral e espiritual do adolescente

<sup>6</sup> Veja acima o n. 207.

<sup>7</sup> P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani...*, I, p. 301.

<sup>8</sup> *Ibid.*, pp. 327-328.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 329.

<sup>10</sup> Giovanni BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales con appendice sulle grazie ottenute per sua intercessione*. Ed. 5. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1878, p. 28 (n. 306, p. 1039).

e o seu rápido progresso aparecem, de fato, em grande parte, como fruto do seu empenho como educador e guia espiritual, resultado da estratégia formativa posta em ação e da fervorosa comunidade juvenil de Valdocco na qual o “general” de Carmagnola\* foi inserido.

Da vida de Francisco Besucco, O Pastorzinho dos Alpes, referimos aqui somente a segunda parte (n. 308), pois os primeiros catorze capítulos são praticamente copiados ao pé da letra do longo testemunho enviado a Valdocco pelo pároco de Argentera. Dom Bosco intervém somente a partir do capítulo XV para frente, mas de maneira muito eficaz, a ponto de Alberto Caviglia considerar esse texto uma preciosidade: um “documento construtivo da pedagogia espiritual e moral do santo educador [...], enquanto o autor, mais do que em outro livro do mesmo tipo, se ocupa da teoria e exprime as suas ideias com a intenção expressa de ensiná-las”. Na época da publicação (1864), de fato, o Santo estava “no fim da sua autoformação pedagógica, com ideias já definitivamente formuladas”<sup>11</sup>.

É aqui que encontramos expressa, e depois plenamente ilustrada capítulo por capítulo, a fórmula “alegria, estudo, piedade”, considerada a mais completa e sintética enunciação da pedagogia espiritual de Dom Bosco. Mas é também o texto que melhor explicita as intenções espirituais do Santo, pois, “com a série episódica das devoções, ilustra o princípio básico, que é o gosto pela oração e o espírito de oração” e o mostra enquanto ele vai assumindo forma. Até o “grau mais alto e intenso, que é o da oração contínua, quando a atitude do coração faz com que a oração não cesse jamais” e o hábito de rezar se transforme “numa espécie de gravitação da mente em torno de Deus, a qual nasce do amor e da prática da presença divina”<sup>12</sup>.

Junto com o tema da união com Deus é explicitado o conceito salesiano de mortificação dos sentidos, “que não deve ser algo a mais na vida, mas provir da própria vida, e é a vida que se vive que nos deve mortificar”; vida que Dom Bosco “concebe austera e pobre e limitada, feita de trabalho e temperança”<sup>13</sup>. Dom Bosco ensina que não é preciso buscar mortificações fora da concretude da existência, mas simplesmente guardar os sentidos e acolher com paciência, fortaleza e amor tudo o que há de penoso nos deveres comuns e nas situações diárias da existência: o peso do trabalho, os limites impostos pela nossa condição, as angulosidades do próximo, as obras cansativas, as pequenas humilhações, os incômodos de saúde.

<sup>11</sup> Alberto CAVIGLIA, “La vita di Besucco Francesco scritta da don Bosco”, em *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*. Vol. VI. Turim, Società Editrice Internazionale 1965, p. 16.

<sup>12</sup> *Ibid.*, pp. 200-201.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 207.

\* Qualificativo dado a Miguel Magone, natural de Carmagnola, dotado de grande liderança entre os colegas.

### 305. Vida de Luís Comollo\*

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Cenni sulla vita del giovane Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue rare virtù.*

Turim, Tipografia P. De-Agostini 1854.

*Ao leitor*<sup>14</sup>

O exemplo de ações virtuosas e boas vale mais do que qualquer discurso elegante e floreado. Por isso não deixarão de ser úteis alguns traços biográficos de um jovem que em pouco tempo de vida praticou *virtudes tão belas que ele pode ser proposto como modelo a todo o fiel cristão desejoso de alcançar o prêmio eterno. Não se encontram em sua vida fatos extraordinários, mas tudo é feito com tal perfeição que se podem aplicar ao jovem Comollo estas palavras do Espírito Santo: “Qui timet Deum nihil negligit”*<sup>15</sup>; quem teme a Deus, nada descuida do que lhe possa ser de auxílio para progredir nas vias do Senhor.

No relato desta vida há muitos fatos e poucas reflexões, permitindo-se assim que cada um aplique a si mesmo o que parecer mais apropriado ao seu modo de viver. O que aqui se lê, foi quase tudo escrito contemporaneamente à sua morte e publicado em 1844<sup>16</sup>; consola-me bastante o pensamento de poder assegurar a veracidade do que escrevo. São fatos conhecidos, ouvidos e vistos por mim mesmo ou por pessoas de cuja fé não se pode duvidar.

Lê de boa mente, leitor cristão, e se te detiveres a meditar um pouco no que leres, encontrarás com certeza algo que te agrade e te sirva para exemplo de vida verdadeiramente cristã. E se ao ler estas páginas te sentires animado a seguir alguma das virtudes aqui ilustradas, dá glória a Deus, a quem consagro estas pobres páginas, enquanto peço te seja propício.

<sup>14</sup> Indicamos em itálico os acréscimos mais importantes feitos por Dom Bosco em 1854 em relação ao texto da primeira edição (1844).

<sup>15</sup> Citação da Vulgata (Eclo 7,19); cf. Ecl 7,18.

<sup>16</sup> [Giovanni Bosco], *Cenni storici sulla vita del cheirico Luigi Comollo morto nel seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue singolari virtù.* Scritti da un collega, Turim, Tipografia Speirani e Ferrero 1844 (OE I, 1-84). É o primeiro livro publicado (anônimo) por Dom Bosco.

\* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde basicamente à que se encontra na coleção das “Leituras Católicas”: SÃO JOÃO BOSCO, *Vida do clérigo Luís Comollo.* Ano 50, Fascículo 602, Escolas Profissionais Salesianas, Niterói 1940, pp. 3-132; foram introduzidas inúmeras adaptações para a nossa linguagem atual.

## Capítulo I – Infância de Luís Comollo

Na aldeia de Pra, que faz parte do fértil município de Cinzano<sup>17</sup> e da diocese de Turim, nasceu Luís Comollo a 7 de abril de 1817. Foram seus pais Carlos e Joana Comollo, *ambos camponeses*. Embora de condição não muito abastada, possuíam bens mais apreciáveis do que as riquezas: a virtude e o temor de Deus. Ao nosso Luís, deu-lhe a natureza uma alma boa, coração generoso, índole dócil, de maneira que, apenas chegado ao uso da razão, começaram a despertar nele os primeiros indícios das virtudes e da devoção, que se foram aperfeiçoando durante toda a sua vida. Apenas soube pronunciar os santos nomes de Jesus e de Maria, teve-os como objeto de amor e respeito. Ao rezar, não mostrava jamais o aborrecimento ou a preguiça próprias de crianças; antes, quanto mais compridas eram as orações, mais ficava alegre e satisfeito. *Muitas vezes, terminadas as orações de costume, dizia: “Mamãe, ainda um Pai-nosso pelas pobres almas do Purgatório”.*

Aprendeu com facilidade a ler e escrever, *e tendo a caridade se enraizado profundamente em seu coração, serviu-se logo dessa primeira instrução para a sua própria vantagem espiritual e para a do próximo*. Nos dias festivos, enquanto os outros meninos iam de cá para lá a se divertirem, ele, reunindo alguns ao redor de si, entretinha-os lendo algum bom livro, explicando o que sabia ou então contando algum exemplo edificante. Com isso conquistou a estima e o respeito de seus coetâneos de modo que estando ele presente ninguém ousava proferir palavras inconvenientes ou pouco honestas. E se isso acontecia inadvertidamente, logo alguém dizia: “Silêncio, que Luís está ouvindo”. Aproximando-se ele, cessava qualquer conversa menos decorosa. Ao ouvir palavras ofensivas aos bons costumes ou à religião, dizia com sua admirável afabilidade: “Não faleis assim, isso não fica bem na boca de um jovem cristão”.

Conforme exigia sua condição, Comollo conduzia o gado ao pasto, mas sempre longe das pessoas de outro sexo, e levava junto um livrinho espiritual que lia sozinho ou com outros companheiros. Enquanto edificava os outros com o bom exemplo, era de admiração para as pessoas virtuosas, que se maravilhavam de tamanha virtude num jovem de tão pouca idade.

“Eu tinha um filho, narra um pai, que já não sabia mais o que fazer com ele; tinha-o tratado com doçura e com severidade, mas tudo foi em vão. Veio-me à mente o pensamento de mandá-lo a Luís, para ver se ele podia torná-lo mais dócil e deixasse de ser para mim causa de desgosto. Meu filho, a princípio, mostrava-se esquivo à convivência de quem tão pouco favorecia os

<sup>17</sup> Cinzano é um povoado agrícola da província e da diocese de Turim, a 28 km da capital; em 1839 tinha 660 habitantes.

seus desejos. Mas logo, atraído pelas delicadezas de Luís, tornou-se seu amigo e companheiro na prática das virtudes, e ainda hoje mostra a docilidade e os bons costumes aprendidos com aquela alma boa de Comollo.

Notável era a obediência aos seus pais. Pronto e atento a tudo o que lhe era ordenado pelos seus pais, ansioso esperava suas ordens, procurando até com toda a solicitude adivinhar-lhes os menores desejos. Quando seus pais se mostravam aflitos por causa da seca, das tempestades ou da perdas de gado, era Luís quem os animava a receber como uma graça de Deus o que acontecia. “Precisávamos disso, dizia; todas as vezes que nos fere a mão do Senhor, ele nos trata com grande bondade; é sinal de que se recorda de nós e quer que nos recordemos dele”.

Jamais se afastou de seus pais sem licença explícita, que ele acatava com todo cuidado. Uma vez foi visitar alguns parentes com permissão de lá ficar só por algumas horas. Encantados com sua amabilidade, os parentes não lhe permitiram voltar a tempo. Causou-lhe isso tal mágoa que se retirou a um canto chorando por se ver obrigado a desobedecer. Apenas chegou em casa pediu logo perdão da desobediência involuntariamente cometida.

Afastava-se às vezes da presença dos outros e ia esconder-se em algum canto da casa para rezar ou refletir. “Eu o vi diversas vezes, afirma uma pessoa que foi educada com ele, comer depressa, cumprir rapidamente suas obrigações, e enquanto os outros gozavam de um pouco de recreio, ele, alegando algum pretexto, ia esconder-se em algum buraco entre as videiras, se estava no campo, ou no paiol, se em casa, e ali se entretinha rezando ou lendo livros de devoção”. Pois também entre a gente do campo Deus sabe guiar os rudes e ignorantes pelos sublimes caminhos da santidade.

A essas belas provas de virtude somavam-se estreitamente os sinais de verdadeira devoção e grande amor para as coisas de religião. Notou-se isso desde o tempo de sua primeira confissão. Feito um cuidadoso exame de consciência, em seguida, foi-se apresentar ao confessor. Quando se achou na presença do sacerdote sentiu tal confusão, unida ao respeito por esse sacramento, tal apreensão pelas suas faltas (se faltas ele tinha...), tão grande dor pelos seus pecados que rompeu num copioso pranto e teve necessidade de ajuda para principiar e continuar sua confissão.

Com igual edificação dos presentes fez sua primeira comunhão. Desde então se afeiçãoou a estes dois sacramentos de tal modo que sentia grande consolação em recebê-los. *A respeito disso costumava confidenciar a um seu colega: “A confissão e a comunhão foi o que me sustentou durante os anos perigosos da minha juventude”.*

Por mais que comungasse com frequência, todavia, não podendo saciar todos os dias seu amor fervoroso por Jesus, encontrou uma bela solução na comunhão espiritual. De fato, quando se tornou clérigo, no seminário, ele repetia com frequência: foi por causa da insigne obra de Santo Afonso, *Visitas ao Santíssimo Sacramento*, que aprendi a fazer a comunhão espiritual. Posso dizer que ela foi o meu conforto em todos os perigos a que estava sujeito enquanto vivia fora do seminário.

À comunhão espiritual e sacramental unia frequentes visitas às igrejas e ali se sentia tão compenetrado pela presença de Jesus que com frequência chegava a passar horas inteiras desafogando seus fervorosos e ternos afetos.

*Alguém, admirado, poderia perguntar: como um jovem de tão pouca idade aprendeu a praticar tão belas virtudes? Dou logo a resposta. Tinha ele um tio chamado José Comollo<sup>18</sup>, de santa memória, pároco de Cinzano, alma verdadeiramente boa, que não procurava senão o bem das almas confiadas aos seus cuidados. Esse sacerdote estimava seu sobrinho e este o amava ternamente. Luís, guiado nas coisas espirituais e temporais por diretor tão santo, ia copiando suas virtudes à medida que crescia nos anos. Com frequência seu tio o mandava para a igreja desempenhar alguma incumbência, ou então ele mesmo por própria conta ia até lá sob o pretexto de alguma coisa a fazer, mas nunca saía sem antes se entreter certo tempo com o seu Jesus e recomendar-se à sua querida mãe Maria. Não havia solenidade, catecismo ou sermão, bênção do Santíssimo ou outra celebração sem que ele participasse de ânimo alegre e contente por prestar os serviços de que era capaz.*

Por ser Comollo completamente alheio às frivolidades próprias da juventude, paciente e tranquilo, acontecesse o que acontecesse, afável com os iguais, modesto e respeitoso para com os superiores, obediente a todos, entregue às práticas de piedade, sempre pronto a prestar na igreja os serviços compatíveis com sua idade, tudo fazia pressagiar que o Senhor o destinava a um estado de maior perfeição. Luís, muito compenetrado da grande importância que se deve dar à escolha duma carreira, consultou, por diversas vezes, seu tio pároco a quem confiava todos os segredos do seu coração. Respondendo este que, pelo que se podia saber, Deus o chamava ao estado eclesiástico, ficou muito contente, pois também era esse o seu ardente desejo. Seu tio, vendo-o tão disposto, quis auxiliá-lo em seus santos desejos. Um dia chamou-o e lhe disse: “Tens, então, firme vontade de tornar-te sacerdote?”. Luís respondeu: “É só isso que desejo e nada mais”. “E por quê?”. “Porque, sendo os sacerdotes os que abrem as portas do paraíso aos outros, espero depois abri-las também para mim”.

<sup>18</sup> Padre José Comollo (1768-1843).

Foi, então, enviado a Caselle, próximo de Ciriè, onde, aperfeiçoando sempre as virtudes que o tornavam em qualquer lugar modelo de vida cristã, foi também causa de admiração a quantos o conheceram. Ali se aplicou intensamente ao espírito de mortificação. Desde pequeno costumava oferecer ramalhetes espirituais a Nossa Senhora, privando-se de alguma comida, de frutas ou de qualquer coisa que lhe dessem para comer. “Isso, dizia, é preciso ofertar a Maria”. Em Caselle foi mais adiante; além de oferecer todas as semanas a Maria jejuns, muitas vezes, durante as refeições ao meio-dia e à noite, se retirava da mesa no melhor da festa. Era suficiente que se levasse à mesa algum prato do seu agrado para que o não comesse e isso sempre por amor de Maria.

*Esse modo de vida contribuiu eficazmente para o seu progresso nos estudos e na piedade, porque é um fato provado por longa experiência que a sobriedade é para os jovens, especialmente para os estudantes, de grande utilidade para a saúde corporal e para o bem da alma.*

## *Capítulo II – Estudos em Chieri*

No começo do ano escolar de 1835, *quando estudava em Chieri, achei-me casualmente numa pensão, onde se falava das boas qualidades de alguns estudantes.* “Disseram-me, começou a narrar o dono da casa, disseram-me que à casa de fulano deve chegar um estudante muito santo”. Eu sorri, tomando a coisa em brincadeira. “É verdade, acrescentou ele, esse estudante deve ser sobrinho do vigário de Cinzano, e é jovem de assinalada virtude”.

Não dei grande importância a essas palavras, até que um fato notável fez com que eu me lembrasse de novo. Havia vários dias que eu notava um estudante (seu nome ainda não me era conhecido) que mostrava tanta compostura na pessoa, modéstia no caminhar pelas ruas, afabilidade e cortesia no falar, que eu estava maravilhado. Aumentou a minha admiração quando observei sua exatidão no cumprir os deveres e sua pontualidade no comparecer às aulas. Chegado ao colégio, colocava-se logo no seu lugar e dali não se movia senão para executar o que lhe ordenava o dever. É costume dos estudantes passar o tempo antes da entrada em brincadeiras, jogos e saltos perigosos *e às vezes imorais.* A isso também era convidado o nosso juvenzinho. Ele, porém, sempre se escusava dizendo que não estava acostumado, nem tinha a necessária destreza.

Não obstante isso, um dia, um companheiro aproximou-se dele e, com palavras e empurrões, quis obrigá-lo a tomar parte nesses jogos e saltos imoderados. “Não, meu caro, respondeu ele docemente, não tenho experiência e farei uma triste figura”. O impertinente companheiro quando viu que ele



não queria ceder, deu-lhe com intolerável insolência uma bofetada no rosto. Fiquei espantado, e sendo o provocador inferior em força e idade ao provocado, esperava que este lhe pagasse na mesma moeda. Mas o ofendido tinha um espírito bem diferente: voltando-se para quem nele batera, contentou-se em dizer: “Se te basta isso, vai-te, que eu estou contente”. Isso me fez lembrar o que ouvira a respeito do tal estudante santo que devia chegar. Perguntei-lhe o nome e o lugar de origem e soube que era o jovem Comollo, cujos louvores eu ouvira na pensão.

*De um coração tão bem formado, de um procedimento tão bem regrado, é fácil deduzir-se qual foi a diligência e aplicação de Comollo, e não saberia expressar melhor do que com as seguintes palavras de seu e meu benemérito professor<sup>19</sup>.*

“Embora o caráter e a índole do ótimo jovem Comollo sejam mais conhecidos a vossa senhoria que o teve como discípulo e pôde observá-lo mais de perto, todavia, de bom grado, mando-lhe nesta carta o parecer que dele formei desde quando o tive como aluno durante os anos de 1835 e 1836 nas classes de Chieri. Foi um jovem de grande inteligência e prendado pela natureza com índole muito dócil. Cultivou com admirável diligência a piedade, e mostrou-se sempre atentíssimo a qualquer ensinamento, e era tão vigilante e escrupuloso no cumprir seus deveres que não recordo de tê-lo repreendido alguma vez, mesmo por alguma negligência mínima”.

“Nunca o vi discutir com seus companheiros; antes, vi-o responder às injúrias e zombarias com bondade e paciência. Poderia ser de exemplo para qualquer jovem pelo seu casto procedimento, pronta obediência e admirável docilidade; por isso, fiz-lhe um ótimo prognóstico quando da sua entrada na carreira eclesiástica. Considerava-o como destinado a confortar a velhice de seu venerando tio, o pároco de Cinzano, que o amava ternamente e que soube semear em seu coração tão exímias virtudes. Causou-me, portanto, grande dor a notícia de sua morte, e somente me confortou o pensamento de que em breve tempo, com suas virtudes, percorreu antecipadamente uma longa carreira. Talvez, Deus quis chamá-lo a si com morte prematura porque o viu provido de muitos méritos, e nisso nós devemos venerar sua divina vontade”.

“Vossa senhoria me pede que eu diga algo de singular que eu possa ter observado nele. Mas o que poderia dizer de mais singular do que a sua uniformidade e constância numa idade tão volúvel e tão sequiosa de novidades e mudanças? Desde o primeiro dia que entrou para a minha classe até o último,

<sup>19</sup> “Professor de Comollo era o teólogo João Bosco (1812-1889) de Chieri, atualmente professor de filosofia na Academia Militar de Turim (nota no texto original).

pelo espaço de quatro anos, foi sempre o mesmo, sempre bom, sempre pronto à prática da virtude, da piedade, da diligência”. Assim fala o seu professor.

Esses belos dotes não eram menos conhecidos fora da escola. “Notei no jovem Comollo, refere o dono da pensão em que ele morava, o complexo de todas as virtudes, próprias não só da sua idade, mas de uma pessoa que se exercitou nelas desde longo tempo. De caráter sempre igual e alegre, imperturbável diante de qualquer acontecimento, não deu jamais a conhecer o que era de seu gosto. Mostrando-se sempre contente do que se lhe oferecia, nunca o ouvi dizer: isto está muito insípido, ou então, faz muito calor ou muito frio; jamais se ouviram de sua boca palavras pouco honestas ou imoderadas. Falava de bom grado de coisas espirituais e se alguém começava a falar sobre religião exigia que se falasse dos ministros sagrados com máxima reverência e respeito”.

“Muito amante do recolhimento, não saía de casa *sem licença do próprio dono da pensão*, dizendo-lhe o tempo, o lugar e o motivo por que se ausentava. Em todo o tempo que morou na minha casa foi de estímulo para os outros viverem virtuosos, e causou não leve tristeza a todos quando teve de mudar de habitação para vestir o hábito eclesiástico e ir para o seminário, privando-nos assim de um raro exemplo de virtude”.

Também eu posso dizer a mesma coisa, porque em várias ocasiões que falei ou me entretive com ele, jamais o ouvi queixar-se das mudanças do tempo ou das estações, do muito trabalho ou do muito estudo; antes, quando tinha um pouco de tempo livre, ia logo em busca de algum companheiro para que este lhe esclarecesse alguma dificuldade ou para falar de assuntos escolares ou religiosos.

Não menor era o empenho pela observância religiosa e pela vigilância em tudo o que dizia respeito às coisas de piedade. Eis o que escreve o diretor espiritual do colégio, que de certo pôde conhecê-lo intimamente<sup>20</sup>.

“Vossa Senhoria me pediu notícias de um jovem cuja memória me é caríssima; por isso é coisa muito agradável responder-lhe. O jovem Comollo não foi nenhum desses com os quais se devem usar palavras evasivas ou de quem se receie dar os mais belos testemunhos. Vossa Senhoria sabe que pertenceu a uma classe, distinta entre as outras, de estudantes entregues à piedade e ao estudo, mas entre eles brilhou e sobressaiu-se Luís Comollo. Sinto muito

<sup>20</sup> “Diretor espiritual do colégio de Chieri, então era o senhor padre Francisco Calosso [1807-1888], atualmente prior beneficiado da colegiada, pessoa totalmente dedicada a obras de zelo e de piedade” (nota no texto original).

a morte do prefeito dos estudos, o professor Rubiola<sup>21</sup>, que nos poderia narrar muitos fatos da vida de Comollo, quer quanto aos estudos, quer quanto a seu procedimento exemplar, ainda fora do colégio”.

“Quanto a mim, além de assegurar que não tive jamais motivo para repreendê-lo, nem sequer por faltas leves, posso asseverar que, sendo ele assíduo às celebrações e aos santos sacramentos da confissão e comunhão, sempre atento às divinas palavras, muito devoto no assistir à missa e aos ofícios divinos, diligente nos deveres de piedade, exemplar em todas as virtudes, não duvidaria em apresentá-lo como luminoso espelho e modelo a todos os outros estudantes. Por quanto permitia sua classe, no ano de retórica foi-lhe confiado um cargo que se dava somente aos estudantes mais distintos pela piedade e pela aplicação”.

“Desejava-se então, e deseja-se ainda hoje, um estudante de caráter e costumes iguais aos de Luís Comollo. Seu nome lembrava São Luís Gonzaga e copiou-lhe muitas virtudes. A mim nunca se pediram notícias de algum estudante a respeito do qual eu as tenha dado de tão boa vontade como no caso deste. Posso dizer dele todo o bem possível num jovem. *Raptus est, ne malitia mutaret intellectum ejus.* [Sb 4,11]. Espero que agora no céu esteja rezando por mim”. Até aqui o diretor espiritual do ginásio e liceu de Chieri.

*Por essas referências do seu professor e do diretor do colégio pode-se concluir que o procedimento de Luís era um complexo de virtudes, pequenas sim, mas praticadas de tal modo que todos o admiravam como espelho de singular brilho.* Acrescento aqui algumas coisas observadas particularmente por mim no seu procedimento externo. Terminados apenas os exercícios de piedade, que nos dias festivos se faziam na capela da casa de estudos, a maioria dos estudantes ia para o passeio ou a qualquer outra diversão. Comollo, *persuadido de poder dispensar esses divertimentos*, ia logo ao catecismo dos meninos que se costumava fazer na igreja dos padres jesuítas, que ele assistia devotamente, como fazia com todas as celebrações de igreja.

Fosse dom da índole feliz que lhe dera a natureza ou o mérito de virtude adquirido com refrear a si mesmo, parecia estar nele extinta essa curiosidade e desejo de ver e ouvir, comum geralmente aos que vêm das aldeias para as cidades, e, além disso, próprio da idade juvenil. Ia para o colégio e voltava todo recolhido e modesto, e não andava com os olhos ou com a pessoa, vagueando cá e acolá, a não ser para prestar o devido respeito aos superiores, às igrejas, a qualquer imagem ou pintura da Santíssima Virgem. Não sucedeu jamais que passasse diante desses objetos religiosos sem descobrir a cabeça.

<sup>21</sup> Deveria dizer: Raviola. O prof. Padre Vicente Raviola [1768-1830]; antes de 1802 era frade menor no convento de Santa Maria da Paz, em Chieri.

Muitas vezes acompanhando-o, vi-o tirar o chapéu, sem saber eu o motivo; mas depois olhando com atenção, descobria aqui ou ali, nalguma parede, a effigie de Maria. Já se estava no fim do curso de retórica, quando o interroguei acerca das coisas mais importantes e dos monumentos mais conhecidos da cidade: ele me respondeu que não estava informado disso, como se fosse um estrangeiro.

– *Oh! disse-lhe então, tantas pessoas vêm de longe para ver as raridades de Chieri e tu que habitas aqui não cuidas nem sequer de visitá-las.*

– *Eh! meu caro, disse-me brincando, o que não é útil para amanhã, pouco me importa procurá-lo hoje: querendo com isso dizer que, se tais raridades contribuissem para os bens eternos, que eram o seu amanhã, ele não as teria descuidado.*

De fato, quanto mais Comollo era alheio às curiosidades e ocupações temporais, tanto mais era informado e instruído nas coisas da Igreja. Não se fazia exposição das *Quarenta Horas*, ou outra celebração religiosa pública, que ele não soubesse e na qual, se o tempo lhe permitia, não tomasse parte. Tinha seu horário para rezar e para a leitura espiritual e visita ao Santíssimo Sacramento, e seguia-o escrupulosamente. Algumas circunstâncias quiseram que por muitos meses fosse eu à catedral justamente na hora em que Comollo também se dirigia para lá a fim de fazer suas costumeiras orações.

Agrada-me aqui descrever sua posição. Colocava-se em algum canto, o mais perto que lhe era possível do altar, de joelhos, com as mãos postas, a cabeça um pouco inclinada, os olhos baixos e com o corpo imóvel; insensível a qualquer voz ou rumor. Frequentes vezes, cumpridos os meus deveres, quis convidá-lo para voltarmos juntos. Para isso, fazia-lhe sinal com a cabeça, passando-lhe perto, ou tossia para que se movesse. Ele, porém, permanecia sempre imóvel até que, aproximando-me, tocava nele. Então, como que despertado dum sonho, movia-se e embora a contra gosto, aderiu ao meu convite. Servia de boa vontade à santa missa nos dias de aula; mas, no tempo das férias, servir a quatro ou cinco, era para ele coisa normal.

Embora tão compenetrado nas coisas espirituais, nunca foi visto com o rosto carregado ou triste, mas sempre alegre e contente. Gostava de dizer que lhe agradavam muito as palavras do profeta Davi: “*Servite Domino in laetitia*”: *servi ao Senhor em santa alegria*<sup>22</sup>. Falava com prazer de história, de poesia, das dificuldades das línguas italiana e latina, e isso de maneira tão humilde e jovial que, enquanto dava seu parecer, mostrava estar disposto a submetê-lo ao dos outros.

<sup>22</sup> SI 99,2.

Tinha um companheiro de sua especial confiança para tratar de coisas espirituais. Tratar com ele de tais argumentos, era-lhe de grande consolação. Falava com transporte de imenso amor acerca de Jesus, nosso alimento na santa comunhão. Quando discorria sobre a Santa Virgem, ficava comovido, e, depois de ter narrado ou ouvido contar algum favor concedido ao corpo, ele, no fim, com o rosto abrasado, e, às vezes, derramando lágrimas, dizia: “Se a Virgem favorece tanto este corpo miserável, que não fará pelas almas que a invocam? *Oh! se todos os homens fossem verdadeiros devotos de Nossa Senhora, que felicidade haveria no mundo!*”.

Era tal a sua estima para com as coisas de religião, que não só não suportava que se falasse delas com desprezo, mas nem sequer com indiferença. A mim mesmo aconteceu uma vez que, brincando, me servi de palavras da Sagrada Escritura, e ele logo me repreendeu, dizendo que não devia brincar com as palavras do Senhor.

Quando alguém queria narrar algum fato acerca dos padres, Comollo avisava logo que, deles, ou falar bem ou calar-se, pois que eram os ministros de Deus. Desse modo ia Luís preparando-se para a vestidura clerical de que falava sempre com veneração e alegria. “Possível, costumava dizer, que eu, miserável pastor de gado, me torne pastor de almas? Entretanto, outra coisa não desejo; isto é o que afirma o meu confessor e a minha vontade; só meus pecados dizem o contrário. Irei prestar os exames. O êxito deles será o arbítrio da vontade divina acerca de minha vocação”. Recomendava-se com frequência a alguns companheiros que rezassem por ele, para que o Senhor o iluminasse e lhe fizesse conhecer se era ou não chamado ao estado eclesiástico. Assim, estimado pelos companheiros, amado pelos superiores, honrado e tido por todos como modelo de todas as virtudes, terminava no ano 1836 o curso de Retórica.

### *Capítulo III – Veste a batina e vai para o seminário*

*Eu gostaria que a preparação feita por Comollo antes de vestir o hábito clerical pudesse servir de norma aos jovens estudantes na escolha de um estado, e de modo especial aos que aspiram à carreira eclesiástica. A vocação ou chamamento ao estado sacerdotal deve vir de Deus. Portanto, o jovem não preste atenção ao que lhe podem aconselhar os parentes no interesse temporal, ou ao que pode sugerir a vanglória e o desejo das comodidades terrenas. Quereis ficar tranquilos acerca da vocação? Escolhei antes de tudo um bom confessor, a ele abri o interior de vosso coração, e por quanto for possível, não o mudeis nunca. E no momento da escolha do estado abri-lhe bem a vossa consciência, pedi seu parecer e observando-o seguireis com certeza a voz do Senhor, que nos diz no Santo Evangelho: Qui vos audit,*

me audit<sup>23</sup>; isto é, quem ouve a voz do diretor espiritual, ouve a voz do céu; e isso especialmente acerca das qualidades morais que são os dotes mais essenciais, até indispensáveis, para um jovem desejoso de abraçar a vida eclesiástica.

Quanto à ciência, que também é especialmente necessária, devemos ater-nos ao juízo dos nossos examinadores e reconhecer nos exames a vontade de Deus. Assim é que fez Comollo, quando se encontrou nessa situação. Apresentando-se para o exame e obtido um êxito favorável, começou a se preparar para a vestidura clerical com os mais vivos sentimentos de piedade e fervor. Eu não saberia expressar devidamente todos os afetos de ternura que ele experimentou naquela circunstância.

Rezava, fazia com que outros rezassem por ele, jejuava, chorava com frequência, ficava muito tempo na igreja, de tal modo que, chegando o dia da sua festa (assim ele chamava o dia da sua vestidura), fez a sua confissão e comunhão, e contente mais do que se tivesse sido elevado a um cargo honroso, cheio de santa apreensão, concentrado em sentimentos religiosos, recolhido e modesto a tal ponto que parecia um anjo, vestiu o tão respeitado e desejado hábito eclesiástico<sup>24</sup>. Esse dia, para ele, foi sempre motivo de recordação e costumava dizer que o seu coração tinha mudado completamente: de pensativo e preocupado, tornou-se alegre e jovial, e todas as vezes que lembrava esse dia sentia seu coração invadido de terna alegria.

Entretanto, chegou o dia da abertura do seminário, para o qual entrou pontualmente e onde deveria fazer brilhar suas virtudes, não só extraordinárias, mas da forma mais perfeita. *Chegando ao seminário, imediatamente se convenceu de que não bastava o lugar para infundir a ciência e a virtude, mas é necessária a observância pontual das regras, unida ao exato cumprimento dos próprios deveres. Máxima solícitude no cumprimento dos deveres de estudo e piedade, e ardoroso desejo de mortificação foram os pensamentos que ocuparam a alma de Comollo ao longo de todo o tempo de seminário; e para não se esquecer, escreveu num pedaço de papel que levava sempre dentro do livro ou do caderno que normalmente deveria usar: “Faz muito quem faz pouco, mas faz o que deve; nada faz quem faz muito, mas não faz o que deve”.*

Leu que Santo Afonso fez voto de não perder um minuto de tempo. Isso causou-lhe grande admiração e procurava com todas as forças imitá-lo. Portanto, desde o primeiro dia, entregou-se com tal diligência ao estudo e à piedade que aproveitava de todas as ocasiões e de todos os meios para ocupar exatamente o tempo. Ao som do sino interrompia qualquer coisa que estivesse fazendo para responder à voz de Deus (assim denominava o toque do sino)

<sup>23</sup> Lc 10,16.

<sup>24</sup> A vestidura ocorreu no dia 21 de outubro de 1836.

que o chamava ao dever. Aconteceu muitas vezes que, ao toque do sino, não lhe era mais possível continuar o que tinha entre as mãos, porque ficava embaraçado, sem saber o que fazer, tão enraizada estava nele a virtude da obediência.

Não falo dos superiores, aos quais obedecia com toda a presteza e alegria, sem perguntar a razão do que lhe era ordenado. Mostrava-se atencioso e dócil a qualquer ordem ou aos conselhos dos mesmos colegas assistentes, e até dos iguais, como se fossem superiores. Dado o sinal para o estudo, aí se achava com toda a pontualidade e, recolhido, aplicava-se com tal afinco ao estudo que parecia insensível a qualquer rumor, conversa ou brincadeira, e não se mexia a não ser a novo sinal do sino. Um dia um companheiro, passando-lhe detrás, derrubou de propósito sua capa. Contentou-se em dizer-lhe uma palavra para que outra vez tivesse mais cuidado. *O colega, esquecendo que também era clérigo e que a caridade manda suportar os defeitos dos outros e não ofender o próximo*, respondeu com voz alterada, com palavras ofensivas e ameaçadoras. Comollo então, sem se importar com esses insultos, inclinou-se novamente sobre sua carteira e, tranquilo, continuou a estudar como se nada lhe fora dito ou feito.

Nos recreios, nos círculos, nos passeios, desejava sempre discorrer de assuntos científicos. No tempo de estudo costumava fazer uma série de perguntas acerca do que não compreendera bem, para comunicá-las, no tempo livre, a um colega de sua especial confiança, e ter assim explicação ou esclarecimento. Sabia animar a conversa com perguntas úteis e vantajosas narrações, mas observava constantemente o nunca bastante recomendado preceito da civilidade, de calar-se quando outro fala. Por isso, às vezes, cortava a palavra no meio para deixar que outros falassem.

Aborrecia muito o espírito de crítica ou de censura contra alguém; falava dos superiores, mas com respeito e veneração; dos colegas, com caridade e moderação; do horário, das normas ou dos regulamentos do seminário, do que se punha à mesa, mas com expressões de satisfação e alegria. Posso, portanto, afirmar que nos dois anos e meio de convivência com ele no seminário, nunca eu o ouvi pronunciar palavra alguma contrária ao seu princípio: *dos outros, falar bem ou calar*.

Quando era obrigado a dar seu parecer acerca das ações de outrem, procurava sempre interpretá-las do melhor modo, dizendo que aprendera com seu tio que numa ação de cem aspectos, com noventa e nove maus e um bom, se deveria tomá-la sob o aspecto bom e julgá-la favoravelmente. Pelo contrário, falando de si mesmo, calava tudo o que podia converter-se em seu louvor, sem dizer palavra de seus cargos, honras ou prêmios. Quando era louvado, tomava o louvor em brincadeira, humilhando-se assim enquanto outros o exaltavam.

*Um seu companheiro, cheio de admiração por ver um jovem clérigo prendado com tão belas virtudes, disse-lhe um dia: Comollo, com certeza, és um santo. Ele sem fazer caso das expressões de elogio, tomou dois pedaços de um pão que os piemonteses chamam de grissino, e colocando-os na cabeça como chifres, respondeu: eis o santo...*

Essa devoção de que o vimos adornado nos trabalhos do campo, no pastoreio e nos estudos, não murchou com os anos, antes, desabrochou, mostrando-se assim em toda a sua beleza e perfeição. *Era belo ver Comollo*, dado o sinal para as orações ou para qualquer outra celebração de Igreja, correr com toda a diligência e, recolhido e composto na pessoa, cumprir as práticas de piedade. Não se notou nele o menor pesar ao ter de ir à capela ou a outro lugar para fazer seus deveres religiosos. De manhã, ao primeiro toque do sino, levantava-se e, feita a necessária higiene, ia à igreja um quarto de hora antes dos outros para preparar o espírito com a oração.

Todas as vezes que os seminaristas assistiam às solenes celebrações da Igreja, não costumavam recitar o terço de Nossa Senhora; ele, porém, não se abstinha dessa especial devoção. Portanto, enquanto os outros se divertiam no recreio, ele com outro companheiro ia à capela para pagar, como dizia, as dívidas para com sua boa mãe mediante a récita do santo terço. Nos dias de férias e especialmente nas férias do Natal, do carnaval, da solenidade de Páscoa, afastava-se dos divertimentos e ia recitar os salmos penitenciais, o ofício dos falecidos ou o de Nossa Senhora, em sufrágio das almas do purgatório.

Sempre amante e devoto de Jesus Sacramentado, além das frequentes visitas e comunhões espirituais não perdia ocasião de comungar sacramentalmente, com grande edificação dos presentes. Preparava-se para a comunhão com um dia de rigoroso jejum em honra de Maria Santíssima. Depois da confissão não falava a não ser da grandeza, da bondade, do amor de Jesus que ia receber na manhã seguinte. Na hora de aproximar-se da sagrada mesa, via-o todo recolhido e absorto nos mais sublimes e santos pensamentos. Com devota compostura, passo grave, olhos baixos, às vezes tremendo de comoção, aproximava-se do banquete divino. Voltando ao seu lugar, ficava tão comovido e compenetrado que parecia fora de si.

Orava, mas suas preces eram interrompidas por frequentes suspiros e gemidos e pelas lágrimas; não conseguia aquietar esses transportes de terna piedade a não ser quando, terminada a missa, se começava o canto das matinas. Avisado de moderar esses atos externos de comoção, que poderiam ser mal interpretados, respondia: “Sinto tal abundância de afetos e alegria no coração que, se não permito esse desafio, parece-me ficar sufocado”. “No dia da comunhão, dizia outras vezes, sinto-me repleto de tal doçura e alegria que não posso compreender nem explicar”.



Vê-se, portanto, como Comollo estava adiantado na via da perfeição, porque esses movimentos de amor de Deus, de doçura, de afeto para com as coisas espirituais são efeitos dessa fé viva e ardente caridade que lhe estavam profundamente arraigadas no coração e que o guiavam em todas as suas ações.

A essa devoção interna unia-se intimamente uma exemplar mortificação dos sentidos externos. Modesto como era nos olhos, ia frequentes vezes passear em jardins ou quintas, e voltava sem ter visto as coisas mais notáveis que todos os outros haviam admirado. Não andava com os olhos inquietos cá e acolá, mas começando uma conversa com algum bom companheiro, continuava-a sem se importar com o que acontecia. Algumas vezes depois do passeio, perguntado se vira seu pai, que lhe passara perto, e se o cumprimentara, respondeu que o não vira.

Às vezes era visitado por algumas suas primas de Chieri e causava-lhe isso grande desgosto, tendo de tratar com pessoas de outro sexo; por isso dizia-lhes apenas o que a conveniência e a necessidade exigiam e afastava-se logo, recomendando-lhes que viessem procurá-lo o menos possível. Interrogado se essas suas parentes (com as quais tratava com tanta reserva) eram grandes ou pequenas, ou de extraordinária formosura, respondeu que pela sombra lhe parecia serem altas e que nada mais sabia, não lhes tendo jamais contemplado o rosto. Belo exemplo digno de ser imitado pela juventude, especialmente pelos que aspiram à carreira eclesiástica ou nela já se acham!

*Ações as mais simples e indiferentes tornavam-se para ele meios oportunos para exercitar a virtude.* Estava acostumado a cruzar as pernas uma sobre a outra ou a apoiar-se no cotovelo quando estava alegre e satisfeito. Pelo amor da virtude quis corrigir-se também disso e para sair-se melhor rogou a um companheiro que o avisasse, até lhe desse uma penitência, todas as vezes que o visse nessa posição. Disso provém essa compostura exterior que o tornava edificante para todos na Igreja, no estudo, na aula, no refeitório.

A mortificação no alimento era quotidiana; de ordinário, quando sentia mais necessidade de tomar merenda, dela se privava. Na mesa era muito sóbrio, bebia pouco vinho, e esse pouco com água. Às vezes deixava o prato e o vinho, contentando-se em comer pão molhado em água, sob o especioso pretexto de que era melhor para a saúde corporal, mas, de fato, o fazia pelo espírito de mortificação. Com efeito, avisado de que isso podia causar-lhe dor de cabeça ou de estômago, respondeu: “A mim me basta que não faça mal à alma”. Aos sábados jejuava em honra de Nossa Senhora, nas outras vigílias e na quaresma, antes mesmo de ser obrigado pela idade, jejuava com tal rigor e tomava tão pouco alimento que um companheiro, que na mesa lhe estava vizinho, disse várias vezes: Comollo quer se matar.

Esses são os principais atos de penitência externa por mim conhecidos. Por eles pode-se deduzir o que Comollo nutria em seu coração e como sua alma estava continuamente ocupada em ternos afetos de amor de Deus, de viva caridade para com o próximo e de ardente desejo de sofrer pelo amor de Jesus Cristo.

“A vida de Comollo no seminário apresentou-nos sempre (assim depõe um Superior) <sup>(25)</sup> um ótimo conceito dele. Mostrava-se em qualquer ocasião exatíssimo em seus deveres, tanto de estudo como de piedade, exemplar no seu procedimento moral, de tal modo que sua compostura denotava índole dócil, obediente e religiosa”.

Seu falar era agradável, por isso, quem tinha alguma tristeza, conversando com ele ficava consolado. Era tão modesto, edificante nas palavras que até os mais indiscretos eram obrigados a reconhecer nele um espelho de modéstia e virtude. Um seu colega dizia que Comollo era para ele um contínuo sermão; era mel que abrandava os corações e os temperamentos mais bizarros. Outro disse várias vezes que, querendo a todo o custo tornar-se santo, deliberara seguir as pegadas de Comollo, e embora se visse muito distante de seu modelo, contudo estava contente com o que já conseguira copiar.

Seu procedimento no tempo de férias era o mesmo de seminário: assíduo na frequência dos santos sacramentos e das celebrações sagradas, pontual em ensinar o catecismo aos meninos na Igreja (o que já fazia quando ainda não tinha batina) e até pelas ruas sempre que os encontrava.

Eis como ele mesmo narra seu horário numa carta a um seu amigo: “Passei cerca de dois meses de férias que, com este calor, me fizeram grande bem à saúde corporal. Já estudei o resto da lógica e da ética, omitidas no decurso do ano. Leria de boa vontade a história sagrada de José Flávio, como me aconselhas<sup>26</sup>. Já comecei, porém, a ler a história das heresias, e não terei tempo suficiente. Espero que o farei em outro ano. Meu quarto é ainda um paraíso terrestre; aqui dentro pulo, rio, estudo, leio, canto e nada faltaria senão tu para marcares compasso. Na mesa, no recreio, no passeio, sempre gozo da companhia de meu bom tio que, embora já velho, está sempre contente e risonho e conta-me coisas uma mais bela que a outra. Espero-te no dia marcado. Conserva-te sempre alegre; e se me queres bem, pede ao Senhor por mim, etc...”.

<sup>25</sup> “O teólogo [Inocência] Arduíno, de Carignano [1806-1880], então professor de teologia e atualmente cônego preboste, vigário forâneo, em Giaveno” (nota no texto original).

<sup>26</sup> José Flávio (37-100). *Antiguidades judaicas*; relato da história do povo hebreu desde as origens até o ano 66 depois de Cristo.

Amante como era de tudo o que se referia ao sagrado ministério, alegrava-se muito quando nele se podia ocupar, sinal evidente de que Deus o chamava ao estado eclesiástico. Seu tio pároco, para cultivar tão precioso terreno e favorecer ao ótimo desejo do sobrinho, encarregou-o de fazer um discurso em honra de Nossa Senhora. Ele expressa os seus sentimentos nessa ocasião em outra carta ao seu amigo de confidências.

“Anuncio-te um serviço, que se de um lado me consola, de outro me confunde. Meu tio incumbiu-me de fazer um discurso sobre a Assunção de Nossa Senhora. O ter de falar acerca de nossa bondosa mãe, enche-me o coração de alegria. Mas conhecendo minha insuficiência, vejo claramente como estou longe de poder elogiá-la dignamente. De qualquer modo, confiado nos auxílios celestes, estou disposto a obedecer. Já escrevi o sermão e comecei a estudá-lo; segunda-feira irei visitar-te para recitá-lo a ti. Farnearás então as observações que julgares convenientes, quer quanto aos gestos, quer quanto à matéria. Recomenda-me ao Anjo da Guarda para que eu faça uma boa viagem... Adeus”.

Conservo ainda comigo esse discurso e, embora se tenha servido de bons autores, contudo a composição é sua e nele se veem todos esses vivos afetos em que ardia seu coração para com a Virgem Maria. Ao recitá-lo, então, saiu-se admiravelmente. “No momento de apresentar-me ao povo, escreveu ele, senti faltar a força e a voz, e os joelhos não me queriam sustentar. Apenas, porém, Maria me estendeu a mão, tornei-me vigoroso e forte; de modo que o comecei e continuei até o fim sem nenhum embaraço. Isso foi obra de Maria e não minha; glória, pois, a ela”.

Poucos meses depois fui a Cinzano e procurei saber o que se dizia de Comollo e de seu sermão. Todos me responderam com palavras de louvor. Seu tio dizia que admirava a obra de Deus manifestada em seu sobrinho. Prega como um santo, dizia um. Oh! exclamava outro, no púlpito parecia um anjo, tão modesto e franco era seu falar! Outros: Que belo sermão!”. Dizendo isso repetiam alguns sentimentos e até as mesmas palavras que lhes ficaram gravadas na memória.

Sem dúvida, grande bem faria na vinha de Nosso Senhor um servo de tanta boa vontade. Tal era a esperança de seu velho tio e de seus virtuosos pais, tal o desejo de seus compatriotas, superiores e companheiros. Mas Deus viu-o já maduro para o céu. E para que a malícia do mundo não pervertesse sua inteligência, quis recompensar sua boa vontade chamando-o a gozar o fruto dos méritos já adquiridos e dos que desejava tão ardentemente conquistar.

*Capítulo IV – Circunstâncias que precederam sua doença*

Não é meu intento expor aqui fatos que eu julgue sobrenaturais; pretendo somente narrar os fatos como aconteceram, deixando a cada um a liberdade de julgá-los como parecer melhor.

*Nas férias do outono de 1838, fui a Cinzano para tratar de assuntos concernentes ao próximo ano letivo. Um dia saí a passeio com Comollo e fomos a uma colina donde se descortinava uma vasta extensão de prados, campos e vinhedos. “Vê, Luís, comecei a dizer, quão pouco fruto teremos neste ano! Pobres camponeses! Tanto trabalho e quase tudo em vão!”*

– *É a mão de Nosso Senhor, respondeu ele, que pesa sobre nós. Acredite, nossos pecados são a causa disso!*

– *Espero que no próximo ano Nosso Senhor nos dará frutos mais abundantes.*

– *Espero também, e isso será bom aos que se acharem aqui para deles gozar.*

– *Eh! Vamos, deixemos de lado os pensamentos tristes; por este ano paciência, mas no próximo ano teremos uma vindima mais copiosa e faremos um vinho melhor.*

– *Tu o beberás.*

– *Queres, talvez, continuar a beber a tua água de sempre?*

– *Espero beber um vinho muito melhor.*

– *Que queres dizer com isso?*

– *Deixa, deixa... Deus Nosso Senhor sabe o que faz.*

– *Não pergunto isso, pergunto o que queres dizer com essas palavras: Espero beber um vinho muito melhor. Queres, por ventura, ir ao paraíso?*

– *Embora eu espere ir para o paraíso depois da morte somente pela grande misericórdia de Deus, contudo, desde algum tempo, sinto tal desejo de ir provar as delícias dos bem-aventurados, que me parece impossível serem ainda longos os dias de minha vida.*

*Isso dizia Comollo com grande tranquilidade e quando se achava em perfeita saúde, ao preparar-se para voltar ao seminário. Quase as mesmas coisas manifestou quando da sua ida a Turim. No fim dessas mesmas férias foi à capital e ali ficou em casa de uma pessoa de muita prudência (27). Dessa pessoa são as seguintes palavras: “Ficamos muito edificados com a modéstia de Luís. Cortês, afável, simples, inspirava piedade em todas as suas ações, mas especialmente*

<sup>27</sup> Casa do senhor Fassone, intendente do Parque Régio do Fumo (nota no texto original).

quando rezava parecia outro São Luís. Dar-nos-ia grande prazer se quisesse ficar mais algum tempo conosco, mas ele quis absolutamente partir. “Adeus, disse-lhe no momento da partida, talvez não nos vejamos mais”. “Não... não, respondeu, não vos veremos mais”. “Não é por ti que falo assim, mas por mim já de idade muito avançada. Quero e desejo que chegues a cantar tua primeira missa”. Então ele respondeu com palavras francas e resolutas: “Oh! não cantarei a primeira missa. O ano que vem o senhor estará ainda com vida e eu não existirei mais. Reze por mim. Adeus”. Essas últimas palavras, pronunciadas com tanta franqueza por uma pessoa tão amada, deixaram-nos comovidos e dizíamos: “Ou quem sabe? Talvez esse bom Luís saiba que dentro em breve há de morrer?”. Quando nos foi comunicada a dolorosa notícia de sua morte, cheios de admiração, exclamamos: “Bem que ele tinha predito!”

A essa narração presto fé porque me foi contada por várias pessoas com a mesma precisão de sentimentos e de palavras.

Terminadas as férias, pôs-se a caminho do seminário. Chegando a um lugar onde perdia de vista sua terra, antes de afastar-se, ficou olhando para ela com insólita seriedade. Seu pai deu alguns passos, depois se voltou para ele e lhe disse: “Que fazes, Luís? Estás doente? Que estás a contemplar?”. “Gozo de boa saúde, sinto-me bem, mas não posso tirar os olhos de Cinzano”. “Que olhar? Pesa-te, talvez, voltar ao seminário?”. “Não só não me pesa, antes desejo chegar o mais depressa possível a esse lugar de paz. O que vejo é Cinzano, que contemplo pela última vez”. Interrogado de novo se não estava bem de saúde, se queria voltar para casa: “Nada, nada, respondeu, estou muito bem; vamos alegres que Deus Nosso Senhor nos espera”. “Essas palavras, diz seu pai, repetimo-las muitas vezes em família e todas as vezes que passo por esse lugar, a custo contendo as lágrimas”. Esse fato foi contado a mim e a outros antes da morte de Comollo.

Não obstante todos esses pressentimentos de seu fim, manifestados em várias ocasiões, Comollo, com sua costumeira tranquilidade, com o rosto sereno, imperturbável, retomou seriamente seus estudos e continuou exemplar na piedade. Nos exames semestrais conseguiu (como no ano antecedente) um prêmio de sessenta francos, que em cada classe se costuma dar todos os anos ao que mais se distingue nos estudos e na piedade. *Embora ele mostrasse a mesma solicitude no cumprimento dos deveres, a mesma jovialidade e alegria nas conversas e recreios, todavia, notava-se um não sei quê de misterioso em seu proceder. Via-o mais atento às orações e a todos os outros exercícios de piedade.* Desejava muito falar dos mártires de Tonquin<sup>28</sup>. “Eles, dizia, são os verdadeiros pastores

<sup>28</sup> São os mártires André Dung-Lac (decapitado em 1839) e companheiros. No tempo de Comollo, a perseguição ainda estava em curso. Os mártires de Tonquin (Vietnam), canonizados em 1988, são 116 (96 vietnamitas, 11 espanhóis e 10 franceses).

do rebanho de Jesus, que dão a vida para salvar as ovelhas desgarradas. De que glória desfrutarão no paraíso”. Outras vezes exclamava: “ Oh! pudesse ao menos, quando tiver de partir deste mundo, ouvir de Deus um consolador: *Euge, serve bone*, vem, ó servo fiel!”.

Com transportes de alegria falava do paraíso: e entre as belas coisas que costumava dizer, uma foi a seguinte: “Quando me acho só e desocupado, ou quando de noite não posso dormir, ponho-me a fazer belos passeios. Suponho que me encontro numa alta montanha, de cujo cimo posso ver todas as belezas da natureza. Contemplo os mares, a terra, os países, as cidades, com o que de mais formoso neles existe; ergo em seguida os olhos para o céu sereno, vejo o firmamento todo semeado de estrelas, o espetáculo mais maravilhoso. A isso acrescento ainda a ideia de suave música que faz ressoar de alegres vivas os montes e os vales e, deliciando a mente nessa imaginação, volto-me para outra parte, levanto os olhos e eis-me diante da cidade de Deus. Contemplo-a primeiro por fora, em seguida aproximo-me e nela penetro; aqui, imagino as coisas inúmeras que faço passar pela minha fantasia”. Prosseguindo em seu passeio, narrava as coisas mais curiosas e edificantes que com o pensamento passava em resenha nas várias seções do paraíso.

Foi também nesse ano que descobri seu segredo de rezar sem distração. “Queres saber, disse-me, como faço para rezar? É um meio muito material que te fará rir. Fecho os olhos e com o pensamento coloco-me dentro de uma vasta sala, cujo teto é sustentado por inúmeras colunas, adornada da maneira mais bela; ao fundo, ergue-se, majestoso, um trono. Nele suponho estar assentado Deus na sua infinita grandeza; atrás os coros dos anjos e dos santos. Essa imagem material auxilia-me a alçar meu pensamento até à majestade infinita de Deus, diante de quem me prostro e com todo o respeito possível faço minhas preces”.

Isso mostra, conforme a regra dos mestres de espírito, quanto a mente de Comollo fosse desapegada dos bens terrenos e quanto ele era senhor de si ao recolher suas faculdades intelectuais.

Nesse mesmo ano, enquanto ouvia a santa missa, nos dias de semana, costumava ler as meditações sobre o inferno do Pe. Pinamonti<sup>29</sup>. A esse respeito ouvi-o muitas vezes dizer: “No decorrer deste ano li na capela as meditações sobre o inferno. Li-as e as torno a ler, e, embora triste e espantosa seja a matéria, quero continuá-las para que, considerando a intensidade dessas penas enquanto vivo, não as experimente depois de morto”.

<sup>29</sup> *O inferno aberto para o cristão para que não caia nele, ou considerações das penas do inferno propostas para meditá-las e evitá-las* (1693). João Pedro Pinamonti (1632-1703), jesuíta, pregador, confessor e diretor espiritual.

Na quaresma (1838), com os sentimentos da mais viva devoção, fez os santos exercícios espirituais. Findos os exercícios, como se nada mais devesse esperar neste mundo, afirmava que os exercícios são o maior favor que Deus pode conceder ao cristão. “É a maior graça que Deus pode fazer a um cristão; dar-lhe tempo para que prepare as coisas de sua alma com pleno conhecimento, com toda a comodidade e com o auxílio de circunstâncias tão favoráveis, como as meditações, as instruções, as leituras e os bons exemplos. Oh! quanto sois bom, Senhor, para conosco! Que ingratidão se não correspondemos a tanta bondade de Deus!”.

### *Capítulo V – Doença e morte*

*Começando a narrar os fatos da última enfermidade e da morte de Comollo, julgo bom repetir que tudo o que aqui exponho é tal qual foi escrito durante a doença e logo depois da morte; o escrito foi lido e revisto pelos superiores do seminário e pelos companheiros, testemunhas oculares, antes de ser publicado. Todos eles afirmam que não acharam palavra alguma contrária à verdade.*

Deve-se também dizer que uma alma inocente e adornada de tantas virtudes como a de Comollo, não deveria, conforme o modo de pensar humano, temer a morte. Entretanto, ele teve grande apreensão ao avizinhar-se esse terrível momento. Oh! se as almas boas temem tanto o ter-se que apresentar ao juiz eterno para prestar contas de suas ações, que se deverá dizer, ó leitor, desses que só querem gozar dos prazeres da vida presente. Que terrível momento será esse para os pecadores!

Era a manhã de 25 de março de 1839, Anunciação de Nossa Senhora, quando, ao ir para a capela, encontrei no corredor Comollo que me esperava. Interroguei-o se passara bem a noite. Respondeu-me que para ele estava acabado. Fiquei surpreso, pois no dia anterior havíamos passeado juntos e o havia deixado com boa saúde. Perguntei por que falava assim. “Sinto, respondeu ele, um frio que se apodera de meus membros, dói-me um tanto a cabeça e o estômago. Pouco me importo com o mal do corpo, o que me espanta (isso dizia com voz comovida) é o ter que me apresentar ao juízo de Deus”.

Exortando-o a que não se afliesse, dizendo-lhe que isso era de importância, sim, mas distante ainda para ele, e que teria muito tempo para se preparar, entramos na Igreja. Ouvi ainda a santa missa, mas no fim teve um desmaio, e foi obrigado a pôr-se de cama. Terminadas as celebrações na capela, fui visitá-lo no dormitório. Apenas me viu entre os que ali se achavam, fez-me sinal para que me aproximasse, como se tivesse coisa de grande importância para me dizer, e assim falou: “Disseste-me que estava ainda longe minha mor-

te e que havia tempo de preparar-me antes de partir; mas não é assim. Tenho certeza de que dentro em pouco, apresentar-me-ei à presença de Deus. Pouco tempo me resta. Queres que to diga claramente? Temos que nos separar”.

Exortava-o a que não se inquietasse nem se afligisse com essa ideia. “Não me inquieto, interrompeu-me ele, nem me aflijo; penso somente que devo ir ao supremo tribunal, tribunal inapelável, e isso perturba meu espírito”. Essas palavras afligiram-me bastante; por isso a todo o momento desejava saber notícias dele, e todas as vezes que o visitava, repetia-me as mesmas palavras: “Avizinha-se o tempo de apresentar-me ao juízo eterno; temos que nos separar”. Essas palavras foram-me repetidas durante sua enfermidade, não só uma vez, mas mais de quinze vezes. Desde o primeiro dia da doença manifestou isso a muitos outros companheiros que o foram visitar. Disse que sua enfermidade não seria descoberta pelos médicos e que operações e remédios de nada valeriam, o que de fato aconteceu. A princípio, eu atribuía essas ideias ao medo do juízo divino; vendo, porém, que aos poucos elas se verificavam, manifestei-as a alguns companheiros, em seguida ao nosso diretor espiritual, que, embora no começo não lhes desse importância, depois ficou admirado ao ver os efeitos <sup>(30)</sup>.

Entretanto, Comollo passou a segunda-feira com febre; terça e quarta-feira passou de pé, mas sempre triste e melancólico, imerso no pensamento do juízo de Deus. Na tarde da quarta-feira, foi novamente para a cama e não mais se levantou. Entre quinta, sexta-feira e sábado dessa semana (era a semana santa), foram-lhe feitas três sangrias, tomou vários remédios que provocaram abundante suor, mas não experimentou melhora alguma. Sábado de tarde, véspera da Páscoa, fui visitá-lo. “Visto que nos temos de separar, disse-me, desejava que passasses a noite comigo”. O diretor padre José Mottura, vendo que o enfermo ia de mal a pior, concedeu de boa vontade que ficasse aquela noite com ele, a noite de 30 de março, véspera da Páscoa.

Às oito horas percebi que a febre se tornou mais violenta; às oito e um quarto acometeu-o um acesso de febre tão forte que lhe tirou o uso da razão. A princípio gemia com um gemido prolongado, como se fosse perseguido por espantoso objeto ou tétrico fantasma. Meia hora mais tarde, voltando um pouco a si, e olhando fixo os presentes gritou em alta voz: “Ai, o juízo!”. Em seguida começou a debater-se com tal força que cinco ou seis que estávamos presentes a custo o segurávamos no leito.

<sup>30</sup> O diretor espiritual do seminário de Chieri, nesse tempo, era o padre José Mottura, atualmente cônego da colegiada de Giaveno (nota no texto original),



Essas convulsões duraram por bem três horas, depois voltou ao pleno conhecimento de si mesmo. Esteve longo tempo pensativo como que ocupado em sérias reflexões. Desapareceu esse aspecto de tristeza e temor que desde vários dias mostrava, e ficou sereno e tranquilo. Falava, ria, respondia a todas as perguntas que lhe eram feitas, a ponto de quase pensarmos que estava de perfeita saúde. Perguntou-se a causa dessa mudança, pouco antes triste e melancólico, agora jovial e alegre. A essa pergunta ficou um tanto embaraçado; em seguida, olhando aqui e ali, para que ninguém ouvisse, começou a falar baixo com um dos presentes: Até agora receava a morte só pelo temor dos juízos divinos: isso aterrava-me, mas agora estou tranquilo, de nada temo. Eis o motivo, digo-te em confidência: enquanto estava todo agitado pelo temor do juízo divino, pareceu-me ser levado a um vale amplo e profundo. Nele a agitação da atmosfera e o soprar furioso do vento tiravam a força e o vigor a qualquer um que lá chegasse. No centro do vale abria-se um abismo, como que uma larga e enorme fornalha, donde saíam chamas arrebatadoras. De quando em quando via caírem nele almas (algumas pude reconhecer) e a essa queda globos imensos de fogo e fumo erguiam-se para o céu... A esse espetáculo, aterrado, pus-me a gritar com medo de precipitar-me nessa voragem. Voltei-me atrás para fugir e eis que inumerável legião de monstros horríveis tenta lançar-me no abismo... Gritei então com mais força, e muito espantado fiz o sinal da cruz.

A esse ato todos os monstros quiseram curvar a cabeça, mas não podendo, contorciam-se e afastaram-se um tanto de mim. Contudo, não podia ainda fugir e apartar-me desse lugar maldito; vi então uma falange de homens armados que vinham em meu socorro. E esses fortes guerreiros assaltaram com vigor os monstros. Desses, uns foram despedaçados ou prostrados por terra, outros deram-se a precipitosa fuga. Livre desse perigo, comecei a caminhar pelo espaçoso vale, até que cheguei ao pé duma montanha, aonde só se podia subir por uma escada. Porém, os degraus dessa escada eram ocupados por enormes serpentes, prontas a devorar quem tentasse subir. Entretanto não havia outra passagem e eu não ousava adiantar-me temendo ser devorado pelas serpentes.

Abatido pelo cansaço e aflições, ia perdendo as forças, quando uma senhora, que julgo seja nossa mãe comum, tomou-me pelas mãos e levantou-me, dizendo: “Vem comigo. Trabalhaste em minha honra e muitas vezes me invocaste; é justo, pois, que recebas agora a devida recompensa. Pelas comunhões feitas em minha honra mereces ser salvo do perigo em que te pôs o demônio”. E fez-me sinal para segui-la. Apenas punha ela o pé nos degraus, as serpentes viravam suas mortíferas cabeças para outro lado, e não as voltavam para nós senão quando já estávamos distantes. Chegados ao cimo da escada,

achei-me num delicioso jardim, onde vi coisas que jamais pensei existissem. Isso serenou-me o coração e tornou-me tão tranquilo que, longe de temer a morte, desejo venha logo para unir-me ao meu Senhor”. Até aqui o enfermo.

Diga-se o que se quiser desse sonho, o fato é que o grande temor de apresentar-se ao trono de Deus mudou-se num ardente desejo de que chegasse quanto antes esse momento. Não mais tristeza ou melancolia no rosto, mas alegre e jovial, queria sempre cantar salmos, hinos ou loas sacras. Ainda que Comollo parecesse estar melhor, ao amanhecer, disse-lhe que era boa coisa receber nesse dia o Santíssimo Sacramento, ocorrendo justamente a solenidade de Páscoa. “De boa vontade, disse: Nosso Senhor, segundo narram, ressuscitou nesta hora (eram quatro e meia da manhã); queria que também ressuscitasse em meu coração com abundância de suas graças. Nada me inquieta a consciência, entretanto, considerando meu estado, desejaria falar um momento com meu confessor, antes de receber a santa comunhão”<sup>(31)</sup>. Coisa notável: um jovem que viveu no mundo, na flor dos anos, convencido de que dentro em pouco se há de apresentar ao divino juiz, diz francamente que não tem a mínima perturbação na consciência... que está tranquilo. É forçoso dizer que sua vida devia estar bem ordenada, puro o seu coração e pura a sua alma.

*Leitor amigo, seja isso de estímulo para mim e para ti a fim de regularizar desde agora as contas de nossa consciência e podermos no momento extremo da vida dizer também nós: Nada me pesa na consciência. Que Deus no-lo conceda.*

Espectáculo verdadeiramente edificante e maravilhoso foi sua comunhão. Terminada a confissão, feita a preparação para receber o santo Viático, o padre diretor, seguido pelos seminaristas, entrou no quarto da enfermaria. Ao seu aparecimento, o doente, todo comovido e cheio de alegria, exclamou: “Que bela visão! Que... espetáculo agradável de se ver... Oh! como resplandece esse sol! Que formosas estrelas o coroam! Quantos prostrados por terra o adoram e não ousam levantar a fronte. Ah! deixai, deixai que também eu vá ajoelhar-me com eles e adore esse sol jamais visto!”. Enquanto dizia isso, tentava levantar-se e com fortes ímpetos dirigir-se para o Santíssimo Sacramento.

Eu me esforçava por segurá-lo no leito; corriam-me pelos olhos lágrimas de ternura e espanto e não sabia o que dizer ou responder. Ele mais e mais se debatia para se aproximar do Santo Viático, e não ficou tranquilo se não depois de o ter recebido. Depois da comunhão, todo concentrado em afetuosos sentimentos para com Jesus, ficou algum tempo imóvel, em seguida, *dando novas provas de alegria*, exclamou: “Oh! portento de amor! Quem

<sup>31</sup> Confessor regular de Comollo era o senhor padre [Francisco] Bagnasacco [1776-1846], cônego de feliz memória, da honorável colegiada de Chieri. Nos dois anos de colégio e nos dois anos e meio de seminário, Comollo sempre tinha frequentado o mesmo confessor (nota no texto original).

sou eu para ser digno de tesouro tão precioso! Oh! exultem os anjos do céu, mas com maior razão me regozijo eu, porque esse a quem os anjos reverentes adoram, guardo-o no peito. *Quem coeli capere non possunt, meo gremio confero: magnificavit Deus facere nobiscum*: operou o Senhor suas maravilhas comigo e fiquei repleto de celeste alegria e divina consolação: “*et facti sumus laetantes*”. Essas e semelhantes jaculatórias, continuou a pronunciá-las por longo tempo. Depois abaixando a voz, chamou-me e pediu-me que não lhe falasse senão de assuntos espirituais, dizendo serem muito preciosos os últimos momentos que lhe restavam de vida e que os desejava empregar em glorificar o Senhor; portanto, não daria resposta alguma, se fosse interrogado acerca de outras coisas.

Com efeito, durante todo o tempo de convulsões, se era interrogado sobre coisas temporais, delirava; se acerca de coisas espirituais, dava as mais satisfatórias respostas. Crescendo sempre o mal, os parentes julgaram oportuno chamar uma junta médica. Aplicaram-se vários remédios e fizeram-se diversas operações. Enfim, fez-se tudo quanto podia sugerir a ciência médica, mas foi em vão, verificando-se assim o que Comollo predissera.

Nesse intervalo, sentindo-se mais livre para raciocinar confidencialmente com um seu amigo (os outros seminaristas tinham ido para a catedral), fez um arrazoado que, por ser repleto de ternura e de sentimentos religiosos, eu transcrevo ao pé da letra tal como foi apresentado. “Eis-nos, dizia ao seu amigo, eis-nos no momento em que nos devemos separar, por algum tempo. Mas antes de nos separarmos, ouve algumas palavras, última lembrança de teu amigo. A amizade não exige só que se faça o que o amigo pede enquanto vivo; mas obriga também a executar o que se prometeu fazer depois da morte. Por isso, o contrato que fizemos com promessas solenes, de rezar um pelo outro, quero que esse pacto continue não só até a morte de um, mas de ambos. Portanto promete e jura que rezarás por mim enquanto te achares neste mundo”.

Ao ouvir tais palavras, afirma o amigo, embora me sentisse comovido, contive as lágrimas e prometi o que queria. “Bem, continuou o enfermo, eis o que te posso dizer a teu respeito. Não sabes se breves ou longos serão os teus dias; mas embora seja incerta a hora da morte, é infalível sua vinda. Portanto, tua vida seja uma preparação para a morte, para o juízo... Os homens pensam de quando em quando na morte, sabem que, embora não desejada, ela há de chegar, mas para ela não se preparam e por isso quando chega o terrível momento, ficam agitados, antes, espantados, pelas dificuldades que encontram no regularizar as contas da consciência. Quem morre em tal estado, teme-se muito pela sua salvação. Felizes os que, passando os dias em boas e santas obras, se acharem preparados para esse inevitável instante. Se fores chamado por Deus, como guia de almas, inculca sempre o pensamento da morte, do

juízo, o respeito para com as igrejas; pois veem-se pessoas, até de importância, desrespeitarem a casa de Deus”. Acontece às vezes que um plebeu, uma pobre camponesa, esteja com as mais santas disposições, enquanto o ministro do santuário, aí se encontra distraído sem pensar que está na casa do Deus vivo!

Visto que em todo o tempo de nossa vida neste mundo não temos patrocínio mais potente que o de Nossa Senhora, honra-a com especial devoção. Oh! se os homens conhecessem o proveito que traz na hora da morte a devoção para com Nossa Senhora, todos, à porfia, procurariam novos modos de venerá-la e amá-la. Será ela que com seu divino Filho nos braços há de vir em nossa defesa contra o inimigo de nossa alma, nessa hora extrema. Arme-se todo o inferno contra nós; tendo Maria do nosso lado, sorrir-nos-á a vitória. Foge, porém, de ser como esses que recitando qualquer prece ou ofertando-lhe algumas mortificações, julgam ser protegidos por ela enquanto levam uma vida desregrada. Antes de ser devoto desse modo, é melhor não ser; porque, se parecem santos, é hipocrisia; fazem assim para serem favorecidos em seus maus desejos, e o que é pior, se fosse possível, fazer com que Maria aprove seu modo de vida. Sê sempre verdadeiro devoto da Virgem, imitando-lhe as virtudes e sentirás os doces efeitos de sua bondade e amor.

A isso acrescenta a frequência aos sacramentos da confissão e da comunhão, que são os dois meios pelos quais se vencerão os assaltos do demônio e os escolhos deste mundo tempestuoso. *Procura um confessor fixo: abre-lhe o coração, obedece-lhe, e nele terás um guia seguro que te conduzirá pelo reto caminho dos céus. Mas, ai! Quantos se confessam sem tirar proveito algum; confissões e pecados, pecados e confissões; mas nenhuma emenda. Lembra-te, portanto, de que o sacramento da confissão se baseia na dor e no propósito, e quando falta um desses dois requisitos essenciais, tornam-se nulas ou sacrílegas todas as nossas confissões.*

Presta atenção, finalmente, com quem trataas ou conversas. Não me dirijo às pessoas de outro sexo ou aos seculares, que são para nós de evidente perigo e que por isso se devem evitar; falo dos próprios companheiros, clérigos e seminaristas. Alguns deles são maus, outros não são maus, mas também não são bons. Outros, entretanto, são verdadeiramente bons. Os primeiros, debes evitá-los absolutamente; os segundos, tratar com eles quando há necessidade, mas sem contrair familiaridade alguma; os últimos, debes frequentá-los, e esses são os que nos trazem utilidade espiritual e temporal. É verdade que são poucos, mas justamente por isso deve-se usar máxima cautela em procurá-los e frequentá-los depois de os ter achado, tendo com eles essa amizade da qual tanto proveito se tira. Com os bons serás bom, com os maus, mau.

Uma coisa ainda te quero pedir cordialmente. Quando fores a passeio e passares perto de meu sepulcro, ouvirás os companheiros dizerem: Aqui jaz

nosso colega Luís Comollo, e então dirás de maneira prudente a cada um que reze um *Pai-nosso* e um *Requiem*. Assim ficarei livre das penas do purgatório. Muitas coisas dir-te-ia ainda, mas o mal aumenta e me oprime. Recomenda-me às orações dos amigos. Roga a Deus por mim; Deus te acompanhe e te abençoe. Tornaremos a nos ver no paraíso, quando ele quiser.

Esses sentimentos revelados num momento em que se manifestava todo o interior do coração, formam o verdadeiro retrato de sua alma. O pensamento das máximas ternas, a frequência dos sacramentos, terna devoção para com Nossa Senhora, o fugir dos maus companheiros, procurar os que lhe podiam dar algum proveito para estudo ou piedade, eis o que formava o escopo de todas as suas ações.

Na tarde do dia de Páscoa ficou tão prostrado que apenas podia pronunciar algumas palavras e foi assaltado por um novo acesso de febre acompanhado de dolorosas convulsões, e tão forte que a custo se sustentava. *Mas a nossa santa religião católica produz tal impressão no coração das almas boas, que ao próprio Comollo isso serviu de meio eficaz para aquietar-se.* Embora fora de si e agitado pela violência da enfermidade, apenas se lhe dizia: “Comollo, por quem se deve sofrer?”. Ele, tornando a si, alegre e contente, respondia: “Por Jesus crucificado”.

Nesse estado, sem proferir um lamento pela veemência do mal, passou a noite e quase todo o dia seguinte. Nesse ínterim foi visitado pelos pais. Reconheceu-os, recomendou-lhes resignação à vontade divina. Suas palavras foram agudo punhal para o coração angustiado de sua mãe que amava um filho tão carinhoso, o qual, por sua vez, tanto a amava. “Luís, disse-lhe ela contendo o pranto, não estás melhor? Vamos, coragem, teu tio pároco te saúda, reza por ti e faz rezar por ti”.

– Sim, mamãe, sinto-me um tanto melhor, mas daqui a pouco espero estar otimamente. É este o tempo da coragem; esperemos em Deus Nosso Senhor. Dai minhas saudações ao bom tio, que ele continue a rezar por mim, eu o espero no paraíso: não choreis, mamãe, Deus quer assim: coragem, coragem.

De vez em quando se punha a cantar com voz tão afinada que se julgaria em perfeita saúde. Seu canto era o *Miserere*, as ladainhas de Nossa Senhora, o *Ave Maris Stella*, e loas sacras. Mas como cantar muito o prostrava, procurou-se sugerir-lhe algumas orações; assim ele deixava de cantar para rezar o que lhe era sugerido.

Às sete da noite, primeiro de abril, piorando cada vez mais, o diretor espiritual achou conveniente administrar-lhe a extrema-unção. Apenas começaram as cerimônias, parecia que o enfermo tivesse sarado. Respondia oportu-

namente o que era necessário de tal modo que o sacerdote ficou admirado. O que há pouco parecia estar moribundo, auxiliava o celebrante, respondendo a todos os responsórios e preces que ocorrem nessa cerimônia. O mesmo aconteceu às onze e meia, quando o padre reitor, vendo que um frio suor começava a cobrir-lhe o pálido rosto, deu-lhe a bênção papal <sup>(32)</sup>.

Administrados todos os confortos de nossa santa religião, não parecia mais um enfermo, mas alguém que estivesse repousando; estava em pleno conhecimento de si mesmo, com ânimo sereno e tranquilo; alegre, a todo o momento rezava fêrvidas jaculatórias a Jesus Crucificado, à Virgem Maria e aos santos; por isso o padre reitor disse que não havia necessidade que os outros lhe recomendassem a alma, pois que ele bastava a si mesmo.

A uma hora da madrugada, 2 de abril, perguntou a um dos presentes quanto tempo havia ainda; respondeu-lhe: “Há ainda meia hora”. “Há ainda mais”, acrescentou o enfermo. “Sim, disse um, pensando que delirasse, ainda meia hora e depois iremos para a aula”. “Eh! Meu caro, replicou o doente, sorrindo, bela aula!... Há bem outra coisa que não aula”... Perguntando-lhe um companheiro se deles se lembraria quando se achasse no paraíso, respondeu: “Recordar-me-ei de todos, mas especialmente dos que me ajudarem a sair logo do purgatório”. A uma hora e meia, embora conservasse a tranquilidade no rosto, ficou tão fraco que parecia lhe faltasse o respiro.

Em seguida, melhorando um pouquinho, recolhendo todo o vigor que tinha, com os olhos erguidos para o céu, disse estas palavras: “Virgem santa, Mãe querida de meu Jesus, vós que entre tantas criaturas fostes a única digna de trazê-lo em vosso seio imaculado, ah! pelo amor com que o alimentastes, o apertastes ao coração, pelo que sofrestes quando companheira de sua pobreza, quando o vistes flagelado, coberto de injúrias e escárnios e, em fim, agonizante na cruz; ah! por tudo isso alcançai-me o dom da fortaleza, viva fé, firme esperança, inflamada caridade, sincera dor de meus pecados, e aos favores que me dispensastes em todo o tempo de minha vida acrescentai a graça de ter uma santa morte. Sim, minha bondosa mãe, assisti-me, agora que estou presenças a entregar minha alma ao divino juiz; apresentai-a vós mesma nos braços de vosso divino Filho. Porque se assim me prometeis, eu, com ânimo ardoroso e franco, apoiado em vossa clemência e bondade, apresento por vossas mãos minha alma à divina majestade, de quem espero conseguir misericórdia”.

Essas foram suas precisas palavras, pronunciadas com tal ênfase e devoção que comoveram todos os presentes, a ponto de derramarem lágrimas.

<sup>32</sup> “Reitor do seminário era e ainda é o padre Sebastião Mottura, cônego, arcepreste da igreja colegiada do Chieri” (nota no texto original).

Terminada essa oração, parecia que um letargo mortal dele se apoderasse; por isso, para conservá-lo desperto, perguntei-lhe se sabia qual a idade de São Luís quando morreu; a essa pergunta, como que despertando, respondeu: “São Luís tinha 23 anos completos e eu morro não tendo ainda 22”. Vendo enfraquecer-lhe o pulso, percebi que chegava o momento de deixar o mundo e os companheiros: portanto, comecei a sugerir-lhe o que me vinha à mente nessa circunstância. Ele, atento ao que se lhe dizia, com o rosto risonho, conservando sua inalterável tranquilidade, com os olhos fixos no Crucifixo que mantinha entre as mãos unidas diante do peito, repetia toda a oração que lhe era dita. Cerca de dez minutos antes de expirar, chamou pelo nome um dos presentes e “se queres, disse-lhe, alguma coisa para a eternidade, eu... adeus... já me vou... Jesus, Maria, meu coração vos dou e minha alma”. Essas foram suas últimas palavras.

Em seguida, tendo-se endurecido a língua e tornado os lábios espessos e grossos e não podendo pronunciar as jaculatórias com a voz, formava-as e articulava-as com grande esforço nos lábios. Achavam-se também no quarto dois diáconos que lhe liam o *Proficiscere*. Terminada essa oração, enquanto se recomendava sua alma à Virgem e aos anjos para que fosse oferecida por eles ao Altíssimo, no momento em que se pronunciavam os santos nomes de Jesus e Maria, sempre sereno e risonho, entreabrindo os lábios num doce sorriso, como que surpreendido à vista de uma visão maravilhosa e celeste, sem fazer um movimento, sua bela alma separou-se do corpo, voando, como se espera, a fruir a paz do Senhor.

Seu feliz passamento deu-se às duas horas da madrugada, antes que surgisse a aurora do dia 2 de abril de 1839, tendo 22 anos de idade, menos cinco dias. Assim morreu o jovem clérigo Luís Comollo, que soube, em meio a rudes ocupações, semear no próprio coração os germes de virtude, cultivá-los entre os atrativos do mundo; aperfeiçoá-los com dois anos e meio de clericalo, e fazê-los madurar com penosa enfermidade. E enquanto todos se julgavam afortunados por tê-lo, quem como guia, quem como amigo, quem como modelo, ele tudo deixou no mundo para ir proteger-nos desde o céu.

Parece-nos, entretanto, que uma alma tão boa, tão amante das virtudes cristãs como Comollo, não deveria temer tanto os juízos divinos. Mas se se observa bem, esse é o proceder ordinário de Deus para com seus escolhidos, os quais, ao pensar que devem apresentar-se ao rigoroso tribunal de Jesus Cristo, ficam cheios de temor e espanto. Deus, porém, corre-lhes em socorro no tempo oportuno, e se o temor dos pecadores se converte em agitações, remorsos e desespero, o do justo, pelo contrário, muda-se em coragem, confiança e resignação, causando-lhe na alma a mais doce alegria. Esse é na verdade o

momento em que Deus concede ao justo o cêntuplo, conforme as promessas do Evangelho. Suaviza as agruras da morte com a tranquilidade de ânimo, com contentamento e alegria que revigoram a fé, confirmam a esperança, inflamam a caridade de tal modo que o mal, assim se pode dizer, perde sua violência, e o justo experimenta um quê do gozo que o Senhor eternamente lhe há de dar. Isso deve ser considerado como prêmio suficiente para as dores da vida, deve excitar-nos a suportá-las com resignação e a regular todas as nossas ações conforme os preceitos divinos.

### *Capítulo VI – Seus funerais*

Espalhada a notícia da morte de Comollo, todo o seminário ficou consternado. Alguns diziam: nesta hora Comollo já está no paraíso rezando por nós; outros exclamavam: como previu bem sua morte! Outros ainda repetiam: viveu como justo, morreu como santo. Alguns, enfim: se os homens podem julgar que uma alma partindo do mundo possa voar imediatamente para o céu, isso se poderia dizer de Comollo. Portanto, todos porfiavam por ter algo que lhe pertencesse. Um queria seu crucifixo, outro seus quadros ou imagens devotas, um terceiro se julgava feliz por ter um seu livrinho e finalmente alguns não conseguindo outra coisa, ficaram com seus colarinhos para a batina, como lembrança de um colega tão querido e venerado. Obtém-se a licença de sepultá-lo na Igreja.

O reitor do seminário, admirado também ele pelas singulares circunstâncias que acompanharam a morte de Comollo, não querendo que seu cadáver fosse levado ao cemitério comum, apenas se fez dia, foi a Turim e conseguiu das autoridades civis e eclesiásticas que o corpo de Luís fosse sepultado na Igreja de São Felipe anexa ao seminário<sup>33</sup>. O professor da aula da manhã começou a aula na hora de costume, mas, no momento da explicação, vendo a tristeza que pairava no ambiente, ficou de tal modo comovido que, vertendo lágrimas e soluçando, teve que deixar a sala, não tendo mais forças para falar<sup>34</sup>.

Outro professor, o teólogo Arduíno, de tarde, veio também à aula, mas em vez da explicação de costume fez um patético discurso sobre a morte de Comollo. Nesse discurso dizia ser justa a dor que todos sentiam pela perda de

<sup>33</sup> O pedido do reitor se conserva ainda hoje: “Tendo falecido neste seminário arquiepiscopal de Chieri o clérigo Luís Pedro Comollo, de Cinzano, o abaixo-assinado, desejando sepultá-lo nas catacumbas da igreja do dito seminário chamada de São Felipe, recorre a vossa Sacra Real Majestade, suplicando humildemente queira conceder a oportuna faculdade, não só para este caso, mas também para todos os demais casos que lamentavelmente possam ocorrer no futuro” (Arquivo do Estado, Turim, *Grande Cancelleria* m. 128/345 *Sepolture di cadaveri*, 1839).

<sup>34</sup> Era o teólogo Lourenço Henrique Prialis (1803-1868).



tão precioso colega, mas que devíamos também estar alegres, na esperança de que com uma vida tão edificante e uma morte tão preciosa, ele seria para nós, desde o céu, nosso poderoso protetor. Exortou todos a considerá-lo como modelo perfeito da vida clerical. Definiu, além disso, sua morte de várias maneiras: morte de justo, morte preciosa aos olhos de Deus, morte santa aos olhos dos homens, e terminou recomendando-nos que conservássemos sempre sua lembrança e procurássemos imitar-lhe as virtudes.

Na manhã de 3 de abril, com a presença de todos os superiores, do cônego vigário, com outros cônegos e com o clero, o cadáver foi levado processionalmente pela cidade de Chieri e depois de longa volta em meio a cantos fúnebres e preces, chegou-se à Igreja de São Felipe. Nesse momento caía forte chuva, e por isso as ruas estavam cheias de água e lama; não obstante isso, uma multidão imensa acompanhou o féretro com a máxima devoção e respeito. Chegando à igreja, com música apropriada, com solene aparato, cantou a missa o padre diretor, *praesente cadavere*. Terminada a função, colocou-se o cadáver na tumba que lhe fora preparada perto da balaustrada, como se Jesus Sacramentado, a quem Comollo tanto amara em vida, o quisesse também perto de si, depois de morto. Sete dias depois, fez-se um solene funeral, com grande pompa e com majestoso aparato de enfeites e luzes. Essas foram as últimas homenagens prestadas por seus colegas que, muito sentidos, nada pouparam em favor de um companheiro estimado por todos.

### *Capítulo VII – Consequências da sua morte*

É verdade inegável que a memória das almas boas não se acaba com a morte, mas seu exemplo é transmitido com utilidade para os pósteros. Uma doença e morte acompanhadas de tantos sinais de viva fé e de sentimentos de virtude e piedade, despertou também em muitos seminaristas o desejo de imitar Comollo. Por isso, não poucos se esforçaram por cumprir os avisos e conselhos por ele dados enquanto vivo, outros procuravam seguir seu exemplo e virtudes, e assim alguns que antes não mostravam vocação ao estado a que diziam aspirar, depois da morte de Comollo, tomaram firmes resoluções de tornar-se modelos de virtude.

“Foi justamente com a morte de Comollo, diz um seu companheiro, que resolvi viver como bom clérigo para tornar-me um santo eclesiástico; e embora tal determinação tenha sido até agora ineficaz, contudo não desanimo, mas antes quero redobrar de esforços”. Esses efeitos não foram passageiros, mas as virtudes de Comollo continuam ainda hoje a produzi-los. O reitor do seminário, pouco tempo faz, assegurou-me que a mudança de costumes observada no seminário, desde a morte de Comollo, continuava ainda no presente”.

*No correr destes traços, pouco se falou da modéstia, que foi justamente a virtude característica de Comollo. Um exterior tão regrado, um procedimento tão edificante, uma mortificação tão completa dos sentidos e em especial dos olhos provam que ele cultivou essa virtude em grau eminente. E a mim me parece que não exagero se afirmo e digo que ele conservou intacta a estola da inocência batismal. Isso deduzo não só da sua escrupulosa prudência no tratar ou falar com pessoas de outro sexo, mas, muito mais ainda, por certas matérias teológicas que ele não compreendia, por certas perguntas que às vezes fazia. Tudo isso demonstra sua simplicidade e pureza. Confirma minha opinião o que soube de seu diretor espiritual, o qual depois de conversar longo tempo comigo acerca de Comollo, concluiu: “Nele conheci um anjo de pureza; fervoroso devoto de São Luís, procurava sempre imitar-lhe as virtudes”. De fato, todas as vezes que falava desse santo (fazia-lhe todos os dias de manhã e de tarde uma oração especial), era com transportes de gáudio; gloriava-se de ter o mesmo nome. “Sou Luís de nome, dizia, e pudesse sê-lo de verdade!”. Se procurava seguir as virtudes de São Luís, certamente terá copiado essa que é a característica desse santo, o candor e a pureza de costumes.*

Parece-me oportuno notar aqui que o motivo da grande impressão produzida pela morte de Comollo foram duas aparições dele depois da morte, sendo todo um dormitório testemunha de uma delas; como também seria conveniente falar de alguns favores celestes obtidos por sua intercessão. Embora conserve exata memória deles, julgo oportuno omiti-los<sup>35</sup>; por isso, narrarei somente três fatos aos quais, considerando o caráter e a dignidade das pessoas que os afirmam, creio se deva prestar toda a fé.

O primeiro fato diz respeito a uma pessoa oprimida por grave tentação. Essa pessoa ocupada no serviço divino era, desde longo tempo, tentada; ora com um meio, ora com outro conseguira sempre vencer a tentação. Um dia foi tão forte o assalto que parecia devesse sucumbir, e quanto mais procurava afastar os maus pensamentos, tanto mais eles afluíam à sua mente. Fria, árida, não se resolvia a orar. Voltando os olhos para a mesa, viu nela um objeto que pertencera a Comollo e que conservava como lembrança. “Pus-me a gritar, afirma essa pessoa: Se tu estás no paraíso, ó Luís, e se me podes auxiliar, pede ao Senhor que me livre desta terrível angústia! Ó portento! Apenas pronunciei essas palavras, transformei-me, cessou a importuna tentação, e fiquei tranquilo. Desde esse momento não deixei de invocar a esse anjo de costumes tão santos, em minhas necessidades e até agora sempre fui atendido”.

O outro fato, descrevo-o tal qual me foi narrado por quem dele foi testemunha ocular e autor. “Uma manhã fui chamado às pressas para enco-

<sup>35</sup> Uma dessas “aparições” é narrada nas *Memórias do Oratório*, II década, cap. 6 (cf. n. 309).

mendar a alma de um meu amigo que se achava agonizante. Lá chegando, achei-o como me disseram, nas últimas agonias. Privado do uso dos sentidos e da razão, tinha os olhos cheios de água, os lábios inteiriçados e úmidos de um frio suor, o pulso tão fraco e intermitente que parecia dever expirar dentro de poucos minutos. Chamei-o várias vezes, mas inutilmente. Não sabendo o que fazer, ponho-me a chorar; de repente me lembro do clérigo Comollo, cujas virtudes ouvira narrar e quis, para aliviar um pouco minha dor, invocá-lo. Oh!, disse, se tens algum poder junto de Deus, roga-lhe para que alivie esta alma aflita e a livre das angústias da morte. Apenas dito isso, o moribundo deixando cair a extremidade do lençol que tinha preso entre os dentes, despertou e começou a falar como se jamais estivera doente. Sua melhora foi tal que, passados oito dias, ficou completamente curado de uma doença que exigia muitos meses de convalescença, e pôde continuar sem perigo algum suas ocupações”.

*O último fato, exponho-o como me contou a pessoa que recebeu a graça e que diz tê-la alcançado por intercessão de Comollo. Essa pessoa é o geômetra João Batista Paccotti, proprietário em Cinzano, testemunha ocular das admiráveis virtudes praticadas por Comollo nessa aldeia. Eis a relação.*

*Cinzano, 16 de setembro de 1847*

*Muito reverendo senhor,*

*Conforme a promessa feita no outono passado a vossa reverendíssima, que com grande pressa recolhia fatos históricos acontecidos antes e depois da morte do clérigo Luís Comollo, julgo meu dever informá-lo de um fato que me sucedeu em 1845, que se renovou em 1846 e no mês de agosto próximo passado do presente ano 1847.*

*Achava-me atacado por uma moléstia que, desde muito, em certa estação do ano, tornava-se mais grave. Nos meses de outubro e novembro de 1845, fui acometido com maior violência pela enfermidade e foram inúteis os remédios sugeridos pela arte médica e receitados pelos célebres doutores Riberi e Gallo, sem falar de outros de igual mérito. A doença tornava-se pior e tão insuportável que já estava desenganado.*

*Uma noite do mês de novembro de 1845, estando no leito como de costume e quase sem forças, pensava mais seriamente no meu triste estado e no fim a que me achava exposto; e adormecendo um pouco ao raiar da aurora, depois de uma noite passada entre dores, ouvi, não sei se estava dormindo ou acordado, ouvi uma voz*

que me dizia aos ouvidos: “e por que não recorres a Luís Comollo, que te poderia ajudar neste transe?”. Nada mais ouvi.

Refletindo nessas palavras e considerando que esse clérigo teve sempre procedimento irrepreensível e foi até modelo a todos, resolvi invocá-lo. Dirigi-lhe, pois, o seguinte pedido: “Se vós, ó Luís, estais entre os bem-aventurados no céu, alcançai-me do Senhor a minha cura e eu prometo informar disso o reverendíssimo padre João Bosco para que a outras informações já alcançadas acrescente também esta para vossa maior glória”. Dito isso, fiquei mais tranquilo e na manhã seguinte achei-me livre de uma doença que, assim eu julgava, me daria a morte ou pelo menos faria de mim um ser inútil ou incômodo à minha família.

Entretanto, recobrada a saúde, em meio aos negócios e afazeres de minha profissão, esqueci-me completamente do que prometera a Luís Comollo. No outono do ano seguinte, 1846, renovou-se intempestivamente e com maior rigor a moléstia; lembrei-me então da promessa feita. Fazendo de novo o mesmo voto, sendo logo apresentado a vossa reverendíssima, achei-me livre da enfermidade... Como vossa reverendíssima me exigiu de certo modo que fizesse a relação genuína do fato, eu, depois de ter aceitado tal encargo, não o cumpri: há poucos dias, pela terceira vez fui acometido pela mesma doença. Tornando-se o caso mais complicado, julguei que isso acontecia por não ter cumprido o voto. Com efeito, renovando ontem meus protestos de que se hoje me sentisse melhor, comunicaria por extenso, sem mais tardança, o fato a vossa reverendíssima, obtive pela terceira vez uma notável melhora e posso dizer que estou seguro da cura dessa moléstia da qual certamente não me livraria a arte médica.

Reconhecendo minha completa cura alcançada por intercessão do clérigo Luís Comollo, apresso-me em comunicar a vossa reverendíssima, pedindo que publique esse fato para maior glória de Deus e para que aumente sempre mais a veneração e respeito para com o jovem Luís Comollo, modelo de virtudes, aumente por parte de todos, e em especial por parte dos que tiveram a dita de conhecê-lo em vida.

*Eis o que posso e devo afirmar e ao mesmo tempo me declaro, etc.*

*De vossa reverendíssima*

*Devotíssimo e humílimo servidor*

*João Batista Pacotti*

Pelo que até aqui se narrou, todos veem que as virtudes de Comollo, embora não sejam extraordinárias, foram singulares em seu gênero e perfeitas de modo que me parece se possa propô-lo como exemplo a qualquer pessoa,

tanto secular, como religiosa; e tenho por certo que quem seguir as pegadas de Comollo se tornará jovem virtuoso, clérigo exemplar, verdadeiro e digno ministro da Igreja.

*Enquanto, porém, admiramos as virtuosas ações de Luís, detenhemos nosso pensamento nessa religião divina que forma tão belos modelos de virtude. É próprio só da religião católica ter santos e homens assinalados nas virtudes; somente ela dispõe da abundância de meios que confortam o homem em todas as necessidades da vida; na juventude, ela o instrui e guia pela senda da verdade; anima-o com os sacramentos, com palavras de vida na idade madura; nas doenças, redobra suas solitudes, nada deixando que possa contribuir, não só para o bem espiritual e eterno, mas também para o material; somente ela o conforta no ponto de morte, na morte e depois da morte.*

*Ó religião católica, religião santa, religião divina! Quão grandes são os bens que tu proporcionas a quem em ti espera, e em ti confia! Quão felizes são os que se acham em teu seio e observam os teus preceitos.*

*Ó leitor amigo, enquanto admiramos as virtuosas ações dos heróis do catolicismo, rendamos os mais vivos agradecimentos a Deus, que por um ato de sua bondade nos criou e nos conserva na santa religião católica; e como penhor de nossa gratidão, mostremo-nos zelosos observadores dos mandamentos de nossa divina religião; mas não deixemos de rogar a Deus que use de grande misericórdia para conosco, nos conserve nessa religião até os últimos momentos de nossa vida.*

*Então, ó leitor, gozaremos de grande alegria, e quando nossa alma abandonar para sempre as coisas terrenas para se apresentar pela primeira vez diante da suprema e divina majestade, estaremos certos de ouvir também nós o doce convite que faz Jesus Cristo no Evangelho: “Vem, servo fiel, vem: tu me foste fiel durante a vida, vem agora receber a coroa de glória no céu, onde gozarás no eterno gáudio de teu Senhor: Intra in gaudium Domini tui”<sup>36</sup>.*

*Conceda Deus essa graça a mim que escrevo, a ti que lês e a todos os fiéis cristãos. Assim seja.*

<sup>36</sup> Cf. Mt 25, 21-23.

### 306. Vida do jovem Domingos Savio, aluno do Oratório de São Francisco de Sales\*

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales con appendice sulle grazie ottenute per sua intercessione*. Ed. 5. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1878<sup>37</sup>.

*Caríssimos jovens,*

Várias vezes me pedistes que escrevesse alguma coisa sobre o vosso companheiro Domingos Savio; fiz o que pude para atender ao vosso piedoso desejo. Aqui tendes a sua vida narrada com a brevidade e a simplicidade que são do vosso agrado.

Duas dificuldades se opunham à publicação deste trabalho. A primeira é a crítica que em geral enfrenta quem escreve sobre acontecimentos dos quais existe uma multidão de testemunhas que ainda vivem. Penso ter superado essa dificuldade pelo esforço para narrar apenas o que nós, vós e eu vimos e que, quase tudo, conservo por escrito e que vós mesmos me referistes.

Outro obstáculo era o de muitas vezes ter de falar de mim, dado que, tendo este jovem vivido cerca de três anos nesta casa, cabe-me com frequência referir coisas de que tomei parte. Creio ter superado também esse obstáculo ao ater-me ao rigor histórico da verdade dos fatos, sem olhar para as pessoas. Todavia, se encontrardes algum episódio em que eu falei de mim com alguma complacência, ela se deve ao grande afeto que eu dedicava ao amigo falecido e que dedico a todos vós, afeto que me leva a abrir-vos o íntimo do meu coração, como faria um pai que fala aos seus amados filhos.

Alguém de vós perguntará por que escrevi a vida de Domingos Savio e não a de outros jovens que viveram no meio de nós com fama de virtude

\* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde basicamente à que se encontra em: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco*. Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco 2013, pp. 37-118; foram introduzidas inúmeras adaptações para a nossa linguagem atual.

<sup>37</sup> A quinta edição, a última cuidada por Dom Bosco, é considerada definitiva (cf. Alberto CAVIGLIA, "Savio Domenico e Don Bosco. Studio", em *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*. Vol. IV. Turim, Società Editrice Internazionale 1943, p. xv). Das edições precedentes (1859; 1860; 1861; 1866), só a primeira foi publicada em OE XI, 150-292. Usamos o texto e as notas de: Giovanni BOSCO, *Vita del giovanetto Savio Domenico allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, em ID., *Vite di giovani. Le biografie di Domenico Savio, Michele Magone e Francesco Besucco*. Saggio introduttivo e note storiche a cura di Aldo Giraudo. Roma, LAS 2012, pp. 37-109. [Em português: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco*. Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco 2013, pp. 37-118].

exemplar. É verdade, meus caros, a divina Providência dignou-se enviar-nos vários modelos de virtude, como Gabriel Fascio, Luís Rua, Camilo Gávio, João Massaglia e outros; todavia, as ações desses jovens não foram igualmente conhecidas e belas como as de Domingos Savio, cujo teor de vida foi notoriamente maravilhoso. Por outro lado, se Deus me der saúde e graça, penso em fazer o levantamento das ações desses vossos companheiros virtuosos, a fim de satisfazer o vosso desejo e o meu de dá-las a ler e a imitar naquilo que é compatível com o vosso estado.

Nesta quinta edição acrescentei várias informações que espero a tornem interessante, mesmo para os que já leram as edições anteriores.

Entretanto, comecei a tirar proveito do que vou escrevendo e dissei no vosso coração o que Santo Agostinho dizia: *Si ille, cur non ego?* Se um companheiro meu, da minha mesma idade, no mesmo lugar, exposto aos mesmos e talvez maiores perigos, encontrou tempo e modo de se manter fiel seguidor de Jesus Cristo, por que não poderei eu também fazer o mesmo? Recordai bem que a religião verdadeira não consiste apenas em palavras; é preciso passar às obras. Por isso, encontrando alguma coisa digna de admiração, não vos contenteis em dizer: isso é bonito, isso me agrada. Dizei antes: *quero empenhar-me em fazer o que outros fizeram e que me encanta.*

A vós e a todos os leitores deste livro queira Deus conceder saúde e graça para aproveitar do que nele lerem, e que a Virgem Santíssima, de quem o jovem Domingos Savio era fervoroso devoto, nos obtenha a graça de formar um só coração e uma só alma para amar o nosso Criador, o único digno de ser amado sobre todas as coisas e fielmente servido em todos os dias da nossa vida.

### *Capítulo I – Proveniência – Caráter deste jovem – Seus primeiros atos de virtude*

Os pais do jovem cuja vida pretendo escrever foram Carlos Savio e Brígida, sua mulher<sup>38</sup>, pobres mas honestos moradores de Castelnuovo

<sup>38</sup> Carlos Baldassar Savio (1815-1891); em 1871 será acolhido no Oratório de Valdocco. Brígida Rosa Gaiato (1820-1871). Casaram-se em 1º de março de 1840; tiveram 10 filhos. Domingos Carlos (viveu poucos dias: 3-18 de novembro de 1840); o nosso Domingos (1842-1857); Carlos (15-16 de fevereiro de 1844); Remondina (1845-1913); Maria (1847-1859); João (1850-1894); Guilherme (1853-1865); Catarina (1856-1915); Teresa (1859-1933); Luísa (1863-1864); cf. Michele MOLINERIS, *Nuova vita di Domenico Savio. Quello che le biografie di san Domenico Savio non dicono*. Colle Don Bosco, Ist. Sal. “Bernardi Semeria” 1974, p. 24.

d’Asti<sup>39</sup>, povoação situada a doze quilômetros de Turim. Em 1841, achando-se os humildes esposos em grandes dificuldades por falta de trabalho, foram morar em Riva<sup>40</sup>, a quatro quilômetros de Chieri, onde Carlos começou a exercer o ofício de ferreiro que tinha aprendido ainda muito jovem. Passado algum tempo, Deus abençoou o seu matrimônio com um filho que devia ser a sua consolação. Nasceu no dia 2 de abril de 1842. Quando o levaram para ser regenerado nas águas batismais deram-lhe o nome de Domingos<sup>41</sup>, o que, embora pareça indiferente, foi motivo de grande satisfação para o menino, como veremos.

Domingos tinha dois anos de idade, quando, por conveniência da família, os pais decidiram regressar à terra natal e fixar residência em Morialdo, arrabalde de Castelnuovo d’Asti.

Todos os desvelos e preocupações dos pais tinham em mira a formação cristã do filho, que desde essa época era o enlevo do seu coração. A natureza dotara-o de uma índole admirável e de um coração inclinado à piedade. Aprendeu com maravilhosa facilidade as orações da manhã e da noite; com apenas quatro anos já as sabia de cor. Mesmo naquela idade em que a distração é quase uma segunda natureza, obedecia em tudo prontamente à sua mãe. E se alguma vez dela se afastava, era unicamente para se recolher em algum canto da casa, a fim de se entregar à oração ao longo do dia com mais liberdade.

“Desde a mais tenra idade, afirmam os pais, Domingos nunca nos deu o mínimo desgosto. No entanto, é nessa idade que, por falta de reflexão, as

<sup>39</sup> “Antigamente se chamava Castelnuovo di Rivalba, porque dependia dos condes Biandrate, senhores deste lugar. Por volta de 1300, tendo sido conquistado pelos habitantes de Asti, foi designado Castelnuovo d’Asti. – Naquele tempo, muita gente industriosa e aplicadíssima se dedicava ao comércio que se ampliava por várias cidades da Europa. Foi berço de muitos homens célebres. O famoso João Argentero, chamado o grande médico daquele século, nasceu em Castelnuovo d’Asti em 1513; escreveu muitas obras de vasta erudição. Era muito piedoso e muito devoto da Santa Mãe de Deus e erigiu em sua honra a capela da Bem-aventurada Virgem do Povo na igreja paroquial de Santo Agostinho em Turim. O seu corpo foi sepultado na igreja metropolitana com uma honrosa inscrição que ainda se pode ler. Muitos personagens tornaram ilustre esta terra. Ultimamente se distingue o sacerdote José Cafasso, homem de grandíssima piedade, ciência teológica e caridade para com os doentes, encarcerados, condenados à morte e infelizes de todo o gênero. Nasceu em 1811 e morreu em 1860” (nota no texto original).

<sup>40</sup> “Diz-se Riva di Chieri para distinguir de outras localidades com este nome; dista 4 km de Chieri. O imperador Frederico, com diploma de 1164, concedeu ao conde Biandrate o domínio de Riva di Chieri. Depois foi cedido aos de Asti. No séc. XVI passou para o domínio da Casa Saboia. – Monsenhor Agostinho della Chiesa e Bonino, na *Biografia médica*, falam longamente de muitos personagens célebres que ali nasceram” (nota no texto original).

<sup>41</sup> Nasceu às nove da manhã; batizado no mesmo dia, “às cinco horas da tarde”, recebeu os nomes de *Domingos José* (em honra dos avós); foram padrinhos o carpinteiro João Batista Gianoglio e a camponesa Luísa Savio (cf. APARC, *Liber baptizatorum*, 1842, atto n. 30; ASC A4920103: *Estratto dell’Atto di nascita e battesimo*).



crianças costumam dar bastante trabalho às mães; idade em que tudo desejam ver e tocar e, em geral, não fazem outra coisa senão estragar o que tocam. Não só era obediente e sempre disposto a cumprir qualquer ordem nossa, mas até procurava adivinhar o que nos pudesse agradar”.

Era deveras singular e, ao mesmo tempo, afetuosa, a maneira como acolhia o pai quando o via chegar em casa depois do trabalho diário. Corria ao seu encontro, pegava-lhe na mão e, muitas vezes, saltando-lhe ao pescoço, dizia: “Querido paizinho, como está cansado, não é verdade? Trabalha tanto por minha causa e eu só sirvo para lhe dar desgostos; vou pedir a Nosso Senhor que lhe dê muita saúde e me torne bom”. Assim dizendo, acompanhava-o até em casa, oferecia-lhe uma cadeira e uma almofada para que se sentasse e ficava a seu lado fazendo-lhe mil carícias. Isso, dizia o pai, era para mim um conforto imenso nas minhas fadigas e, terminado o trabalho, ansiava por chegar em casa para abraçar e beijar o meu filhinho, a quem consagrava todos os afetos do meu coração.

A piedade de Domingos crescia a olhos vistos. Tinha apenas quatro anos e já não era necessário dizer-lhe que rezasse as orações da manhã e da noite, antes e depois da refeição e ao toque das ave-marias; pelo contrário, era ele que o lembrava aos outros sempre que se esqueciam.

Um dia em que os pais, um pouco distraídos com os problemas e as canseiras da vida, se sentaram à mesa sem rezar, Domingos exclamou logo: “Pai, ainda não pedimos a Deus que abençoe a nossa mesa”. Dito isso, começou a fazer o sinal da cruz e, juntando as mãozinhas, rezou a oração de costume. Noutra ocasião sucedeu que um forasteiro, hospedando-se na casa dos pais, começou a comer sem rezar. Domingos, não se atrevendo a avisá-lo, retirou-se para um canto da casa. Interrogado depois pelos pais, respondeu: “Não tive coragem de me sentar à mesa com uma pessoa que se põe a comer como os animais”.

## *Capítulo II – Conduta moral em Morialdo – Belas demonstrações de virtude – Frequência da escola daquele lugar*

Aqui vou narrar fatos em que não se acreditaria se quem os contou não fosse pessoa fidedigna. Refiro-me às informações que o capelão daquele povoado<sup>42</sup> teve a amabilidade de me enviar a respeito daquele seu estimado aluno.

<sup>42</sup> “Capelão dessa povoação era então o padre João Zucca [1818-1878], de Moriondo; atualmente reside em sua terra” (nota no texto original).

“Nos primeiros dias da minha residência nesta vila de Morialdo vi muitas vezes uma criança de uns cinco anos vir à igreja com sua mãe. A serenidade do seu semblante, a compostura da pessoa e o porte devoto atraíam as minhas atenções e a de muitos outros. Se porventura, ao chegar, encontrasse a igreja fechada, podia assistir-se a um lindo espetáculo: em vez de brincar e fazer algazarra com os outros, como seria natural nessa idade, ia até o limiar da porta, punha-se de joelhos e, com a cabecinha inclinada e as mãozinhas sobre o peito, rezava fervorosamente até se abrir a igreja. Note-se que muitas vezes o terreno estava enlameado, nevava ou chovia. Essa criança, porém, não dava importância a isso e punha-se a rezar da mesma maneira. Impressionado e movido por piedosa curiosidade, eu quis saber de quem era aquele menino que se tornara alvo da minha admiração. Soube, então, que era o filho do ferreiro Carlos Savio.

Quando ele me encontrava pelo caminho, de longe começava a dar sinais de alegria e com uma atitude quase angélica me saudava respeitosamente. Começou também a frequentar a escola, e como era inteligente e cumpridor exato dos seus deveres, em pouco tempo fez notáveis progressos nos estudos. Naturalmente, ele devia conviver com os seus colegas, às vezes brigões e petulantes, mas nunca aconteceu de ele tomar parte em divertimentos perigosos ou causar confusões na aula. Às vezes, alguns companheiros o convidavam para incomodar pessoas de idade, atirar pedras, roubar frutas nos quintais alheios ou estragar as plantações dos campos. Domingos desaprovava tudo isso e sempre recusou tomar parte neles.

A piedade que mostrava quando criança não diminuiu com o andar do tempo. Aos cinco anos já sabia ajudar à missa, o que fazia com singular devoção. Ia todos os dias à missa, e se alguém queria ajudar, ele assistia, se não ele servia com profundo recolhimento. Sendo de pequena estatura<sup>43</sup>, não conseguia alcançar o missal; por isso, era belo vê-lo aproximar-se ansioso do altar, levantar-se na ponta dos pés e estender os bracinhos quanto podia, fazendo todo o esforço para levantar a estante. E se o sacerdote ou outra pessoa qualquer quisesse prestar-lhe um favor muito apreciado, não devia pegar no missal, mas pô-lo simplesmente ao seu alcance, para que ele o transportasse para o outro lado.

Confessava-se com frequência e logo que começou a distinguir o Pão celeste do comum foi admitido à sagrada comunhão, que recebeu com uma devoção extraordinária. À vista da transformação que a graça divina operava

<sup>43</sup> A estatura de Domingos no momento da morte, segundo o professor Francesco Volante, que fez o reconhecimento dos restos mortais, “pode considerar-se de 1,50 m aproximadamente” (cf. ASC A4920119, carta de F. Volante - F. Giraudi, 18 de fevereiro de 1950).

naquela alma inocente, disse muitas vezes comigo mesmo: aí está uma criança que dará que falar de si. Deus queira que se abra à sua frente um caminho em que amadureçam frutos tão preciosos” (*até aqui o capelão de Morialdo*).

*Capítulo III – É admitido à primeira comunhão – Preparação – Recolhimento e lembranças daquele dia*

Nada faltava a Domingos para ser admitido à primeira comunhão. Sabia de cor o pequeno catecismo; tinha exato conhecimento desse augusto Sacramento e ardia em desejos de o receber. Apenas a idade constituía um obstáculo, pois, nas aldeias, em geral não se admitiam crianças com menos de onze ou doze anos completos. O pequeno Savio tinha apenas sete. E além do aspecto infantil, o seu corpinho fazia-o parecer ainda mais novo; por isso, o capelão adia continuamente a cerimônia. Por fim, pediu o parecer de outros sacerdotes que, ponderando bem os conhecimentos precoces, a instrução e o vivo desejo de Domingos, concordaram em pôr de parte todos os escrúpulos e admitiram-no a receber, pela primeira vez, o Pão dos anjos.

É difícil descrever os sentimentos de santa alegria que arrebataram o coração daquele menino ao receber tão grata notícia. Correu para casa a comunicá-la com grande alegria à mãe. Ora rezando, ora lendo, passava muito tempo na igreja antes e depois da missa, e parecia que a sua alma já morava com os anjos do céu. Na véspera do dia fixado para a primeira comunhão foi ter com sua mãe e lhe disse: “Mamãe, amanhã vou fazer a minha comunhão; perdoe-me todos os desgostos que lhe dei; prometo ser muito melhor para o futuro: estarei mais atento na aula, serei obediente, dócil e respeitarei todas as suas ordens!”. Dito isso, desatou a chorar. A mãe, que até então dele só tinha recebido consolações, ficou também comovida e, reprimindo a custo as lágrimas, consolou-o dizendo: “Fica sossegado, Domingos, tudo está perdoado. Pede a Deus que te conserve sempre bom e reza por mim e por teu pai”.

Na manhã daquele dia memorável, levantou-se cedo e, vestindo sua melhor roupa, dirigiu-se para a igreja, que encontrou ainda fechada. Ajoelhou-se, como era seu costume, no limiar da porta, e começou a rezar até que chegaram os outros companheiros e a porta foi aberta. Com as confissões, a preparação e a ação de graças da comunhão, a cerimônia durou ao todo cinco horas. Domingos foi o primeiro a entrar na igreja e o último a sair. Durante todo aquele tempo não sabia se já se estava no céu ou na terra.

O dia da primeira comunhão ficou-lhe para sempre gravado na memória, e podemos dizer que foi o início, ou melhor, a continuação de uma

vida que poderia ser apontada como modelo de vida cristã. Alguns anos mais tarde, ao falar da primeira comunhão, seu rosto se transfigurava de emoção: “Oh! aquele dia foi para mim o mais belo da minha vida!”. Escreveu algumas lembranças que conservava cuidadosamente num livro de devoção e relia com frequência. Pude ter acesso a elas e transcrevo-as aqui na sua simplicidade original. Diziam assim: “Propósitos tomados por mim, Domingos Savio, em 1848, quando fiz a minha primeira comunhão, aos sete anos de idade: 1º Irei confessar-me frequentemente e farei a comunhão todas as vezes que o confessor me der licença. 2º Quero santificar os dias festivos. 3º Os meus amigos serão Jesus e Maria. 4º Antes morrer que pecar”.

Estas lembranças, por ele muitas vezes repetidas, foram como que o norte das suas ações até o fim da vida.

Se entre os que lerem este opúsculo houver alguém que ainda não fez a primeira comunhão, tomarei a liberdade de lhe recomendar que escolha por modelo Domingos Savio. Recomendo especialmente aos pais e às mães de família e a todos os que exercem alguma autoridade sobre a juventude que deem importância a este ato religioso. Convençam-se de que a primeira comunhão bem feita estabelece no coração um sólido alicerce moral para toda a vida, e é de estranhar que se encontre alguém que, tendo cumprido com convicção este solene dever, não continue a viver bem e virtuosamente. Pelo contrário, encontram-se aos milhares jovens levianos que são o desespero de seus pais e dos educadores: se formos indagar o motivo de tudo isso, chegaremos à conclusão de que esse comportamento tem a sua origem na pouca ou nenhuma preparação para a primeira comunhão. É melhor adiá-la, antes, é melhor não fazê-la do que fazê-la mal.

#### *Capítulo IV – Escola de Castelnuovo d’Asti - Episódio edificante – Sábia resposta a um mau conselho*

Tendo terminado a escola primária, há muito que Domingos deveria ter sido enviado para outro lugar onde pudesse continuar os estudos, coisa que não podia fazer ali na sua aldeia. Esse era o desejo de Domingos, bem como o de seus pais. Mas como partir, se lhe faltavam os meios necessários? Deus, senhor supremo de todas as coisas, providenciará o necessário para que este menino possa enveredar pela carreira a que o chamava. “Se eu fosse passarinho, dizia Domingos, voaria de manhã e à tarde até Castelnuovo e assim continuaria os meus estudos”.

O grande desejo que tinha de estudar fez-lhe superar todas as dificuldades e ele resolveu frequentar a escola municipal da região, embora ela ficasse à distância de quase quatro quilômetros. E assim aconteceu que um garoto de apenas dez anos percorria todos os dias 8 quilômetros, entre ida e volta, para ir à escola. Às vezes, o vento era importuno ou o sol, abrasador; outras, a lama ou a chuva o incomodavam. Não importa... É preciso vencer todos os incômodos e todas as dificuldades. Ele considera que a obediência aos pais é um modo de se aperfeiçoar na ciência da salvação, e isso lhe basta para suportar com alegria todas as fadigas. Uma pessoa de certa idade, vendo um dia Domingos a caminho da escola pelas duas horas da tarde, sob um sol ardente, teve com ele esta conversa como que para o animar:

– Meu amigo, não tens medo de andar sozinho nessas estradas?

– Não estou só, comigo está o Anjo da Guarda que me acompanha sempre.

– Não te cansas de fazer esta caminhada quatro vezes ao dia, com este sol tão quente?

– Nada me é penoso e não sinto a fadiga porque trabalho para um patrão que me paga bem.

– E quem é esse patrão?

– É Deus Nosso Senhor, que paga até um copo de água dado por seu amor.

Esta mesma pessoa contou mais tarde o episódio a alguns amigos seus e, sempre que o repetia, terminava dizendo: “Um rapazinho de tão tenra idade, que já alimentava tais pensamentos, dará certamente que falar de si, seja qual for a carreira que venha a seguir”.

Ao ir e vir da escola, Domingos via-se exposto a vários perigos para a sua alma, devido ao procedimento nada exemplar de certos companheiros. Muitos garotos, no tempo de verão, costumam tomar banho nos açudes, nos riachos, nas lagoas e em lugares semelhantes. Muitos meninos juntos, sem roupa, tomarem banho em lugar público, é um perigo não só para o corpo, mas também para a alma. Quantas famílias deploram a sorte de um filho que termina a existência se afogando! Quantos rapazes lamentam a perda da sua inocência por terem ido tomar banho com companheiros menos escrupulosos nesses malfadados lugares! Vários colegas de Domingos tinham esse costume. Não contentes de irem eles próprios, quiseram levá-lo em sua companhia e, um dia, conseguiram. Mas, avisado de que isso não era recomendável, Domingos mostrou-se sinceramente arrependido; nunca mais foram capazes de o levar. Chorou e deplorou por mais de uma vez o perigo que tinha corrido sua alma e seu corpo. Não obstante, dois meninos mais audaciosos e falantes fizeram nova tentativa:

- Domingos, queres vir tomar banho conosco?
- Não, não vou! Não sei nadar e tenho medo de morrer afogado.
- Vamos, é muito bom! Quem vai nadar, não sente o calor, tem apetite e goza de boa saúde.
- Mas já disse que tenho medo de morrer afogado.
- Deixa disso, nós vamos te ensinar a nadar como um peixe. Tu olhas como nós fazemos e fazes a mesma coisa. Verás que dentro da água nós somos como peixes e damos saltos de gigante.
- Mas não será pecado ir a esses lugares onde há tantos perigos?
- Nem pensar! Todo mundo vai!
- Não é porque todo mundo vai que deixa de ser pecado.
- Se não quiseres tomar banho, ficas vendo os outros.
- Basta! Estou confuso e não sei o que responder.
- Vamos, vamos! Acredita em nós! Tomamos a responsabilidade, e podes ficar certo de que te livraremos de todo o perigo.
- Antes de ir, quero pedir licença à minha mãe; se ela achar bem, irei; do contrário, não.
- Cala a boca, tonto. Nem pensar de dizer à tua mãe. Ela não te deixará vir e até será capaz de falar com os nossos pais, que nos poderão esquentar com uma sova.

– Então, se a minha mãe não me deixa ir, é sinal de que a coisa não é boa: por isso, não vou; se quereis que eu fale francamente, já me enganastes uma vez, e fui; mas nunca mais vou. Nesses lugares há sempre o perigo de morrer afogado e de ofender o Senhor. Não me faleis mais de ir nadar; porque se desagrada aos vossos pais, nunca deveis fazê-lo, pois o Senhor castiga os filhos que desobedecem aos pais.

Assim, dando uma boa resposta a esses maus conselheiros, Domingos evitava um grave perigo, que poderia ser a causa da perda da sua inocência e o começo de uma longa série de ofensas a Deus.

### *Capítulo V – O seu comportamento na escola de Castelnuovo d’Asti – Palavras do seu professor*

Frequentando essa escola, aprendeu a tratar com os companheiros. Se na escola via um rapaz atento nas aulas, respeitoso, que sabia bem as lições,

que fazia bem os trabalhos escolares e era elogiado pelos professores, escolhia-o logo como amigo. Entre os colegas havia brigões, insolentes, que descuidavam dos seus deveres, falavam mal e blasfemavam: Domingos fugia deles como da peste. Os que eram somente preguiçosos, cumprimentava-os, fazia-lhes algum favor quando preciso, mas não mantinha com eles familiaridade.

O comportamento de Domingos na escola de Castelnuovo d'Asti pode servir de modelo para qualquer estudante que deseja progredir na ciência e na piedade. A esse respeito, transcrevo a ponderada nota escrita pelo seu professor, padre Alexandre Allora<sup>44</sup>, então professor municipal naquele povoado. Eis o seu teor:

“É deveras grato para mim expor o meu parecer sobre o pequeno Domingos Savio. Ele, em muito pouco tempo, soube captar a minha benevolência, de tal forma que o amei com a ternura de um pai. Aceito com gosto este convite, porque conservo ainda viva a agradável lembrança do seu estudo, do seu comportamento e da sua virtude.

Não posso falar muito da sua conduta religiosa, porque, morando ele muito longe desta povoação, estava dispensado de vir à missa. Se nela tivesse participado, teria certamente sobressaído pela sua piedade e devoção.

Terminados os estudos da primeira classe elementar em Morialdo, este bom rapaz pediu e obteve logo a admissão na minha segunda classe elementar, precisamente no dia 21 de junho de 1852, dia consagrado pelos estudantes a São Luís Gonzaga, protetor da juventude. Era de compleição um pouco frágil e delicada, tinha um aspecto grave, com um toque de doçura e um não sei quê de grande e agradável. Era de índole meiga e carinhosa e de caráter pacífico. Mantinha sempre essa atitude tanto na aula como fora dela, na igreja como em toda a parte. De modo que, quando o professor pensava nesse seu discípulo, olhava para ele ou lhe dirigia a palavra, recebia logo no seu espírito a melhor das impressões. Para o educador isso pode ser considerado a maior das compensações, dado o árduo trabalho que tem, e muitas vezes em vão, para cultivar o espírito árido e mal disposto de certos alunos. Por isso, posso afirmar que foi sábio, de nome e de fato\*, no estudo, na piedade, na conversação e em todas as suas ações. Desde o primeiro dia em que entrou na minha classe até o fim daquele ano escolar, assim como nos quatro meses do ano seguinte, progrediu de modo extraordinário. Obteve sempre o primeiro lugar entre seus colegas e nos prêmios da escola; tinha quase sempre notas altas nas matérias que pouco a pouco se iam ensinando. Tão magníficos resultados nas ciências

<sup>44</sup> Alexandre José Allora [1819-1885].

\* “Savio” em italiano significa “sábio”: daí o sentido duplo da palavra usado pelo professor.

devem atribuir-se não só ao raro talento de que era prendado, mas também ao seu grande amor pelo estudo e pela virtude.

É digna de especial admiração a diligência com que procurava cumprir os mais pequeninos deveres de estudante cristão, especialmente a sua assiduidade e constância na frequência às aulas, de modo que, apesar de ser muito fraco, percorria diariamente mais de quatro quilômetros de caminho, quatro vezes ao dia entre ida e volta. E fazia isso de rosto prazenteiro e com admirável tranquilidade de espírito, mesmo sob as intempéries do inverno, chovesse ou nevasse, o que não podia deixar de ser notado pelo professor como prova e exemplo de raro mérito. Tendo tão bom aluno adoecido durante o ano letivo de 1852-53, e tendo posteriormente os pais mudado de residência, com grande pena minha, não pude continuar a dar aulas a tão querido aluno, cujas grandes e belíssimas esperanças iam diminuindo à medida que aumentava a minha preocupação de que ele não pudesse continuar os estudos por falta de saúde ou de recursos materiais.

Tive depois uma grande consolação quando soube que fora recebido no Oratório de São Francisco de Sales, porque via assim franqueado o caminho para o cultivo daquela inteligência e daquela piedade luminosa” (*até aqui o seu professor*).

### *Capítulo VI – Escola de Mondônio<sup>45</sup> – Salvo de uma grande calúnia*

Parece que a divina Providência quis revelar a Domingos Savio que o mundo não é mais do que um exílio, onde peregrinamos de um lugar para outro; ou talvez fosse seu desígnio torná-lo conhecido em diversos lugares, para ali se apresentar como belo espelho de virtude. No final de 1852 os pais de Domingos deixaram Morialdo e fixaram residência em Mondônio, pequena aldeia situada nos arredores de Castelnuovo d’Asti. Na nova residência, o filho continuou a mesma vida de Morialdo e Castelnuovo. Por isso, eu deveria repetir o que a seu respeito escreveram os seus professores anteriores, dado que

<sup>45</sup> “Mondônio, Mondômio, ou Mondone é uma pequena localidade com aproximadamente 400 habitantes; dista duas milhas de Castelnuovo d’Asti, onde é fácil deslocar-se por uma estrada que ultimamente foi construída mediante a perfuração de uma colina. Há referências a esta localidade que remontam a 1034. Passou para o domínio da Casa Saboia com o tratado de Cherasco de 1631” (nota no texto original).



o padre Cugliero<sup>46</sup>, que o teve como aluno, faz um depoimento quase semelhante. Dele transcrevo apenas alguns fatos especiais, omitindo o resto para evitar repetições.

“Posso dizer, escreve ele, que durante os vinte anos em que sou professor, nunca encontrei ninguém que se assemelhasse a Domingos Savio na piedade. Era criança na idade, mas sensato como um homem adulto. A sua diligência, a sua assiduidade no estudo, a sua afabilidade atraíam-lhe o afeto do mestre e tornavam-no o encanto dos companheiros. Quando eu o observava na igreja, ficava impressionado ao ver tanto recolhimento num menino de tão pouca idade. Muitas vezes disse para comigo: aí está uma alma inocente à qual se abrem as delícias do céu e que, com a pureza de seus afetos, se aproxima dos coros celestes”.

Entre os fatos especiais, o seu professor relata o seguinte: “Um dia, os meus alunos cometeram uma falta grave, de tal forma que o culpado merecia ser expulso da escola. Os implicados, prevendo as consequências, foram ter com o professor e, de comum acordo, lançaram a culpa em Domingos. Eu não o julgava capaz de semelhante desordem, mas os acusadores souberam pintar de tal modo a calúnia que acabei acreditando. Por isso, entrei na sala indignado com o que tinha sucedido, falei ao culpado em geral e depois me dirigi a Savio dizendo: “Tinhas de ser logo tu a cometer uma falta dessas? Não merecias ser expulso da escola agora mesmo? Tens a sorte de ser a primeira vez que me fazes uma coisa dessas; mas que seja também a última”. Bastaria que Domingos tivesse dito uma única palavra em sua defesa, e a inocência triunfaria. Mas calou-se; baixou a cabeça e, como se fosse o verdadeiro culpado, não voltou a levantar os olhos. Mas Deus protege os inocentes e, no dia seguinte, os verdadeiros culpados foram descobertos. Assim se tornou evidente a inocência de Domingos. Cheio de pena pela repreensão que lhe tinha dado como se fosse ele o culpado, chamei-o à parte e disse-lhe: “Por que não me disseste logo que eras inocente?”. Domingos respondeu: “Porque aquele rapaz, tendo já caído em várias faltas, seria expulso da escola; pelo contrário, eu esperava ser perdoado, por ser a primeira falta de que era acusado. Além disso, pensava no divino Redentor, que tinha sido caluniado injustamente”. Caléi-me então, mas todos admiraram a paciência de Savio, que ao mal soube responder com o bem, pronto a sofrer mesmo um grave castigo em favor do próprio caluniador (*assim o padre Cugliero*).

<sup>46</sup> “O padre José Cugliero [1808-1880] foi por alguns anos capelão beneficiado em Pino di Chieri; depois de uma vida exemplar, descansou no Senhor nesse mesmo povoado (nota no texto original).

*Capítulo VII – Como travei conhecimento com Domingos – Pormenores curiosos desse encontro*

O que agora vou contar posso fazê-lo com mais detalhes, pois tudo se passou sob meus olhos e em presença de muitos colegas seus que, sem discórdância, poderão testemunhar. Corria o ano de 1854 quando o referido padre Cugliero veio falar de um rapaz digno de particular atenção pela sua piedade. “Pode haver aqui no Oratório, dizia ele, meninos iguais, mas dificilmente se encontrará quem o exceda em talento e virtude. Experimente e encontrará um São Luís.

Ficou combinado que irei a Morialdo, uma vez que costumava ir lá de férias com os alunos desta casa e, ao mesmo tempo, fazíamos a novena e celebrávamos a festa de Nossa Senhora do Rosário. Na primeira segunda-feira de outubro, logo de manhã cedo<sup>47</sup>, vi um menino acompanhado pelo pai que se aproximava de mim para me falar. O seu semblante irradiando alegria e o seu ar risonho, mas respeitoso, despertaram logo a minha atenção e simpatia.

– Quem és, perguntei-lhe, e donde vens?

– Eu sou, respondeu ele, Domingos Savio, de quem lhe falou o senhor padre Cugliero, meu professor, e vim de Mondônio.

Chamei-o então à parte e, começando a interrogá-lo sobre os estudos feitos e sobre o teor de vida até então seguido por ele, criamos logo plena confiança, ele comigo e eu com ele.

Percebi que aquele menino estava todo impregnado de espírito do Senhor e fiquei admirado com o trabalho que a graça divina já tinha operado em tão tenra idade.

Depois de uma conversa bastante prolongada, antes de chamar o pai, disse-me estas palavras textuais:

– Então, que lhe parece? Leva-me para Turim para poder estudar?

– Parece-me que o tecido é bom.

– E para que pode servir este tecido?

– Para fazer uma bela roupa para oferecer ao Senhor.

– Portanto, se eu sou o tecido, vossa reverendíssima será o alfaiate; leve-me junto e faça uma bela roupa para Nosso Senhor.

<sup>47</sup> Segunda-feira, 3 de outubro de 1854.

- Receio que a tua frágil saúde não dê para aguentar os estudos.
- Não tenha medo. Deus, que até hoje me deu saúde e graça, também me ajudará daqui em diante.
- Mas, quando terminares os estudos de latim, que pretendes fazer?
- Se Nosso Senhor me conceder tão grande graça, desejo ardentemente seguir o estado eclesiástico.
- Muito bem: agora quero ver se tens capacidade para os estudos: pega neste livrinho (era um fascículo das *Leituras Católicas*), estuda hoje esta página e amanhã voltarás para a recitar de cor.

Dito isso, deixei-o em liberdade para que fosse brincar com os colegas e pus-me a falar com o pai. Não tinham passado ainda oito minutos, quando Domingos se aproximou de mim e me disse: “Se quer, digo já de cor a minha lição”. Peguei no livro, e com grande surpresa, vi que não só tinha estudado a página indicada, mas conhecia perfeitamente o sentido do que nela estava escrito.

– Muito bem, disse-lhe eu, antecipaste o estudo da tua lição e eu vou também antecipar a resposta. Levo-te para Turim e, a partir de agora, comesas a fazer parte dos meus caros filhos. Começa também a pedir a Deus que nos ajude, a mim e a ti, a fazer a sua santa vontade.

Não sabendo como exprimir melhor a sua alegria e a sua gratidão, pegou minha mão, apertou-a e beijou-a muitas vezes, dizendo: “Espero proceder de tal modo que nunca tenha de se lamentar do meu comportamento”.

### *Capítulo VIII – Chegada ao Oratório de São Francisco de Sales – As primeiras impressões sobre ele*

É próprio da idade volúvel da juventude mudar muitas vezes de ideias relativamente ao que quer; por isso, não raro sucede que hoje decide uma coisa e amanhã outra; hoje pratica uma virtude em grau eminente e amanhã o contrário; e se não houver quem a acompanhe atentamente, pode facilmente acabar mal uma educação que talvez poderia dar ótimos resultados. Não aconteceu assim com o nosso Domingos. Todas as virtudes que vimos nascer e crescer nas várias fases da sua vida se desenvolveram sempre maravilhosamente e em conjunto, sem que umas prejudicassem as outras.

Depois de chegar ao Oratório, foi ao meu aposento para se colocar, como ele dizia, inteiramente nas mãos dos seus superiores. Ao entrar, o seu olhar fixou logo um cartaz onde estão escritas em grandes caracteres as seguin-

tes palavras, frequentemente repetidas por São Francisco de Sales: *Da mihi animas, coetera tolle*. Leu-as com atenção, e eu desejava que compreendesse o seu significado. Por isso convidei-o, melhor, ajudei-o a traduzi-las e a extrair este sentido: *Ó Senhor, dai-me almas, e ficai com tudo o mais*. Ele pensou um momento e depois acrescentou: “Compreendi: aqui não se trata de dinheiro, mas de almas. Compreendi. E espero que a minha alma faça também parte deste santo comércio”.

O seu teor de vida durante algum tempo foi como o dos outros; mas o que se admirava nele era a exata observância do regulamento da casa. Aplicava-se com empenho no estudo. Cumpria com fervor todos os deveres. Ouvia com muito agrado os sermões. Tinha radicada no coração a convicção de que a Palavra de Deus é o guia do homem no caminho do céu, pelo que qualquer pensamento ouvido na pregação lhe ficava para sempre gravado na memória e nunca mais o esquecia.

Uma alocução moral, uma catequese, uma pregação, mesmo longa, para ele era sempre prazerosa. Ouvindo alguma coisa que não entendia bem, logo se apressava em pedir explicações. Assim começou aquele seu teor de vida, aquele contínuo progresso na virtude e aquela exatidão no cumprimento dos seus deveres, que dificilmente se poderá ultrapassar.

Para melhor conhecer o regulamento e a disciplina da casa procurava aproximar-se delicadamente de algum dos seus superiores, interrogava-o, pedia-lhe esclarecimentos e conselhos, e suplicava-lhe que se dignasse avisá-lo sempre que o visse transgredir os seus deveres. Não era menos recomendável o seu procedimento com os companheiros. Via algum dissipado ou descuidado na piedade? Fugia dele. Havia um companheiro exemplar, estudioso, diligente, elogiado pelos professores? Escolhia-o logo como amigo e confidente.

Aproximando-se a festa de Nossa Senhora da Conceição, o diretor, todas as noites, exortava os jovens da casa a celebrarem com solicitude e dignamente as glórias da Mãe de Deus; e insistia especialmente para que cada um pedisse à celeste protetora as graças de que mais precisava.

Corria o ano de 1854, em que os cristãos do mundo inteiro se encontravam numa espécie de agitação espiritual, porque em Roma se tratava da definição dogmática da Imaculada Conceição de Maria. Também nós fazíamos o que a nossa condição permitia para celebrar com dignidade e com proveito espiritual dos nossos jovens aquela solenidade.

Domingos Savio era um dos que manifestavam mais ardente desejo de a celebrar santamente. Escreveu nove pensamentos, ou antes, nove atos de virtude que devia praticar, escolhendo à sorte um para cada dia. Preparou-se, fez

uma confissão geral com toda a alegria e se aproximou dos santos sacramentos com o máximo recolhimento.

Na tarde daquele dia, 8 de dezembro, depois das cerimônias da igreja, ouvido o parecer do seu confessor, prostrou-se diante do altar da Virgem, renovou as promessas da sua primeira comunhão e depois repetiu muitas vezes estas palavras textuais: “Ó Maria, dou-vos o meu coração; fazei que eu seja sempre vosso. Jesus e Maria, sede sempre os meus amigos! Mas, por amor de Deus, dai-me a morte antes que me aconteça a desgraça de cometer um só pecado mortal!”.

Tomando, assim, Maria como sustentáculo da sua devoção, o seu comportamento tornou-se tão edificante e associado a tais atos de virtude, que comecei desde então a anotá-los para não me esquecer deles.

Chegado a este ponto, ao descrever as ações de Domingos Savio, vejo-me diante de um conjunto de fatos e virtudes que exigem a maior atenção, tanto de quem escreve como de quem lê. Daí que, para maior clareza, julguei conveniente expor os fatos, não segundo a ordem cronológica, mas segundo a analogia que eles têm entre si ou segundo a sua relação com a matéria a tratar. Dividirei, portanto, os assuntos em capítulos, começando pelo estudo do latim, que foi o motivo principal pelo qual ele veio e foi acolhido nesta casa de Valdocco.

*Capítulo IX – Estudo do latim – Curiosos incidentes – Comportamento na escola – Impede uma rixa – Evita um perigo*

Domingos tinha começado a estudar latim em Mondônio; por isso, graças à sua grande assiduidade no estudo e ao seu raro talento, passou logo para a quarta classe ou, como diríamos hoje, para a segunda gramática latina<sup>48</sup>. Fez esse curso com o piedoso e caridoso professor José Bonzanino<sup>49</sup>, pois nesse tempo ainda não estavam em vigor os cursos liceais na casa do Oratório, como estão agora. Eu deveria referir também aqui o comportamento, o aproveitamento e as maneiras corretas e exemplares de Domingos Savio, com as mesmas palavras dos seus professores anteriores. Por isso, exporei apenas alguns fatos que, nesse ano de latinidade e nos dois seguintes, foram notados

<sup>48</sup> Deveria ter dito *segunda ginásial*; com a Lei Casati (1859), o currículo de estudos clássicos, que antes estava dividido em 3 classes de *latinidade inferior* (sexta, quinta, quarta), 3 classes de *latinidade superior* (terceira ou gramática, humanidades, retórica) e biênio de filosofia (física e lógica), foi articulado em dois ciclos: *ginásio* (5 classes) e *liceu* (3 classes).

<sup>49</sup> Carlos José Bonzanino (falecido em 1888) dava aulas particulares para 20 alunos na sua residência; com o tempo se fará Cooperador Salesiano.

com particular admiração pelos que o conheceram. O professor Bonzanino afirmou muitas vezes que não se lembrava de um aluno mais atento, mais dócil, mais respeitoso do que o jovem Savio! Era um verdadeiro modelo em tudo. Na roupa e no cabelo nada tinha de rebuscado; e, no entanto, com a sua modéstia no vestir e na sua condição humilde, apresentava-se sempre limpo, bem-educado, cortês, de tal forma que, mesmo os companheiros de condição média e até os da nobreza, que em grande número frequentavam a escola, tinham prazer em falar com ele, não só por causa do seu saber e piedade, mas principalmente pelas suas maneiras e pelo modo de tratar. E se por vezes o professor devia lidar com alunos arruaceiros e irrequietos, colocava Domingos a seu lado, que com jeito estudava a maneira de os conduzir ao silêncio, ao estudo e ao cumprimento dos seus deveres.

É justamente no decorrer desse ano que a vida de Domingos nos oferece um fato que classificarei de heroico e que parece incrível em tão tenra idade. Refere-se a dois companheiros de escola que se envolveram numa rixa perigosa. O desentendimento começou com algumas palavras trocadas entre eles em desprezo das respectivas famílias. Depois de algumas expressões desbocadas e insultuosas, desafiaram-se para um duelo a pedradas. Domingos ficou sabendo da discórdia, mas como impedi-la, sendo os dois rivais mais fortes e mais velhos do que ele? Tentou convencê-los a desistir do plano, mostrando-lhes que a vingança era contrária à razão e à santa lei de Deus. Escreveu cartas a um e a outro; ameaçou levar o caso aos professores e até aos pais, mas tudo em vão. Os ânimos estavam tão exacerbados que era inútil qualquer palavra. Além do perigo de se ferirem gravemente, seria feita grave ofensa a Deus. Domingos estava muito preocupado, queria impedir o duelo e não sabia como. Deus, porém, o inspirou a fazer assim: esperou-os fora da aula e, chamando cada um à parte, disse: “Já que teimais no vosso triste projeto, peço-vos que aceiteis ao menos uma condição”. “Aceitamos, responderam, contanto que não impeça o nosso desafio”. “Esse aqui é um patife, replicou logo um deles. E não descansarei, acrescentava o outro, enquanto um de nós não tiver a cabeça rachada”. Savio tremia ao ouvir essa discussão brutal. No entanto, desejando evitar um mal maior, parou e disse: “A condição que vos quero pôr não impede o desafio”.

– Qual é ela, então?

– Desejaria dizê-la só no lugar onde quereis bater-vos em duelo.

– Estás brincando conosco, replicou um deles, ou então tentas criar alguma dificuldade...

– Estarei simplesmente ao vosso lado, e não vos enganarei; podeis ficar descansados.

– Vais talvez chamar alguém?...

– Deveria fazê-lo, mas não o faço. Irei só eu convosco. Mas sede fiéis à palavra dada.

Prometeram e dirigiram-se para os assim chamados *prados da Cidadela*, fora da Porta Susa<sup>50</sup>).

Era tal o ódio dos dois contendores, que só a muito custo Savio conseguiu impedir que chegassem às vias de fato durante o breve trajeto.

No local determinado, Savio tomou uma atitude em que ninguém, certamente, teria pensado. Deixou que se colocassem a certa distância, tendo cada um cinco pedras na mão, e falou-lhes assim: “Antes de começar o desafio, quero que cumprais a condição que aceitastes. E tirando um pequeno crucifixo que trazia ao pescoço ergueu-o numa das mãos e acrescentou: “Quero que cada um de vós ponha os olhos neste crucifixo e que depois, atirando-me uma pedra, diga em voz alta estas palavras: “Jesus Cristo, inocente, morreu perdendo aos seus algozes<sup>51</sup>, e eu, pecador, quero ofendê-lo e vingar-me”.

Dito isso, ajoelhou-se aos pés daquele que parecia mais furioso, dizendo: “Atira a primeira pedra contra mim; vamos, parte-me a cabeça”. O rapaz, que não esperava esse gesto, pôs-se a tremer e exclamou: “Isso, nunca! Nada tenho contra ti, até mesmo eu te defenderia se alguém quisesse maltratar-te”.

Ouvindo isso, Domingos correu para o outro, e repetiu-lhe as mesmas palavras. Este, por seu turno, ficou também perturbado e, a tremer, respondeu que, sendo seu amigo, não lhe faria mal algum.

Diante isso, Domingos levantou-se, e pondo-se entre eles com aspecto sério e comovido, disse-lhes: “Então, estais ambos dispostos a afrontar até um perigo grave para me defender, a mim que sou uma criatura miserável, e não sois capazes de perdoar um insulto ocorrido na escola, para salvar a vossa alma que custou o sangue ao Salvador e que quereis perder com este pecado?”. E calou-se, conservando o crucifixo erguido ao alto.

Perante essa prova de coragem e de caridade, os dois rivais deram-se por vencidos. “Naquele momento, escreveu um deles, fiquei sem fala. Um arripio glacial percorreu-me o corpo e fiquei envergonhado por ter obrigado um amigo tão bom, como Savio, a usar medidas extremas para impedir o nosso malvado desejo. Querendo dar-lhe ao menos um sinal de bondade, perdoei de

<sup>50</sup> “Esses prados estão hoje cobertos de edifícios e o local daquela briga corresponde à área onde está construída a igreja paroquial de Santa Bárbara” (nota no texto original). A igreja de Santa Bárbara foi inaugurada em 18 de abril de 1869.

<sup>51</sup> Cf. Lc 23,34.

todo o coração a quem me tinha ofendido e pedi a Domingos que me indicasse um sacerdote paciente e caridoso para me confessar. Ele acedeu ao meu desejo e, alguns dias depois, fui com o meu rival fazer a confissão. Deste modo, depois de ter reatado a amizade com ele, fiquei reconciliado com o Senhor, a quem tinha ofendido gravemente com o ódio e o desejo de vingança”.

Exemplo digno de ser imitado por todo o jovem cristão, sempre que lhe acontecer ver o seu semelhante ofendido ou injuriado e com desejos de se vingar.

Mas o que mais honrou o procedimento e a caridade de Domingos Savio foi o silêncio que guardou acerca do que se passara. Tudo teria caído no esquecimento, se os que tomaram parte no acontecido não o tivessem contado repetidas vezes.

A ida e a volta da escola, tão perigosas para os jovens que vão dos povoados às grandes cidades, foram para o nosso Domingos um verdadeiro exercício de virtude. Constante no cumprimento das ordens dos seus superiores, ia à escola e regressava para casa sem se distrair com o que se passava à sua volta. E também nunca deu ouvidos a coisas que não convinham a um jovem cristão. Se lhe sucedia encontrar-se com companheiros turbulentos que faziam travessuras, atiravam pedras ou passavam por lugares suspeitos, logo se afastava deles.

Um dia convidaram-no para dar um passeio sem licença; noutra ocasião aconselharam-no a faltar às aulas para ir se divertir; mas Domingos, com boas maneiras, esquivou-se sempre desses convites, respondendo: “O meu melhor divertimento é o cumprimento dos deveres; se sois meus verdadeiros amigos, deveis aconselhar-me a cumpri-los com exatidão e não a transgredi-los. Apesar de tudo, teve a infelicidade de tratar com alguns companheiros levianos; estes tanto o assediaram e apoquentaram, que estive em risco de ser vítima deles. E já estava decidido a ir com eles e a faltar às aulas. Mas, percebendo que seguia um mau conselho, senti grande remorso; chamou logo os maus conselheiros e lhes disse: “Meus amigos, o nosso dever é ir às aulas e é o que eu vou fazer. Devemos evitar tudo o que desagrade a Deus e aos nossos superiores; estou arrependido do que fiz; se me derdes outra vez semelhantes conselhos, deixareis de ser meus amigos”.

Todos aqueles jovens aceitaram o aviso do seu amigo; foram com ele para a escola e nunca mais procuraram desviá-lo dos seus deveres. No fim do ano, devido ao seu bom comportamento e especial aplicação ao estudo, mereceu ser promovido entre os melhores para a classe seguinte. No princípio do terceiro ano de gramática, porém, a saúde de Domingos estava um pouco abalada, e por isso achou-se conveniente deixar-lhe fazer o curso particular



nesta casa do Oratório, de maneira a ter com ele os necessários cuidados no descanso, no estudo e durante os recreios.

No primeiro ano de humanidades ou de primeira retórica, parecendo melhor de saúde, foi confiado ao benemérito senhor professor padre Mateus Picco<sup>52</sup>. Este já tinha ouvido falar muitas vezes dos dotes que caracterizavam Domingos; por isso recebeu-o de graça na sua escola, que era considerada uma das melhores da nossa cidade.

Numerosos são os episódios edificantes atribuídos a Savio no ano de terceira gramática e primeira retórica; iremos expô-los à medida que formos narrando os fatos com eles relacionados.

### *Capítulo X – A sua decisão de tornar-se santo*

Feita esta breve referência aos estudos de latim, vamos agora falar da sua grande decisão de se santificar.

Havia seis meses que Savio entrara no Oratório, quando, um dia, fez-se uma pregação sobre o modo fácil de nos tornarmos santos. O pregador deteve-se, especialmente, a desenvolver três pontos que causaram profunda impressão no espírito de Domingos, a saber: é vontade de Deus que todos nos santifiquemos; é muito fácil conseguir este intento; terá um grande prêmio no céu quem conseguir tornar-se santo. Esta pregação foi como que uma centelha que abrasou o seu coração no amor de Deus. Durante alguns dias nada disse, mas estava menos alegre que de costume. Os companheiros deram-se conta, tal como eu. Julgando que isso fosse causado por novo incômodo de saúde, perguntei-lhe se sofria de algum mal. “Pelo contrário, respondeu, estou sofrendo algum bem”. “Que quer dizer com isso?”. “Quero dizer que sinto desejo e necessidade de tornar-me santo. Não pensava que fosse tão fácil. Agora sei que posso ser santo estando alegre, quero-o absolutamente e sinto mesmo absoluta necessidade de me tornar santo. Diga-me, portanto, como devo proceder para começar esse desafio”.

Louvei o seu propósito, mas exortei-o a que não se inquietasse, porque no meio da agitação interior não se conhece a voz do Senhor; que, pelo contrário, eu queria em primeiro lugar uma constante e moderada alegria: e aconselhando-o a ser perseverante no cumprimento dos seus deveres de piedade e de estudo, recomendei-lhe que não deixasse de participar sempre no recreio com os seus companheiros.

<sup>52</sup> Mateus Picco (1810-1880); dava aulas particulares na própria residência.

Um dia disse-lhe que queria dar-lhe um presente, mas do seu gosto, e que era meu desejo que a escolha fosse sua. “O presente que lhe peço, respondeu prontamente, é que me faça santo. Quero entregar-me inteiramente ao Senhor, para sempre ao Senhor, pois sinto uma grande necessidade de me fazer santo; e se não for santo, eu serei um nada. Deus quer-me santo: e eu devo fazer isso”.

Noutra ocasião o diretor quis dar um sinal de especial afeto aos jovens da casa e deu-lhes a possibilidade de pedirem num bilhete qualquer coisa que lhe fosse possível, prometendo que a concederia. Podemos facilmente imaginar os pedidos ridículos e extravagantes formulados por uns e por outros. Domingos Savio, pegando num pedacinho de papel, escreveu apenas estas palavras: “Peço que salve a minha alma e me faça santo”.

Um dia explicava-se a etimologia de certas palavras. “E Domingos, perguntou ele, que quer dizer?”. “Domingos, respondi, quer dizer *do Senhor*”. “Veja, acrescentou logo, se não tenho razão de lhe pedir que me faça santo; até o nome diz que devo ser do Senhor. Portanto, eu quero e devo ser do Senhor, quero fazer-me santo e estarei infeliz enquanto não for santo”.

O desejo ardente que ele demonstrava de querer fazer-se santo não provinha do fato de ele não ter uma vida verdadeiramente de santo, mas dizia isso porque queria fazer duras penitências e passar longas horas em oração; e estes projetos eram-lhe expressamente proibidos pelo diretor, por serem incompatíveis com a sua idade, saúde e ocupações.

### *Capítulo XI – O seu zelo pela salvação das almas*

A primeira coisa que lhe foi aconselhada para se fazer santo foi de empenhar-se em ganhar almas para Deus, pois não há no mundo coisa mais santa do que cooperar para o bem das almas, pelas quais Jesus Cristo derramou até a última gota o seu precioso sangue. Domingos compreendeu o alcance desse trabalho e muitas vezes o ouviram dizer: “Oh! como seria feliz se pudesse ganhar para Deus todos os meus companheiros!”. Aproveitava, pois, de todas as ocasiões para dar bons conselhos e avisar os que tinham dito ou feito alguma coisa contrária à santa lei de Deus.

O que sobretudo lhe causava grande horror e lhe fazia mal à saúde era a blasfêmia ou ouvir invocar o santo nome de Deus em vão. Se, porventura, ao passar pela cidade ou por qualquer outra parte, lhe sucedesse ouvir semelhantes palavras, baixava penalizado a cabeça e dizia com coração devoto: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!”.

Passando certo dia por uma praça da cidade, quem o acompanhava viu-o tirar o chapéu e proferir algumas palavras baixinho. “Que estás dizendo?”. “Não ouviste aquele carroceiro invocar o nome de Deus em vão? Se eu soubesse que ele se arrepende, iria ter com ele para o aconselhar a que não mais falasse assim; mas receio que ainda faça pior; por isso, limitei-me a tirar o chapéu e dizer: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! Faça isso com intenção de reparar, como me é possível, a injúria feita ao santo nome de Deus”.

O companheiro admirou o comportamento e a coragem de Domingos e, com grande satisfação, ainda hoje conta o episódio em honra do amigo e para edificação dos companheiros.

Ao voltar uma vez da escola, ouviu um homem de idade avançada proferir uma horrível blasfêmia. Estremeceu. Dirigiu um ato de reparação a Deus no íntimo do seu coração e fez uma coisa deveras admirável. Em atitude respeitosa, aproximou-se do blasfemo e perguntou-lhe se sabia indicar-lhe a casa do Oratório de São Francisco de Sales. Vendo aquele semblante de paraíso, o carroceiro desanuviou o rosto carregado e respondeu-lhe: “Não sei, querido menino, sinto muito”.

– Ah! se o senhor não sabe o que lhe pergunto, poderia fazer-me outro favor?

– Com muito gosto.

Domingos aproximou-se o mais que pôde do seu ouvido e, baixinho, para que os outros não ouvissem, disse-lhe: “Muito lhe agradeceria se, nos seus ímpetos de cólera, dissesse outras palavras sem blasfemar do santo nome de Deus”.

– Bravo, respondeu o outro, estupefato e cheio de admiração: muito bem, tens razão. É um vício maldito que quero vencer a todo o custo.

Um dia aconteceu que um garoto dos seus nove anos se pôs a discutir com outro perto da porta de casa e, na briga, proferiu sem respeito o adorável nome de Jesus Cristo. Domingos, ao ouvir essa palavra, embora sentisse uma justa revolta em seu coração, meteu-se entre os dois contendores e com bons modos aquietou-os. Em seguida, chamando aquele que tinha pronunciado o nome de Deus em vão, disse-lhe: “Vamos, vem comigo e ficarás contente...”. As boas maneiras de Domingos induziram o menino a acompanhá-lo. Tomou-o pela mão, levou-o a uma igreja, ajoelhou-se com ele diante do altar e disse-lhe: “Pede perdão a Deus da ofensa que lhe fizeste quando pronunciasse o seu santo nome sem o devido respeito. É como o garoto não sabia o ato de contrição, fez com que ele o repetisse palavra por palavra. Depois, acrescentou: “Dize comigo o que te vou dizer, a fim de reparares a ofensa feita a Jesus

Cristo: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado seu nome santo e adorável”.

Lia de preferência a vida dos santos que mais se tinham empenhado na salvação das almas. Falava com gosto dos missionários que se sacrificam em terras longínquas pelo bem das almas; e, não podendo enviar-lhes auxílios materiais, oferecia a Deus todos os dias algumas orações, e uma vez por semana, pelo menos, fazia por eles a sagrada comunhão. Muitas vezes eu o ouvi dizer: “Quantas almas aguardam a nossa ajuda na Inglaterra! Oh! se tivesse forças e virtude, iria eu mesmo e, com a palavra e com o exemplo, haveria de ganhá-las todas para o Senhor!”. Lamentava muitas vezes consigo mesmo e com seus companheiros o pouco zelo que muitos têm em instruir as crianças nas verdades da fé. “Quando for seminarista, dizia, irei a Mondônio, reunirei todas as crianças num alpendre e lhes ensinarei o catecismo, contarei muitos exemplos e os ajudarei a se fazerem santos. Quantos meninos se desencaminham por não terem quem lhes ensine a doutrina cristã!”. E o que ele dizia confirmava-o em seguida com os fatos, pois, apesar da pouca idade e instrução, gostava de dar catequese na igreja do Oratório; e, se alguém necessitasse de catequese em particular, ele se dispunha a ministrá-la a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana, com o único propósito de poder falar de coisas espirituais e de dar a conhecer a importância da salvação da alma.

Um dia, um companheiro indiscreto tentou interrompê-lo, quando estava no recreio contando um fato. “Mas que tens tu a ver com isso?”, perguntou o rapaz. “Que tenho eu a ver com isso?”, respondeu Domingos. Tenho muito a ver, porque a alma dos meus companheiros foi remida pelo sangue de Jesus Cristo; tenho muito a ver, porque somos todos irmãos e, como tais, devemos amar reciprocamente a nossa alma; tenho muito a ver, porque Deus recomenda que nos ajudemos a salvar-nos uns aos outros; tenho muito a ver, porque, se conseguir salvar uma alma, asseguro também a salvação da minha”.

Esta solicitude pelo bem das almas não diminuía no breve tempo de férias que passava na casa paterna. Qualquer imagem, medalha, crucifixo, livrinho ou outro objeto que ganhasse na escola ou na catequese, punha-os de parte para oferecer quando estivesse de férias. Mais ainda: antes de partir do Oratório, costumava pedir aos superiores alguns desses objetos para alegrar, como ele dizia, os seus amigos de diversões. Mal chegava à sua terra, via-se logo rodeado de garotos da sua condição, uns menores, outros maiores, que sentiam uma grande alegria em estar com ele. Domingos distribuía, então, os presentes que tinha trazido, e levava-os a estar atentos às perguntas que lhes fazia, ora sobre o catecismo, ora sobre os deveres particulares de cada um.

Com essas boas maneiras conseguia habilmente levar alguns deles à catequese, à oração, à missa e a outras práticas de piedade.

Contaram-me que empregou bastante tempo para ensinar um dos companheiros. “Se conseguires fazer bem o sinal da cruz, dizia Domingos, dou-te uma medalha; depois, vou recomendar-te a um padre que te dará um lindo livro. Mas queria que o fizesses bem e que, ao dizeres as palavras, levasse a mão direita à testa, depois ao peito, ao ombro esquerdo e ao direito, terminando por unir as mãos e dizendo: *Assim seja*”. Desejava ardentemente que este sinal da nossa Redenção fosse sempre bem feito; e ele mesmo fazia-o com frequência na presença dos outros, como a convidá-los a que o imitassem.

Além de cumprir com a maior exatidão todos os deveres, mesmo os mais insignificantes, tomava conta de dois irmãozinhos, a quem ensinava a ler, escrever e recitar o catecismo, assistia-os na oração da manhã e da noite. Levava-os à igreja, oferecia-lhes a água benta e mostrava-lhes como deviam fazer o sinal da santa cruz. Em vez de passar o tempo se divertindo, aproveitava-o para contar exemplos edificantes aos familiares ou aos companheiros que o quisessem ouvir. Quando estava na sua terra, todos os dias fazia uma visita ao Santíssimo Sacramento e ficava muito contente se conseguia levar algum dos companheiros. Pode-se dizer, pois, que não deixava perder nenhuma ocasião de fazer uma boa obra ou de dar um bom conselho, o que redundava sempre em proveito da alma.

### *Capítulo XII – Episódios e belas maneiras de conversar com os companheiros*

O pensamento de ganhar almas para Deus acompanhava-o por toda a parte. No tempo livre era a alma do recreio, mas em tudo procurava sempre o seu bem moral ou dos outros. Respeitava todos os princípios da boa educação e nunca interrompia os outros quando falavam. Se os companheiros se calavam, procurava logo tratar de questões escolares de história, de aritmética, e tinha sempre mil e uma histórias para contar que tornavam muito amena a sua companhia. Se por acaso alguém puxasse a conversa para assuntos de murmuração, interrompia imediatamente e, com um gracejo ou uma pequena história, ou outra coisa para fazer rir, mudava de assunto, evitando assim que os seus companheiros ofendessem a Deus.

O ar alegre e o temperamento vivo de Domingos tornavam-no querido até mesmo dos companheiros menos piedosos, de tal maneira que todos gostavam muito de falar com ele, levando em consideração os conselhos que, de quando em quando, lhes dava. Uma ocasião, um dos companheiros lembrou-se de se mascarar, ao que Domingos se opôs. “Gostarias realmente de ser aquele de que te queres mascarar, com dois chifres na testa, um nariz de um

palmo e meio e um traje de charlatão?”. “Isso, nunca!”, respondeu o outro. “Então, se não desejas ter essa figura ridícula, por que queres deturpar a bela fisionomia que Deus te deu?”.

Uma vez, durante o recreio, aproximou-se dos meninos que se divertiam um homem e, dirigindo-se a um deles, começou a falar tão alto que todos em redor puderam ouvir. O homenzinho, para os atrair, começou a falar-lhes de coisas que faziam rir. E eles, levados pela curiosidade, bem depressa se apinharam em volta do desconhecido, escutando com a maior atenção aquelas lorotas. Apenas percebeu que escutavam com interesse, fez recair a conversa sobre religião e, como é costume entre gente dessa laia, saiu-se com tais disparates que horrorizavam, ridicularizando as coisas mais santas e desacreditando os sacerdotes. Alguns dos presentes, indignados ao ouvir palavras tão ímpias e não tendo coragem de o contradizer, limitaram-se a se afastar. Um bom número, porém, continuava imprudentemente a ouvi-lo. A essa altura chegou Domingos. Apenas percebeu que a conversa era inconveniente, vencendo todo o respeito humano, dirigiu-se aos companheiros, dizendo-lhes: “Vamos embora. Deixemos sozinho este infeliz: ele quer roubar-nos a alma”. Os garotos, obedientes à voz de tão amável e virtuoso companheiro, retiraram-se todos, deixando sozinho aquele enviado do demônio. E o homenzinho, vendo-se abandonado, tratou de se retirar e nunca mais voltou.

De outra vez, alguns queriam ir tomar banho. Se isso é perigoso em qualquer lugar, muito mais na região de Turim, onde, sem falar do perigo de imoralidades, se encontram águas tão profundas e impetuosas, que muito frequentemente os jovens são vítimas infelizes do banho. Domingos deu-se conta disso e procurava entreter-se com eles para lhes fazer passar a ideia, contando historietas e novidades. Mas quando os viu querendo ir a todo custo, então lhes falou de forma resoluta:

- Não, disse, não quero que vades.
- Não vamos fazer mal nenhum.
- Ireis desobedecer aos vossos superiores, ireis expor-vos a escândalos e ao perigo de morrer afogados, e ainda dizeis que não é mal?
- Mas temos um calor que não se aguenta.
- Se não podeis aguentar o calor deste mundo, podereis acaso suportar o calor do inferno, que ides merecer com a vossa imprudência? Convencidos, mudaram de ideia, puseram-se a brincar com Domingos e, à hora marcada, foram assistir às cerimônias religiosas na igreja.

Alguns alunos do Oratório, desejando o bem dos seus companheiros, reuniram-se numa espécie de sociedade para trabalhar na conversão dos mais

díficeis: Savio também pertencia a essa sociedade e era um dos mais zelosos. Sempre que conseguia arranjar um doce, fruta, uma cruz, uma medalha, reservava tudo para esse fim. "Quem quer, quem quer?", ia dizendo. "Eu, eu", gritavam todos correndo para ele. "Devagar, devagar, dizia ele. Quero dá-lo a quem souber responder melhor a uma pergunta de catecismo". Mas só perguntava aos mais descuidados e apenas lhe davam uma resposta satisfatória, entregava-lhes o pequeno presente.

Outros eram também atraídos, mas de outras maneiras: chamava-os, convidava-os a passear, deixava que se abrissem e, se fosse preciso, brincava com eles. Por vezes, foi visto com um grande pau aos ombros, como Hércules com a maçã a tomar parte no jogo da *rã*<sup>53</sup>, mostrando-se apaixonado por esse divertimento. De repente, porém, parava e dizia ao companheiro: "Queres que nos vamos confessar no sábado?". O outro, por estar ainda longe esse dia ou para continuar o jogo, ou mesmo para lhe ser agradável, respondia que sim. Bastava isso para Domingos e continuava o jogo. Mas não o perdia mais de vista. Todos os dias, por um motivo ou por outro, lembrava-lhe aquele sim e ia-lhe indicando a maneira de se confessar bem. Chegado o sábado, como um caçador que fez uma boa caçada, acompanhava-o à igreja, confessava-se primeiro, prevenia o confessor, se necessário, e logo depois rezava com ele a ação de graças. Estes fatos, que eram frequentes, enchiam Domingos de grande consolação e eram de grande proveito para os outros. Com frequência, notava-se que alguns não colhiam frutos das pregações ouvidas na igreja; entretanto, esses mesmos dificilmente resistiam às piedosas sugestões de Domingos.

Acontecia por vezes que algum colega prometia a semana inteira e depois, no sábado, não se deixava ver à hora de se confessar. Quando em seguida ele o encontrava de novo, quase a brincar, dizia-lhe: "Ah maroto! Tu me pregaste uma peça!". "Olha, dizia o outro, não estava disposto, não tinha vontade...". "Pobre de ti, acrescentava Domingos, cedeste ao demônio que estava muito bem disposto para te receber; mas agora ainda estás menos disposto e vejo-te de mau humor. Vamos, experimenta ir confessar-te, faze um esforço, procura confessar-te bem e verás de quanta alegria ficará repleto o teu coração". Quase sempre, depois de se ter confessado, esse tal vinha logo ter com Domingos com o coração a transbordar de alegria e dizia: "É verdade, agora estou mesmo contente; no futuro quero confessar-me com mais frequência".

Nas comunidades de jovens costuma haver alguns que por serem mais brutos, ignorantes, menos educados ou amargurados por algum desgosto, são

<sup>53</sup> O jogo consistia em bater com um porrete na ponta da bilharda (cilindro de madeira, de um palmo de comprimento, com extremidades arredondadas e pontiagudas), fazendo-a saltar no ar para bater nela de novo e antes de cair lançá-la o mais longe possível.

muitas vezes postos de parte pelos companheiros. Esses sofrem o peso do abandono, quando têm mais necessidade do conforto de um amigo.

Eram esses os amigos de Domingos. Aproximava-se deles, animava-os com uma agradável conversa, dava-lhes bons conselhos; com frequência aconteceu que jovens, decididos a entregar-se à desordem, animados pelas caridosas palavras de Savio, retornavam aos bons sentimentos.

Por isso, todos os que se encontravam doentes, pediam-no como enfermeiro, e os que tinham desgostos encontravam conforto partilhando-os com ele. Dessa maneira tinha sempre caminho aberto para exercer a caridade com o próximo e, ao mesmo tempo, ganhar merecimentos diante de Deus.

### *Capítulo XIII – O seu espírito de oração – Devoção à Mãe de Deus – O mês de Maria*

Entre os dons de que Deus o enriqueceu, sobressaía o do fervor na oração. O seu espírito estava tão habituado a conversar com Deus que, em qualquer lugar, mesmo no meio da maior confusão, Domingos concentrava os seus pensamentos e, com piedoso afeto, elevava o coração a Deus.

Quando orava em comum, parecia um anjo: imóvel, em atitude devota, sem se apoiar em nada, apenas de joelhos, de rosto sorridente, cabeça um pouco inclinada e olhos baixos; teríeis reconhecido um outro São Luís. Bastava vê-lo para se ficar edificado. Em 1854 o senhor Conde Cays foi eleito presidente da Companhia de São Luís, fundada no Oratório. Da primeira vez que tomou parte nas nossas celebrações, viu um rapaz que rezava com uma atitude tão devota que lhe causou grande admiração. Terminadas as cerimônias sagradas, quis saber quem era aquele que tanto o impressionara: aquele rapaz era Domingos Savio.

Sacrificava quase sempre uma parte do recreio: em geral, algum tempo era passado em piedosa leitura ou em oração, que ia fazer na igreja com alguns companheiros em sufrágio das almas do purgatório ou em honra de Maria Santíssima.

Domingos tinha uma grande devoção à Mãe de Deus. Em sua honra fazia diariamente alguma mortificação. Nunca fitava pessoas de outro sexo. Ao ir às aulas, raramente levantava os olhos do chão. Passando às vezes perto de espetáculos públicos, que produziam nos companheiros tal ansiedade que perdiam a noção de onde estavam, ao perguntarem-lhe se tinha gostado, Domingos respondia que não tinha visto nada. Um dia, um companheiro,



encolerizado, reprovou esse seu modo de proceder, dizendo-lhe: “Para que tens tu esses olhos, se não te servem para ver tais coisas?”. “Os meus olhos, respondeu Domingos, quero-os para ver o rosto da nossa celeste mãe Maria, quando, se com o auxílio de Deus for digno, a for encontrar no paraíso”.

Cultivava uma devoção especial ao Imaculado Coração de Maria. Todas as vezes que entrava numa igreja, ia logo ao seu altar para lhe pedir que lhe concedesse a graça de conservar o seu coração bem longe de qualquer afeto impuro. “Maria, dizia ele, quero ser sempre vosso filho. Fazei que morra antes que me suceda a desgraça de cometer um pecado contra a virtude da modéstia”.

Todas as sextas-feiras escolhia um momento de recreio, ia à igreja com outros companheiros para recitar a coroa das setes dores de Maria, ou pelo menos as ladainhas de Nossa Senhora das Dores<sup>54</sup>.

Não se limitava a ser devoto de Nossa Senhora, mas ficava radiante de alegria todas as vezes que podia levar alguém a honrá-la com práticas de piedade. Certo sábado convidou um amigo a ir com ele à igreja rezar as vésperas da Bem-aventurada Virgem Maria. Este tentou esquivar-se alegando ter as mãos frias. Domingos tirou imediatamente as luvas, ofereceu-as ao companheiro e entraram ambos na igreja. Em outra ocasião emprestou o capote a um companheiro friorento para o mesmo fim. Quem não ficará cheio de admiração perante tais atos de generosidade?

Em nenhum momento Domingos tinha tanto fervor para com a celeste protetora como no mês de maio. Combinava com outros para, em cada dia desse mês, fazer uma cerimônia particular, além das que se faziam na igreja. Preparava uma série de exemplos edificantes, que narrava aos companheiros para os animar a serem devotos de Maria Santíssima. Falava nisso durante os recreios e animava-os a se confessarem e comungarem, especialmente naquele mês. Era o primeiro a dar o exemplo, aproximando-se todos os dias da sagrada mesa com tal recolhimento que maior não se podia desejar.

Um episódio curioso revela-nos a ternura que ele consagrava à Mãe de Deus. Os alunos do seu dormitório deliberaram fazer, com despesas do próprio bolso, um elegante altarcinho para solenizarem com mais brilho o encerramento do mês de Maria. Domingos era incansável nesse trabalho; mas chegando o momento do pagamento da quota que cada um devia dar, começaram as dificuldades. Domingos declarou: “Até aqui, tudo bem, mas para isso é preciso dinheiro e é o que eu não tenho. No entanto, quero contribuir de qualquer modo, custe o que custar”. E, dizendo isso, foi buscar um livro

<sup>54</sup> Cf. “Coroinha de Nossa Senhora das Dores”, em *Jovem Instruído* (cf. n. 184).

que lhe tinha sido dado de prêmio e, pedindo licença aos superiores, voltou radiante de alegria, dizendo: “Meus amigos, estou em condições de concorrer com alguma coisa para honrar a Virgem Santíssima; aqui está este livro; faizei o uso que dele quiserdes; é a minha oferta”.

À vista daquele ato espontâneo de generosidade, os companheiros se comoveram e também quiseram oferecer livros e objetos. Com esse material fizeram uma rifa, e conseguiram arranjar mais do que o necessário para as despesas.

Concluído o altar, os alunos queriam celebrar a festa com a maior solemnidade. Todos trabalhavam o mais que podiam, mas não conseguindo acabar a ornamentação, foi preciso trabalhar de noite. “Eu passarei a noite a trabalhar”, disse Domingos. Mas os seus companheiros, por ele se encontrar em convalescença de uma doença recente, obrigaram-no a ir deitar-se. Não queria ceder, e só foi deitar-se por obediência. “Ao menos vinde acordar-me assim que tudo estiver pronto, para eu ser um dos primeiros a admirar o altar enfeitado em homenagem à nossa querida mãe”.

#### *Capítulo XIV – Frequência dos sacramentos da confissão e da comunhão*

Está comprovado pela experiência que os melhores sustentáculos da juventude são os sacramentos da confissão e da comunhão. Dai-me um rapaz que frequente estes sacramentos: ele crescerá, passará pela puberdade, chegará a adulto e, se Deus for servido, à mais avançada velhice, com um procedimento que servirá de exemplo a todos os que o conhecerem. Queira Deus que todos os jovens compreendam isso para o praticarem, bem como todos os que se ocupam da educação da juventude, para o ensinarem.

Antes de vir para o Oratório, Domingos aproximava-se destes dois sacramentos uma vez por mês, segundo o uso das escolas. Depois frequentou-os com mais assiduidade. Um dia, ouviu do púlpito esta máxima: “Jovens, se quiserdes perseverar no caminho do céu, recomendo-vos estas três coisas: aproximai-vos muitas vezes do sacramento da confissão, frequentai a santa comunhão e escolhei um confessor a quem possais abrir o vosso coração, mas não o troqueis sem necessidade”. Domingos compreendeu a importância desses conselhos.

Começou por escolher um confessor e conservou-o durante todo o tempo que esteve no Oratório. Para que este pudesse formar um juízo exato da sua consciência, quis, como se disse, fazer a confissão geral. A princípio, confessava-se todos os quinze dias e, mais tarde, todos os oito dias, comun-

gando com a mesma frequência. O confessor, notando o grande progresso que fazia nas coisas do espírito, aconselhou-o a comungar três vezes por semana e, depois de um ano, permitiu-lhe a comunhão diária.

Foi durante algum tempo dominado pelos escrúpulos; por isso, queria confessar-se de quatro em quatro dias e ainda mais amiúde; mas o seu diretor espiritual não concordou com esse desejo e obrigou-o à disciplina da confissão semanal.

Tinha nele uma confiança ilimitada. Falava com ele com toda a simplicidade dos assuntos de consciência, mesmo fora do confessional. Alguém o aconselhou a mudar de confessor de vez em quando, mas ele não concordou. “O confessor, dizia, é o médico da alma; não é costume mudar de médico a não ser por falta de confiança ou porque o mal está muito adiantado. Não estou nesses casos. Tenho plena confiança no meu confessor que, com bondade e solicitude paternal, se empenha no aperfeiçoamento da minha alma; além disso, não vejo em mim feridas que ele não possa curar”. No entanto, o diretor ordinário aconselhou-o a mudar, uma ou outra vez, de confessor, especialmente por ocasião dos exercícios espirituais; sem opor a mínima dificuldade, obedeceu prontamente.

Domingos estava contente consigo mesmo. “Se tenho qualquer mágoa no coração, dizia ele, vou ao meu confessor para que me aconselhe o que Deus quer que eu faça, pois Jesus Cristo disse que a voz do confessor é a voz de Deus. Se desejo alcançar alguma coisa importante, então vou receber a hóstia santa na qual se encontra *corpus quod pro nobis traditum*, ou seja, aquele corpo, sangue, alma e divindade que Jesus Cristo ofereceu a seu eterno Pai por nós na cruz. Que mais me falta para ser feliz? Neste mundo, nada. Só me resta poder gozar no céu daquele que hoje adoro e contemplo, sobre os altares, com os olhos da fé”.

Com estes pensamentos, Domingos passava dias verdadeiramente felizes. Daqui nascia aquele contentamento, aquela alegria celestial que transparecia em todas as suas ações. Não pensemos que ele não compreendesse a importância do que fazia e não tivesse um teor de vida cristã, como convém que o tenha quem deseja fazer a comunhão frequente. Por isso, o seu comportamento era, sob todos os pontos de vista, irrepreensível. Convidei os seus colegas a dizerem-me se, durante os três anos que ele viveu conosco, lhe notaram algum defeito a corrigir ou alguma virtude a adquirir. Todos, unânimes, responderam que nunca encontraram nele coisa alguma que merecesse correção, nem virtude que se devesse acrescentar às que já praticava.

A sua preparação para receber a Santa Eucaristia era das mais edificantes. À noite, antes de se deitar, fazia uma oração com esse fim e concluía sem-

pre deste modo: “Graças e louvores se deem a todo o momento ao santíssimo e diviníssimo Sacramento!”. De manhã, era esse grande ato precedido de uma preparação suficiente; mas a ação de graças, essa não tinha fim. Muitas vezes, se ninguém o chamasse, esquecia-se da refeição, do recreio e algumas vezes do estudo, permanecendo em oração, ou melhor, na contemplação da divina bondade, que de um modo inefável comunica aos homens os tesouros da sua infinita misericórdia.

Era para ele uma verdadeira delícia poder passar algumas horas diante de Jesus Sacramentado. Invariavelmente, ao menos uma vez por dia, costumava fazer-lhe uma visita, convidando outros a ir em sua companhia. A sua oração predileta era a coroinha<sup>(55)</sup> do Sagrado Coração de Jesus para reparação das injúrias que recebe dos hereges, dos infieis e dos maus cristãos.

Para que as suas comunhões produzissem maior fruto e, ao mesmo tempo, o estimulassem a fazê-las cada vez com mais fervor, tinha fixado para cada dia um fim especial.

Eis como distribuía as intenções durante a semana: *Domingo*: em honra da Santíssima Trindade. *Segunda*; pelos benfeitores espirituais e temporais. *Terça*; em honra de São Domingos e do meu Anjo da Guarda. *Quarta*; a Nossa Senhora das Dores, pela conversão dos pecadores. *Quinta*; em sufrágio das almas do purgatório. *Sexta*; em honra da paixão de Jesus Cristo. *Sábado*: em honra de Maria Santíssima, para obter a sua proteção durante a vida e na hora da morte.

Tomava parte com arroubos de alegria em todas as cerimônias que tivessem por fim honrar o Santíssimo Sacramento. Se acontecia encontrar o Viático ao ser levado a algum doente, ajoelhava-se logo, onde quer que fosse e, se tinha tempo, acompanhava-o até terminar a cerimônia.

Um dia passou o Viático perto dele. Chovia e os caminhos estavam enlameados. Não tendo outro lugar para se ajoelhar, ajoelhou-se mesmo sobre a lama. Um dos seus amigos repreendeu-o depois, observando-lhe que, em tais circunstâncias, Nosso Senhor não exigia tanto. Domingos respondeu-lhe: “Joelhos e calças tudo é de Deus; por isso, tudo deve servir para lhe dar honra e glória. Quando passo perto dele, não só me atiraria ao chão para honrá-lo, mas até a uma fornalha, porque assim participaria do fogo da caridade infinita que o impeliu a instituir este grande Sacramento”.

Em circunstâncias análogas, viu um dia um militar que permanecia em pé no momento em que passava bem perto o Santíssimo Sacramento. Não se

<sup>55</sup> “Esta coroinha se encontra impressa em muitos livros, entre os quais no *Jovem Instruído*, na página 105” (nota no texto original). Cf. n. 184.

atrevido a convidá-lo para que se ajoelhasse, tirou do bolso um lençinho, estendeu-o sobre o terreno sujo e fez-lhe sinal para que se servisse dele. O militar, a princípio, acanhou-se; mas, por fim, deixando de lado o lenço, acabou por se ajoelhar no meio do caminho.

Na festa do Corpo de Deus foi com outros companheiros, vestidos de batina, à procissão da paróquia. Não cabia em si de alegria e considerou aquilo como um presente precioso, que maior não poderia ser para ele.

### *Capítulo XV – As suas penitências*

A idade, a saúde delicada e a inocência da vida dispensavam Domingos de toda e qualquer penitência; mas bem sabia ele que um rapaz dificilmente pode conservar a inocência sem a penitência, e este pensamento fazia com que o caminho do sofrimento fosse como uma estrada feita de rosas. Por penitência, não entendo falar apenas de suportar pacientemente as injúrias e os desgostos, nem da mortificação contínua e da compostura de todos os sentidos durante a oração, na aula e no recreio. Estas penitências eram nele habituais.

Falo apenas das duras penitências corporais. Levado pelo seu fervor, tinha determinado jejuar todos os sábados a pão e água, em honra da Virgem Maria, o que lhe foi proibido pelo confessor. Queria jejuar durante a quaresma, mas, ao cabo de uma semana, o fato chegou ao conhecimento do diretor da casa, que se opôs imediatamente a esse tipo de mortificação. Queria, pelo menos, deixar o café da manhã, mas também isso não lhe foi permitido. A razão pela qual não lhe davam licença para tais penitências era a de impedir que arruinasse de todo a sua delicada saúde. Que fazer então? Proibido de abster-se no alimento, achou maneiras de mortificar o corpo de outra forma. Começou por colocar na cama lascas de madeira, cacos de tijolo, para tornar incômodo o descanso; quis usar uma espécie de cilício. Como tudo isso lhe fosse proibido, lançou mão de outro expediente: deixou passar o outono e parte do inverno sem colocar outro cobertor na cama; de modo que, em pleno mês de janeiro, continuava a usar a roupa de verão. Certa manhã que ficara na cama incomodado, o diretor foi visitá-lo. Vendo-o tão encolhido, aproximou-se dele e viu que só tinha um cobertor fino. “Por que fizeste isso? Queres morrer de frio?”. “Não, senhor diretor, não morrerei de frio. Jesus, na gruta de Belém e quando morreu na cruz, estava menos agasalhado do que eu”.

Foi-lhe, então, proibida toda e qualquer penitência, fosse de que gênero fosse, sem previamente ter obtido a devida licença. Embora constrangido, submeteu-se a esta ordem. Uma vez, encontrei-o todo aflito, murmurando

estas palavras: “Pobre de mim! Estou deveras atrapalhado... Nosso Senhor diz que devo fazer penitência, se não, não vou para o céu; e, no entanto, estou proibido de fazê-la. A que paraíso posso então aspirar?”.

– A penitência que o Senhor quer de ti, disse-lhe eu, é a obediência. Obedece e basta.

– Não podia permitir-me qualquer outra penitência?

– Posso, sim: são permitidas as penitências de sofrer com paciência as injúrias que te fizerem, de suportar com resignação o calor, o frio, o vento, a chuva, o cansaço e todos os incômodos que Deus quiser enviar-te.

– Mas isso sofre-se por necessidade.

– O que sofres por necessidade, oferecido a Deus, pode tornar-se virtude e mérito para a tua alma.

Contente e resignado com estes conselhos, retirou-se tranquilo.

### *Capítulo XVI – Mortificações em todos os sentidos externos*

Quem reparasse no porte exterior de Domingos Savio, achava nele tanta naturalidade, que pensava tê-lo Nosso Senhor criado assim mesmo. Mas os que o conheceram de perto ou tiveram a responsabilidade da sua educação podem assegurar que havia nisso grande esforço humano coadjuvado pela graça de Deus.

A vivacidade do seu olhar obrigava-o a grande esforço, dada a sua firme resolução de dominá-lo. “Ao princípio, repetiu várias vezes a um amigo, quando me decidi a dominar completamente o meu olhar, foi penoso e até sofri por isso fortes dores de cabeça”. Com efeito, era tão reservado que ninguém dos que o conheceram se lembra de tê-lo visto olhar para qualquer coisa que excedesse os limites da rigorosa modéstia. “Os olhos, dizia ele, são duas janelas. Pelas janelas passa tudo o que se deixa passar. Por estas janelas, tanto podemos deixar passar um anjo como um demônio e permitir, tanto a um como a outro, que se aposses do nosso coração”.

Certo dia, um dos seus companheiros trouxe inadvertidamente para a escola uma revista em que havia algumas figuras obscenas e imorais. Um grupo de colegas rodeou-o para ver aquelas gravuras que fariam corar de vergonha até os infiéis e os pagãos. Domingos correu também, pensando, de longe, que estivessem vendo alguma imagem piedosa.

Quando viu, porém, do que se tratava, ficou surpreso. Em seguida, com um sorriso de ironia, pegou a revista e a rasgou em mil pedaços. Os outros, atônitos, entreolharam-se mortificados, sem pestanejar.

Domingos, então, disse-lhes: “Pobres de nós! Nosso Senhor nos deu os olhos para contemplar as belezas de tudo o que ele criou, e vós vos servis deles para olhar essas indecências inventadas pela malícia dos homens para corromper as almas? Esqueceste o que tantas vezes vos foi ensinado? O Salvador diz que com um olhar inconveniente manchamos as nossas almas, e vós a vos delicias com os olhos vendo coisas tão vergonhosas?”.

– Nós, respondeu um deles, víamos aquilo para rir.

– Sim, sim, para rir; no entanto, rindo, vos preparais para ir para o inferno. Riríeis no inferno se lá caísseis?

– Mas nós – retorquiu outro – não víamos grande mal naquelas gravuras.

– Pior ainda. Não ver grande mal em semelhantes indecências é sinal de que já estais habituados a vê-las. Mas o hábito não desculpa, antes, pelo contrário, torna-vos mais culpados. Santo Jó! Santo Jó! Tu eras velho, mas eras santo; sofrias de uma doença que te obrigava a viver deitado no meio da imundície; e, contudo, fizeste um pacto com os teus olhos para não lhes dar a mínima liberdade acerca de coisas inconvenientes!

A essas palavras, todos se calaram e ninguém mais se atreveu a censurá-lo nem a fazer-lhe qualquer observação.

À modéstia nos olhos Domingos aliava uma grande reserva no falar. Quando alguém falava, ele se calava; por várias vezes truncou uma expressão pelo meio para deixar falar os outros. Os seus mestres foram unânimes em afirmar que nunca tiveram motivo para repreendê-lo, tão modelar foi sempre o seu procedimento no estudo, na aula, na igreja e em toda a parte. Até nas ocasiões em que lhe fizessem alguma injúria ele sabia moderar mais do que nunca a língua e o seu temperamento.

Um dia, avisou um companheiro de um mau hábito. Este, em vez de receber de bom grado a observação, zangou-se. Cobriu-o de insultos e investiu contra ele a socos e pontapés. Domingos podia fazer valer as suas razões pela força, dado que era mais velho e tinha mais força. Mas não quis senão a vingança do cristão. Ficou muito corado, mas refreou o ímpeto de ira e limitou-se a dizer as seguintes palavras: “Perdoe-te esta ofensa. Não trates os outros desta maneira”.

Que dizer da mortificação dos outros sentidos do corpo? Limito-me simplesmente a contar alguns fatos.

No inverno, as frieiras deixavam-lhe as mãos num estado lastimoso. Embora sofresse muito, nunca de seus lábios saiu a menor queixa, e parecia mesmo que achava prazer naquilo. “Quanto maiores forem as frieiras, dizia ele, tanto mais lucrará a saúde”. Referia-se, naturalmente, à saúde da alma. Muitos dos seus companheiros asseguram que, durante a estação fria, Domingos costumava ir para a escola devagar e nisso via-se o desejo de sofrer e fazer penitência, sempre que surgissem ocasiões propícias. “Por mais de uma vez o vi, declara um dos seus colegas, no maior rigor do inverno, dilacerar a pele e até a carne, com agulhas e pontas de metal, para que essas picadas se transformassem em chagas e assim o tornassem semelhante ao divino Mestre!”

Onde há muitos jovens, encontram-se sempre alguns que nunca estão satisfeitos com coisa alguma. Ora se queixam das cerimônias religiosas, ora dos regulamentos, ora do descanso, ora da comida, em tudo acham alguma coisa para criticar: são uma verdadeira cruz para os superiores, porque o descontentamento de um se comunica logo aos outros, com grande detrimento da ordem e da disciplina. O procedimento de Domingos Savio era completamente o oposto. Nunca abriu a boca para se queixar do calor no verão nem do frio no inverno. Fizesse bom ou mau tempo, estava sempre satisfeito. Quanto à alimentação, nada tinha a dizer. Ao contrário, de boa vontade tirava daí motivo para se mortificar. Quando alguma coisa não agradava aos outros, porque estava muito cozida ou muito crua, insípida ou muito salgada, Domingos mostrava-se contente, dizendo que era assim mesmo que ele gostava.

Era seu costume demorar-se um pouco no refeitório depois da saída dos alunos, para recolher as migalhas do pão deixadas sobre a mesa ou espalhadas pelo chão, comendo-as como algo saboroso. A alguém que estranhava esse procedimento, ocultava o seu espírito de penitência, dizendo: “Os pães não se comem inteiros; reduzidos a bocadinhos, é um trabalho a menos para os dentes”. Restos de sopa, de carne ou de qualquer outro prato, ele os aproveitava e comia; não o fazia por gulodice, porque muitas vezes distribuía a sua parte aos companheiros. Um dia perguntei-lhe a razão por que recolhia com tanto cuidado os restos que à maioria das pessoas causava repugnância. Domingos respondeu: “Tudo o que temos no mundo é dom precioso de Deus; mas de todos os dons, depois da graça de Deus, o maior é o alimento com que ele nos conserva a vida; por isso, a mais pequenina parcela desse dom merece a nossa gratidão e deve ser guardada com o maior cuidado e a mais escrupulosa diligência”.

Engraxar os sapatos, escovar a roupa dos companheiros, prestar aos doentes os mais humildes serviços, varrer e trabalhar nas ocupações mais humil-



des, era para Domingos um agradável passatempo. Costumava dizer: “Cada um faz aquilo que pode. Eu não sou capaz de fazer grandes coisas, mas o que posso, faço-o para maior glória de Deus. Espero que Nosso Senhor, na sua bondade, fique satisfeito com as minhas pobres oferendas”.

Comer o que repugnasse ao seu gosto e pôr de parte o que lhe poderia agradar; refrear os olhares, mesmo nas coisas indiferentes; permanecer onde havia cheiros desagradáveis, contrariando assim a sua vontade; suportar com perfeita resignação tudo o que lhe pudesse proporcionar qualquer mortificação do corpo ou do espírito: tudo servia para ele como ato de virtude em que Domingos se exercitava cotidianamente e, podemos até dizer, em todos os momentos da sua vida.

Não cito muitos outros fatos deste gênero que concorreram para demonstrar como era grande em Domingos o espírito de caridade, de penitência e de mortificação e, ao mesmo tempo, como a sua virtude o tornava hábil em aproveitar as grandes e as pequenas ocasiões, mesmo nas coisas indiferentes, para se santificar e aumentar os seus méritos diante de Deus.

### *Capítulo XVII – A Companhia da Imaculada Conceição*

Toda a vida de Domingos, pode-se dizer, foi de contínua dedicação a Maria Santíssima. Não deixava passar a menor ocasião para lhe prestar qualquer homenagem. Em 1854, o Sumo Pontífice definiu como dogma de fé a Imaculada Conceição de Maria. Domingos Savio desejava ardentemente tornar vivo e duradouro entre nós o pensamento dessa augusta invocação à rainha do céu, sancionada pela Igreja. “Desejaria fazer alguma coisa em honra de Maria, dizia ele, mas tenho de fazer quanto antes, pois receio que me falte o tempo”.

Guiado, pois, pela sua habitual e engenhosa caridade, escolheu alguns dos seus companheiros e convidou-os a organizarem com ele uma Companhia, à qual deram o título de Companhia da Imaculada Conceição. O fim principal dessa Companhia era atrair sobre os sócios a proteção da Mãe de Deus durante a vida e na hora da morte. Dois meios propunha Domingos para este fim: promover práticas de piedade em honra de Maria Imaculada e a comunhão frequente. De acordo com os amigos, compilou um regulamento que, depois de muito trabalho, no dia 8 de junho de 1856, isto é, nove meses antes da sua morte, leu na presença deles, diante do altar de Nossa Senhora. De bom grado o transcrevo, porque poderá servir de norma para outros que queiram fazer o mesmo. Eis o seu teor:

Nós, Domingos Savio, etc. (seguem-se os nomes dos outros), para podermos assegurar, durante a vida e no momento da morte, o patrocínio da bem-aventurada Virgem Maria, e para nos consagrarmos inteiramente ao seu santo serviço, no dia 8 de junho, tendo recebido os sacramentos da confissão e da comunhão, resolvidos como estamos a professar para com a nossa mãe uma devoção constante e filial, propomo-nos, perante o seu altar e com o consentimento do nosso diretor espiritual, querer imitar, tanto quanto as nossas forças permitirem, a Luís Comollo. Por isso, obrigamo-nos <sup>(56)</sup>...

*Capítulo XVIII – Relações de amizade – Relacionamento com o jovem Camilo Gávio*

Todos eram amigos de Domingos. Quem não o estimava, respeitava-o pelas suas virtudes. Sabia dar-se bem com todos. Era tão firme na virtude, que foi aconselhado a entreter-se com alguns alunos um pouco rebeldes para, com bons modos, levá-los a Jesus. E ele de tudo se servia para tirar proveito espiritual: do recreio, dos divertimentos e até das conversas indiferentes. Mas os seus amigos mais próximos eram os que estavam inscritos na Companhia de Maria Imaculada, com os quais, durante a semana, como já dissemos, se reunia para conferências espirituais ou para práticas de piedade cristã. Estas conferências tinham a aprovação dos superiores, mas eram organizadas e reguladas pelos próprios alunos. Nelas tratavam do modo de celebrar as novenas das principais solenidades, combinavam entre si as comunhões que cada um devia fazer em determinado dia da semana, indicavam os alunos necessitados de assistência moral que os sócios faziam seus “clientes e protegidos”, lançando mão de todos os meios que a caridade cristã sugere a fim de encaminhá-los para a virtude. Domingos era um dos mais entusiastas e, pode-se dizer que, nessas conferências, parecia um doutor.

Poderíamos indicar alguns companheiros de Domingos que tomaram parte nessas reuniões e trataram de perto com ele, mas, como ainda vivem, é preferível calarmos os seus nomes. Mencionaremos apenas dois que já faleceram: Camilo Gávio, de Tortona, e João Massaglia, de Marmorito<sup>57</sup>. Camilo Gávio esteve apenas dois meses em Valdocco, mas foi o bastante para deixar imperecível recordação entre os companheiros.

<sup>56</sup> Neste ponto Dom Bosco refere, com poucas variantes, o *Regulamento da Companhia da Imaculada* conforme o manuscrito original que apresentamos no n. 207.

<sup>57</sup> Ambos morreram antes da fundação da Companhia da Imaculada (8 de junho de 1856): Gávio faleceu no dia 29 de dezembro de 1855 e Massaglia no dia 20 de maio de 1856.

Era um rapaz de grande piedade. A sua grande propensão para a pintura e escultura levaram a prefeitura daquela cidade a ajudá-lo a vir para Turim, a fim de se aperfeiçoar nessas artes. Tivera na sua terra uma grave doença e veio para o Oratório ainda convalescente. Longe do ambiente da sua terra e dos pais e entre colegas desconhecidos, andava muito desconsolado e triste. Via os outros jogar e ficava sozinho, absorto em pensamentos negativos.

Disso se deu conta Domingos que logo se aproximou dele para confortá-lo. E teve com ele este belo diálogo: “Então, meu amigo, pelo que vejo, não conheces aqui ninguém”.

– Não, não conheço, mas divirto-me a ver os outros brincarem.

– Como te chamas?

– Camilo Gávio, de Tortona.

– Quantos anos tens?

– Quinze completos.

– Onde vem essa tristeza que te anuvia o rosto? Estiveste doente?

– Sim, estive doente; tive umas palpitações terríveis que me puseram à beira do túmulo e, mesmo agora, ainda não me sinto inteiramente bem.

– E desejarias sarar?

– Nem tanto; desejo apenas fazer a vontade de Deus.

Estas últimas palavras de Camilo Gávio foram uma revelação para Domingos, que viu imediatamente nele um rapaz dotado de rara piedade; por isso, com toda a confiança, continuou:

– Quem deseja fazer a vontade de Deus deseja também se santificar. Tens, então, vontade de te fazer santo?

– É grande em mim esse desejo.

– Pois bem, aumentarás o número dos nossos amigos e tomarás parte em tudo o que fizermos para nos santificarmos.

– É tão belo o que me dizes... Mas não sei ainda o que devo fazer...

– Eu te direi em poucas palavras. Sabe que nós aqui fazemos consistir a santidade em estar muito alegres. Procuraremos apenas evitar o pecado, como grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz do coração, cumprir exatamente os nossos deveres e frequentar as práticas de piedade. Começa desde já a tomar nota da frase: *Servite Domino in laetitia*, sirvamos o Senhor em santa alegria.

Esta conversa foi como que um bálsamo para Camilo Gávio, que ficou deveras confortado. Desde esse dia passou a ser o mais fiel amigo de Domingos e seu imitador constante. A doença, porém, que o levara à beira do túmulo e que não tinha sido ainda debelada, reapareceu dois meses depois; não obstante todos os cuidados dos médicos e dos amigos, não se pôde encontrar remédio para o mal. Depois de alguns dias de padecimentos, tendo recebido os últimos sacramentos com grande devoção, entregava a sua alma a Deus, no dia 30 de dezembro de 1856<sup>58</sup>.

Domingos fora várias vezes visitá-lo durante a doença e sempre se oferecia para passar a noite à cabeceira do enfermo, o que nunca lhe foi permitido. Quando soube que tinha expirado, quis vê-lo pela última vez e, ao vê-lo morto, disse comovido: “Adeus, Camilo. Estou intimamente convencido de que foste para o céu; prepara um lugar para mim. Serei sempre teu amigo e, enquanto o Senhor me der vida, pedirei pelo descanso da tua alma”. Foi depois com alguns dos companheiros rezar o ofício dos mortos na câmara ardente. Fizeram-se ainda outras preces durante o dia. Domingos convidou alguns dos melhores colegas a fazerem a santa comunhão e ele mesmo a fez em sufrágio do amigo falecido.

Entre outras coisas, disse aos seus amigos: “Meus amigos, não esqueçamos a alma do nosso colega. Tenho grande esperança de que já esteja na glória do céu; não obstante, continuemos a rezar por sua alma. Tudo o que fizermos por ele, Deus disporá que outros façam por nós um dia”.

### *Capítulo XIX – Domingos Savio e João Massaglia*

Foram mais longas e mais íntimas as relações com João Massaglia, de Marmorito, povoação pouco distante de Mondônio.

Entraram ao mesmo tempo no Oratório, eram de lugarejos vizinhos, tinham a mesma vontade de abraçar o estado eclesiástico e um grande desejo de se fazerem santos.

– Não basta, dizia uma vez Domingos ao seu amigo, que nos queiramos fazer sacerdotes, é preciso que trabalhemos por adquirir as virtudes necessárias a esse estado.

– Tens razão, respondia o amigo, mas, se fizermos tudo o que pudermos, Deus não deixará de nos conceder as graças e as forças para merecermos favor tão grande como o de nos tornarmos ministros de Jesus Cristo.

<sup>58</sup> Deveria ter escrito: 29 de dezembro de 1855.

Por ocasião da Páscoa, os dois amigos fizeram com muito fervor os exercícios espirituais. No fim, Domingos disse ao companheiro:

– Quero que sejamos verdadeiros amigos, amigos naquilo que diz respeito à alma. Por isso, proponho que, de ora em diante, nos avisemos um ao outro em tudo o que possa servir para o nosso bem espiritual. Se notares em mim algum defeito, dize-me, para que me possa emendar e, se vires que posso fazer algum bem, não te esqueças de me avisar.

– Farei de boa vontade tudo o que me pedes, embora não precises, mas tu é que deves ser mais cuidadoso comigo porque, devido à idade, estudo e aulas, estou exposto a maiores perigos.

– Deixemo-nos de elogios mútuos e ajudemo-nos a fazer bem à nossa alma.

Desde aquele dia, Savio e Massaglia tornaram-se verdadeiros amigos e a sua amizade foi duradoura, porque assentava na virtude. Ambos, um mais do que o outro, procuravam dar bom exemplo e bons conselhos, para se auxiliarem mutuamente a fugir do mal e a praticar o bem.

No fim do ano letivo, depois dos exames, os alunos foram autorizados a passar as férias com os pais ou familiares. Alguns, movidos pelo desejo de estudar e de se aperfeiçoar nos exercícios de piedade, preferiram ficar no Oratório, entre eles, Domingos e João Massaglia. Sabendo que eram ansiosamente esperados por suas famílias, e, como ambos precisavam restaurar as forças perdidas, insisti: “Por que não ides passar alguns dias de férias?”. Eles puseram-se a rir. “Que quereis dizer com esse riso?”. Domingos respondeu-me: “Bem sabemos que os nossos pais nos esperam ansiosamente. Não imagina como lhes queremos bem e que prazer nós teríamos de estar com eles. Mas sabemos também que o passarinho enquanto está na gaiola, se não goza de liberdade, pelo menos, está livre do gavião. Pelo contrário, fora da gaiola, voa para onde quer, mas, de um momento para o outro, pode cair nas garras do gavião infernal”.

Apesar disso, julguei conveniente mandá-los passar algum tempo em casa para bem da sua saúde; resignaram-se a fazer-me a vontade, mas unicamente para obedecer, e lá ficaram os dias que lhes marquei.

Se quisesse descrever os belos atos de virtude de João Massaglia, teria de repetir o que disse de Domingos, de quem foi fiel imitador enquanto viveu. Massaglia gozava de boa saúde e dava ótima conta de si nos estudos. Depois de terminar o curso secundário, fez os exames para vestir a batina. Entretanto, a veste talar, que tanto respeitava e desejava, usou-a por poucos meses. Acometido de uma constipação, que tinha o aspecto de um simples

resfriado, não quis interromper os estudos. Com o intento de curá-la mais depressa e para lhe tirar o pretexto de estudar, os pais levaram-no para casa. Foi durante esta ausência que ele escreveu ao amigo a seguinte carta:

Caro amigo,

Julgava ter de passar apenas alguns dias em casa e voltar depois para o Oratório. Por isso, deixei aí todos os livros. Vejo, porém, que as coisas se complicam e que a minha cura se torna cada vez mais problemática. O médico diz que vou melhorar; mas eu acho que estou pior. Veremos quem tem razão.

Meu caro Domingos, sofro muito por me ver longe de ti e do Oratório, pois aqui não tenho facilidade de fazer as minhas práticas de piedade. Só me sinto reconfortado ao recordar os dias que nos fixávamos para nos preparar e aproximar da santa comunhão.

Espero, todavia, que, embora separados corporalmente, não o estejamos espiritualmente.

Entretanto, peço-te um favor: vai ao estudo e dá uma olhada na minha carteira. Encontrarás algumas cartas e junto delas o meu amigo Kempis, ou melhor, *A imitação de Cristo*. Farás de tudo um só pacote que me remeterás. Repara que esse livro é em latim; embora goste da tradução, é sempre tradução, e nela não encontro a satisfação que o original latino me proporciona. Sinto-me cansado desta inércia a que me vejo condenado, e o médico não quer que eu estude. Passeio pelo quarto e com frequência pergunto a mim mesmo: “Sararei desta doença? Voltarei a ver os meus companheiros? Será esta a minha última enfermidade?” O que virá a suceder, só Deus o sabe. Parece-me que estou pronto a fazer, nos três casos, a santa e amável vontade de Deus.

Se tiveres algum bom conselho a dar-me, escreve-me. Dize-me como está a tua saúde e lembra-te de mim quando rezares, especialmente quando comungares. Coragem, ama-me de todo o coração em Nosso Senhor. Se não pudermos conviver muito tempo na vida presente, espero que possamos um dia viver felizes em santa companhia na bem-aventurada eternidade.

Apresenta cumprimentos aos nossos amigos, especialmente aos irmãos da Companhia da Imaculada Conceição. O Senhor esteja contigo e crê-me sempre teu afeiçoadíssimo

João Massaglia

Domingos cumpriu os desejos do amigo e, ao mandar-lhe tudo o que pedira, juntou a seguinte carta:

Meu caro Massaglia,

Tive uma grande alegria ao receber a tua carta. Ela veio dar-me a certeza de que ainda estás vivo. Desde que partiste, nunca mais tivemos notícias tuas, e não sabíamos se devíamos rezar por ti o *Glória ao Pai* ou o *De profundis*. Mando-te os objetos pedidos. Devo unicamente te dizer que o Kempis é um bom amigo, mas está morto e nunca sai do lugar. É necessário, pois, que o procures, que o despertes, que o leias, empenhando-te em pôr em prática o que nele fores lendo.

Suspiras pela comodidade que aqui temos para os exercícios de piedade e tens toda a razão. Quando estou em Mondônio, tenho a mesma saudade. Procuo, então, suprir essa falta, visitando todos os dias o Santíssimo Sacramento e levando comigo o maior número de companheiros que posso. Além do Kempis, leio também o *Tesouro escondido na Santa Missa*, do beato Leonardo<sup>59</sup>. Se te parece, faze o mesmo. Dizes-me que não sabes se voltarás ao Oratório para nos fazeres uma visita. A minha carcaça anda também muito avariada, e tudo me faz prognosticar que me aproximo a largos passos do termo dos meus estudos e da minha vida. Seja como for, façamos assim: rezemos um pelo outro, para que possamos ter uma boa morte. Aquele que primeiro for chamado para o céu, prepare o lugar para o amigo; e quando for ao seu encontro dê-lhe a mão para introduzi-lo na mansão celeste. Deus nos conserve sempre na sua graça e nos ajude a fazer-nos santos, mas rapidamente, porque temo que nos falte o tempo. Todos os nossos amigos suspiram pelo teu regresso ao Oratório e te cumprimentam no Senhor.

Com afeto e amizade fraternal declaro-me sempre teu  
Afeioadíssimo amigo do coração

Domingos Savio

A doença do jovem Massaglia parecia inicialmente benigna; por várias vezes pareceu completamente debelada, mas sempre reapareceu, até que, quase inesperadamente se agravou de forma irremediável. “Teve tempo, escreveu o teólogo Valfré, seu diretor espiritual durante as férias, de receber com a

<sup>59</sup> Cf. Leonardo da PORTO MAURIZIO, *Il tesoro nascosto, ovvero pregi ed eccellenze della S. Messa, con un modo pratico e divoto per ascoltarla com frutto*, Turim, Giacinto Marietti 1840.

maior devoção os confortos da nossa santa religião católica e teve a morte do justo que deixa o mundo para voar para o céu”<sup>60</sup>.

Ao perder aquele amigo, Domingos ficou profundamente contristado e, embora resignado à vontade de Deus, chorou-o durante muitos dias. Foi esta a primeira vez que vi aquele semblante angélico entristecer-se e chorar de dor. O único conforto que teve foi rezar e pedir que rezassem pelo amigo. Uma vez ouvimo-lo exclamar: “Querido Massaglia, morreste! Espero que estejas na companhia de Gávio no paraíso; quando terei eu a ventura de me encontrar convosco na imensa felicidade do céu?”.

Durante todo o tempo que Domingos sobreviveu ao seu amigo, teve-o presente nas suas orações e costumava dizer que não podia assistir à missa ou a qualquer exercício de piedade, sem recomendar a Deus a alma daquele que, durante a vida, tanto tinha feito pelo seu bem. Esta perda foi muito dolorosa para a sua ternura de amigo, e a sua saúde ficou, desde então, seriamente comprometida.

### *Capítulo XX – Graças especiais e fatos particulares*

Até aqui narrei coisas que nada têm de extraordinário, se de extraordinário não quisermos qualificar um procedimento sempre bom, que se foi aperfeiçoando constantemente com a inocência da vida, com as obras de penitência e com a prática da piedade. Poderia também se chamar extraordinária a robustez da sua fé, a firmeza da sua esperança, a inflamada caridade e a perseverança na prática do bem que praticou até o último alento. Aqui, porém, quero expor certas graças especiais e alguns fatos fora do comum que talvez

<sup>60</sup> “O sacerdote teólogo Carlos Valfré nasceu em Villafranca de Piemonte, em 23 de julho de 1813. Terminado o curso secundário, durante o qual teve sempre um comportamento verdadeiramente exemplar, abraçou o estado eclesiástico, secundando assim a sua vocação. Após vários anos de trabalho apostólico no ministério sacerdotal, foi nomeado prior da paróquia de Marmorito. Foi sempre exatíssimo no cumprimento dos seus deveres. Instruir os garotos pobres, prestar assistência aos enfermos, confortar e auxiliar os pobres, eram características do seu zelo. Pela sua bondade, caridade e desprendimento dos bens materiais, era digno de ser proposto como modelo de todo o sacerdote com cura de almas. Quando os seus trabalhos paroquiais lho permitiam, dedicava-se à pregação de retiros espirituais, tríduos e novenas. E Nosso Senhor abençoava as suas fadigas, que eram sempre coroadas de copiosos frutos. Quando, porém, maior necessidade tínhamos dele, Deus chamou-o a si para lhe dar a eterna recompensa. Depois de breve enfermidade, com a morte do justo, passou à melhor vida, em 22 de fevereiro de 1861, com a bela idade de apenas 47 anos, no dia 12 de fevereiro de 1861. Esta perda privou a Igreja de um digno ministro, e deixou Marmorito sem um pastor que com toda razão era considerado o pai do povo; todavia, todos nos sentimos confortados na esperança de ter adquirido um benfeitor junto a Deus no paraíso” (nota no texto original).



venham a ser alvo de alguma crítica. Por isso, julgo bem prevenir o leitor de que tudo aquilo que vou contar tem plena semelhança com fatos registrados na Bíblia e na vida dos santos; refiro coisas que vi com os meus próprios olhos, e garanto que digo escrupulosamente a verdade, deixando tudo ao bom critério do leitor. Eis a narração dos fatos.

Quando Domingos ia à igreja, especialmente nos dias em que fazia a sagrada comunhão, ou quando estava exposto o Santíssimo Sacramento, ficava como que em êxtase, de tal forma que ali ficaria longo tempo se não o chamassem para cumprir os seus deveres ordinários. Um dia sucedeu que faltou à refeição da manhã, à aula e ao almoço, e ninguém sabia dele; no salão de estudo não estava, na cama também não. Falou-se com o diretor, e este logo imaginou o que de fato acontecia: que estivesse na igreja, como já de outras vezes ocorrera. Entra na igreja, vai ao coro e lá o encontra firme como uma pedra. Tinha um pé sobre o outro, uma das mãos sobre a estante do antifonário, a outra sobre o peito, e o rosto voltado para o sacrário. Nem movia as pálpebras. Chamado, não respondeu. O diretor, então, sacode-o. Domingos fita-o e diz: “Já acabou a missa?”. “Olha, respondeu o diretor, mostrando-lhe o relógio, são duas horas”. Domingos pediu humildemente perdão por ter transgredido o regulamento da casa e o diretor mandou-o almoçar, dizendo-lhe: “Se alguém te perguntar onde estiveste, dize-lhe que estiveste cumprindo uma ordem minha”. Deu-lhe essa orientação para evitar perguntas importunas que os companheiros lhe poderiam fazer.

Outra vez, tendo terminado a minha ação de graças depois da missa, eu estava para sair da sacristia, quando ouvi no coro uma voz como de uma pessoa que discutia. Fui ver e encontrei Domingos que falava e depois se calava como esperando uma resposta. Entre outras, ouvi estas palavras: “Sim, meu Deus, já vos disse e vos digo de novo: amo-vos e quero amar-vos até a morte. Se virdes que vos hei de ofender, enviai-me a morte. Sim, antes a morte que o pecado!”.

Perguntei-lhe uma vez o que fazia quando se demorava na igreja. Ele, com toda a simplicidade, respondeu: “Pobre de mim, vem-me uma distração e, naquele momento, perco o fio das orações e parece-me ver coisas tão belas, que as horas fogem sem que eu dê por isso”.

Um dia entrou no meu quarto e disse-me: “Venha depressa comigo; deve fazer uma boa ação”. “Onde queres me levar?”, perguntei-lhe. “Venha depressa, acrescentou, venha depressa”. Eu ainda hesitava; mas como ele teimasse, e tendo já observado em outras ocasiões a importância desses convites, acedi também a este. Acompanhei-o. Saiu de casa, atravessou uma rua, depois uma segunda, ainda uma terceira, sem parar nem dizer uma palavra. Por fim,

enveredou por outra rua e parou, depois de ter passado algumas portas. Subiu uma escada, até o terceiro andar, e tocou uma campainha. “É aqui que deve entrar”. E logo foi embora.

Abriram-me a porta. “Oh! depressa, disseram-me, não há tempo a perder. Meu marido teve a desgraça de se fazer protestante; agora está às portas da morte e pede por amor de Deus um padre, para poder morrer como bom católico”.

Aproximei-me logo do leito do moribundo que mostrava uma grande preocupação e o desejo de pôr em dia as contas da sua consciência. Normalizada com a máxima prontidão a situação daquela alma, chegou o prior da paróquia de Santo Agostinho, que de antemão tinha sido chamado; mas apenas pôde ungi-lo com uma só unção, porque o doente faleceu logo.

Perguntei depois a Domingos como ele tinha sabido da existência daquele doente. Olhou-me tristemente e pôs-se a chorar. Não lhe fiz mais qualquer pergunta sobre o caso.

A inocência da sua vida, o amor a Deus, o desejo do céu tinham levado Domingos a tal estado de santidade, que se podia dizer estar sempre absorto em Deus. Algumas vezes interrompia o recreio, voltava o olhar para outro lado e punha-se a passear sozinho. Perguntando-lhe por que deixava assim os seus companheiros, respondeu: “Acometeram-me as costumeiras distrações e parece que o céu se abre sobre a minha cabeça; tenho, então, de me afastar dos meus companheiros para não lhes dizer coisas que poderiam parecer ridículas”.

Um dia, durante o recreio, falava-se do grande prêmio que Deus reservava no céu àqueles que conservam o estado de inocência. Entre outras coisas, afirmou-se: “Os inocentes estão no céu mais perto do divino Salvador e cantam-lhe um hino especial de glória por toda a eternidade”. Foi o bastante para elevar a Deus o espírito de Domingos que, ficando imóvel, deixou-se cair como morto nos braços dum companheiro.

Esses êxtases ele os tinha, às vezes, no estudo, na ida e no regresso da escola e, não raro, durante a aula.

Falava com muito agrado do sumo pontífice e dizia a cada passo que muito desejaria vê-lo antes de morrer, assegurando também que tinha coisas importantes para lhe dizer. Repetindo isso frequentemente, perguntei-lhe que coisas eram essas que desejava dizer ao papa:

– Se pudesse falar ao papa, dir-lhe-ia que, no meio das tribulações que o esperam, não deve deixar de se ocupar com particular solicitude da Inglaterra, porque Deus prepara um grande triunfo para o catolicismo naquele reino.

– Em que te baseias para falar assim?

– Digo-lhe, mas desejaria que não falasse disso a outros para não me expor talvez ao ridículo. Se, porém, for a Roma, diga-o a Pio IX. Eis o que se passou: uma bela manhã, quando fazia a minha ação de graças depois da comunhão, fui surpreendido por uma grande distração e pareceu-me ver uma grande planície repleta de gente envolvida em espessa neblina. Todos caminhavam, mas, perdendo-se pelo caminho, já não viam onde punham os pés. Esta terra, disse-me um indivíduo que estava ao pé de mim, é a Inglaterra. Quando ia perguntar outras coisas, vi o sumo pontífice Pio IX tal qual o tinha visto representado em certos quadros. Estava majestosamente vestido e empunhando um facho luminoso encaminhava-se para aquela imensa multidão. À medida que se aproximava, a neblina se dissipava ao clarão do archote, e os homens ficavam envolvidos numa luz brilhante como a do meio-dia. Este archote, disse-me a mesma pessoa, é a religião católica que deve iluminar os ingleses.

Mais tarde, quando fui a Roma em 1858, quis contar ao sumo pontífice a visão de Domingos, e o papa ouviu-a com bondade e satisfação. “Isso, disse o papa, confirma o meu propósito de trabalhar energeticamente em favor da Inglaterra, à qual consagro os meus melhores cuidados. Esse fato, ainda que outro valor não tenha senão o de um simples fato, é para mim como que o conselho de uma boa alma”.

Omito muitos outros fatos semelhantes; limitar-me-ei a escrevê-los, deixando a outros o cuidado de publicá-los quando se julgar que possam redundar em maior glória de Deus.

### *Capítulo XXI – Os seus pensamentos sobre a morte – Preparação para morrer santamente*

Os que leram o que até aqui escrevemos acerca do jovem Domingos Savio reconhecerão, sem esforço, que a sua vida foi uma contínua preparação para a morte. Mas era a Companhia da Imaculada Conceição, que ele considerava como um meio eficaz de garantir a proteção de Maria Santíssima na hora da morte, hora que todos pressagiavam não estar longe. Não sei se ele recebeu da parte de Deus a revelação do dia e das circunstâncias da sua morte, ou se era apenas piedoso pressentimento. Mas o certo é que falou dela muito tempo antes, e com pormenores tais que melhor não teria feito quem a tivesse narrado depois de ter acontecido.

Atendendo ao seu estado de saúde, recorreremos a todos os meios para que se moderasse em tudo o que dizia respeito ao estudo e à piedade: mas,

devido à sua fraca compleição e a alguns incômodos pessoais, e também à contínua tensão de espírito, as forças de Savio iam diminuindo dia a dia. Ele mesmo o notava e dizia a cada passo: “Tenho de correr, do contrário, a noite me surpreende no caminho”. Com estas palavras queria dizer que já tinha pouco tempo de vida e que devia esforçar-se para fazer o maior número de boas obras antes que a morte chegasse.

Há na nossa casa o costume de se fazer todos os meses o exercício da boa morte<sup>61</sup>. Consiste em nos prepararmos para fazer uma confissão e comunhão como se fossem as últimas da nossa vida. O sumo pontífice Pio IX, na sua grande bondade, enriqueceu este exercício com várias indulgências. Domingos fazia-o com exemplar recolhimento. No fim é costume dizer-se um *Pai-nosso* e uma *Ave-Maria* por aquele dos presentes que primeiro vier a falecer.

Um dia, brincando, Domingos disse: “Em vez de se dizer: por aquele que primeiro morrer, é melhor dizer: por Domingos Savio, que será entre nós o primeiro a morrer”. Disse-o diversas vezes.

Em fins de abril de 1856, apresentou-se ao diretor e perguntou-lhe o que devia fazer para celebrar santamente o mês de Maria.

– Tu o celebrarás, respondi-lhe, com o exato cumprimento de todos os teus deveres, narrando todos os dias um exemplo em honra de Maria Santíssima e procurando proceder de modo que faças todos os dias a santa comunhão.

– Procurarei fazer isso pontualmente; mas, que graça devo pedir?

– Pede à Santíssima Virgem que te alcance de Deus saúde e graça para te fazeres santo.

– Que me ajude a fazer-me santo, que me ajude a ter uma boa morte e que nos meus últimos momentos de vida me assista e me leve para o céu.

Mostrou, de fato, tal fervor no decurso daquele mês, que parecia um anjo em carne humana. Se escrevia, falava, estudava, cantava, ia à aula, era tudo em honra de Maria. Todos os dias, durante o recreio, narrava um fato ora a uns, ora a outros companheiros, que reunia em torno de si. Um dia, um dos companheiros perguntou-lhe: “Se fazes tudo este ano, que farás para o ano que vem?”. “Deixa-me trabalhar”, respondeu. Neste ano quero fazer o que posso; para o ano que vem, se ainda viver, te direi o que farei”.

Usei de todos os meios para melhorar a sua saúde e, nesse intuito, convoquei uma junta médica. Todos admiraram a jovialidade, a vivacidade

<sup>61</sup> Cf. n. 184.

de espírito e a ponderação das respostas de Domingos. O doutor Francisco Vallauri, de saudosa memória, que era um dos médicos beneméritos consultados, cheio de admiração, disse: “Que pérola preciosa é este rapaz!”.

– Qual é a origem do mal que lhe vem minando a existência?, perguntei.

– A sua compleição delicada, a precocidade da inteligência e a contínua tensão de espírito são como limas que corroem insensivelmente as forças vitais.

– Que remédio poderá fazer-lhe bem?

– O melhor remédio seria deixá-lo ir para o céu, para o qual está tão bem preparado. A única coisa que poderia prolongar-lhe a existência seria afastá-lo, por algum tempo, dos estudos e ocupá-lo em trabalhos manuais, adequados às suas forças.

*Capítulo XXII – O seu cuidado pelos doentes – Despedida do Oratório – As suas palavras nessa ocasião*

A quebra ou diminuição das forças de Domingos não era tão rápida a ponto de obrigá-lo a estar sempre de cama. Levantava-se para ir às aulas e para o estudo; ou, então, ocupava-se em serviços domésticos. Uma das suas ocupações prediletas era tratar dos companheiros doentes, quando havia em casa.

– Não tenho diante de Deus, dizia muitas vezes, grande merecimento em tratar de doentes ou em visitá-los, porque não só o faço com muito gosto, mas é para mim um entretenimento agradável. Todavia, tratando-lhes do corpo, nunca se esquecia de lhes tratar também da alma com palavras de conforto espiritual. Um dia, dizia a um companheiro que estava com uma indisposição de saúde: “Que queres, esta *carcaça* não pode durar eternamente. É preciso deixar que se gaste pouco a pouco, até ir para a sepultura mas, então, é que a nossa alma, liberta dos laços da carne, voará gloriosa para o céu, onde gozará uma saúde completa e uma felicidade sem fim”.

Outra vez, um companheiro recusava tomar um remédio por ser amargo. “Meu amigo, dizia-lhe Domingos, devemos tomar todos os remédios que nos dão porque, assim, obedecemos a Deus. Ele quer que haja médicos e remédios porque são necessários para nos ajudar a recuperar a saúde e, se temos repugnância em tomar um remédio, mais merecimentos teremos aos olhos de Deus. Julgas que esta porção é tão amarga como o fel e o vinagre que deram a Nosso Senhor na cruz?”. Estas palavras e tantas outras, ditas com graça e maravilhosa franqueza, triunfavam de todas as resistências.

Embora a sua saúde estivesse completamente depauperada, repugnava-lhe, todavia, ter de interromper os estudos e as habituais práticas de piedade para voltar para casa. Já uns meses antes eu o tinha mandado, e ele só se demorou lá alguns dias, não tardando a aparecer de novo no Oratório. Diga-se a bem da verdade que o pesar era recíproco: queria conservá-lo o mais possível perto de mim, pois tinha por ele um amor de pai pelo melhor dos filhos. Mas como se tratava de um conselho do médico, quis segui-lo; tanto mais que havia uns dias que lhe tinha aparecido uma tosse obstinada. Avisou-se o pai e a partida foi marcada para o dia 1 de março de 1857.

Domingos se submeteu, mas só para oferecer a Deus o seu sacrifício. “Por que tens tanta dificuldade em voltar para casa? Pelo contrário, devias alegrar-te por ires gozar da companhia dos teus queridos pais”. “Porque, respondeu, desejo terminar a minha vida no Oratório”

– Mas vais para casa restabelecer-te e depois voltarás.

– Oh! isso não! Eu sei que vou e não voltarei.

Na véspera da partida, não houve meio de arredá-lo de mim, e a cada instante fazia-me uma pergunta. Entre outras, disse-me: “Que deve fazer um doente para adquirir merecimentos perante Deus?”

– Oferecer a Deus os seus sofrimentos.

– E que mais poderia ainda fazer?

– Oferecer ao Senhor a própria vida.

– Posso estar certo de que os meus pecados me foram perdoados?

– Asseguro-te em nome de Deus que os teus pecados foram todos perdoados.

– Posso ter a certeza de que salvo a minha alma?

– Podes, pela misericórdia de Deus, que não te faltará.

– E se o demônio me tentar, que devo dizer-lhe?

– Dirás a ele que vendeste a alma a Nosso Senhor, e que ele a comprou com o seu sangue; e se o demônio ainda continuar a insistir, sugerindo-te alguma dificuldade, pergunta-lhe o que é que ele fez pela tua alma. Pelo contrário, Nosso Senhor derramou todo o seu sangue para livrá-la do inferno e levar para o Paraíso.

– Do paraíso poderei ver os meus companheiros do Oratório e os meus pais?

– Sim, do paraíso verás tudo o que se passa no Oratório; teus pais e tudo o que lhes disser respeito e muitas outras coisas mil vezes mais bonitas.

– Poderei vir fazer-lhes uma visita?

– Poderás vir, contanto que seja para maior glória de Deus.

Fazia-me estas e muitíssimas outras perguntas, e parecia uma pessoa que já estivesse no limiar do paraíso e que, antes de entrar nele, quisesse saber tudo o que lá se passava.

### *Capítulo XXIII – O adeus aos seus companheiros*

Na manhã do dia marcado para a partida, Domingos fez com os companheiros o exercício da boa morte. Confessou-se e comungou com tal fervor, que eu mesmo, que disso fui testemunha, não tenho palavras para exprimir. “É necessário, dizia ele, que faça bem este exercício, porque espero que seja realmente a minha preparação para a morte e, se acontecesse mesmo de morrer pelo caminho, teria já recebido o Sagrado Viático. Gastou o resto da manhã em pôr em ordem suas coisas. Fez a mala, arrumou tudo como se não tivesse que mexer mais. Em seguida fez questão de falar com todos os seus companheiros; a um dava um bom conselho, a outro avisava para se emendar de tal defeito, animando outro a perseverar no bem. A um deles, a quem devia dois soldos, chamou-o de parte e disse-lhe: “Vamos regular as nossas contas, senão hei de ver-me atrapalhado quando tiver de regularizar as minhas com Deus”. Falou também aos seus amigos da Companhia da Imaculada Conceição, e recomendou-lhes que fossem sempre fiéis às promessas que tinham feito à Santíssima Virgem, e que confiassem nela em todas as circunstâncias da vida. No momento de partir, mandou-me chamar, e disse-me estas palavras textuais: “Visto que vossa reverendíssima não quer esta minha carcaça, vejo-me obrigado a levá-la para Mondônio. Poucos dias o incomodaria, e depois acabava tudo: mas faça-se a vontade de Deus! Se for a Roma, lembre-se do que lhe disse a respeito da Inglaterra e repita-o ao soberano pontífice. Reze para que eu tenha uma boa morte. Adeus... e até nos tornarmos a ver no paraíso!”. Tínhamos chegado à porta da rua, e ele segurava-me pela mão, que apertava comovidamente, quando, voltando-se para os companheiros que o cercavam, lhes disse:

– Adeus, queridos companheiros, adeus a todos. Rezai por mim. Espero que voltemos a ver-nos no céu, onde estaremos para sempre com o Senhor.

Estava eu já à porta que dava para o pátio, quando o vejo voltar para trás e dizer-me:

– Faça o favor de me dar uma recordação para conservar como sua lembrança.

– Dize-me que presente queres e irei buscar. Queres um livro?

– Não, senhor, desejaria uma coisa melhor.

– Queres dinheiro para a viagem?

– Justamente: dinheiro para a viagem da eternidade. Vossa reverendíssima disse-me que tinha recebido do papa indulgências plenárias para o momento da morte; coloque-me no número dos que delas podem participar.

– Sim, meu filho, ainda podes fazer parte desse número e vou já escrever o teu nome naquele papel.

Depois deixou o Oratório, onde vivera três anos com grande satisfação sua, dos seus colegas e dos seus professores; deixou-o para nunca mais voltar.

Ficamos admirados com estas suas despedidas incomuns. Sabíamos que sofria, mas, como nunca esteve de cama, não fazíamos grande caso da doença. Além disso, tendo sempre um aspecto tão alegre e tão calmo, ninguém, pelo semblante, podia deduzir que ele sofresse incômodos do corpo ou do espírito. E embora aquelas despedidas incomuns nos comovessem, sempre ficávamos esperançados de que em breve voltaria para a nossa companhia. Mas isso não aconteceu. Domingos estava maduro para o céu. No breve curso da sua vida fora-lhe dado merecer a coroa dos justos, como se tivesse vivido longos anos. O Senhor queria chamá-lo a ficar com ele na flor dos anos para colocar ao abrigo dos perigos em que naufragavam muitas vezes até as melhores almas.

#### *Capítulo XXIV – Avanço da doença – Última confissão – Recebe o Viático – Fatos edificantes*

Domingos partiu de Turim no dia 1º de março, pelas duas horas da tarde, e fez muito boa viagem; parecia mesmo que o trajeto de carruagem, a variedade da paisagem e a companhia dos pais lhe tivessem feito bem. Chegando a casa, ficou ainda quatro dias sem se recolher ao leito. Mas como as forças e o apetite diminuía e a tosse aumentava, resolveu-se levá-lo ao médico. Este o achou em estado mais grave do que se julgava. Mandou que voltasse para casa e fosse imediatamente para a cama; e, pensando que se tratava de uma inflamação, recorreu a uma sangria.

De ordinário, as pessoas jovens têm muito medo das sangrias. Por isso, o médico exortou Domingos a voltar o rosto para o lado e a ter paciência e coragem. Domingos pôs-se a rir e disse: “Que significa uma rápida picadinha em comparação com os pregos que cravaram nas mãos e nos pés do nosso inocentíssimo Salvador?”. Foi, portanto, com grande tranquilidade, a sorrir e sem



dar o menor sinal de inquietação, que viu correr o sangue durante a operação. Feitas algumas sangrias, o doente pareceu melhorar. O médico assim afirmou e os pais acreditaram, mas Domingos não era da mesma opinião. Convencido de que é sempre melhor antecipar os sacramentos do que ficar sem eles, chamou o pai: “Meu pai, disse-lhe, é bom agora consultarmos o médico do céu. Desejo confessar-me e comungar”.

Os pais, já convencidos de que ele estava melhor, ficaram tristes com este pedido, mas, para lhe serem agradáveis, mandaram chamar o pároco para vir confessá-lo<sup>62</sup>. Este veio logo, atendeu-o em confissão, e depois, sempre para lhe fazer a vontade, trouxe-lhe o Santo Viático. Pode-se imaginar com que fervor ele comungou! Todas as vezes que se aproximava da sagrada mesa, parecia sempre um São Luís. Agora que julgava tratar-se realmente da última comunhão da sua vida, quem poderia exprimir o fervor, os transportes de amor que daquele coração inocente brotavam para com o seu amado Jesus?

Recordou, então, as promessas da sua primeira comunhão. Disse muitas vezes: “Sim, sim, ó Jesus, ó Maria, sereis agora e sempre os amigos da minha alma. Repito e queria repeti-lo mil vezes: antes a morte que o pecado!”. Depois de terminar a sua ação de graças, disse muito tranquilo: “Agora estou feliz: é verdade que tenho uma grande viagem a fazer, a viagem da eternidade, mas com Jesus em minha companhia nada tenho a temer. Oh, dizei-o a todos: quem tem Jesus por seu companheiro e amigo não teme nenhum mal, nem sequer a morte”.

Teve sempre uma paciência exemplar durante a vida; sofreu, sem se queixar, toda a espécie de incômodos; e nesta última doença foi um modelo de santidade. Não aceitava a ajuda de ninguém para as suas necessidades ordinárias. “Enquanto puder, dizia ele, quero incomodar o menos possível meu pai e minha mãe: já fizeram e sofreram tanto por minha causa! O que queria era poder recompensá-los neste momento!”. Tomava os remédios mais desagradáveis sem mostrar a menor repugnância. Suportou dez sangrias sem a mínima queixa.

Ao fim de quatro dias, o médico congratulou-se com o estado do doente e disse aos pais: “Agradecemos à divina Providência; triunfamos da doença. Só lhe resta ter uma boa convalescença”. Os pais ficaram radiantes de alegria, mas Domingos sorriu e lhes disse: “Triunfamos do mundo: só me resta aparecer perante Deus para ser julgado”. Depois da saída do médico, Domingos, sem se iludir com o que ele dissera, pediu que lhe administrassem a Santa Unção. Os pais, mais uma vez, quiseram fazer-lhe a vontade, mas nem eles

<sup>62</sup> Padre Domingos Grassi (1804-1860).

nem o pároco julgavam que o doente estivesse em perigo de morte iminente; pelo contrário, o semblante sereno e a jovialidade em tudo o que dizia levavam a pensar que melhorara muito. Quanto a Domingos, por devoção ou por revelação divina, o certo é que contava os dias e as horas, como se calculasse alguma operação aritmética, e empregava todos os momentos a preparar-se para comparecer diante de Deus. Antes de receber a Santa Unção, fez a seguinte oração: “Meu Deus, perdoai-me todos os meus pecados. Eu vos amo e quero amar-vos eternamente. Que este sacramento, dom da vossa infinita misericórdia, lave minha alma de todos os pecados que cometi com os olhos, com os ouvidos, boca, mãos e pés. Que a minha alma e o meu corpo sejam inteiramente purificados pelos merecimentos da vossa paixão. Assim seja”.

Domingos respondia a tudo, com voz tão clara e tanta lucidez de espírito, que, quem o ouvisse, diria que gozava de perfeita saúde.

Estávamos no dia 9 de março, quarto dia da doença e último da sua vida. Tinham-lhe feito dez sangrias e dado vários remédios, mas notava-se nele uma prostração extrema; deram-lhe, por isso, a bênção papal. Domingos recitou ainda o *Confiteor* e respondeu a todas as orações do sacerdote. Quando lhe disseram que, com essa bênção, o papa concedia a indulgência plenária, experimentou grande consolação. *Deo gratias!*, repetia, *et sempre Deo gratias!* Em seguida, olhando para o Crucifixo, recitou estes versos que lhe eram muito familiares durante a vida: *Senhor, eu vos dou a minha liberdade, as minhas forças, o meu corpo; tudo eu vos dou, pois tudo é vosso, ó meu Deus, e à vossa vontade eu me abandono.*

### *Capítulo XXV – Os últimos momentos e a sua preciosa morte*

É verdade de fé que o homem, no momento da morte, recolhe o que semeou durante a vida. *Quae seminaverit homo, haec et metet*<sup>63</sup>. Se semeou obras más, então só colherá desolação. Se durante a vida semeou boas obras, recolherá nos últimos momentos só frutos de consolação. Todavia, sucede por vezes que almas boas, depois de uma vida exemplar, experimentem certo terror ao aproximar-se a hora da morte. É que Deus, nos seus altos desígnios, quer purificar essas almas, limpá-las de pequenas nódoas, assegurar-lhes a salvação e dar-lhes assim uma coroa mais bela de glória no céu. A essa angustiada prova não quis o Senhor sujeitar o nosso Domingos. Penso que Deus quis dar-lhe nesta vida o cêntuplo prometido às almas justas, antes de entrarem na

<sup>63</sup> Gl 6,7.

glória dos céus. Com efeito, a sua inocência, conservada até o último momento, a sua fé viva, a oração constante, as longas penitências da sua vida, cheia de tribulações, tinham-lhe merecido esta alegria sobrenatural no momento supremo.

Via, pois, avizinhar-se a morte com a calma da alma inocente; parecia até que o seu corpo não sentia os afãs e as opressões inseparáveis dos esforços que a alma faz ao desprender-se do seu invólucro terreno. Enfim, a morte de Domingos mais pode ser dita repouso do que morte.

Estava-se na tarde de 9 de março de 1857. Tinha recebido todos os confortos da nossa santa religião. Quem o ouvisse falar, quem visse a serenidade do seu rosto, não poderia deixar de dizer que estava na cama simplesmente para descansar. Todos os presentes se admiravam do seu ar alegre, do olhar vivo, da plena posse das suas faculdades, e ninguém, exceto ele, julgava a morte iminente.

Uma hora e meia antes de dar o último suspiro, o pároco foi visitá-lo e, ao ver a sua tranquilidade, ficou muito admirado ao ouvir como Domingos encomendava a alma a Deus. Dizia frequentes e fervorosas jaculatórias que mostravam o seu vivo desejo de ir depressa para o céu. “Que sugerir para encomendar a alma a agonizantes tão bem dispostos?”, disse o pároco. Depois de ter rezado com Domingos algumas orações, o pároco dispunha-se a partir, mas ele o chamou e disse: “Não me deixa nenhuma lembrança?”. “Não sei que lembrança te possa deixar, meu bom amigo”. “Alguma lembrança que me conforte”. “O que posso dizer-te é que te recordes da paixão de Nosso Senhor”. “*Deo gratias!*, respondeu Domingos. A paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo! Esteja ela sempre na minha mente, na minha boca e no meu coração! Jesus, José e Maria, assisti-me na minha última agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz convosco a alma minha!”. Depois de pronunciar estas palavras, pareceu adormecer e repousou durante meia hora. Ao acordar, olhou para os pais e disse: “Papai, chegou o momento!”.

– Estou aqui, meu filho. Que queres?

– Meu querido pai, quisera que me fizesse um grande favor; pegue o meu *Jovem Instruído*<sup>(64)</sup> e leia para mim as orações da boa morte.

Ao ouvir estas palavras, a mãe saiu do quarto e desatou a chorar. O pai sentia o coração estalar de dor e a comoção apertava-lhe a garganta, mas se conteve e começou a recitar essas orações. Domingos repetia, palavra por palavra, o que o pai dizia; mas queria, no fim de cada invocação, pronunciar

<sup>64</sup> “Com este nome indicava um livro totalmente destinado à juventude, intitulado: *Jovem Instruído na prática dos seus deveres, dos exercícios de piedade cristã, na reza do ofício de Nossa Senhora, das vésperas de todo o ano e do ofício de falecidos, etc.*” (nota no texto original).

sozinho: “Misericordioso Jesus, tende compaixão de mim!”. Chegando às palavras: “Quando, finalmente, a minha alma comparecer na vossa presença e pela primeira vez vir o imortal esplendor da vossa majestade, não a afasteis de vós, mas dignai-vos recebê-la no seio da vossa misericórdia, a fim de cantar eternamente a vossa glória”, Domingos acrescentou: “Eis o que eu desejo: cantar eternamente louvores ao Senhor!”.

Pareceu, em seguida, concentrar-se um pouco, como quem pensa numa coisa muito importante; mas, pouco depois, abriu os olhos e disse com voz clara e alegremente: “Adeus, meu querido pai, adeus! O senhor pároco queria ainda me dizer uma coisa, e eu já não me lembro... Oh! que linda coisa estou vendo!”. E, dizendo isso, com o sorriso nos lábios, semblante radioso e um ar de paraíso expirou, com as mãos cruzadas sobre o peito, sem fazer o menor movimento<sup>65</sup>.

Alma fiel, parte para o teu Criador: o céu te abre as portas, os anjos e os santos te preparam uma festa esplêndida e aquele Jesus, a quem tanto amaste, estende-te os braços, dizendo: “Vem, servo bom e fiel, pois que combateste o bom combate e saístes vitorioso, vem para sempre participar da alegria do teu Senhor: *intra in gaudium Domini tui*”.

#### *Capítulo XXVI – Comunicação da sua morte – Palavras do professor padre Picco aos seus alunos*

Quando o pai de Domingos o ouviu proferir as palavras que acima referimos, e depois o viu inclinar a cabeça como para descansar, pensou que realmente adormecera de novo. Deixou-o alguns instantes naquela posição, mas logo depois chamou por ele e, só então, reconheceu que já estava morto. É fácil calcular a desolação dos pobres pais. Perdiam um filho, que à inocência, à piedade, aliava os modos mais gentis e simpáticos para suscitar o amor e a ternura dos outros.

Nós no Oratório também estávamos ansiosos por ter notícias deste nosso querido amigo e companheiro, quando recebi a carta do pai, que começava assim: “É com lágrimas nos olhos que lhe comunico a mais triste notícia: o meu querido filho Domingos, discípulo de vossa reverendíssima, aquele cândido lírio, aquele Luís Gonzaga, entregou a alma a Deus, ontem à noite, 9 de março, depois de ter recebido da maneira mais consoladora os últimos sacramentos e a bênção papal”.

<sup>65</sup> A morte ocorreu às 22 horas de segunda-feira, 9 de março de 1857; o sepultamento realizou-se na quarta-feira, 11 (cf. ASC A4920159 *Extraído da certidão de óbito*).

A notícia deixou consternados todos os seus companheiros. Uns choravam nele a perda de um bom conselheiro e de um amigo fiel; outros declaram com saudade que a morte lhes roubara um modelo de verdadeira piedade. Alguns se reuniram para rezar pelo descanso da sua alma; mas a maior parte dizia: “Era um santo, já está no paraíso”. E se recomendavam ao novo santo, como a um protetor junto de Deus. Todos, à porfia, queriam possuir um objeto que lhe tivesse pertencido.

Quando o padre Picco soube da morte de Domingos, ficou profundamente consternado e comunicou a notícia aos seus alunos nos seguintes termos: “Não há muito que eu, caríssimos jovens, ao vos falar casualmente da caducidade da vida humana, observava que a morte não poupa nem mesmo a vossa idade viçosa e florida; e, para exemplo, dizia-vos que há dois anos, nestes mesmos dias, frequentava esta escola, sentava-se aqui a escutar-me, um jovem cheio de vida e vigor, que, após uma ausência de poucos dias, partia desta vida, chorado pelos familiares e pelos amigos<sup>66</sup>.

Quando vos falava desse caso doloroso, estava bem longe de pensar que este ano devia ser assinalado por um luto semelhante, e que esse exemplo em breve teria de renovar-se num daqueles mesmos que me escutavam. Sim, meus amigos, devo contristar-vos com uma dolorosa notícia: a foice da morte ceifou ontem a vida de um dos vossos mais virtuosos companheiros, o nosso bom Domingos Savio. Estais por certo lembrados de que ele, nos últimos dias em que frequentou a escola, foi afetado por uma tosse maligna, que já denunciava uma grave doença; por isso, nenhum de nós se admirou ao saber que fora obrigado a deixar as aulas e suspender os estudos. Para se curar melhor, por ordem do médico, foi para a terra natal, para casa dos pais. Mas já, ao partir, ele mesmo disse repetidas vezes aos amigos que se avizinhava o seu próximo fim. Efetivamente, a doença evoluiu rapidamente e, ao cabo de quatro dias, Domingos entregou a sua alma a Deus.

Li ontem a carta em que o desolado pai dava a triste notícia, e esta, na sua simplicidade, fazia tal pintura da santa morte daquele anjo, que me comoveu até as lágrimas. Ele não encontrou expressão mais apropriada para tecer o elogio do seu querido filho, do que chamá-lo de outro São Luís Gonzaga, tanto pela santidade da vida, como pela sua grande resignação à morte. Garanto-vos que fiquei com pena de que ele frequentasse por tão pouco tempo a minha aula e de que nesse curto espaço de tempo a sua saúde frágil não me tenha dado ensejo de conhecê-lo melhor e de com ele tratar mais de perto, o que não é fácil numa escola com tantos alunos como a nossa.

<sup>66</sup> “Leão Cocchis, estudante do segundo ano de retórica, jovem muito promissor, falecido em 25 de março de 1855, aos 15 anos de idade” (nota no texto original).

Por isso, deixo aos seus superiores que vos descrevam a santidade dos seus sentimentos e o seu fervor na piedade; deixo aos seus companheiros e amigos, que todos os dias tratavam com ele e com ele conversavam familiarmente, que falem da modéstia dos seus costumes, de todas as suas ações, da austeridade de suas conversas; deixo que os seus pais vos declarem qual era a sua obediência, o seu respeito, a sua docilidade. E que poderei eu recordar-vos, que já não seja conhecido de todos vós? Digo-vos que sempre se distinguiu pela sua atitude correta, pelo seu sossego na aula, pela sua exatidão e diligência no cumprimento de todos os deveres e pela contínua atenção que prestava ao meu ensino, e ficaria bem contente se todos vós decidísseis seguir os seus santos exemplos.

Ainda antes que a idade e os estudos lhe permitissem frequentar a nossa escola, estando ele há três anos no Oratório de São Francisco de Sales, onde era aluno interno, ouvi muitas vezes o diretor do Oratório falar dele, que o elogiava como sendo o aluno mais estudioso e virtuoso daquela casa. Era tal o seu empenho no estudo, tão rápido o progresso que fizera nos primeiros anos de latim, que eu desejava vivamente poder contá-lo entre os meus alunos, e depositava as melhores esperanças no seu raro talento. E, mesmo antes de admiti-lo aqui, já o tinha apontado a alguns dos meus alunos como modelo com o qual seria ótimo competir tanto no estudo como na virtude. E nas minhas frequentes visitas ao Oratório, reparando na sua fisionomia tão meiga, que todos vós nele admiráveis, e notando nele um olhar inocente, sempre que o via, sentia-me inclinado a amá-lo e apreciá-lo. E, na verdade, não deixou de corresponder às belas esperanças que nele eu depositara, quando, neste ano, começou a frequentar a minha escola.

A vós me dirijo, queridos jovens, a vós que fostes testemunhas do seu recolhimento e da sua aplicação, não só no tempo em que o dever o chamava a ouvir-me nas aulas, mas também naquele que muitos jovens, mesmo dotados de docilidade e diligência, não têm escrúpulo de perder. A vós, que éreis seus companheiros, não só nas aulas, mas também nos deveres e nas relações de cada dia, a vós pergunto se alguma vez o vistes fazer algo que nele indicasse desleixo dos seus deveres.

Parece-me ainda a vê-lo, quando, com aquela modéstia que era uma das suas características, entrava na aula e ocupava o seu lugar; e durante o tempo da entrada dos alunos, evitando a balbúrdia própria da sua idade, estudar a lição, fazer apontamentos ou então se entregar a alguma leitura útil; e depois, ao começar a aula, com que atenção via aquele seu angélico semblante suspenso dos meus lábios! Por isso, não é para admirar que, a despeito da sua pouca idade, da sua saúde abalada, fosse tão assinalado o proveito que o seu talento tirava dos estudos. E a prova é que, entre o elevado número de jovens, a maior

parte de inteligência bem acima da média, e embora já o minasse a doença, que havia de levá-lo ao túmulo e fosse obrigado a frequentes ausências, alcançou sempre as melhores classificações da turma.

Uma coisa, porém, despertava de modo particular a minha atenção e suscitava a minha admiração: era ver como aquela mente juvenil estava unida a Deus e era tão fervorosa e afetuosa na oração. É coisa habitual, mesmo nos jovens mais ponderados, que, arrastados pela vivacidade natural e pelas distrações, prestem pouquíssima atenção ao sentido das orações que são convidados a rezar e, em geral, as acompanham sem afeto algum no coração. E assim sucede que, na grande maioria deles, só participam da oração os lábios e a voz. Ora, se é assim habitual a distração da juventude até nas orações dirigidas a Deus no silêncio e na tranquilidade das igrejas, na solidão do quarto ou nas orações cotidianas, bem sabeis, ó jovens, que isso acontece mais facilmente nas brevíssimas orações que se fazem antes e depois das aulas. E é justamente nisso que me foi dado admirar o fervor de Domingos nas práticas de piedade, e a união da sua alma com Deus. Quantas e quantas vezes eu o vi com aquele seu olhar voltado para o céu, para esse céu que, em breve, devia ser a sua morada, concentrar todos os seus sentimentos, e por aquele ato oferecê-los ao Senhor e à sua Bem-aventurada Mãe, com a plenitude de afetos que essas orações supõem! E esses sentimentos, meus caros jovens, eram os que animavam os seus pensamentos, quando cumpria qualquer dever; eram os que santificavam todos os seus atos, todas as suas palavras, e orientavam toda a sua vida exclusivamente para a glória de Deus. Oh! ditosos os jovens que em tais sentimentos se inspiram! Eles gozarão de grande felicidade nesta e na outra vida, e tornarão felizes os pais que os educam, os mestres que os instruem e todas as pessoas que velam pelo seu bem.

Queridos jovens, a vida é um dom preciosíssimo que Deus nos fez para nos proporcionar meios de ganhar merecimentos para o céu; e assim será, se tudo o que fizermos estiver em condições de se oferecer ao supremo Doador, precisamente como fazia Domingos. Mas que diremos nós de um rapaz que passa toda a sua vida inteiramente esquecido do fim a que Deus o destinou, que nunca encontra um momento propício para dedicar os seus afetos ao Criador, que no seu coração nunca abre espaço para qualquer aspiração que o encaminhe para o seu Deus? E que diremos também do jovem que emprega todos os seus esforços para os combater e sufocar, quando se dá conta que eles estão para entrar no seu coração? Ah! refleti um pouco sobre a vida santa e sobre a morte do vosso caríssimo companheiro, sobre a invejável sorte de que, segundo a nossa esperança, ele goza; e depois, pensando de novo em vós mesmos, examinai o que ainda vos falta para vos parecerdes com ele, e como de-sejaríeis ser se, como ele, vos estivésseis perto de vos apresentar perante aquele

tribunal onde Deus pedirá a todos estreitas contas da mais pequena falta. E, em seguida, se este confronto vos mostrar que há grande diferença, tomai-o por modelo, imitai as suas virtudes cristãs, disponde a vossa alma para ser como a sua, pura e limpa aos olhos de Deus, de modo que, ao chamado que, mais tarde ou mais cedo, infalivelmente devemos ouvir, possamos responder com a alegria a iluminar-nos o rosto e o sorriso nos lábios, como fez o vosso angélico colega.

Escutai ainda o ardente voto, com que ponho termo a estas minhas palavras. Se eu vier a notar que os meus alunos, no seu comportamento, mostram notável mudança para melhor, se, de hoje em diante, eu os vir mais exatos no cumprimento dos seus deveres e mais compenetrados da importância de uma verdadeira piedade, haverei de atribuí-lo ao santo exemplo de Domingos, e o terei como uma graça do alto, impetrada pelas suas orações, como prêmio de terdes sido, por breve tempo, seus companheiros, e eu seu mestre”.

Com essas palavras o professor padre Picco exprimiu aos seus alunos a dolorosa sensação que experimentou quando soube da morte do seu caríssimo aluno Domingos Savio.

*Capítulo XXVII – Imitação das virtudes de Domingos – Muitos se recomendam a ele para obter graças celestes e são ouvidos – Uma recordação para todos*

Quem leu o que escrevemos acerca de Domingos Savio não estranhará que Deus se tenha dignado favorecê-lo com dons especiais, fazendo resplandecer as suas virtudes de muitas maneiras. Ainda em sua vida, muitos punham singular empenho em seguir os seus conselhos e exemplos e em imitar as suas virtudes; e muitos, arrastados pelo seu comportamento irrepreensível, pela santidade da sua vida, pela pureza dos seus costumes, chegavam até a se recomendar às suas orações. Contam-se não poucas graças obtidas pelas orações que o jovem Savio fez a Deus, quando ainda se encontrava nesta vida mortal. Mas, depois da morte, aumentou ainda mais a confiança e a veneração para com ele.

Apenas chegou ao Oratório a notícia da sua morte, muitos dos seus companheiros já o chamavam de santo. Reuniam-se para rezar as ladainhas por um falecido, mas muitos deles, em vez de responder *rogai por ele*, isto é, *Santa Maria, rogai pelo descanso da sua alma*, respondiam *rogai por nós: Santa Maria, rogai por nós*. E justificavam a opção, afirmando sem hesitar: “A esta hora, Savio já goza da glória do Paraíso, e não tem necessidade das nossas orações”.



E outros acrescentavam: “Se Domingos não foi direitinho para o céu, ele que sempre teve uma vida tão pura e tão santa, quem poderá dizer que é digno de ir para lá?”. Por isso, diversos amigos e companheiros que, em vida dele, admiravam as suas virtudes, começaram logo a esforçar-se para tomá-lo como modelo na prática do bem, e a recomendar-se a ele como celeste protetor.

Quase todos os dias se contavam graças recebidas para o corpo ou para a alma. Eu vi um jovem que sofria dores de dentes que o faziam desvairar e perder a cabeça. Recomendou-se com uma breve oração ao seu companheiro Savio e logo lhe passou o terrível incômodo que, até hoje, nunca mais o incomodou. Muitos se encomendaram a ele para se verem livres das febres e foram atendidos. Eu mesmo fui testemunha da cura de um que estava com febre altíssima e que obtive a graça de se liberar dela instantaneamente<sup>(67)</sup>. Tenho aqui à vista muitas relações de pessoas que dão conta de favores celestes obtidos por intercessão de Domingos Savio. Mas, embora os signatários dessas graças, por seu carácter e virtudes, sejam absolutamente dignos de crédito, no entanto, por se tratar de pessoas que ainda vivem, não me referirei a elas, e me limito a falar da cura de um estudante de filosofia, colega de Savio.

Durante o ano de 1858 este rapaz foi vítima de algumas doenças. A sua saúde ficou de tal maneira abalada, que teve de suspender os estudos e sujeitar-se a muitos tratamentos. No fim do ano não pôde fazer exame. Esperava poder fazê-lo em outubro, para não perder o ano, mas era-lhe impossível trabalhar. Como os seus incômodos aumentavam, as suas esperanças foram desaparecendo cada vez mais. Passou o período de outono, parte em casa dos pais e parte em casa de uns amigos que tinha na aldeia, onde a sua saúde pareceu melhorar.

<sup>67</sup> “Esta veneração e confiança no jovem Domingos Savio cresceu sobremaneira desde que foi divulgado um curioso caso por seu pai, que está pronto a confirmar a sua asserção em qualquer parte e na presença de quem quer que seja. Ele expôs assim o fato: “A perda daquele meu querido filho, diz ele, foi para mim causa de profundíssima dor, que ia aumentando com o desejo de saber o que lhe teria acontecido na outra vida. Deus dignou-se consolar-me. Cerca de um mês depois da sua morte, uma noite, depois de passar longo tempo sem poder cerrar os olhos, pareceu-me ver escancarar-se o forro do quarto, onde eu dormia, e aparecer Domingos no meio de uma grande luz, de semblante sorridente e jovial, com aspecto sorridente e alegre, mas majestoso e imponente. Diante de tal espetáculo fiquei como fora de mim. – Ó Domingos! Comecei a exclamar. Meu Domingos! Como vais? Onde estás? Já estás no paraíso? Sim, papai, respondeu. Ah!, respondi, se Deus te concedeu tão grande favor de poder ir gozar da felicidade do céu, reza pelos teus irmãos e irmãs para que também um dia possam estar junto contigo. Sim, sim, papai, respondeu, rezarei para que um dia possam vir comigo gozar da imensa felicidade do céu. – Reza também por mim, reza por tua mãe, para que todos nos possamos salvar e encontrar-nos um dia todos juntos no paraíso. – Sim, sim, rezarei. Dito isso, desapareceu e o quarto voltou à escuridão de antes”. O pai assegura dizer simplesmente a verdade e afirma que nem antes nem depois, acordado ou dormindo, foi confortado por aparição semelhante” (nota no texto original).

Voltou para Turim e recomeçou a estudar; mas teve uma recaída e ficou ainda pior do que antes. “Estava perto dos exames, diz ele no seu depoimento, e me encontrava muito mal de saúde. As dores de cabeça e de estômago tiravam-me toda a esperança de poder fazer o desejado exame que, para mim, era da máxima importância. Animado por tudo o que ouvia dizer do meu querido amigo Domingos Savio, resolvi também recomendar-me a ele. Comecei uma novena. E entre as orações que decidira fazer, havia a seguinte: Caro companheiro, que tive a grande consolação e felicidade de ter como colega durante mais de um ano; tu que santamente porfiavas comigo para conquistar o primeiro lugar na turma, sabes a necessidade que tenho de passar neste exame; pede a Deus por mim, peço-te de todo o coração, um pouco de saúde para que eu possa preparar-me”.

Ainda não passara o quinto dia da novena e já eu começava a sentir-me melhor. As forças voltaram e pude recomeçar a estudar. Rapidamente aprendi tudo e pude apresentar-me ao exame com sucesso. E esta graça não foi só momentânea, pois, atualmente, gozo de uma saúde regular, como não gozava há mais de um ano. Reconheço que esta graça de Deus me foi obtida pela intercessão deste meu companheiro, meu íntimo amigo durante a vida e o meu melhor protetor agora que está no céu. Há mais de dois meses que a graça foi obtida e a minha saúde continua a ser a mesma, com grande consolação e proveito para mim”.

Termino com este fato a narração da vida de Domingos Savio, com a intenção de mais tarde publicar outros, em apêndice<sup>68</sup>, se entender que poderão servir para maior glória de Deus e salvação das almas. Mas, antes de terminar, amigo leitor, quero dirigir-te algumas palavras. Já que me seguiste com atenção e leste tudo o que escrevi sobre Domingos Savio, queria que chegássemos a uma conclusão útil para todos. Queria que todos nos esforçássemos por imitar as virtudes de Domingos Savio, no que for compatível com o nosso estado. Na sua condição humilde, levou uma vida alegre, virtuosa e inocente, que foi premiada com uma santa morte. Imitemo-lo no modo de viver e teremos uma dupla garantia de sermos semelhantes a ele numa santa morte.

Sobretudo, não deixemos de imitá-lo na frequência do santo sacramento da penitência, que foi o seu sustentáculo na prática constante da virtude e guia seguro que o levou a um fim de vida tão glorioso. Aproximemo-nos muitas vezes deste banho salutar ao longo da vida, com as devidas disposições; mas, quando nos confessarmos, não nos esqueçamos de recordar as confissões

<sup>68</sup> Omitimos o apêndice de *Graças obtidas de Deus pela intercessão de Domingos Savio*.

anteriores, para assegurar-nos que tenham sido bem feitas, e se descobrirmos algum esquecimento, apressemo-nos a reparar os defeitos que porventura tivessem acontecido. Parece-me ser esta a verdadeira maneira de vivermos dias felizes no meio das preocupações da vida e no fim da qual veremos também nós com serenidade aproximar-se o momento da morte. Então, com a alegria no semblante e a paz no coração, iremos ao encontro do nosso Senhor Jesus Cristo, que nos acolherá benignamente para nos julgar segundo a sua grande misericórdia, e para nos levar, como espero para mim e para ti, querido leitor, das tribulações desta vida para a bem-aventurada eternidade, onde louvaremos e bendiremos a Deus por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

### 307. Perfil biográfico do jovem Miguel Magone, aluno do Oratório de São Francisco de Sales\*

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Cenno biografico del giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di San Francesco di Sales*. Segunda edição, aumentada. Turim, Tip. dell'Orat. di S. Franc. di Sales 1866<sup>69</sup>.

*Caríssimos jovens,*

Entre aqueles de vós que aguardavam ansiosamente a publicação da vida de Domingos Savio encontrava-se o juvenzinho Miguel Magone. Ele, com muito cuidado, recolhia do testemunho de um e de outro os traços especiais das ações que se contavam a respeito daquele modelo de vida cristã, e depois se empenhava com todas as suas forças em imitá-lo. Todavia, seu grande desejo era que fossem enfeixadas como num só ramallete as virtudes

<sup>69</sup> Esta segunda edição, que contém várias correções e significativas inserções em relação à primeira de 1861 (OE XIII, 155-250), é considerada definitiva (cf. Alberto CAVIGLIA, *Il "Magone Michele" una classica esperienza educativa. Studio*, in *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco*. Vol. V. Turim, Società Editrice Internazionale 1965, pp. 131-132). Extraímos o texto e as notas de: Giovanni BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, in ID., *Vite di giovani...*, pp. 111-157. [Em português: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco*. Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco 2013, pp. 119-172].

\* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde basicamente à que se encontra em: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco*. Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraudo. Brasília, Editora Dom Bosco, 2013, pp. 119-172; foram introduzidas inúmeras adaptações para a nossa linguagem atual.

daquele que ele considerava seu mestre. Lera apenas poucas páginas delas, quando o Senhor, pondo fim à sua vida mortal, chamou-o para gozar da paz dos justos, como firmemente esperamos, em companhia do amigo de quem queria tornar-se imitador

A vida singular, ou melhor, edificante, deste vosso companheiro suscitou em vós o piedoso desejo de vê-la também impressa e repetidamente me pedistes que a escrevesse. Por isso, movido por esses pedidos e pelo afeto que nutria por aquele nosso amigo comum, e também pelo pensamento de que este pequeno trabalho seria agradável e ao mesmo tempo útil às vossas almas, decidi satisfazer o vosso desejo, recolhendo o que, a seu respeito, aconteceu debaixo dos nossos olhos, para oferecê-lo impresso num livrinho.

Na vida de Domingos Savio podeis contemplar a virtude nascida com ele e cultivada até o heroísmo durante toda a sua vida mortal. Na vida de Miguel Magone temos um juvenzinho que, abandonado a si próprio, estava em perigo de começar a percorrer o triste caminho do mal; mas que o Senhor convidou a segui-lo. Ele escutou o amoroso chamado e, correspondendo constantemente à graça divina, conseguiu provocar a admiração de quantos o conheceram, tornando assim manifesto como são maravilhosos os efeitos da graça de Deus para com aqueles que se empenham em corresponder-lhe.

Encontrareis aqui muitas ações a admirar, muitas a imitar; mais, encontrareis certos traços de virtude, certas afirmações que parecem até superiores à idade de catorze anos. Mas precisamente por serem coisas pouco comuns é que me pareceram dignas de serem referidas. O leitor pode estar certo quanto à verdade dos fatos, pois nada mais fiz do que ordenar e ligar de forma histórica o que aconteceu debaixo dos olhos de grande número de pessoas que ainda vivem e que a qualquer momento podem ser interrogadas sobre aquilo que ali é exposto.

Nesta segunda edição acrescentei vários fatos de que não tinha conhecimento quando se fez a primeira; alguns outros foram mais explicitados por especiais circunstâncias que, posteriormente, de fontes seguras, pude obter sobre os mesmos.

A divina Providência, que se digna chamar o homem em idade avançada ou quando é jovem, nos conceda a grande graça de nos encontrar preparados naquele último momento de que depende a eternidade bem-aventurada ou infeliz. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo venha em nossa ajuda na vida e na morte, e nos mantenha firmes no caminho que conduz ao céu. Assim seja.

## Capítulo I – Curioso encontro

Num fim de tarde de outono<sup>70</sup>, regressava eu de Sommariva del Bosco<sup>71</sup>, e na estação de Carmagnola tive de esperar mais de uma hora pelo trem de Turim<sup>72</sup>. O relógio dava sete horas, o tempo estava coberto de neblina, uma densa nuvem desfazia-se em chuva miudinha. Isso ajudava a tornar a escuridão tão densa, que à distância de um passo, já não se conseguiria ver alma viva. A fosca luz da estação lançava um pálido clarão que a pouca distância da estação se perdia na escuridão. Só uma turba de garotos com brincadeiras e gritaria prendia a atenção, ou melhor, ensurdecia os ouvidos dos expectadores. Os gritos de *espera, pega, corre, pega este, pega aquele*, despertavam a atenção dos passageiros. Mas, no meio daquela gritaria, sobressaía uma voz clara que dominava todas as outras; era como a voz de um capitão, que os companheiros repetiam e todos seguiam como uma ordem rigorosa. Logo nasceu em mim o vivo desejo de conhecer aquele que, com tanta ousadia e tanta prontidão, sabia conduzir a brincadeira no meio de tanta balbúrdia. Aproveito o momento em que todos estão reunidos em torno daquele que se fazia de chefe; depois, com dois saltos, pulo para o meio deles. Todos fugiram assustados; só um para, vem na minha direção, com as mãos nos quadris e ar autoritário, começa a falar assim:

- Quem é o senhor que entra no meio do nosso jogo?
- Eu sou um amigo teu.
- Que quer de nós?
- Quero, se gostardes, divertir-me e jogar contigo e com os teus companheiros.
- Mas quem é o senhor? Não o conheço.
- Repito, sou um amigo teu: desejo jogar contigo e com os teus companheiros. E tu quem és?
- Eu, quem sou? Eu, acrescentou com voz grave e sonora, sou Miguel Magone<sup>73</sup>, o general do recreio.

<sup>70</sup> O encontro ocorreu na primeira quinzena de outubro de 1875.

<sup>71</sup> Sommariva del Bosco: lugarejo agrícola a 40 km de Turim.

<sup>72</sup> Carmagnola: cidade a 30 km da capital; naqueles anos tinha 12.894 habitantes.

<sup>73</sup> Na certidão de batismo o nome é: Miguel João Magone, filho de João e de Joana Maria Stella, costureira de profissão, nascido em 19 de setembro de 1845, à 1 hora da manhã, batizado no mesmo dia às 19 horas. O pai morreu antes do nascimento do filho.

Durante essa conversa, os outros garotos, que se tinham dispersado cheios de medo, se aproximaram. Depois de dirigir vagamente a palavra a este e àquele, voltei à fala com Magone e continuei assim:

– Meu caro Magone, quantos anos tens?

– Tenho treze anos.

– Já te confessaste?

– Oh! sim, respondeu, sorrindo.

– Já fizeste a primeira comunhão?

– Sim, fiz.

– Aprendeste alguma profissão?

– Aprendi a profissão de não fazer nada.

– O que fizeste até agora?

– Fui à escola.

– Que curso fizeste?

– Fiz a terceira elementar.

– Ainda tens pai?

– Não, o meu pai já morreu.

– E mãe?

– Sim, tenho, trabalha por conta de outros e faz tudo o que pode para me dar pão a mim e aos meus irmãos, que continuamente lhe fazemos perder a paciência.

– Que pensas fazer no futuro?

– Tenho de fazer alguma coisa, mas não sei o quê.

Esta franqueza de expressão unida a uma facilidade discursiva ordenada e coerente fez-me prever um grande perigo para aquele jovem, se porventura fosse abandonado daquela maneira. Por outro lado, parecia-me que, se aquele brio e aquele temperamento empreendedor fossem cultivados, seria certamente um rapaz de sucesso. Por isso retomei o diálogo assim:

– Meu caro Magone, queres deixar esta vida de menino de rua e começar a aprender alguma arte ou ofício, ou então continuar a estudar?

– Claro que quero, respondeu comovido; esta vida de condenado não me agrada. Alguns dos meus companheiros já estão na prisão e eu receio que me aconteça o mesmo, mas que hei de fazer? O meu pai morreu, a minha mãe é pobre, quem me vai ajudar?

– Esta noite reza com fervor ao Pai do céu; reza com o coração, confia nele, que ele cuida de mim, de ti e de todos.

Naquele momento o sino da estação dava os últimos toques e eu tinha de partir sem demora.

– Toma, disse-lhe eu, toma esta medalha; amanhã vai ter com o padre Ariccio, teu vice-pároco<sup>74</sup>; diz-lhe que o padre que te deu essa medalha deseja informações sobre o teu comportamento.

Recebeu a medalha com respeito. “Mas qual é o seu nome, donde o senhor é, o padre Ariccio o conhece?”. Estas e outras coisas o bom Magone me perguntava, mas eu já não pude responder, porque o trem tinha chegado e tive de subir a fim de retornar a Turim.

## *Capítulo II – A sua vida anterior e a sua vinda para o Oratório de São Francisco de Sales*

O fato de não ter podido conhecer o padre com quem tinha falado fez nascer em Magone um grande desejo de saber quem era; por isso, em vez de esperar pelo dia seguinte, foi logo ter com o padre Ariccio e contou-lhe com entusiasmo o que tinha ouvido. O vice-pároco compreendeu tudo e no dia seguinte escreveu-me uma carta em que dava a devida explicação das maravilhas referentes à vida do nosso general.

“O jovem Magone, escrevia ele, é um pobre rapaz órfão de pai; a mãe trabalha para alimentar a família e não pode dar o devido acompanhamento. Por isso ele passa o tempo nas ruas e nas praças com os meninos de rua. Tem uma inteligência não comum, mas a sua inconstância e leviandade o levaram a várias vezes ser posto fora da aula; apesar de tudo, fez bastante bem a terceira elementar. Quanto à moralidade, creio que tem bom coração e conduta simples, mas difícil de se submeter. Nas aulas da escola ou da catequese é o perturbador geral; quando ele se comporta bem, tudo está em paz; e quando vai embora, presta um benefício a todos. A idade, a pobreza, a índole e a inteligência tornam o rapaz digno de toda a atenção caridosa. Nasceu no dia 19 de setembro de 1845”.

Após essas informações, decidi recebê-lo entre os jovens desta casa para orientá-lo para os estudos ou para uma arte mecânica. Depois de receber a carta de admissão, o nosso candidato estava impaciente por vir para Turim.

<sup>74</sup> Francisco Alberto Ariccio (1819-1884).

Ele imaginava vir gozar das delícias do paraíso terrestre e tornar-se senhor do dinheiro de toda esta capital. Poucos dias depois, vejo-o aparecer diante de mim<sup>75</sup>. “Aqui estou, disse ele, correndo ao meu encontro, eu sou aquele Miguel Magone que o senhor encontrou na estação de trem de Carmagnola.

– Já sei tudo, meu caro; vieste de boa vontade?

– Sim, sim, boa vontade não me falta.

– Se tens boa vontade, peço-te que não me ponhas toda a casa de pernas para o ar.

– Oh! fique descansado, que não lhe darei desgostos. No passado com-portei-me mal, mas no futuro não quero que seja assim. Dois dos meus companheiros já estão na cadeia e eu...

– Fica tranquilo; dize-me apenas se preferes estudar ou aprender um ofício?

– Estou pronto a fazer o que quiser, mas, se me dá a escolher, prefiro estudar.

– E, se estudares, que desejas fazer no fim dos estudos?

– Se um moleque..., disse isso e inclinou a cabeça a sorrir.

– Continua, que queres dizer, *se um moleque...*

– Se um patife como eu pudesse tornar-se bastante bom para poder ser padre, de bom grado me faria padre.

– Veremos então o que será capaz de fazer um patife. Vou colocar-te a estudar; quanto a ser padre ou outra coisa, isso dependerá do teu progresso nos estudos, da tua conduta moral e dos sinais que deres de ser chamado ao estado eclesiástico.

– Se o esforço da boa vontade servir para alguma coisa, garanto-lhe que não ficará descontente comigo.

Antes de mais nada, foi-lhe indicado um companheiro que lhe fizesse de anjo da guarda. É costume desta casa ao receber algum rapaz de moralidade suspeita ou não bem conhecida confiá-lo a um jovem dos mais velhos e de moralidade segura, a fim de acompanhá-lo e corrigi-lo conforme a necessidade, até que se possa sem perigo admitir com os outros companheiros. Sem que Magone soubesse, da forma muito discreta e caridosa, aquele colega nunca o perdia de vista: acompanhava-o nas aulas, no estudo, no recreio: brincava

<sup>75</sup> Chegou ao Oratório de Valdocco em 17 de outubro de 1857 (cf. ASC E720: *Censimento dal 1847 al 1869*, 10).



e jogava com ele. Mas a qualquer momento era necessário que lhe dissesse: “Não tenhas esta conversa que é má; não digas aquela palavra, não pronuncies o santo nome de Deus em vão”. E ele, embora com frequência se visse a impaciência estampada no seu rosto, só dizia: “Bravo, fizeste bem em avisar-me; és mesmo um bom companheiro. Se no passado tivesses sido meu companheiro, não teria criado estes péssimos hábitos que agora já não consigo perder”.

Nos primeiros dias não sentia gosto em quase nada, a não ser no recreio. Cantar, gritar, correr, saltar, fazer barulho, era o que satisfazia o seu temperamento feroso e vivaz. Quando, porém, o companheiro lhe dizia: “Magone, a sineta nos chama para o estudo, para a aula, para a oração”, ou coisas semelhantes, lançava mais um olhar de pena aos divertimentos e depois encaminhava-se sem opor dificuldade para onde o dever o chamava.

Mas um bom momento para o ver era quando a sineta indicava o fim de algum dever a que se seguia o recreio. Parecia sair da boca de um canhão; voava por todos os cantos do pátio; qualquer jogo em que entrasse a destreza corporal era a sua delícia. O jogo a que damos o nome de *barra comprida*<sup>76</sup> era o seu predileto e ele se tornou famoso nele. Misturando assim o recreio com os outros deveres escolares, achava bastante agradável o novo teor de vida.

### *Capítulo III – Dificuldades e mudança moral*

O nosso Miguel estava no Oratório havia um mês e se servia de qualquer ocupação como meio para passar o tempo; sentia-se feliz desde que tivesse espaço para saltar e estar alegre, sem pensar que a verdadeira alegria deve partir da paz do coração, da tranquilidade de consciência. Quando de repente começou a diminuir aquela ânsia de se divertir! Parecia um tanto pensativo e, se não fosse convidado, já não tomava parte nos divertimentos. O companheiro que lhe servia de anjo da guarda percebeu a mudança e, aproveitando a ocasião, um dia falou-lhe assim:

– Meu caro Magone, desde alguns dias já não vejo no teu rosto a costumeira jovialidade; por acaso, estás mal de saúde?

– Ora! De saúde estou muito bem.

– Onde vem então esta tristeza?

<sup>76</sup> *Barra comprida*: jogo que se baseia na prontidão de reflexos, na velocidade da corrida e na estratégia de grupo.

– Esta tristeza provém de ver os meus companheiros tomarem parte nas práticas de piedade. Vê-los alegres, rezar, aproximar-se da confissão e da comunhão provoca-me contínua tristeza.

– Não compreendo como é que a devoção dos outros pode ser causa de tristeza para ti.

– A razão é fácil de compreender: os meus companheiros, que já são bons, praticam a religião e se tornam ainda melhores; e eu, que sou um patife, não posso tomar parte nelas, e isso me provoca grave remorso e grande inquietação.

– Oh! és uma criança! Se a felicidade dos colegas te dá inveja, que te impede de seguir o exemplo deles? Se sentes remorsos na consciência, não podes porventura tirá-los?

– Tirá-los... tirá-los... é fácil dizer! Mas, se estivesse no meu lugar, dirias também que..., dito isso, abanando a cabeça em sinal de raiva e de comoção, fugiu para a sacristia.

O amigo seguiu-o e, ao chegar perto dele, disse-lhe: “Meu caro Magone, por que foges? Dize-me as tuas penas. Quem sabe poderei indicar-te o meio para eliminá-las?”.

– Tens razão, mas estou metido numa embrulhada.

– Em qualquer embrulhada que te encontrares, há maneira de resolver.

– Como poderei ter paz, se me parece ter mil demônios no corpo?

– Não te aflijas; vai ao confessor, mostra-lhe o estado da tua consciência; ele te dará os conselhos necessários. Quando temos problemas, fazemos sempre assim; e por isso estamos sempre alegres.

– Está bem, mas... mas... e começou a chorar. Passaram ainda alguns dias e a melancolia tornou-se tristeza. Jogar era para ele um peso; o riso deixou de aparecer nos seus lábios; com frequência, enquanto os colegas se entregavam de corpo e alma ao recreio, ele se retirava para qualquer canto a pensar, refletir, por vezes a chorar. Eu seguia de perto tudo o que lhe acontecia. Por isso um dia mandei-o chamar e falei-lhe assim:

– Caro Magone, precisava que me fizesses um favor, mas não queria uma recusa.

– Diga lá, respondeu com decisão, diga lá, estou pronto a fazer tudo o que me ordenar.

– Precisava que, por um momento, me deixasses ser o senhor do teu coração e me manifestasses o motivo dessa tristeza que de uns dias para cá te amargura.

– Sim, é verdade o que me diz, mas... estou desesperado e não sei como fazer.

Tendo dito estas palavras, irrompeu num choro inconsolável. Deixei-o desabafar um pouco. Depois, em tom de brincadeira, disse-lhe: “Como! És tu aquele general Miguel Magone comandante de todo o bando de Carmagnola? Que general és tu?! Não consegues exprimir por palavras a dor que tens na alma?”.

– Queria fazê-lo, mas não sei como começar; não sei me expressar.

– Dize-me só uma palavra, que o resto, digo eu.

– Tenho a consciência atrapalhada.

– Basta isso; já compreendi tudo. Precisava que me disseses esta palavra para poder dizer-te o resto. Não quero por agora entrar em assuntos de consciência; vou dar-te apenas as normas para acertar tudo. Escuta, portanto: se os assuntos da tua consciência foram acertados no passado, prepara-te somente para fazer uma boa confissão, expondo aquilo que te aconteceu de mal desde a última vez que te confessaste. Se por receio ou por outro motivo omitiste confessar alguma coisa; ou então, se tens conhecimento de alguma confissão em que faltou alguma das condições necessárias, neste caso retoma a confissão desde quando tens a certeza de a ter feito bem, e confessa tudo o que possa pesar-te na consciência.

– Aqui está a minha dificuldade. Como poderei recordar-me daquilo que me aconteceu desde há vários anos?

– Podes regular tudo com a máxima facilidade. Dize só ao confessor que tens alguma coisa a rever na tua vida passada, que depois puxará pelo fio das tuas coisas, de modo que tu terás apenas de dizer sim ou não, quantas vezes isso ou aquilo te aconteceu.

#### *Capítulo IV – Faz a sua confissão e começa a frequentar os santos sacramentos*

Magone passou aquele dia se preparando com o exame de consciência; mas desejava tanto regular os assuntos da alma que à noite não quis deitar sem antes se confessar. “O Senhor, dizia, esperou muito por mim, é verdade; que queira esperar até amanhã é incerto. Portanto, se posso confessar-me esta noite, não devo adiar mais, e depois é tempo de cortar relações com o demônio”. Fez por isso a sua confissão com grande comoção e interrompeu-a por várias vezes para dar livre curso às lágrimas. Quando terminou, antes de se despedir

do confessor, disse: “Acha que os meus pecados me foram todos perdoados? Se morresse esta noite, salvar-me-ia?”.

Fica tranquilo, foi-lhe respondido. O Senhor, que na sua grande misericórdia te esperou até agora para que tivesses tempo de fazer uma boa confissão, certamente perdoou todos os teus pecados; e, se nos seus adoráveis decretos ele quisesse chamar-te esta noite para a eternidade, tu serias salvo.

Muito comovido, acrescentou: “Oh! como estou feliz agora!”. Depois, desatando de novo em lágrimas, foi deitar-se. Esta foi para ele uma noite de agitação, de emoção. Mais tarde manifestou a alguns dos seus amigos as ideias que naquele espaço de tempo lhe perpassaram pela mente. “É difícil, costumava dizer, exprimir os sentimentos que invadiram o meu pobre coração naquela noite memorável. Passei-a quase inteiramente em branco. Ficava algum tempo meio adormecido e logo a imaginação me fazia ver o inferno aberto cheio de demônios. Afastava imediatamente essa tétrica imagem pensando que os meus pecados tinham sido todos perdoados e naquele momento parecia-me ver uma multidão de anjos mostrando-me o paraíso e dizendo: Vê que grande felicidade te está reservada, se fores constante nos teus propósitos!”.

“Lá pela metade da noite eu estava tão cheio de alegria, de comoção e de sentimentos diversos, que para desafogar um pouco a minha alma me levantei, ajoelhei e disse muitas vezes estas palavras: Oh! como são infelizes os que caem em pecado! Mas quanto mais infelizes são os que vivem em pecado. Eu creio que se eles saboreassem, mesmo que por um só instante, a grande consolação que sente quem se encontra na graça de Deus, todos iriam confessar-se para aplacar a ira de Deus, dar tréguas aos remorsos da consciência e gozar da paz do coração. Infeliz pecado! Que terrível flagelo tu és para aqueles que te deixam entrar no seu coração! Meu Deus, não quero mais voltar a vos ofender, antes, quero amar-vos com todas as forças da minha alma, e se por infelicidade cair, mesmo que num só pequeno pecado, irei imediatamente confessar-me”.

Assim exprimia o nosso Magone o seu arrependimento por ter ofendido a Deus e prometia manter-se constante no santo serviço divino. De fato, começou a frequentar os santos sacramentos da confissão e da comunhão, e aquelas práticas de piedade que antes o aborreciam, agora ele as frequentava com grandes transportes de alegria. Antes, sentia tanto gosto em se confessar e o fazia com tanta frequência, que o confessor teve de moderá-lo para evitar que se tornasse escrupuloso. Esta doença grassa com grande facilidade na mente dos juvenzinhos quando querem de fato entregar-se a servir o Senhor. Os estragos são graves, porque com isso o demônio perturba a alma, agita o coração, torna pesada a prática da religião; e muitas vezes faz voltar ao mau caminho os que já tinham avançado na virtude.

O meio mais fácil de nos libertarmos dessa chaga é abandonar-nos à obediência ilimitada ao confessor. Quando ele diz que uma coisa é má, façamos tudo o que pudermos para não voltar a cometê-la. Ele diz que nesta ou naquela ação não há mal nenhum? Então é seguir o seu conselho e avançar com paz e alegria de coração. Em suma, a obediência ao confessor é o meio mais eficaz para nos libertarmos dos escrúpulos e perseverarmos na graça do Senhor.

### *Capítulo V – Uma palavra à juventude*

Por um lado, as inquietações e as angústias do jovem Magone, por outro, a maneira franca e decidida como acertou as coisas da sua alma, proporciona-me a ocasião de vos sugerir, jovens caríssimos, algumas lembranças que julgo muito úteis para as vossas almas. Considerai-as como penhor de afeto de um amigo que ardentemente deseja a vossa salvação eterna.

Em primeiro lugar, recomendo-vos que façais tudo o que puderdes para não cair em pecado, mas, se por infelicidade vos acontecer cometê-lo, nunca vos deixeis induzir pelo demônio a omiti-lo na confissão. Pensai que o confessor recebeu de Deus o poder de vos perdoar toda a espécie e todo o número de pecados. Quanto mais graves forem os pecados confessados, mais ele se alegrará, pois sabe que muito maior é a misericórdia divina que por seu intermédio vos oferece o perdão e aplica os méritos infinitos do precioso sangue de Jesus Cristo, com que ele pode lavar todas as manchas da vossa alma.

Meus queridos jovens, não esqueçais que o confessor é um pai que deseja ardentemente fazer-vos todo o bem possível e procura afastar de vós toda a espécie de mal. Não tendes medo de perder a sua estima por vos confessardes de coisas graves ou de que ele as revele a alguém. De fato, por nada deste mundo o confessor pode servir-se de qualquer informação recebida na confissão. Mesmo que tivesse de perder a sua própria vida, não diz nem pode dizer, seja a quem for, a mínima coisa referente àquilo que ouviu em confissão. Antes, posso assegurar-vos que, quanto mais sinceros fordes e mais confiança depositardes nele, mais ele aumentará também a sua confiança em vós e estará cada vez mais em condições de vos dar os conselhos e as orientações que achar mais necessários e oportunos para as vossas almas.

Quis dizer-vos isso para que não vos deixeis enganar pelo demônio, calando por vergonha algum pecado na confissão. Garanto-vos, meus queridos jovens, que me treme a mão ao escrever, pensando no grande número de cristãos que se condenam só por ter calado ou por não ter confessado com

sinceridade certos pecados! Se porventura algum de vós, ao rever a sua vida passada, descobrir que omitiu voluntariamente algum pecado ou tiver qualquer dúvida acerca da validade de uma confissão, quero dizer-lhe sem mais: “Amigo, por amor de Jesus Cristo e pelo precioso sangue que ele derramou para salvar a tua alma, suplico-te que ponhas em ordem os assuntos da tua consciência na primeira vez que te confessares, expondo com sinceridade tudo o que poderia perturbar-te se te encontrasses na iminência de morrer. Se não sabes como exprimir-te, começa por dizer ao confessor que tens alguma coisa que te atormenta na vida passada. Isso permite-lhe fazer as perguntas necessárias para aclarar a situação e às quais tu responderás com sinceridade. Depois fica tranquilo que tudo estará em ordem”.

Recorrei com frequência ao vosso confessor, rezai por ele e segui os seus conselhos. Uma vez escolhido um confessor que julgais adequado para as necessidades da vossa alma, não mudeis sem necessidade. Enquanto não tiverdes um confessor estável, no qual tenhais toda a confiança, faltará sempre o amigo da vossa alma. Confiai também nas orações do confessor que na santa missa reza todos os dias pelos seus penitentes, para que Deus lhes conceda fazer boas confissões e perseverar no bem; rezai vós também por ele.

Podeis, todavia, sem escrúpulo, mudar de confessor quando, vós ou ele, mudardes de residência e vos causar grave incômodo recorrer a ele, ou então quando ele estiver doente ou quando, por ocasião de solenidades, houver grande afluência de penitentes. Igualmente, se tiverdes alguma coisa na consciência que não ousais manifestar ao confessor ordinário, antes que cometer um sacrilégio, mudai não uma, mas mil vezes de confessor.

Se porventura este escrito for lido por quem a divina Providência destina a escutar as confissões da juventude, quero, omitindo muitas outras coisas, pedir humildemente que me permita dizer-lhe com todo o respeito:

1.º Acolhei com bondade toda a espécie de penitentes, mas especialmente os juvenzinhos. Ajudai-os a expor os assuntos da sua consciência; insisti para que se confessem com frequência. É este o meio mais seguro para mantê-los longe do pecado. Tende todo o cuidado a fim de que ponham em prática os conselhos que lhes dais para evitar as recaídas. Corrigi-os com bondade, mas nunca os repreendais; se os repreenderdes, deixam de recorrer a vós ou então omitem aquilo pelo qual lhes destes uma áspera repreensão.

2.º Quando tiverdes ganho a sua confiança, prudentemente tentai indagar se as confissões da vida passada foram bem feitas. Com efeito, autores célebres em moral e em ascética e de longa experiência, e especialmente uma pessoa autorizada que tem todas as garantias da verdade, são unânimes em afirmar que, na maior parte dos casos, as primeiras confissões dos garotos, se

não são nulas, são pelo menos falhas por falta de instrução, ou por omissão voluntária de coisas a confessar. Convide-se o menino a ponderar bem o estado da sua consciência, especialmente dos sete aos dez, doze anos. Nessa idade já se tem conhecimento de certas coisas que são grave mal, mas às quais se dá pouca importância ou se ignora a maneira de confessar. O confessor use de grande prudência e de grande reserva, mas não deixe de fazer algumas perguntas acerca do que diz respeito à santa virtude da modéstia.

Gostaria de dizer muitas coisas sobre este assunto, mas omito-as por não querer passar por mestre em coisas de que sou apenas um pobre e humilde discípulo. Disse aqui estas poucas palavras que no Senhor me parecem úteis às almas da juventude, a cujo bem desejo consagrar todo o tempo que ao Senhor aprouver deixar-me viver neste mundo. Agora regresso ao jovem Magone.

### *Capítulo VI – A sua exemplar solícitude pelas práticas de piedade*

À frequência dos sacramentos da confissão e da comunhão uniu um espírito de fé viva, uma solícitude exemplar, uma atitude edificante em todas as práticas de piedade. No recreio parecia um potranquinho à solta; na igreja não encontrava lugar nem modo que lhe agradasse; mas pouco a pouco conseguiu estar com tal recolhimento que poderia ser proposto como modelo a qualquer cristão fervoroso. Fazia bem o exame de consciência<sup>77</sup>; enquanto estava à espera, próximo do confessionário, dava a sua vez aos outros; e ele sempre recolhido e paciente aguardava poder aproximar-se comodamente do confessor. Por vezes, viram-no aguentar quatro ou cinco horas recolhido, imóvel e de joelhos no chão a esperar a sua vez de se confessar. Um companheiro quis tentar imitá-lo, mas ao fim de duas horas caiu desmaiado e nunca mais tentou imitar o seu amigo naquele gênero de penitência. Isso pareceria quase incrível naquela tenra idade, se quem escreve não tivesse sido testemunha ocular. Ouvia com muito agrado falar do modo edificante como Domingos Savio se aproximava dos sacramentos da confissão e da comunhão, e empenhava-se com todas as forças em imitá-lo.

Quando veio para esta casa, estar na igreja era para ele quase insuportável; alguns meses depois, sentia grande consolação nas celebrações religiosas, quaisquer que elas fossem. “O que se faz na igreja, dizia ele, faz-se para o Senhor, e o que se faz para o Senhor, nunca se perde”. Um dia, já se tinha dado sinal para as sagradas celebrações e um colega convidava-o a continuar o jogo

<sup>77</sup> Cf. n. 184.

até o fim. “Sim, respondeu, continuo a jogar, se me deres a paga que o Senhor me dá”. Àquelas palavras, o colega calou-se e acompanhou-o a cumprir aquele dever religioso.

Outro companheiro disse-lhe uma vez:

– Não te sentes aborrecido nas cerimônias quando são tão longas?

– Pobre rapaz, és como eu antigamente, respondeu: não conheces as coisas úteis. Não sabes que a igreja é a casa do Senhor? Quanto mais estivermos em sua casa neste mundo, maior esperança temos de estar depois com ele na Igreja triunfante do paraíso. E, se com o uso se adquire direito nas coisas temporais, por que não se adquirirá nas espirituais? Por isso, estando nós na casa material do Senhor neste mundo, adquirimos o direito de ir um dia com ele para o céu.

Depois da habitual ação de graças da confissão e da comunhão e depois das celebrações sagradas, parava junto do altar do Santíssimo Sacramento ou diante do altar de Nossa Senhora e fazia orações especiais. Estava tão atento, recolhido e composto na sua pessoa que parecia insensível a qualquer coisa exterior. Por vezes os companheiros ao sair da igreja e ao passar perto esbarravam nele; com frequência tropeçavam nos pés e os pisavam. Mas ele, como se nada acontecesse, continuava serenamente a sua oração ou meditação.

Gostava muito de todos os atos de devoção. Uma medalha, uma pequena cruz, uma imagem eram para ele objetos de grande veneração. Em qualquer momento que soubesse que se distribuía a sagrada comunhão, que se recitava alguma oração ou se cantava alguma loa, fosse na igreja ou fora da igreja, logo interrompia o recreio e ia tomar parte no cântico ou na prática de piedade.

Gostava muito de cantar, e como tinha uma voz limpa e muito agradável, aplicava-se também no estudo da música. Em pouco tempo adquiriu conhecimentos que lhe permitiram tomar parte em solenes celebrações públicas. Mas assegurava e deixou escrito que nunca os seus lábios profeririam uma única palavra que não pudesse servir para a maior glória de Deus. “Infelizmente, dizia ele, no passado, a minha língua não fez aquilo que devia fazer. Que ao menos no futuro possa remediar o passado!”. Num folheto, entre os seus propósitos, encontrava-se este: “Ó meu Deus, que a minha língua se cole ao céu da boca antes que proferir uma palavra desagradável aos vossos ouvidos”.

No ano de 1858 tomava parte nas celebrações que na novena do santo Natal se realizavam num retiro desta capital. Uma noite, os companheiros enalteciam o sucesso da sua atuação no cântico daquele dia. Ele, confuso, retirou-se do meio deles, cheio de tristeza. Tendo-se perguntado o motivo,



começou a chorar, dizendo: “Trabalhei em vão, porque senti complacência ao cantar e perdi metade do mérito. Agora estes elogios fazem-me perder a outra metade e para mim fica só o cansaço”.

### *Capítulo VII – Pontualidade nos seus deveres*

O seu temperamento feroso, a sua imaginação fervilhante, o seu coração cheio de emoções levavam-no naturalmente a ser muito vivaz e à primeira vista dissipado. Por outro lado, no tempo devido, sabia conter-se e autocontrolar-se. No recreio, como que perdia a noção das coisas: todos os recantos do amplo pátio desta casa eram batidos pelos pés do nosso Magone; não havia jogo em que ele não fosse dos primeiros. Mas ao sinal do estudo, das aulas, do repouso, do refeitório, da oração, interrompia tudo e corria a cumprir os seus deveres. Era maravilhoso ver aquele que era a alma do recreio e que tudo punha em movimento, como se fosse comandado por uma máquina, ser o primeiro nos lugares onde o dever o chamava.

Relativamente aos deveres escolares parece-me bem referir aqui uma parte da ponderada declaração do seu professor padre João Francesia, que o teve como aluno nas aulas de latinidade.

“De muito bom grado, escreve ele, dou testemunho público das virtudes do meu caro aluno Miguel Magone. Esteve sob a minha responsabilidade todo o ano letivo de 1857 e parte de 1858-59. Que eu saiba, nada de extraordinário aconteceu no seu primeiro ano de latinidade. Sempre deu conta do recado. Mediante a sua aplicação e diligência nas aulas fez num só ano duas classes de latinidade. Por isso, no fim desse mesmo ano, mereceu ser admitido à classe de terceira gramática latina. Basta isso para nos dar a conhecer que a sua inteligência era rara. Não me recordo de alguma vez tê-lo repreendido pela sua indisciplina. Estava sossegadíssimo nas aulas, apesar da sua grande vivacidade, de que dava magnífica prova no pátio durante o tempo de recreio. Sei até que, em estreita e amistosa relação com os melhores dos colegas, procurava imitar os seus exemplos. No início do segundo ano (1858-59) via-me rodeado de uma bela coroa de jovens alegres e todos unânimes no desejo de não perder nem um minuto de tempo, mas de aproveitar tudo para avançar nos estudos. Miguel Magone encontrava-se entre os primeiros desse grupo. Quanto ao mais, fiquei muito agradavelmente surpreendido com a sua total mudança, quer no aspecto físico quer no moral, e com uma tão insólita gravidade associada a um ar que lhe dava um aspecto sério na frente e no olhar, sinal de que o seu coração se encontrava muito preocupado. Creio que esta mudança

exterior derivava da resolução tomada de querer entregar-se todo à piedade, e podia verdadeiramente ser proposto como modelo de virtude. Parece-me estar ainda a ver-te, ó meu saudoso aluno, naquela atitude devota em que me escutavas como teu professor, sendo eu humilde discípulo das tuas virtudes! Parecia mesmo despojado do antigo Adão. Ao contemplá-lo assim atento aos seus deveres, longe da divagação tão característica daquela idade, quem não lhe aplicaria o verso de Dante<sup>78</sup>, *Sotto biondi capei canuta mente*\*.

Recordo que uma vez, para pôr à prova a atenção e o aproveitamento do sempre querido discípulo, convidei-o a declamar um dístico que pouco antes eu tinha ditado. “Sou *pouco* capaz”, responde modestamente Miguel. “Ouçamos então o *pouco*”, acrescentei. Mas quê? Fez aquilo tão bem que foi cumprimentado por mim e pelos companheiros encantados com prolongados aplausos. Dali em diante o *pouco* de Magone passou a ser um provérbio nas aulas para indicar um jovem que se distinguia pelo estudo e pela atenção”. Foi este o testemunho do seu professor.

No cumprimento dos seus outros deveres era em tudo exemplar. O superior da casa tinha dito muitas vezes que qualquer momento de tempo é um tesouro. Por isso, ele repetia com frequência: “Quem perde um momento de tempo, perde um tesouro”. Movido por este pensamento, não deixava escapar um instante sem fazer o que as suas forças permitiam. Tenho aqui à minha frente as notas de aplicação e de comportamento de cada uma das semanas durante todo o tempo que passou entre nós. Nas primeiras semanas o comportamento foi medíocre, depois bom e por fim quase ótimo. Ao fim de três meses começou a ser qualificado como ótimo e assim se manteve pelo tempo que viveu nesta casa.

Na Páscoa daquele ano (1858) fez os exercícios espirituais com grande edificação dos seus companheiros e com verdadeira consolação do seu coração. Realizou seu vivo desejo de fazer a confissão geral, escrevendo depois vários propósitos para praticar em toda a sua vida. Entre outros, queria fazer voto de nunca perder um momento de tempo, coisa que não lhe foi permitida. “Pelo menos, disse ele, seja-me concedido prometer ao Senhor obter sempre a qualificação de “ótimo” no meu comportamento”. “Seja como quiseres, respondeu-lhe o diretor, contanto que esta promessa não tenha força de voto”. Foi então que ele se serviu de um caderninho em que antecipadamente anotava todos os dias da semana: “Com a ajuda de Deus, dizia ele, e com a proteção de Maria Santíssima quero ter: no domingo, “ótimo”; na segunda, “ótimo”; na terça, etc...”.

<sup>78</sup> Deveria dizer: Petrarca (1304-1374); é um verso do soneto 213 do *Canzoniere*.

\* Tradução: “*Por baixo de cabelos louros, mente sensata*”.

Todas as manhãs, a primeira coisa que fazia era dar uma olhada no caderninho e muitas vezes ao longo do dia lia e renovava a promessa de obter a nota “ótimo” no seu comportamento. Se porventura, no seu entender, tivesse havido alguma falha, ainda que pequena, castigava-se com penitências voluntárias, tais como privar-se de algum tempo de recreio, abster-se de alguma coisa que fosse especialmente do seu gosto, alguma oração e semelhantes.

Este caderninho foi encontrado pelos companheiros depois da sua morte, que ficaram muito edificadas com as santas diligências usadas pelo seu colega para progredir no caminho da virtude. Ele queria obter a qualificação de “ótimo” em tudo; por isso ao sinal de mudança de atividade, logo suspendia o recreio, interrompia qualquer conversa e muitas vezes truncava a palavra, pousava a caneta a meio da linha para ir prontamente para onde o dever o chamava. Por vezes dizia: “É verdade que terminar o que tenho entre mãos é bom, mas o meu coração já não se satisfaz com isso, antes fica angustiado. O meu coração sente o maior prazer no cumprimento dos meus deveres à medida que me são indicados pela voz dos superiores ou pelo som da sineta”.

A exatidão nos seus deveres não lhe impedia de respeitar os sinais de cortesia aconselhados pelas boas maneiras e pela caridade. Por isso, prontificava-se para escrever cartas a quem dissesse tivesse necessidade. Limpar a roupa dos outros, ajudar a levar água, arrumar a cama, varrer, servir à mesa, ceder os brinquedos a quem os desejasse, ensinar o catecismo a outros e a cantar, explicar dificuldades da aula, eram coisas a que ele se prestava com o maior gosto sempre que houvesse oportunidade.

### *Capítulo VIII – A sua devoção a Nossa Senhora*

É preciso afirmar que a devoção a Nossa Senhora é o sustentáculo de qualquer fiel cristão, de modo especial para a juventude. Assim fala em seu nome o Espírito Santo: *Si quis est parvulus, veniat ad me*<sup>79</sup>. Magone conheceu esta verdade importante, que de modo providencial lhe foi comunicada. Um dia foi-lhe oferecida uma imagem da Virgem Maria onde estava escrito: *Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos*, isso é: Vinde, filhos, escutai-me e eu vos ensinarei o temor de Deus<sup>80</sup>. Ele começou a pensar seriamente nesse convite e depois escreveu uma carta ao seu diretor em que dizia como a Virgem Maria lhe tinha feito ouvir a sua voz, chamava-o para tornar-

<sup>79</sup> Quem for pequeno venha a mim (Pr 9,4) (cf. n. 184).

<sup>80</sup> Sl 34,12.

-se bom e que ela própria queria ensinar-lhe o modo de temer a Deus, de o amar e servir.

Começou, portanto, a oferecer a Maria algumas “flores espirituais”\* que constantemente praticava em homenagem daquela que passou a honrar sob o título de mãe celeste, divina mestra, piedosa pastora. Eis, portanto, os principais traços da sua filial devoção que com fervor sempre crescente ia exercitando para com Maria. Todos os domingos fazia a santa comunhão pela alma do purgatório que na terra tivesse sido mais devota de Maria Santíssima.

Em honra de Maria, perdoava de bom grado qualquer ofensa. Frio, calor, desgostos, cansaço, sede, suor e outros incômodos das estações eram flores espirituais que ele com alegria oferecia a Deus pela mão da sua piedosa mãe celeste.

Antes de começar a estudar, a escrever no estudo ou na aula, tirava de um livro uma imagem de Maria em cuja margem estava escrito este verso: *Virgo parens studiis semper adesto meis*, Virgem Mãe, assisti-me sempre nos meus estudos.

A ela se recomendava sempre no princípio de todas as suas ocupações escolares. “Eu, costumava dizer, se encontro dificuldades nos meus estudos, recorro à minha divina mestra e ela me explica tudo”. Um dia, um dos seus amigos alegrava-se com ele pelo bom êxito do seu tema da aula. “Não deves alegrar-te comigo, respondeu, mas com Maria que me ajudou, e me colocou na mente muitas coisas que por mim não saberia”.

Para ter sempre presente algum objeto que lhe recordasse o patrocínio de Maria nas suas ocupações ordinárias, escrevia onde quer que pudesse: *Sedes sapientiae, ora pro me*: Ó Maria, sede da sabedoria, rogai por mim. Por isso, em todos os seus livros, na capa dos cadernos, na carteira, nos bancos, na cadeira, e em qualquer lugar em que com a pena ou com o giz pudesse escrever, se lia: *Sedes sapientiae, ora pro me*.

No mês de maio daquele ano de 1858, propôs-se fazer tudo o que pudesse para honrar Maria. Naquele mês, a mortificação dos olhos, da língua e dos outros sentidos foi cumprida. Queria também se privar de uma parte do recreio, jejuar, passar algum tempo da noite em oração, mais isso foi-lhe proibido por não ser compatível com a sua idade.

\* Em italiano: “*Fioretti*”, palavra já consagrada para significar pequenos atos de virtude que uma pessoa se propõe realizar.

Em fins do referido mês apresentou-se ao seu diretor e disse-lhe: “Se for do seu agrado, quero fazer um gesto bonito em honra da grande mãe de Deus. Eu sei que São Luís Gonzaga agradou muito a Maria porque desde pequeno lhe consagrou a virtude da castidade<sup>81</sup>. Queria também eu oferecer este presente e por isso desejo fazer voto de ser padre e de observar castidade perpétua”. O diretor respondeu que ainda não tinha idade de fazer votos daquela importância. “Contudo, interrompeu ele, sinto grande vontade de me entregar todo a Maria e, se me consagrar a ela, certamente ela me ajudará a manter a promessa”. “Faze assim, acrescentou o diretor, em vez de um voto, limita-te a fazer uma simples promessa de abraçar o estado eclesiástico, desde que no fim dos estudos de latinidade apareçam sinais claros de ser chamado ao mesmo. Em vez do voto de castidade, faze apenas uma promessa ao Senhor de, no futuro, ter o maior cuidado para nunca fazer nada, nem dizer palavra, nem sequer por brincadeira, que mesmo de leve seja contrária àquela virtude. Todos os dias invoca Maria com alguma oração especial para que te ajude a manter esta promessa”.

Ficou contente com aquela proposta e muito feliz prometeu empenhar-se sempre em tudo o que pudesse para praticá-la.

### *Capítulo IX – A sua solicitude e as suas práticas para conservar a virtude da pureza*

Além das sobreditas práticas tinha também recebido algumas recomendações, a que dava a máxima importância e costumava chamar de pais, guardas e defensores da virtude da pureza. Temos aquelas recomendações na resposta que ele deu a uma carta escrita por um companheiro no final do referido mês de Maria, que pedia a Miguel que lhe dissesse como costumava fazer para conservar a pureza, rainha das virtudes.

Aquele companheiro entregou-me a carta de que destaco quanto segue: “Para te dar uma resposta completa, são palavras de Magone, queria poder falar à viva voz e dizer muitas coisas que não parece conveniente escrever. Aqui exporei apenas os principais avisos dados pelo meu diretor, graças aos quais me assegura a conservação da mais preciosa das virtudes. Um dia deu-me um bilhete e disse-me: ‘Lê e pratica’. Abri e dizia assim: *Cinco lembranças que São Felipe Neri dava aos jovens para conservar a virtude da pureza*: Fuga das más companhias. Não alimentar delicadamente o corpo. Fuga do ócio. Oração frequente. Frequência dos sacramentos, especialmente da confissão. O que está abreviado ele o expôs outras vezes de forma mais desenvolvida, e agora digo a ti como o escutei da sua boca:

<sup>81</sup> Cf. n. 184.

1º Coloca-te com filial confiança sob a proteção de Maria, confia e espera nela. Nunca se ouviu dizer que alguém tivesse recorrido a Maria com confiança e não tenha sido atendido. Ela será a tua defesa nos assaltos do demônio à tua alma.

2º Quando fores tentado, começa logo a fazer alguma coisa. Ócio e castidade não podem viver juntos. Por isso, evitando o ócio vencerás também as tentações contra esta virtude.

3º Beija com frequência a medalha, ou então o crucifixo, faze o sinal da santa cruz com fé viva, dizendo: Jesus, José e Maria, ajudai-me a salvar a minha alma. Estes são os três nomes mais terríveis e que mais assustam o demônio.

4º Se o perigo continua, recorre a Maria com a oração que nos é proposta pela santa Igreja, isto é: Santa Maria, mãe de Deus, rogai por mim pecador.

5º Além de não alimentar delicadamente o corpo, além da guarda dos sentidos, especialmente dos olhos, toma cuidado também com toda a sorte de más leituras. Mais ainda, se porventura coisas indiferentes forem um perigo para ti, deixa imediatamente essa leitura; ao invés, lê de bom grado bons livros e entre eles dá preferência aos que falam das glórias de Maria e do Santíssimo Sacramento.

6º Foge dos maus companheiros; aliás, escolhe bons companheiros, isto é, aqueles que pelo seu bom comportamento ouves elogiar por parte dos teus superiores. Com esses fala de bom grado, brinca com eles no recreio, mas procura imitá-los no falar, no cumprimento dos deveres e especialmente nas práticas de piedade.

7º Confissão e comunhão com a maior frequência que o teu confessor entender; e, se as tuas ocupações permitirem, vai com frequência visitar o Santíssimo Sacramento”.

Eram estes os sete conselhos que Magone na sua carta designa como os sete guardas de Maria destinados a monitorar a santa virtude da pureza. E a fim de ter para cada dia um estímulo particular para a piedade, praticava especialmente um deles em cada dia da semana, acrescentando alguma coisa em honra de Maria. Assim, o 1º conselho estava associado à consideração da primeira alegria que Maria goza no céu, e este era para o domingo. O 2º estava associado à segunda alegria e era para a segunda-feira, e assim por diante<sup>82</sup>. Terminada a semana, fazia a mesma alternância em honra das sete dores de Maria, de modo que o conselho indicado com o número 1º praticava-o ao domingo em honra da 1.ª dor de Maria, e assim em relação aos outros<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> Cf. “As sete alegrias que Maria goza no paraíso” (n. 184).

<sup>83</sup> Cf. “Coroinha de Nossa Senhora das Dores” (n. 184)

Talvez alguém dirá que essas práticas de piedade são demasiado triviais. Mas faço notar que assim como o esplendor da virtude de que falamos pode se obscurecer e se perder a qualquer pequeno sopro de tentação, assim qualquer pequeno recurso que contribua para conservá-la deve ser tido em grande apreço. Por isso, aconselharei insistentemente a ter o cuidado de que sejam propostas coisas fáceis, que não assustem nem cansem o fiel cristão, sobretudo a juventude. O jejum, as orações muito prolongadas e outras austeridades rigorosas, na maior parte dos casos são omitidas ou se praticam com tédio e desleixo. Atenhamo-nos às coisas fáceis, mas que sejam feitas com perseverança. Este foi o caminho que conduziu o nosso Miguel a um maravilhoso grau de perfeição.

### *Capítulo X – Belos exemplos de caridade para com o próximo*

Ao espírito de viva fé, de fervor, de devoção para com a Virgem Maria, Magone unia a mais industriosa caridade para com os seus companheiros. Sabia que o exercício desta virtude é o meio mais eficaz para aumentar em nós o amor de Deus. Praticava esta máxima com desenvoltura em cada pequena ocasião. No recreio tomava parte com tal entusiasmo que já não sabia se estava no céu ou na terra. Mas se lhe acontecia ver um companheiro com vontade de jogar, logo o levava a tomar parte nos seus jogos, feliz por continuar de outra maneira o seu recreio. Muitas vezes vi-o deixar de brincar com as bolinhas de gude, as bochas, para dar lugar a outro. Outras vezes descia das pernas-de-pau para deixar subir um colega, que ele de boa vontade assistia e ensinava até que o divertimento fosse mais agradável e ao mesmo tempo sem perigo.

Via um companheiro aflito? Aproximava-se dele, tomava-o pela mão, afagava-o, contava-lhe mil historietas. Se conseguia descobrir a causa de sua aflição, procurava confortá-lo com algum bom conselho e, se fosse o caso, fazia-se de mediador junto aos superiores ou a quem o pudesse confortar.

Quando podia explicar uma dificuldade a alguém, ajudar em alguma coisa, levar água, fazer a cama, ficava feliz da vida. No tempo do inverno, um colega que sofria de frieiras não podia brincar nem fazer os seus trabalhos como desejava. Magone escrevia-lhe de bom grado o tema da aula e fazia a cópia na folha que o colega devia entregar ao professor. Além disso, ajudava-o a vestir-se, fazia-lhe a cama e por fim deu-lhe as suas próprias luvas para que melhor pudesse proteger-se do frio. Que mais podia fazer um rapaz daquela idade? De caráter fogoso como era, não raro se deixava arrebatado em ímpetos involuntários de cólera, mas bastava dizer-lhe: “Magone, que estás fazendo?”

É esta a vingança do cristão?”. Isso bastava para acalmá-lo, para se humilhar, tanto que ele mesmo ia pedir desculpa ao companheiro, suplicando que o perdoasse e não se escandalizasse com o seus maus ímpetos.

Mas, se nos primeiros meses que passou no Oratório, com frequência era necessário corrigi-lo nos acessos de cólera, com a sua boa vontade em pouco tempo conseguiu vencer-se a si mesmo e tornar-se pacificador dos seus próprios companheiros. Por isso, surgindo rixas de qualquer gênero e embora ele fosse de pequena estatura, depressa se colocava no meio dos litigantes e com palavras e mesmo com a força procurava acalmá-los. “Nós somos racionais, costumava dizer, por isso em nós deve comandar a razão e não a força”. Outra vez acrescentava: “Se o Senhor usasse a força cada vez que é ofendido, muitos de nós seríamos exterminados naquele instante. Portanto, se Deus onipotente, que é ofendido, usa de misericórdia ao perdoar quem o ofende com o pecado, por que motivo nós, miseráveis vermes da terra, não usaremos a razão suportando um desgosto e até um insulto sem nos vingarmos logo?”. Dizia ainda a outros: “Todos nós somos filhos de Deus e por isso todos somos irmãos. Quem se vinga contra o próximo deixa de ser filho de Deus e pela sua cólera torna-se irmão de sataná”.

Dava catequese de bom grado, prestava-se com muito gosto para servir os doentes e pedia com insistência para passar também as noites junto deles, quando fosse necessário. Um companheiro, movido pelos cuidados que em várias ocasiões lhe tinha prodigalizado, disse-lhe: “Que poderei fazer por ti, caro Magone, para te agradecer tantos incômodos que tiveste por minha causa?”. “Nada mais, respondeu, do que oferecer uma vez a tua doença ao Senhor em penitência dos meus pecados”.

Outro companheiro bastante dissipado tinha muitas vezes desgostado os superiores. Esse rapaz foi recomendado de modo particular a Magone para que buscasse maneiras de o conduzir aos bons sentimentos. Miguel aplica-se ao trabalho. Começa por tornar-se seu amigo, junta-se a ele nos recreios, dá-lhe presentes, escreve-lhe avisos em forma de bilhetinhos e assim consegue estabelecer com ele uma relação íntima, sem contudo lhe falar de religião. Aproveitando a ocasião da festa de São Miguel, um dia, Magone falou-lhe assim:

– Daqui a três dias ocorre a festa de São Miguel e tu deverás oferecer-me um belo presente.

– Claro que ofereço: mas tenho pena que me tenhas falado nisso, porque queria fazer-te uma surpresa.

– Quis falar-te disso porque gostaria que o presente fosse também do meu agrado.



- Pois então, dize: estou pronto a fazer o que puder para te agradar.
- Estás pronto?
- Sim.
- Se fosse um pouco custoso, farias igualmente?
- Prometo que farei da mesma forma.
- Queria que no dia de São Miguel me desses como presente uma boa confissão e, se estiveres preparado, uma boa comunhão.

Atendendo às promessas feitas e repetidas, o companheiro não ousou opor-se àquele amigável projeto. Rendeu-se; e os três dias que antecederam aquela festa foram empregues em especiais práticas de piedade. Magone empenhou-se de todas as formas a preparar o amigo para aquela festinha espiritual e, no dia marcado, ambos se aproximaram para receber os santos sacramentos com grande satisfação dos superiores e com bom exemplo para os companheiros.

Magone passou todo aquele dia em santa alegria com o seu amigo e ao chegar a noite, disse-lhe: “Fizemos uma bela festa, estou muito feliz, e destem-me um grande prazer. Agora dize-me: Também te sentes feliz com o que hoje fizemos?”.

– Sim, estou muitíssimo feliz, sobretudo porque me preparei bem. Agradeço-te pelo convite que me fizeste e agora, se tens algum bom conselho a dar-me, receberei com toda a gratidão.

– Claro que tenho ainda um bom conselho a te dar, porque o que fizemos é apenas metade da festa e eu queria que me desses a outra metade do presente. Desde há algum tempo, meu caro amigo, o teu comportamento não é como devia ser. O teu modo de viver não agrada aos teus superiores, entristece os teus pais, engana a ti mesmo, priva da paz o teu coração e depois... um dia deverás prestar contas a Deus do tempo perdido. Portanto, daqui para frente, fuge do ócio, alegra-te o mais que puderes, desde que não descuides os teus deveres.

O companheiro, já meio vencido, aceitou inteiramente. Tornou-se amigo fiel de Magone, começou a imitá-lo no cumprimento exato dos deveres e, atualmente, pela sua diligência e moralidade, enche de consolação todos os que com ele se relacionam.

Quis apresentar este fato de maneira muito circunstanciada, quer porque ele torna cada vez mais luminosa a caridade de Magone, quer porque pretendi transcrevê-lo na sua integridade como me foi exposto pelo companheiro que nele tomou parte.

*Capítulo XI – Fatos e ditos argutos de Magone*

Tudo quanto até aqui dissemos são coisas fáceis e simples que qualquer pessoa pode facilmente imitar. Agora passo a apresentar alguns fatos e ditos argutos que são mais para admirar pela sua amenidade e agrado do que para imitar. Servem, todavia, para realçar cada vez mais a bondade de coração e a coragem religiosa do nosso jovenzinho. Eis alguns entre muitos de que eu mesmo fui testemunha.

Um dia, eu conversava com os seus companheiros, quando alguns entraram em conversas que um jovem cristão e bem-educado deve evitar. Magone ouviu algumas palavras, meteu os dedos na boca e deu um assovio tão forte que rebentava o cérebro. “Que fazes, disse um deles, estás doido?”. Magone nada diz e dá outro assovio ainda maior que o primeiro. “Onde está a boa educação, replicou o outro, é assim que se faz?”. Então Magone respondeu: “Se vós fazeis o papel de doidos falando mal, porque eu não posso fazê-lo para impedir as vossas conversas? Se vós não respeitais as regras da boa educação com conversas impróprias de um cristão, porque não poderei eu violar as mesmas regras para impedi-las?”. Aquelas palavras, assegura um daqueles companheiros, foram para nós uma vigorosa pregação. Olhamos uns para os outros e ninguém mais se atreveu a prosseguir naquelas conversas, que eram murmurações. Dali em diante, sempre que Magone estava em nossa companhia, todos mediam bem as palavras que lhes saíam da boca, com medo de ouvir um daqueles horríveis assovios que faziam estourar o cérebro.

Acompanhando um dia o seu superior pela cidade de Turim, chegou à praça Castello, onde ouviu um rapaz blasfemar contra o nome de Deus. Àquelas palavras, ele perdeu as estribeiras e, não pensando no lugar nem no perigo, com dois saltos voa sobre o blasfemo e dá-lhe duas sonoras bofetadas dizendo: “É esta a maneira de tratar o santo nome do Senhor?”. Mas o rapaz que era mais alto do que ele, sem ligar ao mau exemplo, irritado com a vaia dos companheiros pelo insulto público e pelo sangue que em abundância lhe corria do nariz, atira-se enraivecido sobre Magone: pontapés, murros e bofetadas não davam tempo nem a um nem a outro de respirar. Por sorte, correu o superior e colocando-se como mediador entre as partes beligerantes, conseguiu, não sem dificuldade, restabelecer a paz com satisfação recíproca. Quando Miguel se tornou senhor de si mesmo, deu-se conta da imprudência cometida ao corrigir de tal modo aquele irrefletido. Arrependeu-se do acesso de cólera e assegurou que no futuro teria mais cuidado, limitando-se a simples avisos amigáveis.

Outra vez alguns jovens discorriam sobre a eternidade das penas do inferno e um deles em tom de brincadeira disse: “Procuraremos não ir para lá mas, se formos, paciência. Miguel fingiu não ter entendido e se afastou daquele grupo, buscou um fósforo e, logo que o encontrou, correu para o referido grupo. Tendo-o acendido, com destreza colocou-o por baixo da mão daquele companheiro que a tinha atrás das costas. À primeira queimadura, o rapaz gritou: “Que fazes, estás doido?”. “Não estou doido, respondeu, mas quero somente pôr à prova a tua heroica paciência; por isso se te sentes com paciência para suportar as penas do inferno por toda a eternidade, não debes ligar à chamazinha de um fósforo que é coisa de um momento”. Todos se puseram a rir, mas o companheiro que se queimou disse em alta voz: “É, no inferno se está muito mal mesmo”.

Certa manhã, alguns companheiros queriam levá-lo a se confessar com um confessor desconhecido, e apresentavam mil pretextos. “Não, respondia, eu não quero ir a nenhum lugar sem autorização dos meus superiores. Por outro lado, eu não sou um bandido. Os bandidos têm sempre medo de ser apanhados pelos guardas. Por isso, eles vão sempre em busca de lugares e de pessoas desconhecidas por medo de serem descobertos. Não, eu tenho o meu confessor, a quem confesso os pecados leves e os graves, sem receio algum. A preocupação de ir confessar-se com outro mostra que vós não amais o vosso confessor ou que tendes coisas graves a confessar. Seja como for, fazeis mal ao sair de casa sem licença. Se tendes algum motivo para mudar de confessor, aconselho que procureis, como eu também procuraria, algum daqueles que todos os sábados e dias festivos vêm atender as confissões dos jovens do Oratório”.

Em todo o tempo que estive conosco, só uma vez foi para casa em tempo de férias. Depois, também por conselho meu, nunca mais quis ir, embora sua mãe e os seus familiares, por quem nutria grande afeto, o aguardassem. Várias vezes se perguntou a ele a razão disso e ele sempre se esquivava rindo. Finalmente revelou o segredo a um seu confidente. “Fui uma vez, disse, passar alguns dias de férias em casa, mas no futuro, se não for obrigado, não voltarei a ir”.

– Por quê? – perguntou-lhe o companheiro.

– Porque em casa há os perigos de antes. Os lugares, os divertimentos, os companheiros arrastam-me a viver como outrora e eu não quero que seja assim.

– É preciso ir com boa vontade e pôr em prática os conselhos que os nossos superiores nos dão antes de partir.

– A boa vontade é uma nuvem que desaparece pouco a pouco quando vivo longe do Oratório; os conselhos servem por alguns dias, mas depois os companheiros fazem-me esquecê-los.

– Portanto, na tua opinião, ninguém mais deveria ir para casa passar férias nem ver os seus próprios familiares?

– No meu entender, que vá para casa quem se sente capaz de vencer os perigos; eu não sou forte bastante. O que julgo certo é que, se os companheiros pudessem ver-se por dentro, descobririam que muitos vão para casa com asas de anjos e regressam com dois chifres na cabeça como diabinhos.

Magone de vez em quando era visitado por um antigo companheiro que ele desejava conquistar para a virtude. Entre os pretextos, este, um dia, argumentou que conhecia um colega que desde há muito tempo não frequentava coisas de religião. “Paciência, dizia ele, está gordo, vigoroso e bem tratado”. Miguel tomou o amigo pela mão, levou-o junto de um carreteiro que descarregava materiais de construção no pátio e começou a falar-lhe assim: “Estás vendo aquele jumento? Também ele é forte, gordo e grande e nunca se confessou, nem creio que alguma vez tenha ido à igreja: gostarias também de tornar-te semelhante a este, sem alma nem razão, e que só tem de trabalhar para o seu dono e um dia servir para adubar os campos depois da morte? O companheiro ficou incomodado e a partir daí nunca mais apresentou os seus pretextos para se eximir da prática dos seus deveres religiosos.

Omito muitos episódios semelhantes. Bastam estes para dar a conhecer cada vez melhor a bondade do seu coração e a grande aversão que ele tinha ao mal, deixando-se por vezes levar a excessos de zelo para impedir a ofensa de Deus.

### *Capítulo XII – Férias de Castelnuovo d’Asti – Virtudes praticadas naquela ocasião*

Dado que Miguel ia de má vontade passar férias na casa materna, para que ele descansasse um pouco do esforço do ano letivo, decidi enviá-lo para Morialdo, localidade de Castelnuovo d’Asti, onde por várias vezes vão passar algum tempo no campo os jovens desta casa, especialmente aqueles que não têm lugar nem familiares para onde ir durante as férias de outono<sup>84</sup>. Dado o

<sup>84</sup> Naqueles dias Dom Bosco celebrou a festa de Nossa Senhora do Rosário; o acontecimento é lembrado por um jornal de Turim: “Festa do Santo Rosário. No dia 3 do corrente, uns sessenta jovens do Oratório de São Francisco de Sales, conduzidos pelo seu ótimo diretor, Dom Bosco, foram a Castelnuovo d’Asti celebrar a festa do Santo Rosário no lugar chamado os Becchi. A solenidade foi sobremaneira edificante,

seu bom comportamento, a título de prêmio, decidi antecipar-lhe o passeio e juntamente com um pequeno grupo levá-lo como companheiro de viagem. Durante o caminho tive tempo de conversar longamente com o bom rapaz e descobrir nele um alto grau de virtude muito superior à minha expectativa. Deixo de parte as belas e edificantes conversas que teve comigo naquela ocasião e limito-me apenas a expor alguns fatos que ajudam a conhecer outras virtudes da sua alma, especialmente a gratidão.

Pelo caminho fomos surpreendidos pela chuva e chegamos a Chieri completamente encharcados. Apresentamo-nos ao cavaleiro Marcos Gonella<sup>85</sup>, que com bondade costuma acolher os nossos jovens todas as vezes que ali passamos indo e voltando de Castelnuovo d’Asti. Forneceu-nos tudo o que era necessário para a roupa e preparou-nos uma refeição que, se por um lado era de gente rica, por outro encontrou um apetite à altura dos acontecimentos.

Após algumas horas de descanso, retomamos o caminho. Percorrido um trecho de estrada, Magone ficou para trás da comitiva e um dos companheiros, pensando que fosse por cansaço, aproximou-se dele, quando percebeu que sussurrava alguma coisa baixinho.

– Estás cansado, disse-lhe, caro Magone, não é verdade? As tuas pernas acusam o esforço desta viagem?

– Nem pensar! Nada cansado! Iria nem que fosse até Milão.

– O que dizias quando estavas falando baixinho?

– Estava rezando o terço em honra de Nossa Senhora por aquele senhor que nos recebeu tão bem; não posso agradecer-lhe de outra maneira e por isso rezo ao Senhor e a Maria Santíssima para que abençoem aquela casa e lhe concedam cem vezes mais do que nos deram a nós.

É bom aqui notar de passagem como ele mostrava tal sentimento de gratidão por qualquer pequeno favor. Era muito grato para com os seus benfeitores. Se não receasse aborrecer o leitor, gostaria de transcrever algumas das muitas cartas e dos muitos bilhetes que me escreveu para manifestar o seu reconhecimento por ter sido acolhido nesta casa. Direi apenas que tinha por princípio fazer todos os dias uma visita a Jesus sacramentado e que de manhã rezava por três vezes *Pai-nosso*, *Ave-Maria* e *Glória* por aqueles que de alguma forma lhe tinham feito algum bem.

vendo-se aquela devota juventude abeirar-se da sagrada mesa juntamente com muitas outras pessoas vindas das redondezas. A música da missa solene e da bênção do Santíssimo Sacramento, executada pelos próprios jovens, não foi menos devota do que esplêndida” (*LArmonia*, 8 de outubro de 1858, p. 4).

<sup>85</sup> Marcos Gonella (1822-1886), banqueiro.

Não raras vezes, apertava-me afetuosamente a mão e olhando para mim com os olhos rasos de lágrimas, dizia: “Não sei como exprimir o meu reconhecimento pela grande caridade que usou para comigo ao aceitar-me no Oratório. Tentarei agradecer-lhe com o bom comportamento e pedindo todos os dias ao Senhor que o abençoe, ao senhor e aos seus trabalhos”. Falava de bom grado dos professores e daqueles que o tinham enviado para aqui ou que de algum modo o ajudavam, mas falava sempre deles com respeito; por um lado, nunca se envergonhando de manifestar a sua pobreza, por outro, o seu reconhecimento. “Sinto pena, foi ouvido dizer muitas vezes, de não ter meios para expressar, como queria, a minha gratidão, mas reconheço o bem que me fazem, não esquecerei os meus benfeitores e, enquanto viver, pedirei sempre ao Senhor que a todos recompense abundantemente”.

Estes sentimentos de gratidão, mostrou-os também quando o pároco de Castelnuovo d’Asti convidou os nossos jovens para uma alegre refeição em sua casa<sup>86</sup>. Naquele dia à noite, disse-me: “Se achar bom, amanhã faço a comunhão pelo pároco que hoje tanto nos alegrou”. Não só lhe foi permitido satisfazer esse desejo, mas, diante do seu exemplo, recomendou-se aos outros que fizessem a mesma coisa, como costumamos fazer em semelhantes ocasiões em relação aos benfeitores da nossa casa.

Foi também enquanto estava em Morialdo que observei um belo ato de virtude que me parece digno de menção. Um dia, os nossos meninos tinham ido divertir-se na mata próxima. Uns andavam à procura de cogumelos, outros de castanhas, de nozes, outros juntavam folhas e coisas semelhantes, o que para eles constituía o mais agradável passatempo. Estavam todos envolvidos nessas atividades, quando Magone se afasta dos companheiros e sorratamente vai para casa. Um colega que o viu pensou que tivesse alguma indisposição, por isso, o seguiu. Miguel, pensando não ter sido visto por ninguém, entra em casa, não procura ninguém nem diz palavra, mas vai diretamente para a igreja<sup>87</sup>. Quem foi atrás dele encontra-o sozinho, de joelhos, diante do altar do Santíssimo, rezando profundamente recolhido.

Questionado depois pelos seus colegas sobre o motivo daquela partida inesperada para ir visitar o Santíssimo Sacramento, respondia com simplicidade: “Tenho muito medo de recair na ofensa de Deus, e por isso vou suplicar

<sup>86</sup> Preboste era o teólogo Pedro Miguel Cinzano (1804-1870), pároco de Castelnuovo desde 1834. Todos os anos acolhia os garotos de Dom Bosco depois da festa do Rosário (Cf. Luís DEAMBROGIO, *Le passeggiate autunnali di don Bosco per i colli monferrini*. Castelnuovo Don Bosco, Istituto Salesiano Bernardi Semeria 1975, pp. 112-113; 121-123).

<sup>87</sup> No rés-do-chão da casa de José Bosco, irmão do santo, há uma capela dedicada a Nossa Senhora do Rosário, inaugurada em 8 de outubro de 1848.

a Jesus no Santíssimo Sacramento que me dê ajuda e força para perseverar na sua santa graça”.

Outro curioso episódio sucedeu naqueles mesmos dias. Uma noite, quando os meninos já estavam deitados, ouço um deles que chorava. Devagarinho, ponho-me à janela e vejo Magone num canto do pátio, olhando para a lua e suspirando em lágrimas. “Que tens, Magone, estás mal?”, perguntei-lhe. Ele, que julgava estar só e não ser visto por ninguém, ficou perturbado e não sabia o que responder; mas como eu repeti a pergunta, respondeu com estas precisas palavras: “Choro ao olhar para a lua que há tantos séculos aparece com regularidade para iluminar a escuridão da noite, sem nunca desobedecer às ordens do Criador, enquanto eu, tão novo, eu que sou racional, que devia ser fidelíssimo às leis do meu Deus, desobedeci a ele tantas vezes e o ofendi de mil maneiras. Dito isso, começou de novo a chorar. Confortei-o com algumas palavras e ele, refazendo-se da comoção, foi de novo deitar.

É certamente de admirar que um juvenzinho de apenas catorze anos tivesse sentimentos tão elevados e fizesse esse raciocínio, mas é mesmo assim, e poderia apresentar muitíssimos outros fatos para mostrar como o jovem Magone era capaz de reflexões muito superiores à sua idade, especialmente reconhecendo em tudo a mão do Senhor e o dever que todas as criaturas têm de obedecer ao Criador.

### *Capítulo XIII – A sua preparação para a morte*

Após as férias de Castelnuovo d’Asti, Miguel viveu ainda três meses. Era de pequena estatura, mas sadio e robusto, dotado de inteligência perspicaz e suficiente para percorrer com sucesso qualquer carreira que empreendesse. Gostava muito de estudar e tinha bons resultados. Quanto à piedade, tinha atingido tal nível que, na sua idade, eu não saberia o que lhe acrescentar nem o que tirar para fazer dele um modelo para a juventude. De temperamento vivo, mas piedoso, bom e devoto, tinha grande apreço pelas pequenas práticas religiosas. Praticava-as com alegria, com desenvoltura e sem escrúpulos, de modo que pela piedade, estudo e afabilidade era amado e venerado por todos, ao passo que pela vivacidade e boa educação era o ídolo do recreio.

Gostaríamos certamente que aquele modelo de virtude permanecesse no mundo até a mais avançada velhice; no estado sacerdotal, para o qual se mostrava inclinado, ou no estado laical, haveria de fazer muito bem à pátria e à religião. Mas Deus tinha outros desígnios e queria colher esta flor do jardim da Igreja militante e levá-la para junto dele, transplantando-a para a Igreja

triumfante do paraíso. O próprio Miguel, sem saber que a morte estava tão próxima, se preparava para ela com um teor de vida cada vez mais perfeito. Fez a novena da Imaculada Conceição com especial fervor. Escritos por ele mesmo, dispomos dos propósitos que tomou naqueles dias: “Eu, Miguel Magone, quero fazer bem esta novena e prometo: 1° Desapegar o meu coração de todas as coisas do mundo para dá-lo todo a Maria. 2° Fazer a minha confissão geral para, na hora da morte, ter a consciência tranquila. 3° Abster-me todos os dias do café da manhã em penitência dos meus pecados e recitar as sete alegrias de Maria a fim de merecer a sua assistência nas últimas horas da minha agonia. 4° Com o conselho do confessor fazer todos os dias a santa comunhão. 5° Narrar todos os dias um exemplo aos meus companheiros em honra de Maria. 6° Colocarei este bilhete aos pés da imagem de Maria e com este ato quero consagrar-me todo a ela, e no futuro quero ser todo seu até os últimos instantes da minha vida”.

Tudo isso lhe foi concedido, menos a confissão geral que tinha feito não muito tempo antes e, em vez de deixar o café da manhã, foi-lhe dito que recitasse todos os dias um *De profundis* em sufrágio das almas do purgatório.

Causava certamente grande admiração o comportamento de Magone naqueles nove dias da novena de Maria Imaculada. Mostrava uma alegria extraordinária, mas sempre ocupado em narrar exemplos morais a uns, em convidar outros a narrá-los, a mobilizar todos os companheiros que podia para ir rezar diante do Santíssimo ou diante da estátua de Maria. Foi nessa novena que se privou de alguma fruta, de amêndoas e de comestíveis, ou de livrinhos, de imagens piedosas, de medalhas, de pequenas cruces e de outros objetos que lhe tinham sido dados, a fim de oferecê-los a alguns companheiros um pouco dissipados. Fazia isso para premiá-los pelo bom comportamento naquela novena ou para comprometê-los a tomar parte nas obras de piedade que ele lhes propunha.

Com igual fervor e recolhimento celebrou a novena e a festa do santo Natal. “Quero, dizia no início daquela novena, quero empenhar-me de todos os modos em fazer bem esta novena e espero que Deus use de misericórdia para comigo, e que Jesus Menino venha nascer também no meu coração com a abundância das suas graças”. Ao chegar a noite do último dia do ano, o superior da casa recomendava a todos os seus jovens que agradecessem a Deus pelos benefícios recebidos no decurso do ano que estava para terminar. Animava cada um deles a tomar um santo compromisso de passar o novo ano na graça do Senhor, porque, acrescentava, talvez para algum de



nós seja o último ano de vida<sup>88</sup>. Ao dizer isso, tinha a mão sobre a cabeça daquele que estava mais próximo, e o mais próximo era precisamente Magone. “Compreendi, disse ele cheio de estupefação, sou eu que tenho de fazer as malas para a eternidade, por isso, ficarei preparado”. Estas palavras foram acolhidas com riso, mas os companheiros recordaram-se delas e o próprio Magone ia repetindo com frequência aquele afortunado incidente. Não obstante este pensamento, a sua alegria e a sua jovialidade não sofreram a mínima alteração, pelo que continuou a cumprir com a máxima exemplaridade os deveres do seu estado.

Quanto ao mais, aproximando-se cada vez mais o último dia da sua vida, Deus quis dar-lhe um sinal mais claro disso. No domingo de 16 de janeiro, os jovens da Companhia do Santíssimo Sacramento, de que Magone fazia parte, reuniram-se como de costume em todos os dias festivos<sup>(89)</sup>. Depois das orações habituais e da tradicional leitura, feitas as recomendações que naquele momento pareciam mais adequadas, um dos companheiros pegou a sacola com os bilhetes onde estava escrito um propósito a praticar ao longo da semana. Dá uma volta com ela e cada rapaz retira um bilhete ao acaso. Magone tira o seu e nele vê escritas estas notáveis palavras: *No juízo estarei sozinho com Deus*. Lê e, maravilhado, diz aos companheiros: “Creio que este é o aviso enviado pelo Senhor para me dizer que devo estar preparado”. Depois foi ter com o superior e lhe mostrou o bilhete sorteado com muita ansiedade, repetindo que o considerava um chamamento do Senhor a citá-lo a comparecer diante dele. O superior exortou-o a viver sereno e a manter-se preparado, não em virtude do bilhete, mas em virtude das repetidas recomendações que Jesus Cristo a todos faz no santo Evangelho para que estejamos preparados em todos os momentos da vida.

– Portanto, replicou Magone, pode dizer-me quanto tempo de vida me resta ainda?

– Vivemos até que Deus nos conserve em vida.

– Mas eu viverei ainda todo este ano?, disse, agitado e um tanto como-

<sup>88</sup> João Bonetti (1838-1891) anotou o boa-noite na sua crônica (31 de dezembro de 1858): Dom Bosco tinha deixado aos ouvintes algumas lembranças: “Aos clérigos, exemplaridade, recordando-se sempre que são *lumen Christi*. Aos estudantes, frequência tanto quanto possível da Santíssima Eucaristia. Aos aprendizes [...], frequência dos santos sacramentos nos dias festivos. A todos em geral, boas confissões: abrir de par em par o coração ao confessor, dado que, se o demônio consegue induzir alguém a calar na confissão, esse fica num estado mais infeliz. Portanto, em todas as vossas confissões, juntamente com o arrependimento, tende um propósito firme. Mas uma coisa de que podemos dispor, sumamente eficaz, é o recurso a Maria Santíssima. Rezai e familiarizai-vos com aquela bela palavra que o anjo lhe disse: *Ave-Maria*” (ASC A00-40601 *Memoria di alcuni fatti 1858*, ms de João Bonetti, p. 35).

<sup>89</sup> Em nota, no texto original, são referidos os artigos principais do regulamento desta Companhia: veja-se acima o n. 208.

vido. Calma, respondi, não te alarmes. A nossa vida está nas mãos do Senhor, que é um bom pai e sabe até quando deve conservá-la. Quanto ao mais, saber o tempo da morte não é necessário para ir para o paraíso; o importante é preparar-se com boas obras.

Então muito triste: “Se ele não me quer dizer, é sinal de que estou próximo”.

– Não creio, acrescentou o diretor, que estejas tão próximo, mas mesmo que assim fosse, terias medo de ir fazer uma visita a Nossa Senhora no céu?

– É verdade, é verdade.

Retomada assim a jovialidade habitual, foi para o recreio.

Segunda, terça e quarta-feira de manhã, esteve sempre alegre, não sentiu qualquer alteração de saúde e cumpriu com regularidade todos os seus deveres.

Só depois do almoço de quarta-feira vi que estava na varanda observando os outros a brincar, sem que fosse tomar parte; coisa insólita e indício claro de que ele não se encontrava em estado normal de saúde.

#### *Capítulo XIV – A sua doença e circunstâncias que a acompanham*

Na tarde de quarta-feira (19 de janeiro de 1859), perguntei-lhe o que tinha, e ele respondeu que não tinha nada. Sentia-se um tanto incomodado com as lombrigas, o que era a sua doença habitual. Para isso, tomou um remédio apropriado, depois foi deitar e passou a noite tranquila. Na manhã seguinte, levantou-se à hora do costume com os seus companheiros, tomou parte nos exercícios de piedade e junto com alguns outros fez a comunhão pelos agonizantes, como costumava na quinta-feira de cada semana. Indo depois tomar parte no recreio, já não conseguiu participar porque se sentia muito cansado e as lombrigas lhe dificultavam a respiração. Foram-lhe dados remédios para semelhantes incômodos, recebeu a visita do médico que não descobriu qualquer sinal de doença e ordenou a continuação dos mesmos remédios. Sua mãe, encontrando-se então em Turim, também veio vê-lo, e ela própria afirmou que o seu filho sofria daquela doença desde pequeno e que os remédios tomados eram os únicos que outras vezes tinham sido usados por ela.

Na sexta-feira de manhã queria levantar-se para fazer a santa comunhão, como costumava fazer em honra da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, para obter a graça de uma boa morte, mas não pôde porque o mal se agravou. Como tinha evacuado muitas lombrigas, foi ordenada a continuação do mes-

mo tratamento com mais algum remédio específico para aliviar a respiração. Até então, nenhum sintoma de doença perigosa.

O perigo começou a manifestar-se às duas da tarde quando fui vê-lo e percebi que à dificuldade de respirar se tinha juntado a tosse e que a expectoração continha sangue. Tendo-se perguntado como se sentia, respondeu que só sentia peso no estômago causado pelas lombrigas. Mas notei que a doença tinha mudado de aspecto e se tornara bastante séria. Por isso, para não se ficar na incerteza e para não haver engano na escolha dos remédios, mandou-se logo chamar o médico. Naquele momento, a mãe, guiada pelo espírito cristão, disse-lhe: “Miguel, enquanto se espera pelo médico, não acharias bem confessar-te?”. “Sim, querida mãe, de bom grado. Ainda ontem de manhã me confessei e fiz também a sagrada comunhão, todavia, vendo que a doença se torna grave, desejo confessar-me”.

Preparou-se por alguns minutos e fez a sua confissão. Depois, com ar sereno, na minha presença e de sua mãe, disse sorrindo: “Quem sabe se esta minha confissão será um exercício da boa morte ou se não será realmente para a minha morte?”.

– Que te parece? – repliquei, – desejas ficar curado ou ir para o paraíso?

– Deus sabe o que é melhor para mim; só desejo fazer o que for do seu agrado.

– Se Deus te propusesse escolher entre ficar curado ou ir para o céu, o que escolhias?

– Quem seria tão louco de não escolher o paraíso?

– Então desejas ir para o paraíso?

– Se desejo! Desejo de todo o coração e é o que desde há algum tempo peço continuamente a Deus.

– Quando desejarias ir para lá?

– Agora, neste instante, desde que seja do agrado de Deus.

– Bem, digamos todos juntos: Em tudo, tanto na vida quanto na morte, faça-se a santa e adorável vontade do Senhor.

Naquele momento chegou o médico que encontrou a doença inteiramente mudada de aspecto. “Estamos mal, disse, deu-se um fatal derrame de sangue no estômago e não há remédio para ele”. Fez-se tudo quanto a arte pode sugerir em semelhantes ocasiões. Sangrias, emplastros, bebidas, tudo se tentou para retirar o sangue que furiosamente tendia a sufocar a respiração. Tudo foi inútil. Às nove daquela noite (21 de janeiro de 1859), ele mesmo dis-

se que desejava ainda uma vez fazer a santa comunhão antes de morrer, “Tanto mais, dizia, que esta manhã não pude fazê-la”. Estava impaciente por receber aquele Jesus que desde há muito tempo recebia com frequência exemplar. Ao começar a cerimônia sagrada, disse-me na presença de outros: “Recomende-me à oração dos companheiros, rezem para que Jesus Sacramentado seja verdadeiramente o meu Viático, o meu companheiro para a eternidade”. Depois de receber a santa hóstia, começou a fazer a respectiva ação de graças ajudado por um assistente.

Passado um quarto de hora, deixou de repetir as orações que lhe eram sugeridas e, não proferindo mais qualquer palavra, pensávamos que tivesse sido surpreendido por um repentino esgotamento de forças. Mas daí a poucos minutos, com ar alegre e quase em forma de brincadeira, fez sinal de ser escutado e disse: “No bilhete de domingo havia um erro. Lá estava escrito: *No juízo estarei sozinho com Deus*, e não é verdade; não estarei sozinho, lá estará também a Virgem Maria que me assistirá. Agora nada tenho a temer: vamos, pois, quando Deus quiser. A Virgem Santíssima, ela mesma quer me acompanhar no juízo”.

### *Capítulo XV – Os seus últimos momentos e a sua preciosa morte*

Eram dez da noite e o mal era cada vez mais ameaçador. Por isso, com medo de perdê-lo talvez naquela mesma noite, tínhamos combinado que o padre Zattini<sup>90</sup>, um clérigo e um jovem enfermeiro passassem com ele metade da noite; depois o padre Alasonatti, administrador da casa<sup>91</sup>, com outro clérigo e com outro enfermeiro prestariam assistência regular pelo resto da noite até de dia. Da minha parte, não reconhecendo qualquer perigo próximo, disse ao enfermo: “Magone, tenta descansar um pouco; eu vou alguns momentos para o meu quarto e depois volto”.

- Não, respondeu imediatamente, não me abandone.
- Só vou rezar parte do breviário e já volto para junto de ti.
- Volte o mais depressa possível.

<sup>90</sup> Agostino Zattini: sacerdote de Brescia, professor de filosofia e orador, perseguido político na sua terra, tinha sido acolhido por Dom Bosco no Oratório em fins de 1857.

<sup>91</sup> “Este virtuoso sacerdote, depois de uma vida consumada do modo mais exemplar no sagrado ministério e em obras várias de caridade e após longa doença, morria em Lanzo no dia 8 de outubro de 1865. Atualmente se compila uma biografia das suas ações que esperamos vir a ser do agrado dos seus amigos e de quantos tiverem o prazer de lê-la”.

Ao partir, dei ordem que, ao mínimo sinal de agravamento, me chamassem, pois amava ternamente aquele aluno e desejava estar ao pé dele em caso de morte. Mal tinha chegado ao quarto, sou chamado para que voltasse depressa para junto do enfermo porque parecia aproximar-se a agonia.

Era mesmo assim, o mal avançava terrivelmente; por isso, foi-lhe dada a Santa Unção pelo padre Agostinho Zattini. O enfermo estava plenamente consciente. Respondia às várias partes dos ritos e das cerimônias relativas à administração deste augusto sacramento. Antes, a cada unção queria acrescentar alguma jaculatória. Recordo que na unção da boca disse: “Ó meu Deus, se me tivésseis feito secar a língua na primeira vez que a usei para vos ofender, que sorte eu teria, quantas ofensas a menos! Meu Deus, perdoai-me todos os pecados que cometi com a boca, deles me arrependo de todo o coração”. Na unção das mãos acrescentou: “Quantos murros dei aos meus companheiros com estas mãos! Meu Deus, perdoai-me estes pecados e ajudai os meus companheiros a ser melhores do que eu”.

Terminada a cerimônia dos santos óleos, perguntei-lhe se desejava que chamasse a sua mãe, que tinha ido descansar um pouco num quarto próximo, também ela convencida de que o mal não fosse tão grave.

– Não, respondeu, é melhor não chamar; pobre da minha mãe! Ela me ama tanto que, se me visse morrer, sofreria demais, o que poderia causar-me grande aflição. Pobre da minha mãe, que o Senhor a abençoe! Quando estiver no paraíso, rezarei muito a Deus por ela.

Foi convidado a ficar um pouco tranquilo e a preparar-se para receber a bênção papal com a indulgência plenária. Durante a sua vida dava grande importância a todas as práticas religiosas a que estavam anexas santas indulgências e se empenhava o mais que podia para delas se beneficiar. Por isso, acolheu com verdadeira satisfação a oferta da bênção papal. Tomou parte em todas as orações correspondentes e quis ele mesmo rezar o *Confiteor*. Suas palavras eram pronunciadas com tanta unção, com sentimentos de tão viva fé, que todos nos comovemos até as lágrimas.

Depois parecia querer dormir um pouco, e permaneceu alguns instantes em paz: mas logo acordou, o que enchia de admiração quem o via. O pulso indicava que ele estava no fim da vida, mas o ar sereno, a jovialidade, o sorriso, a consciência lúcida pareciam de uma pessoa de perfeita saúde. Não que ele não se sentisse mal, dado que a dificuldade de respirar provocada pela ruptura de um órgão ocasiona sufoco, um sofrimento geral em todas as faculdades morais e corporais. Mas o nosso Miguel tinha muitas vezes pedido a Deus que lhe fizesse cumprir todo o seu purgatório nesta vida, a fim de ir logo depois da morte para o céu. Era este pensamento que o levava a sofrer tudo com alegria;

mesmo aquele mal que, por via ordinária, causaria sufocos e angústias, nele era causa de alegria e de satisfação.

Portanto, por especial graça de nosso Senhor Jesus Cristo, não só parecia insensível ao mal, mas parecia sentir grande consolação nos próprios sofrimentos. Nem era preciso sugerir-lhe sentimentos religiosos, visto que ele mesmo, de vez em quando, dizia comoventes jaculatórias. Eram as dez e quarenta e cinco quando me chamou pelo nome e me disse: “Chegou o momento, ajude-me”. “Mantém a calma, respondi, não te deixarei enquanto não estiveres com o Senhor no paraíso. Mas, já que me dizes que estás para partir deste mundo, não queres pelo menos dizer o último adeus à tua mãe?”.

– Não, respondeu, não quero causar-lhe tanta dor.

– Não me deixas ao menos nenhum recado para ela?

– Sim, diga à minha mãe que me perdoe todos os desgostos que lhe dei na minha vida. Estou arrependido. Diga-lhe que a amo, que tenha coragem para perseverar no bem, que morro de bom grado: que parto deste mundo com Jesus e com Maria e que a espero no paraíso.

Estas palavras provocaram lágrimas em todos os presentes. Apesar de tudo, retomando a coragem e para ocupar em bons pensamentos aqueles últimos momentos, de vez em quando eu lhe fazia perguntas.

– Que queres que eu diga aos teus companheiros?

– Que procurem fazer sempre boas confissões.

– O que é que neste momento te dá maior consolação de tudo quanto fizeste na tua vida?

– O que mais me consola neste momento é aquele pouco que fiz em honra de Maria. Sim, esta é a maior consolação. Ó Maria, Maria, quão felizes são os vossos devotos na hora da morte! Mas, continuou, há uma coisa que me incomoda: Quando a minha alma se separar do corpo e estiver para entrar no paraíso, que hei de dizer? A quem me hei de dirigir?

– Se Maria quer ela mesma acompanhar-te ao juízo, entrega a ela todos os cuidados a teu respeito. Mas, antes de te deixar partir para o paraíso, queria encarregar-te de um recado.

– Diga, que eu farei tudo o que puder para lhe obedecer.

– Quando chegares ao paraíso e vires Maria Santíssima, cumprimenta-a humilde e respeitosamente em meu nome e no de todas as pessoas que se encontram nesta casa. Pede-lhe que se digne dar-nos a sua santa bênção, acolher-nos sob a sua poderosa proteção e ajudar-nos de modo que nenhum dos que estão nesta casa ou que a divina Providência nos enviar se venha a perder.

– De bom grado levarei este recado; e outras coisas?

– Por agora nada mais, descansa um pouco.

Parecia de fato querer pegar no sono. Mas, apesar de manter a calma habitual e a fala, o pulso anunciava a sua morte iminente. Por isso começou-se a ler o *Proficiscere*; no meio da leitura, como se despertasse de um sono profundo, com a habitual serenidade de rosto e com o sorriso nos lábios, disse-me: “Daqui a poucos momentos darei o seu recado e procurarei dá-lo com exatidão; diga aos meus companheiros que os espero a todos no paraíso”. Depois apertou o crucifixo com as mãos, beijou-o três vezes e em seguida proferiu estas últimas palavras: “Jesus, José e Maria nas vossas mãos entrego a minha alma”. Depois, movendo os lábios como se quisesse sorrir, placidamente expirou.

Aquela alma bem-aventurada abandonava este mundo para voar, como piamente esperamos, para o seio de Deus, às onze horas da noite, no dia 21 de janeiro de 1859, na idade de apenas catorze anos. Não entrou em agonia de espécie alguma; nem sequer mostrou agitação, pena, sufocação ou outra dor que naturalmente se sente na terrível separação da alma do corpo. Não saberia que nome dar à morte de Magone, a não ser qualificá-la como um sono de alegria que leva a alma das penas desta vida à eternidade feliz.

Os presentes choravam mais de comoção do que de pena, porque custava perder um amigo, mas todos invejavam a sua sorte. O padre Zattini, dando largas à comoção, que o coração já não podia conter, proferiu estas graves palavras: “Ó morte, tu não és um flagelo para as almas inocentes; para elas tu és a maior benfeitora, que lhes abre a porta para o gozo dos bens que nunca mais se perderão. Oh! por que não posso estar eu no teu lugar, querido Miguel? Neste momento a tua alma já é conduzida pela Virgem Maria a deliciar-se na imensa glória do céu. Caro Magone, vive feliz para sempre, roga por nós, que te prestaremos tributo de amizade elevando fervorosas preces ao Senhor, nosso Deus, pelo eterno repouso da tua alma”.

### *Capítulo XVI – As suas exéquias – Últimas lembranças – Conclusão*

Quando amanheceu, a boa mãe de Miguel queria ir ao quarto do filho para ter notícias dele, mas qual não foi a sua dor ao saber que já tinha morrido! Aquela mulher cristã permaneceu um momento imóvel sem proferir palavra nem dar um suspiro e depois se expressou assim: “Deus grande, vós sois o Senhor de todas as coisas... Querido Miguel, morreste... chorarei sempre em ti a perda de um filho, mas dou graças a Deus que te concedeu

morrer neste lugar com tal assistência, ter uma morte tão preciosa aos olhos do Senhor. Repousa com Deus em paz, roga pela tua mãe, que tanto te amou nesta vida mortal e que te ama ainda mais agora que te crê com os justos no céu. Enquanto viver neste mundo, não deixarei nunca de rezar pelo bem da tua alma e espero ir um dia juntar-me a ti na pátria dos bem-aventurados. Ditas estas palavras, desatou em copioso pranto e depois foi para a igreja em busca de conforto na oração.

A perda deste companheiro foi também muito dolorosa para os jovens da casa e para todos quantos tiveram ocasião de conviver com ele. Miguel era muito conhecido pelas suas qualidades morais e físicas, e era muito estimado e venerado pelas raras virtudes que adornavam a sua alma. Pode-se dizer que o dia seguinte ao daquela morte os companheiros passaram-no em exercícios de piedade pelo eterno repouso da alma do amigo. Só encontraram conforto na reza do terço, do ofício dos falecidos, na confissão e na comunhão. Todos choravam porque tinham nele um amigo, mas todos sentiam uma grande consolação, dizendo: “Neste momento Magone já está com Domingos Savio no céu”.

A sensação experimentada pelos seus colegas e pelo seu mesmo professor Francesca é expressa com as seguintes palavras: “No dia seguinte à morte de Magone dirigi-me à sala de aula. Era sábado e tinha de passar um trabalho para a nota. Mas o lugar vazio de Magone anunciava-me que tinha perdido um aluno e que talvez o céu tivesse mais um cidadão. Sentia-me profundamente comovido; os garotos estavam consternados e, no silêncio geral, só foi possível pronunciar esta palavra: Morreu, e toda a turma rompeu em prantos. Todos o amavam; e quem não havia de amar um rapaz adornado de tantas e tão belas virtudes? A grande reputação de piedade que ele tinha granjeado entre os companheiros deu-se a conhecer depois da sua morte. As suas folhas eram disputadas uma por uma; um digníssimo colega meu julgou-se muito afortunado por ter um caderninho do pequeno Miguel<sup>92</sup>, e de nele colar o nome que se cortou de uma folha de exame do ano anterior. Eu mesmo, movido pelas suas virtudes praticadas em vida com tanta perfeição, não hesitei com plena confiança em invocá-lo nas minhas necessidades: e, por amor à verdade, devo confessar que a prova nunca falhou. Para ti, meu anjo, o meu mais sentido reconhecimento, e digna-te interceder pelo teu mestre junto do trono de Jesus. Faze com que se acenda no meu coração uma centelha da grande humildade que tu tinhas. Miguel, meu caro, roga também por todos os teus

<sup>92</sup> Na primeira edição. (1861) era indicado o nome do colega: João Turchi (1838-1909), um dos clérigos hospedados em Valdocco depois do sequestro governamental do seminário de Turim. Laureado em letras, até a ordenação (1861) lecionou no Oratório, depois em diversas instituições particulares e públicas.



companheiros que foram muitos e bons, a fim de que todos nós possamos abraçar-nos de novo no paraíso” (*até aqui o seu mestre*).

Para dar um sinal externo do grande afeto que todos tinham para com o amigo falecido, fez-se um funeral solene dentro do que era compatível com a nossa humilde condição. Com velas acesas, cânticos fúnebres, música instrumental e vocal acompanharam os seus restos mortais até a sepultura, onde rezaram pelo seu eterno descanso e lhe deram o último adeus na doce esperança de um dia ser seus companheiros numa vida melhor que a presente.

Um mês depois foi-lhe feita uma comemoração fúnebre; o padre Zattini, célebre orador, expôs em patético e brilhante discurso o elogio do jovem Miguel. Pena é que a brevidade deste opúsculo não permite inseri-lo por inteiro; quero todavia apresentar os seus últimos períodos que servirão também de conclusão aos presentes traços biográficos. Depois de ter exposto em forma oratória as principais virtudes de que a alma do falecido era adornada, convidava os pesarosos e comovidos companheiros a não esquecer-lo, antes a recordar-se dele com frequência e a segui-lo nos belos exemplos que nos deixou na sua vida mortal. Por fim concluiu assim: “Estes eram os exemplos em vida e estas as palavras na morte que nos oferecia o amigo comum Miguel Magone, de Carmagnola. Agora ele já não está conosco, a morte deixou vazio o seu lugar aqui na igreja, onde ele vinha rezar com tanto gosto e com uma paz tão profunda. Ele já não está conosco e com seu súbito desaparecimento prova-nos que todos os astros se apagam cá em baixo, todos os tesouros desaparecem e todas as almas são chamadas. Há trinta dias entregamos à terra os seus saudosos restos mortais. Se eu tivesse estado presente, em benefício do povo de Deus, arrancaria de junto da tua tumba um punhado de erva\* e lançando-a para trás, murmuraria em tom triste, como o filho de Judá\*: Estes florirão como a erva dos campos: dos teus ossos ressurgirão outros queridos juvenzinhos que despertem entre nós a tua memória, renovem os teus exemplos e multipliquem as tuas virtudes.

Adeus, portanto, pela última vez, ó meigo, ó querido, ó fiel companheiro, ó bom e valoroso Miguel! Adeus! Tu eras a risonha esperança da tua santa mãe, que sobre ti chorou lágrimas de piedade, mais do que da carne e do sangue... Tu eras a bela esperança daquele pai adotivo que te acolhia em nome do Deus providente, que te chamava a este acolhedor e bendito lar em que tão bem e tão depressa aprendeste o amor de Deus e o caminho da virtude... Tu,

\* Texto obscuro, com referência ao Salmo 72 (71), versículo 16, que diz: “No país haverá fartura de trigo, ondulado sobre o alto dos montes, seu fruto florescerá como o Líbano, sua colheita como a erva da terra”.

\* Alusão a Davi, descendente de Judá, considerado autor do salmo a que o texto se refere.

amigo dos companheiros, respeitador dos superiores, dócil aos mestres, bondoso para com todos! Tu crescias para o sacerdócio... e certamente nele serias exemplo e mestre da sabedoria celeste!... Tu deixaste no nosso coração um vazio... uma ferida...! Mas tu foste arrancado, ou antes, a morte arrancou-te do nosso coração, do nosso afeto... Ah! então tínhamos nós necessidade das lições da morte? Sim, delas precisavam os fervorosos, os menos solícitos, os descuidados; delas tinham necessidade o negligente, o sonolento, o preguiçoso, o fraco, o tívio, o frio. Por amor de Deus, nós te suplicamos, mostra-nos que estás agora no lugar da alegria, na terra bendita dos vivos; faze-nos sentir que te encontras junto da nascente, antes, no mar da graça, e que a tua linda voz unida à dos coros celestes é potente, é agradável aos ouvidos de Deus! Obtém-nos de Deus zelo, amor e caridade... obtém-nos que vivamos bons, castos, piedosos, virtuosos... que morramos alegres, serenos, calmos, confiantes nas divinas misericórdias. Obtém-nos que a morte não nos toque com os seus tormentos, como te respeitava a ti mesmo. *Non tangat nos tormentum mortis!* Roga por nós, junto com os angélicos juvenzinhos também desta casa que te precederam no seio de Deus: Camilo Gávio, Gabriel Fascio, Luís Rua, Domingos Savio, João Massaglia, e pede com eles sobretudo pelo tão amado chefe desta casa. Nós nos lembraremos de ti em nossas preces, nunca te esqueceremos, até que nos seja concedido chegar junto de ti nas estrelas. Oh bendito seja Deus que te formou, te alimentou, te manteve e te tirou a vida. Bendito seja aquele que tira a vida e bendito seja aquele que a dá!”.

### 308. O pastorzinho dos Alpes ou a vida do jovem Francisco Besucco, de Argentera\*

Edição impressa em Giovanni BOSCO, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del Giovane Besucco Francesco d'Argentera*. Segunda edição. Turim, Tipografia e Libreria Salesiana 1878<sup>93</sup>.

<sup>93</sup> Esta segunda edição é considerada definitiva (cf. Alberto CAVIGLIA, *Un documento inesplorato. La Vita di Besucco Francesco scritta da Don Bosco e il suo contenuto spirituale*, em *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco*. Vol. VI, Turim, Società Editrice Internazionale 1965, pp. 7-8. Extraímos o texto e as notas de: Giovanni BOSCO, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del Giovane Besucco Francesco d'Argentera*, em ID., *Vite di Giovani...*, pp. 191-231. [Em português: João BOSCO, *Vidas de Jovens. Biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco*. Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraud. Brasília, Editora Dom Bosco, 2013, pp. 175-176, 210-259].

\* A tradução para o português adotada nesta coletânea corresponde basicamente à que se encontra em: João BOSCO, *Vidas de jovens. As biografias de Domingos Savio, Miguel Magone e Francisco Besucco*. Estudo introdutivo e notas históricas de Aldo Giraud. Brasília, Editora Dom Bosco, 2013, pp. 175-176, 210-259; foram introduzidas inúmeras adaptações para a nossa linguagem atual.

*Caríssimos jovens,*

Enquanto escrevia a vida de um vosso colega, a morte inesperada do jovem Francisco Besucco fez-me suspender aquele trabalho para me ocupar dele próprio. Foi para satisfazer os insistentes pedidos dos seus conterrâneos, dos seus amigos, e para secundar os vossos muitos pedidos que decidi recolher as notícias mais interessantes deste saudoso colega vosso e de apresentá-las num livrinho, na convicção de vos prestar um serviço útil e agradável.

Algum de vós poderá perguntar onde fui buscar as notícias, para vos assegurar de que as coisas expostas aconteceram realmente.

Responderei em poucas palavras. Para o tempo em que o jovem Besucco viveu na sua terra<sup>94</sup>, ative-me aos depoimentos que recebi do seu pároco, do seu professor e dos seus familiares e amigos. Pode-se dizer que não fiz mais do que ordenar e transcrever as memórias que para este fim me foram enviadas. Para o tempo em que viveu entre nós, procurei recolher cuidadosamente o que aconteceu na presença de grande número de testemunhas oculares: tudo escrito e assinado por testemunhas dignas de crédito.

É verdade que há fatos que causam admiração a quem lê, mas esta é precisamente a razão pela qual escrevo com particular presteza, dado que, se fossem apenas coisas de pouca importância, nem valia a pena publicá-las. Quando depois observardes como este juvenzinho mostra na sua vida um grau de ciência normalmente superior à idade, deveis observar que a grande diligência de Besucco para aprender, a feliz memória para fixar o que ouvia e lia e o modo especial como Deus o favoreceu com as suas luzes, contribuíram poderosamente para enriquecê-lo de conhecimentos certamente superiores à sua idade.

Uma coisa eu vos peço que observeis a meu respeito: talvez demasiada complacência em apresentar os depoimentos daquilo que se passou entre mim e ele. É verdade, e por isso, conto com a vossa benévola compreensão: procurai ver em mim um pai a falar de um filho ternamente amado; um pai que dá largas aos sentimentos paternos ao falar aos seus amados filhos. A eles abre todo o seu coração para satisfazê-los e também para os instruir na prática das virtudes, de que Besucco se tornou modelo. Lede, portanto, ó caríssimos jovens, e se ao ler vos sentirdes movidos a evitar algum vício ou

<sup>94</sup> A terra de Francisco Besucco é o lugarejo alpino de Argentera (1684 m acima do nível do mar), na província de Cúneo, a 6 km da divisa com a França. Em 1860 a população era de 299 pessoas.

a praticar alguma virtude, dai glória a Deus por esse fato, único doador de bens verdadeiros.

O Senhor abençoe a todos nós e nos conserve na sua santa graça aqui na terra, a fim de podermos chegar a louvá-lo eternamente no céu.

[...] <sup>95</sup>

### *Capítulo XV – Episódios e viagem a Turim*

De manhã cedo, despediu-se da sua querida mãe, dos irmãos e das irmãs que choravam, enquanto só ele, de ar sereno e tranquilo, embora comovido, animava a todos à perfeita resignação à vontade de Deus. Só então desatou em forte pranto, ao recomendar-se às suas orações para ser constante em corresponder à voz de Deus que o chamava. O padrinho despediu-se dele com estas últimas palavras:

– Oh sim, vai, querido Francisco, aquele Deus que agora de maneira maravilhosa te tira do nosso convívio, ele te chama para o Oratório, onde poderás santificar a tua alma, imitando as virtudes que já conduziram ao paraíso os ditosos jovens Domingos Savio e Miguel Magone, em cuja vida e morte preciosa bebeste, nos últimos meses da tua morada entre nós, aquele ardente desejo que te conduziu ao providencial Oratório de São Francisco de Sales<sup>96</sup>.

Com um pequeno enxoval, o pai acompanhou Francisco a Turim, e partiram no dia 1º de agosto de 1863. À medida que se afastavam de Argentera, o bom pai ia perguntando ao filho se não tinha pena de deixar a sua terra, a família e principalmente a mãe. Francisco respondeu sempre dizendo: “Estou convencido de fazer a vontade de Deus indo para Turim e, quanto mais me afastar de casa, mais aumenta o meu contentamento”. Terminadas aquelas respostas momentâneas, continuava a rezar, e o pai assegurou que a viagem de Argentera a Turim foi para Francisco quase uma contínua oração.

No dia 2 de agosto chegaram a Cúneo por volta das 4 horas da manhã<sup>97</sup>. Passando diante do palácio episcopal, Francisco perguntou: “De quem é esta casa bonita?”. “É do bispo”, respondi. Francisco fez então sinal ao pai

<sup>95</sup> Apresentamos aqui somente o prólogo e a segunda parte da vida de Francisco Besucco, esta, sim, escrita por Dom Bosco. Deixamos os primeiros catorze capítulos porque construídos ao copiar ao pé da letra um memorial do pároco (ASC A2280701 *Vita del pio giovanetto Besucco Francesco* [janeiro de 1864], manuscrito de Francisco Pepino, com notas autógrafas de Dom Bosco, 22 pp).

<sup>96</sup> Padrinho de Besucco era o pároco de Argentera, padre Francisco Pepino (1817-1899).

<sup>97</sup> O dia 2 de agosto de 1863 era um domingo. A distância entre Argentera e Cúneo é de 60 km.

de querer parar um momento. Depois de o filho parar, o pai deu ainda alguns passos em frente. Tendo-se voltado para trás, viu-o de joelhos junto da porta do bispo. “Que estás fazendo?”, disse-lhe. “Rezo a Deus pelo senhor bispo, para que também ele ajude a que eu seja aceito no Oratório de Turim e que, a seu tempo, se digne contar-me entre os seus clérigos e assim ser útil para mim e para os outros”.

Uma vez em Turim, o pai fazia-lhe notar as belezas da capital<sup>98</sup>. O próprio pai, depois de ter observado as ruas simétricas, as praças quadradas e espaçosas, os pórticos altos e majestosos, as galerias magnificamente decoradas de objetos vários, preciosos e estrangeiros, depois de ter admirado a altura e a elegância dos edifícios, julgava encontrar-se no outro mundo. “Que dizes disso, Francisco, perguntava ele extasiado, não te parece mesmo estar no paraíso?”. Ao que Francisco, sorrindo, respondeu: “Tudo isso pouco me importa, porque nada alegrará o meu coração, enquanto não for recebido naquele abençoado Oratório, a que fui enviado”.

Finalmente, entrou no lugar tão desejado e, cheio de alegria, exclamou: “Por fim cheguei”. Depois fez uma breve oração para agradecer a Deus e a Nossa Senhora pela boa viagem que tinha feito e pelos desejos atendidos.

O pai, ao despedir-se, estava comovido até as lágrimas, mas Francisco confortou-o dizendo: “Não se aflija por minha causa; Deus não deixará de nos ajudar: rezarei todos os dias pela nossa família”. Cada vez mais comovido, o pai disse-lhe ainda: “Precisas de alguma coisa?”. “Sim, querido pai, agradeça ao meu padrinho pelo cuidado que teve comigo: diga-lhe que nunca esquecerei o que fez por mim e, com a aplicação no estudo e com o meu bom comportamento, procederei de modo a agradar-lhe. Diga aos de casa que sou plenamente feliz e que encontrei o meu paraíso”.

### *Capítulo XVI – Teor de vida no Oratório – Primeiro divertimento*

Tudo o que até aqui escrevi sobre Besucco constitui, por assim dizer, a primeira parte da sua vida; e nisso ative-me às notícias que recebi de quem o conheceu e conviveu com ele na sua terra. O que agora vou dizer a respeito do novo gênero de vida no Oratório constituirá a segunda parte. Mas aqui narrarei só o que eu mesmo ouvi, o que vi com os meus próprios olhos ou me foi referido por centenas de jovens que foram seus companheiros durante todo o tempo em que viveu entre nós. Servi-me também de modo particular de

<sup>98</sup> Fizeram a viagem Cúneo-Turim de trem (em funcionamento desde 5 de agosto de 1855).

um longo e minucioso relatório feito pelo padre Ruffino, professor e diretor das escolas desta casa<sup>99</sup>, que teve oportunidade de conhecer e de recolher os muitos traços de virtude praticados pelo nosso Besucco.

Desde há muito tempo, portanto, que Francisco desejava ardentemente vir para este Oratório, mas, quando na realidade aqui chegou, ficou admirado. Mais de setecentos meninos tornavam-se num momento seus amigos e companheiros no recreio, à mesa, no dormitório, na igreja, na aula e no estudo. Parecia-lhe impossível que tantos garotos pudessem viver juntos na mesma casa sem pôr tudo em desordem. A todos queria fazer perguntas, queria saber a razão de tudo, a explicação das coisas. Qualquer aviso dado pelos superiores, qualquer inscrição nas paredes eram para ele objeto de leitura, de meditação e de profunda reflexão.

Tinha já passado alguns dias no Oratório e eu ainda não o tinha visto nem sabia dele senão aquilo que o arcepreste Pepino, por carta, me tinha comunicado. Um dia, estava no recreio no meio dos meninos desta casa, quando vi um deles vestido como se vestem os serranos, pouco encorpado, de aspecto um tanto rude, de rosto marcado de sardas. Estava de olhos esbugalhados observando seus companheiros se divertirem. Como o seu olhar se encontrou com o meu, esboçou um respeitoso sorriso e se encaminhou para mim.

– Quem és tu? – perguntei sorrindo.

– Sou Francisco Besucco, de Argentera.

– Que idade tens?

– Daqui a pouco, catorze anos.

– Vieste para estudar ou para aprender uma profissão?

– Desejo muito, muito, estudar.

– Em que classe estás?

– Fiz a escola primária na minha terra.

– Com que intenção quererias continuar os estudos e não aprender um ofício?

– Ah! a minha vida, o meu grande desejo é mesmo poder abraçar o estado eclesiástico.

– E quem te deu esse conselho?

<sup>99</sup> Domingos Ruffino (1840-1865), ordenado padre no dia 30 de maio daquele ano.

– Sempre tive isso no coração e sempre pedi ao Senhor que me ajudasse a realizar esta minha vontade.

– Já pediste conselho a alguém?

– Sim, já falei muitas vezes disso com o meu padrinho; sim, com o meu padrinho... Ao dizer isso, comoveu-se tanto, que as lágrimas começaram a aflorar-lhe nos olhos.

– Quem é o teu padrinho?

– O meu padrinho é o meu pároco, o arcepreste de Argentera, que gosta muito de mim. Ensinou-me o catecismo, deu-me aulas, vestiu-me e sustentou-me. É muito bom, ajudou-me tanto e, depois de me ter dado aulas durante quase dois anos, recomendou-me ao senhor, a fim de que me recebesse no Oratório. Como é bom o meu padrinho! Como me quer bem!

Dito isso, começou de novo a chorar. Esta sensibilidade pelos benefícios recebidos, este afeto para com seu benfeitor fez-me conceber um bom conceito da índole e da bondade de coração do juvenzinho. Então, recordei-me também das belas recomendações que dele me tinham feito o seu pároco e o lugar-tenente Eyzautier<sup>100</sup>, e disse comigo: “Este rapaz, se for acompanhado, terá excelente sucesso na sua educação moral. Com efeito, a experiência mostra que a gratidão nas crianças é geralmente presságio de um feliz futuro; ao contrário, os que esquecem com facilidade os benefícios recebidos e as solitudes que lhes foram prodigalizadas permanecem insensíveis às recomendações, aos conselhos, à religião, e são por isso de educação difícil, de êxito incerto”. Disse, portanto, a Francisco: “Sinto-me muito feliz por teres tão grande afeto para com o teu padrinho, mas não quero que te aflijas. Ama-o no Senhor, reza por ele e, se queres mesmo agradecer-lhe, procura ter um bom comportamento de modo que eu possa enviar-lhe sempre boas notícias, ou então que ele fique satisfeito com o teu aproveitamento e com a tua conduta em Turim. Entretanto, vai brincar com os teus companheiros”. Limpando as lágrimas, despediu-se de mim com afetuoso sorriso e foi tomar parte nos jogos com os seus companheiros.

### *Capítulo XVII – Alegria*

Na sua humildade, Francisco julgava todos os seus companheiros mais virtuosos do que ele e parecia-lhe ser uma nulidade em comparação com o

<sup>100</sup> João Estêvão Eyzautier, natural de Argentera, amigo do padre Pepino, era tenente da Guarda Real.

comportamento dos outros. Por isso, poucos dias depois, veio de novo ao meu encontro com aspecto perturbado.

– Que tens, disse-lhe eu, meu caro Besucco?

– Encontro-me aqui no meio de tantos companheiros, todos bons, e eu queria ser bom como eles, mas não sei como fazer e tenho necessidade que o senhor me ajude.

– Ajudar-te-ei por todos os meios que me forem possíveis. Se queres ser bom, pratica apenas três coisas e tudo correrá bem.

– Quais são essas três coisas?

– Estas: alegria, estudo, piedade. É este o grande programa e, se o praticares, poderás viver feliz e fazer muito bem à tua alma.

– Alegria... Alegria... Eu até sou alegre demais. Se basta estar alegre para me tornar bom, vou divertir-me de manhã à noite. Faço bem?

– Não de manhã à noite, mas somente nas horas em que o recreio é permitido.

Tomou a sugestão em sentido demasiado literal; e, na convicção de agradar verdadeiramente a Deus divertindo-se, mostrava-se sempre impaciente pelo recreio para o aproveitar. Mas, qual o quê? Não tendo prática de certos jogos, acontecia-lhe com frequência chocar-se com os outros ou cair aqui e ali. Queria caminhar com as pernas-de-pau e logo caía; queria subir às paralelas e dava um trambolhão. Jogava bochas, e acertava nas pernas dos outros ou punha em desordem todo o divertimento. Por isso, podia-se dizer que os tombos e as quedas eram a conclusão normal dos seus jogos. Um dia, aproximou-se de mim mancando e preocupado.

– Que tens, Besucco? – perguntei.

– Estou bem machucado, respondeu-me.

– Que te aconteceu?

– Tenho pouca prática nos jogos da casa e caio, batendo aqui ou ali com a cabeça, os braços, as pernas. Ontem, ao correr, choquei-me com um companheiro e ambos ficamos com o nariz sangrando.

– Pobre rapaz! Tem mais cuidado e modera-te um pouco mais.

– Mas o senhor me diz que o recreio agrada a Deus e eu queria aprender a jogar bem todos os jogos que os meus companheiros fazem.

– Nada disso, meu caro; os jogos e os divertimentos devem aprender-se pouco a pouco, à medida que se for capaz, de forma que possam servir de divertimento e não de perigo físico.



Com essas palavras compreendeu que o recreio deve ser moderado e destinado a elevar o espírito, de outra forma é nocivo à própria saúde corporal. Por isso, continuou a tomar parte de bom grado no recreio, mas com grande cuidado; antes, quando o tempo livre era um pouco longo, costumava interrompê-lo e entreter-se com algum companheiro mais estudioso, para se informar das regras e da disciplina da casa, pedir explicações de alguma dificuldade da aula e também para ir fazer algum exercício de piedade cristã. Além disso, aprendeu um segredo para fazer bem a si mesmo e aos seus colegas nos próprios recreios, dando bons conselhos ou avisando com bons modos os que fosse preciso, como já costumava fazer na sua terra, mas numa esfera bastante mais restrita. Besucco, acompanhando assim o seu recreio com ditos morais ou científicos, em breve se tornou um modelo no estudo e na piedade.

### *Capítulo XVIII – Estudo e diligência*

Um dia, no meu aposento, Besucco leu um cartaz com estas palavras: *Cada momento de tempo é um tesouro.*

– Não compreendo, perguntou-me com ansiedade, o que significam estas palavras. Como podemos em cada momento de tempo ganhar um tesouro?

– É mesmo assim. Em cada momento de tempo podemos adquirir algum conhecimento científico ou religioso, praticar alguma virtude, fazer um ato de amor de Deus, coisas que diante do Senhor são verdadeiros tesouros, que nos beneficiarão no tempo e na eternidade.

Não proferiu mais palavra, mas escreveu num pedacinho de papel aquela máxima e depois acrescentou: “Compreendi”. Compreendeu como é precioso o tempo e recordando o que lhe tinha recomendado o seu arcepreste, disse: “O meu padrinho também já me tinha dito que o tempo é muito precioso e que devemos utilizá-lo bem desde a juventude”.

Dali em diante aplicava-se com maior intensidade aos seus deveres.

Posso dizer para glória de Deus que, em todo o tempo que passou nesta casa, nunca foi preciso avisá-lo, nem animá-lo ao cumprimento dos seus deveres.

É costume, nesta casa, todos os sábados, atribuir a cada jovem e depois ler em público uma nota de comportamento referente àquela semana no estudo e nas aulas. As notas de Besucco foram sempre iguais, isso é, *ótimo*. Ao sinal para o estudo, encaminhava-se imediatamente para lá, sem se deter mais um instante. Era bonito vê-lo sempre recolhido, estudando, escrevendo em

atitude de quem faz coisa do seu maior gosto. Nunca, por nenhum motivo, saía do seu lugar e, mesmo que o tempo de estudo fosse longo, ninguém o via tirar os olhos dos seus livros ou dos cadernos.

Um dos seus grandes receios era que, contra a sua vontade, lhe acontecesse transgredir as regras; por isso, especialmente nos primeiros dias, perguntava com frequência se se podia fazer isso ou aquilo. Perguntou, por exemplo, uma vez, com santa simplicidade, se no estudo se podia escrever, receando que ali não se pudesse fazer outra coisa senão estudar. Outra vez, se no tempo de estudo era permitido pôr os livros em ordem. À rigorosa ocupação do tempo, uniu a invocação da ajuda do Senhor. Por vezes, durante o estudo, os companheiros viam que ele fazia o sinal da cruz, levantava os olhos para o céu e rezava. Tendo-se perguntado a razão, respondia: “Com frequência, sinto dificuldade em aprender e por isso recomendo-me ao Senhor para que me dê a sua ajuda”.

Tinha lido na vida de Miguel Magone que antes de começar o estudo dizia sempre: *Maria, sedes sapientiae, ora pro me*. Ó Maria, sede da sabedoria, rogai por mim. Ele quis fazer a mesma coisa. Escreveu essas palavras nos livros, nos cadernos e em várias listas de papel, de que se servia como marcadores. Escreveu também bilhetes para os seus companheiros, mas no princípio da folha ou num pedacinho de papel à parte, colocava sempre a preciosa saudação à sua mãe celeste, como costumava chamá-la. Num bilhete endereçado a um companheiro, leio quanto segue: “Perguntaste-me como é que eu consegui aguentar-me na segunda gramática<sup>101</sup>, ao passo que o meu curso regular devia ser apenas a primeira. Respondo-te sinceramente que esta é uma especial bênção do Senhor, que me dá saúde e força. Quanto ao mais, servi-me de três segredos que encontrei e pratiquei com grande vantagem minha e que são: 1º Nunca perder uma migalha de tempo nas aulas ou no estudo. 2º Nos dias feriados e em outros em que há recreio prolongado, depois de meia hora, vou estudar, ou então falo de assuntos das aulas com alguns companheiros mais adiantados do que eu nos estudos. 3º Todas as manhãs, antes de sair da igreja, rezo um *Pai-nosso* e *Ave-Maria* a São José. Este foi para mim o meio eficaz que me fez avançar na ciência e, desde que comeci a rezar este *Pai-nosso*, tive sempre maior facilidade, quer em aprender as lições, quer em superar as dificuldades que frequentemente encontro nas matérias escolares. Experimenta também tu a fazer o mesmo, concluía a carta, e certamente te sentirás contente”.

Não deve, portanto, ser motivo de surpresa se, com tanta diligência, fez tão rápido progresso nas aulas.

<sup>101</sup> Segunda ginásial.

Quando chegou à nossa casa, quase se perdia a esperança de poder continuar na primeira ginásial, mas, passados apenas dois meses, obtinha notas bastante satisfatórias na sua classe. Nas aulas, pendia imóvel dos lábios do professor, que nunca precisou avisá-lo por desatenção.

O que eu disse acerca da diligência de Besucco em matéria de estudo, deve dizer-se também em relação a todos os outros deveres, por menores que fossem: era exemplar em tudo. Tinha sido encarregado de varrer o dormitório; era admirado pela exatidão com que desempenhava este encargo, sem dar a mínima mostra de sentir o seu peso.

Quando, por motivo de doença, não pôde mais levantar-se da cama, pediu desculpas ao assistente por não estar em condições de cumprir o seu dever habitual e agradeceu carinhosamente a um companheiro que o substituiu naquele humilde serviço.

Besucco veio para o Oratório com uma finalidade preestabelecida. Por isso, no seu comportamento tinha sempre em mira o ponto para o qual tendia, ou seja, dedicar-se todo a Deus no estado eclesiástico. Com este objetivo procurava progredir na ciência e na virtude. Conversava um dia com um companheiro acerca dos seus próprios estudos e da finalidade pela qual cada um tinha vindo para esta casa. Besucco exprimiu o seu próprio pensamento e depois concluiu: “Em suma, o meu objetivo é ser padre; com a ajuda do Senhor farei todo o esforço para poder consegui-lo”.

### *Capítulo XIX— A confissão*

Diga-se o que se quiser acerca dos vários sistemas de educação, mas eu não encontro nenhuma base segura a não ser na frequência da confissão e da comunhão; e creio não exagerar afirmando que, descuidados estes dois elementos, a moralidade fica banida. Besucco, como dissemos, foi preparado e encaminhado a tempo para a frequência de ambos estes sacramentos. Quando chegou aqui ao Oratório, cresceu na boa vontade e no fervor em praticá-los.

No princípio da novena da Natividade de Maria Santíssima, apresentou-se ao diretor dizendo: “Quero fazer bem esta novena e entre outras coisas desejo fazer a minha confissão geral”. O diretor, tendo entendido os motivos que o levavam a isso, respondeu que não via qualquer necessidade de fazer semelhante confissão e acrescentou: “Podes estar tranquilo, tanto mais que já a fizeste outras vezes ao teu arcepreste”. “Sim, replicou, já a fiz por ocasião da minha primeira comunhão e também quando houve exercícios espirituais na minha terra, mas como quero colocar a minha alma em suas mãos, de-

sejo assim abrir-lhe toda a minha consciência, para que melhor me conheça e possa com mais segurança dar-me os conselhos que mais ajudem a salvar a minha alma”. O diretor consentiu: louvou-o pela escolha que queria fazer de um confessor estável; exortou-o a querer bem ao confessor, rezar por ele e manifestar-lhe sempre tudo aquilo que inquietasse a sua consciência. Depois ajudou-o a fazer a desejada confissão geral. Cumpriu aquele ato com os mais comoventes sinais de dor do passado e de propósitos para o futuro, se bem que, como se pode pensar, conste da sua vida nunca ter cometido ação que se possa chamar pecado mortal. Feita a escolha do confessor, não mudou mais por todo o tempo que o Senhor o conservou entre nós. Tinha plena confiança nele, consultava-o mesmo fora da confissão, rezava por ele e sentia-se muito feliz sempre que dele podia receber algum bom conselho para a sua regra de vida.

Uma vez escreveu uma carta a um amigo que lhe tinha manifestado o desejo de vir também para este Oratório. Nela lhe recomendava que rezasse ao Senhor por esta graça e depois sugeriu algumas práticas de piedade, como a *Via Sacra*; sobretudo exortou-o a se confessar cada oito dias e a comungar várias vezes por semana.

Enquanto louvo grandemente Besucco por este fato, recomendo do fundo do coração a todos, mas de modo especial à juventude, que faça a tempo a escolha de um confessor estável e nunca o mude, a não ser em caso de necessidade. Evite-se o defeito de alguns que mudam de confessor quase cada vez que vão se confessar; ou então, devendo confessar coisas mais graves, vão em busca de outro, voltando depois ao anterior. Fazendo assim, não cometem pecado algum, mas nunca terão um guia seguro que conheça a fundo o estado da sua consciência. A ele aconteceria o mesmo que a um doente que em cada consulta quisesse um novo médico. Este médico dificilmente poderia conhecer o mal do doente e por isso não poderia receitar os remédios convenientes.

Se porventura este opúsculo for lido por pessoas que a divina Providência destinou à educação da juventude, recomendaria calorosamente três coisas no Senhor. Em primeiro lugar, inculcar com zelo a confissão frequente como sustentáculo da instável idade juvenil, procurando todos os meios que possam facilitar a assiduidade a este sacramento. Depois, insistir na grande vantagem da escolha de um confessor estável, a não mudar sem necessidade; mas que haja abundância de confessores, a fim de que cada um possa escolher aquele que achar mais adaptado ao bem da sua própria alma. Notem sempre, por outro lado, que quem muda de confessor não faz mal nenhum e que é melhor mudar mil vezes do que calar algum pecado na confissão.

Nunca deixem de recordar muitas vezes o grande segredo da confissão. Digam explicitamente que o confessor é obrigado por um segredo natural,

eclesiástico, divino e civil pelo qual não pode por nenhum motivo, à custa de qualquer mal, mesmo a morte, manifestar a outros o que foi ouvido em confissão ou servir-se dele para si; que nem sequer pode pensar naquilo que ouve neste sacramento; que o confessor não se admira de nada, nem diminui a amizade mesmo que ouça coisas graves em confissão, ao contrário, aumenta a estima pelo penitente. Assim como o médico, quando descobre toda a gravidade do mal do doente, fica satisfeito porque pode aplicar-lhe o remédio conveniente, assim também faz o confessor que é o médico da nossa alma e em nome de Deus, com a absolvição, cura todas as chagas da alma. Estou convencido de que, se isso for recomendado e bem explicado, se obterão grandes resultados morais entre os jovens e se conhecerá com fatos concretos quão maravilhoso elemento de moralidade tem a religião católica no sacramento da penitência.

### *Capítulo XX – A sagrada comunhão*

O segundo sustentáculo da juventude é a sagrada comunhão. Felizes daqueles jovens que começam cedo a se aproximar com frequência e com as devidas disposições deste sacramento. Besucco fora animado pelos pais e pelo pároco e instruído sobre o modo de comungar com frequência e com fruto. Enquanto estava ainda na sua terra, já costumava comungar todas as semanas; depois, em todos os dias festivos e ainda algumas vezes ao longo da semana. Já no Oratório, continuou por algum tempo a comungar com a mesma frequência, depois também várias vezes na semana e, em algumas novenas, mesmo todos os dias.

Se bem que a sua alma cândida e o seu comportamento exemplaríssimo o tornassem digno da comunhão frequente, todavia a ele parecia não ser digno. As apreensões aumentaram desde que uma pessoa que veio para esta casa disse a Besucco que era melhor comungar mais raramente para fazer uma preparação mais longa e com maior fervor.

Um dia apresentou-se a um seu superior e expôs-lhe todas as suas inquietações. Este tentou acalmá-lo, dizendo:

- Tu não dás de comer com grande frequência o pão material ao corpo?
- Sim, claro.

– Se com tanta frequência damos o pão material ao corpo que apenas tem de viver algum tempo neste mundo, por que não deveremos dar com frequência, mesmo todos os dias, o pão espiritual à alma, que é a sagrada comunhão? (*Santo Agostinho*).

– Mas parece-me que não sou suficientemente bom para comungar todos os dias.

– Precisamente para seres melhor é bom receber com frequência a sagrada comunhão. Jesus não convidou os santos a nutrir-se do seu corpo, mas os fracos, os cansados, isto é, os que detestam o pecado, mas que, pela sua fragilidade, estão em grande perigo de recair. Vinde a Mim, diz ele, vós que andais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

– Parece-me que, ao comungar mais raramente, a gente faz a comunhão com mais devoção.

– Não saberia dizer; o que é certo é que a experiência ensina a fazer bem as coisas, e quem faz uma coisa com frequência aprende a fazê-la bem: assim quem vai com frequência à comunhão aprende a fazê-la bem.

– Mas quem come menos vezes come com mais apetite.

– Quem come muito raramente e passa vários dias sem alimento cai de fraqueza ou morre de fome, ou então quando começa a comer de novo corre o perigo de ter uma perigosa indigestão.

– Se assim é, no futuro procurarei fazer a sagrada comunhão com muita frequência, porque sei de fato que é um meio poderoso para me santificar.

– Vai com a frequência que o teu confessor te indicar.

– Ele me diz que vá sempre que a minha consciência estiver tranquila.

– Bem, então segue esse conselho. Entretanto quero fazer-te notar que nosso Senhor Jesus Cristo nos convida a comer o seu corpo e a beber o seu sangue sempre que nos encontrarmos em necessidade espiritual, e nós vivemos em contínua necessidade neste mundo. E chegou mesmo a dizer: Se não comerdes o meu corpo e não beberdes o meu sangue, não tereis a vida em vós. Por isso, no tempo dos apóstolos, os cristãos perseveravam na oração e na fração do pão eucarístico. Nos primeiros séculos, todos os que participavam da santa missa faziam a sagrada comunhão. E quem participava da missa todos os dias, comungava também todos os dias. Por fim, a Igreja Católica, no Concílio de Trento, recomenda aos cristãos que assistam, quando lhes for possível, ao santo sacrifício da missa e, entre outras, tem estas belas expressões: “O sacrossanto Concílio deseja sumamente que em todas as missas de que os fiéis participam façam a comunhão, não só espiritual, mas também sacramental, para que neles seja mais abundante o fruto que provém deste augustíssimo sacrifício” (Sess. 22, c. 6).

## Capítulo XXI – Adoração ao Santíssimo Sacramento

Mostrava o seu grande amor ao Santíssimo Sacramento não só mediante a comunhão frequente, mas em todas as ocasiões que se apresentavam. Já se disse como na sua terra se prestava com a maior satisfação para acompanhar o Viático. Quando ouvia o sinal característico, pedia logo licença aos pais que de muito bom grado o satisfaziam; depois voava para a igreja, a fim de ajudar naquilo que fosse compatível com a sua idade. Tocar a campainha, levar a vela acesa, levar a umbela aberta, rezar o *Confiteor*, o *Miserere*, o *Te-Deum*, constituíam as suas delícias. Na sua terra, também se ocupava de bom grado em ajudar os companheiros mais novos do que ele ou menos instruídos a preparar-se para comungar dignamente e a fazer depois a devida ação de graças.

Já no Oratório, manteve o seu fervor e, entre outras coisas, tomou o louvável hábito de fazer diariamente uma breve visita ao Santíssimo Sacramento. Muitas vezes ele se punha perto de um padre ou de um clérigo para reunir alguns meninos e levá-los à igreja para rezar diante de Jesus Sacramentado. Era verdadeiramente edificante o zelo com que procurava levar à igreja algum companheiro. Um dia convidou um deles dizendo: “Vem comigo e vamos rezar um *Pai-nosso* a Jesus Sacramentado, que está sozinho no tabernáculo”. O companheiro, que estava todo envolvido no jogo, respondeu que não queria ir. Besucco, assim mesmo, foi sozinho. Mas o companheiro, arrependido de ter recusado o amável convite do virtuoso amigo, no dia seguinte, chegou perto dele e disse: “Ontem tu me convidaste para ir à igreja e eu não quis, hoje sou eu que te convido a acompanhar-me para fazer o que ontem não fiz”. Besucco respondeu sorrindo: “Não te preocupes com o dia de ontem, eu fiz a tua parte e a minha: rezei três *Pai-nossos* por mim e depois rezei por ti a Jesus Sacramentado. No entanto, vou com muito gosto agora e em qualquer outra ocasião que tu desejares ter-me em companhia”.

Aconteceu-me diversas vezes eu ter que ir à igreja depois do jantar por qualquer motivo, precisamente enquanto os meninos da casa se encontravam no mais alegre e animado recreio no pátio. Não levando luz na mão, tropecei em algo que me parecia um saco de trigo e quase ia caindo. Mas qual não foi a minha surpresa, quando me dei conta de ter tropeçado no fervoroso Besucco, que num esconderijo, por detrás, mas próximo do altar, no meio da escuridão da noite, rezava ao amado Jesus que lhe desse a luz celeste para conhecer a verdade, ser cada vez melhor e tornar-se santo! Também ajudava com muito gosto a santa missa. Arrumar o altar, acender as velas, preparar as galhetas, ajudar o sacerdote a se vestir eram coisas do seu maior agrado. Se porventura alguém desejasse ajudar, ficava satisfeito e participava com grande recolhimento. Os que o viram a assistir à santa missa ou à bênção do Santíssimo são unânimes

em afirmar que era impossível vê-lo sem se sentir comovido e edificado pelo fervor que mostrava ao rezar e pela compostura da pessoa.

Gostava muito de ler livros e de cantar cânticos referentes ao Santíssimo Sacramento. Entre as muitas jaculatórias que rezava ao longo do dia, a mais frequente era esta: *Graças e louvores se deem a todo o momento ao santíssimo e diviníssimo Sacramento*<sup>102</sup>. “Com esta bela jaculatória, dizia, ganho cem dias de indulgência cada vez que a digo; e, além disso, apenas a digo, logo me fogem todos os maus pensamentos que me passam pela cabeça. Para mim, esta jaculatória é um martelo com que estou seguro de quebrar os chifres ao demônio, quando vem tentar-me”.

### *Capítulo XXII – Espírito de oração*

É difícil fazer com que os meninos tomem gosto pela oração. Sua idade volúvel faz-lhes parecer enfadonha e insuportável qualquer coisa que exija séria atenção da mente. É uma grande felicidade para quem desde pequeno se familiariza com a oração e toma gosto por ela, para a qual está sempre aberta a nascente das divinas bênçãos.

Besucco era um desses. O acompanhamento recebido dos pais desde a mais tenra idade, o cuidado que dele teve o seu professor e sobretudo o seu pároco produziram o desejado fruto no nosso juvenzinho. Ele não estava habituado a meditar, mas fazia muitas orações vocais. Pronunciava as palavras de forma clara e distinta e as articulava de modo que parecia falar com o Senhor, com a Santíssima Virgem ou com algum santo, a quem dirigia as suas orações. De manhã, apenas era dado sinal de levantar, vestia-se prontamente, arrumava tudo e descia logo para a igreja ou se ajoelhava junto da cama para rezar até que a campainha desse sinal. Na igreja, além da sua exemplar pontualidade, tomava lugar junto dos companheiros e nos lugares onde não pudesse ser distraído, e tinha muita pena de ver alguém conversando ou numa atitude dissipada. Um dia, ao sair da igreja, foi logo em busca de um colega que tinha cometido essa falta. Ao encontrá-lo, recordou-lhe o que tinha feito; depois de lhe fazer notar como se tinha portado mal, convidou-o a estar no lugar sagrado com mais recolhimento.

Nutria especial afeto para com Maria Santíssima. Na novena da sua Natividade mostrava um fervor particular para com ela. O diretor costumava dar todas as noites alguma “flor espiritual” para praticar em honra de Maria.

<sup>102</sup> Dom Bosco sugere que se reze esta jaculatória, sobretudo à elevação da hóstia durante a missa e no decorrer das visitas ao Santíssimo Sacramento (cf. n. 184).



Besucco não só lhe dava grande importância, mas se empenhava para que também outros a praticassem. Para não se esquecer, escrevia-as num caderno. “Deste modo, dizia ele, no fim do ano terei uma bela coleção de presentes para oferecer a Maria”. Ao longo do dia, ia repetindo e recordando aos seus companheiros o compromisso assumido. Quis saber o lugar exato onde Domingos Savio se ajoelhava a rezar diante do altar de Nossa Senhora. Ali, recolhia-se a rezar com grande consolação do seu coração. “Oh! se eu pudesse, dizia, ficar da manhã à noite rezando naquele lugar, com que gosto o faria! Com efeito, parece-me ter o mesmo Domingos Savio a rezar comigo e a responder às minhas orações, e que o seu fervor se comunica ao meu coração”. Normalmente, era o último a sair da igreja, porque costumava parar sempre algum tempo diante da estátua de Maria Santíssima. Por esse motivo, com frequência lhe acontecia perder o café da manhã, com grande espanto daqueles que viam um rapaz de catorze anos, sadio e robusto, trocar o alimento corporal pelo alimento espiritual da oração.

Não raras vezes, especialmente nos dias não letivos, combinava com alguns companheiros ir à igreja para rezar as sete alegrias e as sete dores de Maria, bem como a ladainha ou a coroinha espiritual a Jesus Sacramentado; mas o prazer de ler em nome de todas aquelas orações nunca queria cedê-lo a outros. Às sextas-feiras, se lhe fosse possível, fazia ou ao menos lia a *Via-Sacra*, que era a sua prática de piedade predileta. A *Via-Sacra*, costumava dizer, é para mim uma centelha de fogo, que me anima a rezar e me leva a suportar tudo por amor de Deus.

Amava tanto a oração e tinha-se habituado tanto a ela que, apenas estivesse sozinho ou desocupado um momento, logo se punha a rezar alguma oração. No próprio tempo de recreio, não raro se punha a rezar, e como que levado por movimentos involuntários, por vezes transformava os nomes dos jogos em jaculatórias. Um dia, vendo o seu superior, correu ao encontro dele para cumprimentá-lo pelo nome e disse-lhe: “*Ó Santa Maria*”. Outra vez, querendo chamar um companheiro com quem brincava, disse em voz alta: “*Ó Pai-nosso*”. Essa fato, se por um lado era ocasião de riso entre os companheiros, por outro mostrava como o seu coração se deleitava na oração e como era capaz de recolher o seu espírito para elevá-lo ao Senhor. Isto, segundo os mestres de espírito, indica um grau de elevada perfeição que raramente se observa mesmo nas pessoas de virtude consumada.

À noite, depois das orações em comum, ia para o dormitório e, ajoelhando-se sobre a mala, ficava um quarto de hora ou até meia hora a rezar. Mas, avisado de que aquilo incomodava os companheiros que já estavam deitados, abreviou o tempo e procurava deitar-se quando os outros também o faziam. Todavia, apenas se deitava, juntava as mãos diante do peito e rezava

até adormecer. Se lhe acontecia acordar de noite, começava logo a rezar pelas almas do purgatório e sentia pena de ter de interromper a oração devido ao sono. “Tenho muita pena, dizia a um amigo, por não conseguir aguentar algum tempo na cama sem adormecer. Sou mesmo miserável. Quanto bem faria às almas do purgatório se conseguisse rezar como desejo!”.

Em suma, se examinarmos o espírito de oração deste rapaz, podemos dizer que ele cumpriu à letra o preceito do Salvador, que mandou rezar sem cessar, pelo que passava os dias e as noites em contínua oração.

### *Capítulo XXIII – As suas penitências*

Falar de penitência aos meninos, geralmente, significa assustá-los. Mas quando o amor de Deus toma posse de um coração, nada no mundo, nenhum padecimento o aflige, antes, cada pena da vida torna-se uma consolação. Dos corações ternos nasce já o nobre pensamento de que se sofre por um grande objetivo e que aos padecimentos da vida está reservada uma gloriosa recompensa na bem-aventurada eternidade.

Já todos puderam ver como era grande o desejo de sofrer de Besucco, como demonstrou desde a infância. Aqui no Oratório redobrou o seu ardor.

Apresentou-se um dia ao seu superior e disse-lhe estas palavras: “Estou muito angustiado: o Senhor diz no Evangelho que não se pode ir para o paraíso senão com a inocência ou com a penitência. Com a inocência, eu já não posso ir porque a perdi; portanto, tenho de ir com a penitência”.

O superior respondeu que considerasse como penitência a diligência no estudo, a atenção nas aulas, a obediência aos superiores, suportar os incômodos da vida como o calor, o frio, o vento, a fome, a sede. “Mas, replicou ele, isso se sofre por necessidade”. “Precisamente o que se sofre por necessidade, se o sofreres por amor de Deus, torna-se penitência, agrada ao Senhor e será meritório para a tua alma”.

Então ficou tranquilo, mas pedia sempre para jejuar, deixar todo, ou pelo menos parte, do café da manhã, colocar debaixo da roupa ou na cama objetos que lhe provocassem dor, coisas que lhe foram sempre negadas. Na vigília da festa de Todos os Santos, pediu por especial favor poder jejuar a pão e água, jejum que lhe foi mudado apenas pela abstinência do café da manhã. Isso lhe deu grande prazer, porque, dizia, “Assim poderei pelo menos em alguma coisa imitar os santos do paraíso que, percorrendo o caminho do sofrimento, conseguiram salvar as suas almas”.

Não é necessário falar da guarda dos sentidos externos, especialmente dos olhos. Quem o acompanhou por muito tempo na compostura da pessoa, na atitude com os companheiros, na modéstia em casa e fora de casa, não hesita em afirmar que se pode propor como modelo perfeito de mortificação e de exemplo à juventude.

Sendo proibido de fazer penitência corporal, conseguiu fazê-la de outro gênero, isto é, prestar os serviços mais humildes na casa. Dar recados aos companheiros, levar-lhes água, limpar os sapatos, servir à mesa quando lhe era permitido, varrer o refeitório, o dormitório, despejar o lixo, transportar pacotes, baús, desde que fosse capaz, eram coisas que ele fazia com alegria e a maior satisfação. Exemplos dignos de serem imitados por certos jovens que, ao se encontrarem fora de casa, por vezes têm vergonha de dar um recado ou de prestar um serviço em coisas compatíveis com o seu estado. Antes, há por vezes meninos que até têm vergonha de ser acompanhados pelos pais, devido à sua maneira pobre de vestir. Como se o estar fora de casa mudasse a sua condição, fazendo esquecer os deveres de piedade, de respeito e de obediência para com os pais e de caridade para com todos.

Mas estas pequenas mortificações só satisfizeram Besucco por algum tempo. Desejava mortificar-se mais. Algumas vezes se queixou dizendo que em sua casa fazia maiores penitências e que a sua saúde nunca se tinha ressentido disso. O superior respondia sempre que a verdadeira penitência não consiste em fazer o que nos agrada, mas em fazer o que agrada ao Senhor e que serve para promover a sua glória. “Sê obediente, acrescentava o superior, e diligente nos teus deveres, usa de muita bondade e caridade para com os companheiros, suporta os seus defeitos, dá-lhes bons avisos e conselhos e farás coisa que ao Senhor agradará mais do que qualquer outro sacrifício”.

Tomando literalmente à letra o que se lhe tinha dito de suportar com paciência o frio das estações, deixou avançar a estação invernal sem vestir roupa adequada. Um dia eu o vi de face muito pálida e, perguntando se estava mal de saúde, respondeu: “Não, estou ótimo”. Entretanto, tomando-o pela mão, notei que tinha apenas um casaco de verão, quando já estávamos na novena do santo Natal.

- Não tens roupa de inverno?, perguntei-lhe.
- Claro que tenho, mas no dormitório.
- Por que não a vestes?
- Eh... pelo motivo que já sabe: suportar o frio no inverno por amor do Senhor.

– Vai imediatamente vesti-la para te proteger bem do frio e, se te faltar alguma coisa, vem dizer, que se resolve sem mais.

Apesar desta recomendação, não se conseguiu impedir um abuso de que talvez tenha resultado a doença que o levou à morte, como adiante se dirá.

### *Capítulo XXIV – Fatos e ditos populares*

Há vários ditos e fatos sem relação direta com o que até agora se expôs e que por isso são relatados separadamente. Começo pelas conversas. Era bastante reservado no falar, mas era jovial e espirituoso. Narrava com gosto as suas peripécias de pastorzinho, quando conduzia as ovelhas e as cabras ao pasto. Falava dos arbustos, das hortaliças, das cavidades, das cavernas, dos precipícios da montanha do Roburent e do Drec como de outras tantas maravilhas do mundo.

Tinha também alguns provérbios que para ele eram verdades indiscutíveis. Quando queria incitar alguém a não se afeiçoar às coisas do mundo e a pensar cada vez mais nas celestes, costumava dizer: *Chi guarda a terra – Come la capra – È ben difficile – Che il ciel se gli apra\**.

Um dia, um companheiro entrou em questões de religião e disse muitas asneiras. O nosso Besucco, por ser mais novo e pouco instruído, calou-se, mas ficou bastante inquieto e desgostoso. Depois se encheu de coragem e, de rosto alegre, disse: “Escutai, começou por dizer a todos os presentes: há tempos li no dicionário a explicação da palavra *profissão* e, entre outras coisas, notei esta frase: *Chi fa l'altrui mestiere – Fa la zuppa nel panier\**. O meu pai afirmava o mesmo com outras palavras dizendo: *Chi fa quel che non sa, guasta quel che fa*”\*. Todos compreenderam o significado das expressões; o indiscreto orador calou-se e os outros admiraram a sagacidade e a prudência do nosso jovenzinho.

Acatava sempre de bom grado as ordens dos superiores, nunca se queixava do horário da casa, do que era servido à mesa, das ordens nas aulas e semelhantes. Tudo era do seu gosto. Tendo-se perguntado como era possível que ele estivesse sempre contente com tudo, respondeu: “Sou de carne e osso como os outros, mas desejo fazer tudo para a glória de Deus, e o que não me agrada será certamente do agrado de Deus: por isso tenho sempre igual motivo para estar contente”.

\* A quem olha para a terra como a cabra, é bem difícil que o céu se abra.

\* Quem se mete onde não é chamado, é como quem faz a sopa num cesto (que é furado).

\* Quem faz o que não sabe, estraga o que faz.

Aconteceu um dia que alguns companheiros recém-chegados à casa não conseguiam habituar-se ao novo gênero de vida. Ele os animava, dizendo: “Se formos para o exército, poderemos por acaso fazer um horário ao nosso gosto? Poderemos deitar-nos ou levantar-nos quando quisermos ou ir passear quando quisermos?”

– Claro que não, responderam eles, mas alguma liberdade...

– Nós somos certamente livres, se fizermos a vontade de Deus, e só nos tornamos de fato escravos quando caímos no pecado, porque nos tornamos então escravos do nosso maior inimigo que é o demônio.

– Mas em minha casa eu comia e dormia melhor, dizia um.

– Admitindo a verdade do que afirmas, isto é, que em tua casa comias melhor e dormias mais, digo-te que alimentavas contigo dois grandes inimigos, que são o ócio e a gula. Quero também te dizer que não nascemos para dormir nem para comer como as cabras e as ovelhas, mas devemos trabalhar para a glória de Deus e fugir do ócio que é o pai de todos os vícios. De resto, não ouviste o que disse o nosso superior?

– Já não me recordo.

– Ontem, entre outras coisas, o superior disse que acolhe com gosto os jovens, mas não quer que ninguém esteja contrariado. Quem não estiver contente, concluía, que o diga e procurarei satisfazê-lo; quem não quiser estar nesta casa, é plenamente livre de ir embora, mas, se aqui ficar, não espalhe o descontentamento, fique de boa vontade.

– Eu ia para outro lugar, mas é preciso pagar e os meus pais não podem.

– Mais um motivo para estar contente: se não pagas, devias mostrar-te mais satisfeito do que qualquer outro: porque *a caval donato non si guarda in bocca*\*. Portanto, queridos companheiros, convençamo-nos disso, estamos numa casa de beneficência, uns pagam pouco e outros não pagam nada, e onde poderemos ter a mesma coisa por este preço?

– É verdade o que dizes, mas se pudéssemos ter boa mesa...

– Já que morres por ter boa mesa, indico-te uma maneira de ter: vai para uma pensão com os teus superiores.

– Mas eu não tenho dinheiro para pagar pensão.

– Então, fica quieto, contenta-te com o que nos dão para comer; tanto mais que todos os nossos companheiros se mostram contentes. E, caros amigos, se quereis que vos fale com sinceridade, direi que, jovens robustos

\* A cavalo dado não se olham os dentes.

como nós somos, não devemos olhar para a delicadeza da vida; como cristãos devemos também fazer penitência, se queremos ir para o paraíso, devemos mortificar a gula neste mundo. Acreditai: este é para nós um meio facilimo de merecer a bênção do Senhor e ganhar mérito para o céu.

Com esses e outros modos semelhantes de falar, enquanto confortava os seus companheiros, tornava-se também seu modelo nas regras de civilidade e de caridade cristã.

Ao falar, costumava escrever nos cadernos e nos livros provérbios ou sentenças que tivesse aprendido.

Nas cartas, então, era bastante eloquente; por isso, parece-me oportuno inserir aqui algumas delas, cujo original me foi amavelmente entregue por aqueles a quem tinham sido endereçadas.

### *Capítulo XXV – As suas cartas*

Estas cartas são sinal evidente da bondade de coração e ao mesmo tempo da piedade sincera de Besucco. É bastante raro, mesmo em pessoas idosas, escrever cartas sem respeito humano e condimentadas de pensamentos religiosos e morais, como na verdade deviam fazer todos os cristãos; mas é raríssimo que isso aconteça entre jovens. Eu desejava que todos vós, jovens amadíssimos, evitásseis aquele gênero de cartas que nada têm de sagrado, de forma que poderiam enviar-se aos próprios pagãos. Não devia ser assim; sirvamo-nos também deste meio maravilhoso para comunicar os nossos pensamentos, os nossos projetos, a quem está longe de nós; mas saibamos sempre distinguir a correspondência, quando é com cristãos ou com pagãos; e nunca esqueçamos algum pensamento moral. Por este motivo, insiro algumas cartas de Besucco que, por simplicidade e ternura de sentimentos, vos agradecerão certamente.

A primeira delas é dirigida ao seu padrinho, arcepreste de Argentera, com data de 27 de setembro de 1863. Nela narra a felicidade que goza no Oratório e lhe agradece por tê-lo enviado para aqui.

A carta é do seguinte teor:

Caríssimo senhor padrinho,

Informo que, há quatro dias, os meus companheiros foram para casa passar uns vinte dias de férias. Gosto muito que as passem alegremente, mas eu desfruto muito mais do que eles porque, ficando aqui, tenho tempo de lhe

escrever esta carta que espero seja também do seu agrado. Digo-lhe antes de tudo que não consigo encontrar palavras para lhe agradecer os benefícios que me fez. Além dos favores que me prodigalizou, especialmente ao dar-me aulas em sua casa, ensinou-me também tantas coisas belas, espirituais e temporais, que muito me ajudam. Mas o maior dos favores foi ter-me enviado para esta casa onde nada me falta, nem para a alma nem para o corpo. Agradeço cada vez mais ao Senhor, por me ter concedido tão assinalado favor, de preferência a tantos outros jovens. Peça-lhe do fundo do coração por mim para que me conceda a graça de corresponder a tantos sinais de celeste bondade. Agora sou plenamente feliz neste lugar, nada mais tenho a desejar, todos os meus anseios foram satisfeitos. Agradeço-lhe, bem como aos demais benfeitores, por todos os objetos que enviaram. Na semana passada esperava ter a consolação de vê-lo aqui em Turim, para que pudesse falar do meu comportamento com os meus superiores: paciência, o Senhor quer adiar-me esta consolação.

Pela sua carta, tive conhecimento de que os de minha casa choravam ao ouvir ler a minha carta. Diga-lhes que têm motivo para se alegrar e não para chorar porque eu sou plenamente feliz. Agradeço-lhe pelas preciosas advertências que me faz e garanto-lhe que, até agora, tenho feito tudo o que pude para pôr em prática. Agradeça em meu nome à minha irmã pela comunhão que fez expressamente por mim. Creio que isso me ajudou muito nos meus estudos, pois me parece quase impossível como em tão pouco tempo consegui passar para a segunda ginásial. Peço-lhe que cumprimente meus familiares e lhes diga que rezem por mim, mas que não se preocupem, porque gozo de boa saúde, não me falta nada, numa palavra, sou feliz. Desculpe por não ter escrito há mais tempo; ultimamente estava ocupado em preparar-me para os exames, que me saíram melhor do que esperava. Desejo ardentemente lhe manifestar a minha gratidão; mas, não podendo de outro modo, procurarei compensar pedindo ao Senhor que lhe conceda saúde e dias felizes.

Dê-me a sua santa bênção e considere-me sempre  
Seu afeiçoadíssimo afilhado

Francisco Besucco

O pai de Francisco, amolador de facas de profissão, passa a época sazonal a trabalhar no campo e a tratar dos animais em Argentera, mas no outono parte e se desloca de terra em terra a fim de ganhar o pão para si e para a família exercendo a sua profissão. Francisco, em 26 de outubro, escreveu-lhe uma

carta em que, mostrando o seu contentamento por se encontrar em Turim, exprime os seus ternos sentimentos filiais do seguinte modo:

Meu querido pai,

Aproxima-se o tempo em que o senhor, meu querido pai, tem de partir e andar de terra em terra a ganhar o que é necessário para a família. Não posso acompanhá-lo nas suas viagens como gostaria, mas estarei sempre com o senhor em pensamento e em oração. Asseguro-lhe que todos os dias peço a Deus que lhe dê saúde e a sua santa graça.

O meu padrinho esteve aqui no Oratório e isso me encheu de satisfação. Entre outras coisas, disse-me que o pai tem medo que eu passe fome; fique tranquilo porque tenho pão em grande abundância; se pusesse de parte o pão que sobra da minha necessidade, no fim de cada semana daria para fazer uma grande *panata*<sup>103</sup>, como nós dizemos. Basta saber que comemos quatro vezes ao dia e sempre até que nos apetece; ao almoço há sopa e um prato de mistura, e à noite sopa. Antes, havia vinho todos os dias, mas, desde que en-careceu tanto, agora só nos dias festivos. Portanto, não se preocupe comigo: nada mais tenho a desejar, tudo o que desejava me foi concedido.

Comunico-lhe duas coisas com prazer: os meus superiores se mostram muito contentes comigo e eu ainda o estou mais com eles. A outra coisa é a visita do arcebispo de Sássari. Veio fazer uma visita ao diretor; visitou a casa, conversou muito com os jovens, e eu tive o prazer de lhe beijar a mão e de receber a sua santa bênção.

Querido pai, dê saudações a todos os da nossa família, especialmente à minha querida mãe. Dê notícias minhas ao meu padrinho e agradeça-lhe sempre por quanto fez por mim. Faça uma boa campanha e, se tiver morada fixa em alguma localidade, dê-me o endereço e em breve lhe enviarei notícias minhas. Reze também por mim, que de todo o coração serei sempre

Seu afeiçoadíssimo filho

Francisco

Desde que tivera a visita do seu padrinho, desejava ardentemente receber uma carta dele. Satisfiz inteiramente esse desejo com uma carta em que o zeloso arcipreste lhe dava vários conselhos para seu bem espiritual e temporal. Francisco responde exprimindo o seu contentamento; agradece-lhe e promete pôr em prática os seus conselhos.

<sup>103</sup> Tipo de sopa feita com caldo de carne, pão amanhecido, óleo e queijo.



A carta de 23 de novembro de 1863, é do seguinte teor:

Caríssimo senhor padrinho,

No dia 14 deste mês recebi a sua carta. Pode imaginar a grande alegria que senti. Passei em grande festa todo esse dia. Li e reli várias vezes a sua carta e quanto mais a leio, maior é a vontade que sinto de estudar e de ser melhor. Agora compreendo como é grande o benefício que me fez ao enviar-me para este Oratório. Não posso dar largas ao reconhecimento do meu coração, a não ser indo à igreja a rezar pelos meus benfeitores e especialmente pelo senhor; e, para não perder tempo de estudo, vou rezar durante o recreio. Tenho de demorar pouco, porque, se bem que eu sinta maior satisfação no estudo e na oração do que no divertimento, todavia tenho de tomar parte no recreio com os outros, porque assim foi mandado pelos superiores, como coisa útil e necessária para o estudo e para a saúde.

Agora já começaram as aulas e, de manhã à noite, entre aulas, estudo, aula de canto, de música, práticas religiosas e recreio, já não me resta um momento de tempo para pensar na minha existência.

Sinto grande alegria em receber a visita do tenente Eyzautier; há dias trouxe-me uma roupa tão bonita que se o senhor me visse vestido pensaria que sou um cavalheiro.

O senhor me recomendou que procurasse um bom companheiro e logo o encontrei. É melhor do que eu nos estudos e bastante virtuoso. Apenas nos conhecemos, fizemos grande amizade. Entre nós só se fala de estudo e de piedade. Ele também gosta do recreio, mas, depois que nos divertimos um pouco, começamos logo a passear e a conversar de assuntos das aulas. Deus me ajuda de forma sensível; na lista de classificações vou avançando sempre: de noventa da minha turma, ainda tenho cerca de quinze antes de mim.

Fico muito satisfeito por saber que os meus companheiros se recordam de mim; diga-lhes que gosto muito deles e que sejam diligentes no estudo e na piedade. Agradeço-lhe pela bela carta que me escreveu, e tentarei pôr em prática os conselhos nela contidos. Desejo ardentemente ser bom, porque sei que Deus tem preparado um grande prêmio para mim e para aqueles que o amam e servem nesta vida.

Desculpe se demorei a escrever e se não pus em prática os conselhos que me deu, meu querido benfeitor. Peço-lhe que cumprimente todos os de minha casa e, não podendo enviar cumprimentos ao meu pai, faço-o com o coração pedindo a Deus por ele. Que em tudo se faça a vontade de Deus e não a minha, enquanto me professo nos corações amabilíssimos de Jesus e de Maria.

De vossa senhoria ilustríssima

Muito grato afilhado

Francisco Besucco

Na carta enviada ao seu arcipreste, e com a mesma data, Francisco concluía também outra endereçada a um seu amigo e virtuoso primo, de nome Antônio Beltrandi, de Argentera.

A ordem, a maneira de se exprimir, os pensamentos, parecem dignos de ser também publicados como modelo de cartas que podem escrever-se reciprocamente dois bons jovens. Eis o seu teor:

Caríssimo companheiro Antônio,

Que bela notícia me deu o meu padrinho a teu respeito! Ele me escreve que tu deves também ir estudar como eu. Digo-te que este é um ótimo pensamento e terás muita sorte se conseguires realizá-lo. E dado que o nosso beneficente arcipreste se disponibiliza para te dar aulas, procura compensá-lo com a diligência no cumprimento dos teus deveres. Empenha-te no estudo, mas ao lado do estudo coloca a oração e a devoção: este é o único meio de ter sucesso neste empreendimento e de ser feliz. Já me sinto feliz ao pensar que no próximo ano serás meu companheiro nesta casa.

As recomendações da minha parte poderiam resumir-se numa só: obediência e submissão aos teus pais e ao senhor arcipreste. Mas recomendo-te também o bom exemplo para com os teus companheiros.

Quero pedir-te um favor e é que neste inverno faças a *Via-Sacra* depois das celebrações sagradas como eu fazia quando estava em casa. Procura promover esta prática de piedade e serás abençoado pelo Senhor. O tempo é precioso, procura ocupá-lo bem; se tiveres alguma hora livre, reúne alguns garotos e faze-lhes repetir a lição da doutrina cristã que se ensinou no domingo anterior. É este um meio efficacíssimo para merecer as bênçãos do Senhor. Quando o meu padrinho me escrever, dize-lhe que me dê notícias tuas e assim estarei cada vez mais seguro da tua boa vontade. Presentemente me encontro muito ocupado. Ó meu caro, que pena sinto ao pensar no tempo que gastei em vão e que poderia ter empregado no estudo e em outras obras boas.

Espero que não leves a mal esta minha carta e, se alguma coisa te desagradar, peço desculpas. Faze tudo o que puderes a fim de que no próximo ano possamos ser companheiros aqui em Turim, se esta for da vontade do Senhor.

Adeus, querido Antônio, reza por mim.

Teu afeiçoadíssimo amigo

Francisco Besucco

*Capítulo XXVI – Última carta – Pensamentos relativos à mãe*

Das cartas até aqui apresentadas, sobressai a grande piedade que Francisco alimentava no coração: cada dito seu, cada escrito é um conjunto de sentimentos de ternura e de santos pensamentos. Parecia, no entanto, que, à medida que se aproximava do fim da sua vida, se tornava cada vez mais inflamado de amor de Deus. Antes, por certas expressões, parece que ele tinha pressentimento disso. O seu próprio padrinho, quando recebeu esta última carta, exclamou: “O meu afilhado quer deixar-me; Deus o quer para junto dele”.

Transcrevo-a aqui na íntegra como verdadeiro modelo de quem quer augurar cristãmente um bom ano novo. Tem a data de 28 de dezembro de 1863.

Caríssimo senhor padrinho,

Qualquer jovem bem-educado cometeria certamente um ato de ingrati-dão altamente lamentável, se nesses dias não escrevesse aos seus pais e benfeitores augurando-lhes felicidades e bênçãos. Sendo assim, que sentimentos não deverei eu manifestar-lhe, meu querido e insigne benfeitor? Desde o dia em que nasci, começou a se interessar por mim e a cuidar da minha alma. Devo ao senhor os primeiros conhecimentos da ciência, da piedade, do temor de Deus. Se tive a oportunidade de frequentar a escola, evitar tantos perigos da alma, tudo é obra dos seus conselhos, dos seus cuidados e solitudes.

Como poderei então agradecer devidamente? Não podendo de outra forma, tentarei ao menos dar-lhe sinais da minha constante gratidão conservando sempre impressa na mente a recordação dos benefícios recebidos e, nestes poucos dias, empenhar-me com todas as minhas forças em augurar-lhe copiosas bênçãos do céu com bom fim deste ano que termina e bom princípio do novo ano.

Como diz o velho provérbio, *começar bem é meio caminho andado*, também eu desejaria começar bem este ano, começá-lo na vontade do Senhor e continuá-lo segundo a sua santa vontade.

Por agora, os meus estudos vão bem, o comportamento no estudo, no dormitório e nas práticas de piedade foi sempre qualificado como *ótimo*. Recebi notícias do meu pai e do meu irmão que estão com boa saúde. Dê esta notícia aos de minha casa que certamente ficarão contentes. Diga-lhes que não se preocupem comigo, que eu estou bem e nada me falta.

Peço-lhe também que cumprimente meu bom professor, senhor Antônio Valorso, e lhe diga que peço perdão das desobediências e dos desgostos que tantas vezes lhe dei quando era seu aluno.

Finalmente, renovo a certeza de que não passarei dia sem pedir a Deus que lhe dê saúde e longa vida. Querido senhor padrinho, perdoe-me também todos os incômodos que lhe dei e continue a ajudar-me com os seus conselhos. Só desejo ser bom e corrigir-me dos meus muitos defeitos. Seja sempre feita a vontade de Deus e não a minha.

Com grande respeito e afeição me professo

Seu muito grato afilhado

Francisco Besucco.

Na carta endereçada ao seu padrinho ia também um bilhete para a sua mãe, que é o último dos seus escritos e pode ser considerado como o seu testamento, ou seja, as últimas palavras escritas aos seus pais.

Queridíssima mãe,

Estamos no fim do ano e Deus ajudou-nos a passá-lo bem. Antes, posso dizer que este ano foi para mim uma série contínua de favores celestes. Enquanto vos auguro boa conclusão para estes poucos dias que nos restam, peço ao Senhor que se digne conceder-vos um bom início do novo ano, que continue a encher-vos de toda a espécie de bens materiais e temporais. Maria Santíssima vos obtenha de seu divino Filho longa vida e dias felizes.

Hoje recebi uma carta de meu pai, pela qual tenho conhecimento de que tanto ele como o meu irmão gozam de boa saúde, o que muito me alegra. Aqui lhe envio a lista de alguns objetos de que ainda preciso.

Minha querida mãe, dei-lhe tantos desgostos quando estava em casa e continuo a dar-lhe ainda agora, mas procurarei compensá-la com o meu bom comportamento e com as minhas orações. Peço-lhe que faça com que a minha irmã Maria possa estudar, porque com a ciência pode instruir-se melhor na religião.

Adeus, querida mãe, adeus, ofereçamos ao Senhor as nossas ações e os nossos corações e peçamos-lhe de modo particular a salvação das nossas almas. Seja sempre feita a vontade do Senhor.

Da minha parte, transmita a todos os de nossa casa meus votos de que tudo lhes corra bem; reze por mim, que de coração sou seu

Afeiçoadíssimo filho

Francisco

Destas últimas cartas resulta claro que o coração de Francisco já não parecia deste mundo, mas de quem caminha com os pés na terra e tem já a sua alma em Deus, de quem queria continuamente falar e escrever.

Com o fervor nas práticas de piedade crescia também o desejo ardente de se afastar do mundo. “Se pudesse, dizia uma vez, queria separar a alma do corpo para melhor saborear o que significa amar a Deus. Se não fosse proibido, dizia também, queria pôr de parte qualquer alimento para gozar por muito tempo do grande prazer que se sente em sofrer pelo Senhor. Que grande consolação sentiram os mártires ao morrer pela fé!”.

Em suma, nas palavras e nas ações, mostrava quanto já dizia São Paulo: “Tenho o desejo de partir e estar com Cristo”<sup>104</sup>. Deus via o grande amor para com ele que reinava naquele pequeno coração e, para que a malícia do mundo não mudasse a sua vontade, quis chamá-lo para junto dele, e permitiu que um excessivo amor às penitências de certa maneira desse ocasião para isso.

### *Capítulo XXVII – Penitência inoportuna e início da doença*

Francisco lera na vida de Domingos Savio como uma vez este deixara imprudentemente avançar a estação do frio sem se cobrir devidamente na cama. Besucco quis imitá-lo e, pensando que a ordem de usar mais roupa se referisse apenas à roupa de vestir, entendeu que podia se mortificar na roupa da cama. Sem dizer nada, foi buscar os cobertores de lã com os outros companheiros, mas, em vez de cobrir a cama com eles, dobrava-os e punha-os debaixo da cabeceira. As coisas continuaram até princípios de janeiro, quando um dia ficou de tal modo inteiriçado que não conseguiu levantar-se com os outros. Tendo sido comunicado aos superiores que Besucco ficara de cama

<sup>104</sup> Cf. Fl 1, 23.

devido a incômodos de saúde, o enfermeiro da casa foi visitá-lo para ver do que precisava. Quando este chegou junto dele, perguntou-lhe o que tinha.

- Nada, nada, respondeu ele.
- Se não tens nada, por que estás de cama?
- Assim, assim... um pouco incomodado.

Entretanto o enfermeiro aproxima-se para cobri-lo bem com os cobertores e percebe que está usando apenas o pequeno cobertor de verão.

- E os teus cobertores, Besucco, onde estão?
- Estão aqui debaixo da cabeceira.
- Por que fizeste isso?
- Oh nada... quando Jesus estava na cruz não estava mais bem coberto do que eu.

Viu-se logo que o mal de Besucco não era leve, pelo que logo foi levado para a enfermaria.

Imediatamente se mandou vir o médico, que a princípio entendeu que a doença não era grave, julgando tratar-se apenas de um simples resfriado.

Mas no dia seguinte se deu conta de que, em vez de sarar, o mal ameaçava uma congestão catarral no estômago e por isso a doença se tornava perigosa. Foram, então, usados os remédios normais dos purgantes, para vomitar; algumas sangrias e bebidas de várias espécies, mas sem qualquer resultado favorável.

Interrogado um dia sobre o motivo pelo qual tinha cometido essa imprudência, ou seja, não se tinha coberto melhor na cama, respondeu: “Sinto pena que isso tenha desagradado aos meus superiores, mas espero que o Senhor aceite esta pequena penitência em desconto dos meus pecados”.

- Mas e as consequências da tua imprudência?
- As consequências, deixo-as todas nas mãos do Senhor; não ligo a nada do que possa acontecer a este meu corpo, contanto que tudo sirva para a maior glória de Deus e para o bem da minha alma.

### *Capítulo XXVIII – Resignação na doença – Ditos edificantes*

A doença durou apenas oito dias, que para ele foram dias de exercícios e para os companheiros de exemplos de paciência e resignação cristã. O mal dificultava-lhe a respiração e causava-lhe contínua forte dor de cabeça; foi

submetido a muitas e dolorosas operações cirúrgicas; foram-lhe administrados vários remédios energéticos. Mas todas essas prescrições e curas não conseguiram aliviar-lhe o mal, serviram apenas para fazer brilhar a sua admirável paciência. Nunca deu qualquer sinal de ressentimento ou de queixa. Às vezes, diziam-lhe: “Este remédio é desagradável, não é verdade?”. Ele respondia logo: “Se fosse uma bebida doce, a minha boca gostaria mais, mas é justo que ela faça alguma penitência pelas gulodices passadas”. Outra vez, diziam-lhe: “Besucco, tens muitas dores, não é verdade?”. “É verdade que tenho algumas dores, mas que é isso em comparação com o que deveria sofrer pelos meus pecados? Antes, devo dizer-vos que estou tão contente, que nunca imaginei que se sentisse tanto gosto em sofrer pelo Senhor”.

A quem lhe prestasse algum serviço, agradecia de todo o coração, dizendo logo: “O Senhor lhe pague por tudo o que faz por mim”. Não sabendo como exprimir a sua gratidão ao enfermeiro, disse-lhe muitas vezes estas palavras: “O Senhor lhe pague em meu lugar e, se for para o paraíso, pedirei de todo o coração para que o ajude e abençoe”. Um dia o enfermeiro perguntou-lhe se não tinha medo de morrer. “Querido enfermeiro, respondeu, se o Senhor me quiser junto dele no paraíso, terei todo o gosto em obedecer à sua chamada, mas receio bastante não estar preparado. Apesar disso, ponho toda a minha esperança na sua infinita misericórdia e, recomendando-me do fundo do coração a Maria Santíssima, a São Luís Gonzaga, a Domingos Savio, com a sua proteção espero ter uma boa morte”.

Estávamos apenas no quarto dia da doença, quando o médico começou a temer pela vida de Francisco. E eu, para começar a abordar aquele momento, disse-lhe:

- Meu caro Besucco, gostarias de ir para o paraíso?
- Imagine se não gostaria de ir para o paraíso! Mas é preciso merecê-lo.
- Supõe que te davam a escolher entre sarar ou ir para o paraíso: que escolhias?
- São duas coisas diferentes, viver para o Senhor ou morrer para ir para o Senhor<sup>105</sup>. Gosto da primeira, mas muito mais da segunda. Mas quem me garante o paraíso depois de ter cometido tantos pecados?
- Ao fazer-te esta proposta, suponho que estejas seguro de ir para o paraíso, porque, tratando-se de ir para outro lugar, não quero que tu nos deixes por agora.
- Mas como poderei então merecer o paraíso?

<sup>105</sup> Cf. Fl 1, 22-23.

– Merecerás o paraíso pelos méritos da paixão e da morte de nosso Senhor Jesus Cristo.

– Portanto, irei para o paraíso?

– Claro que sim e certamente, bem entendido, quando tal for do agrado do Senhor.

Então lançou um olhar para os que estavam presentes e depois, esfregando as mãos com alegria, disse: “O contrato está feito: o paraíso e mais nada, para o paraíso e não para outro lugar. Não me falem de mais nada, só do paraíso”.

– Sinto-me feliz, disse-lhe então, por mostrares tão grande desejo de ir para o paraíso, mas quero que estejas pronto a fazer a santa vontade do Senhor.

Ele interrompeu as minhas palavras dizendo: “Sim, sim, a santa vontade de Deus seja feita em tudo, no céu e na terra”.

No quinto dia da doença, ele próprio pediu para receber os santos sacramentos. Queria fazer a confissão geral, o que lhe foi negado, por não ter qualquer necessidade dela, tanto mais que a tinha feito alguns meses antes. Todavia preparou-se para aquela última confissão com um fervor todo singular e mostrava-se muito comovido. Depois da confissão, ficou muito alegre e dizia a quem estava junto dele: “No passado, prometi mil vezes não voltar a ofender o Senhor; mas não mantive a palavra. Hoje renovei esta promessa e espero ser fiel até a morte”.

Naquela noite, perguntou-se a ele se tinha algum pedido a fazer a alguém.

– Oh sim, dizia-me, diga a todos que rezem por mim para que o meu purgatório seja breve.

– Que queres que eu diga aos teus companheiros da tua parte?

– Diga-lhes que fujam do escândalo, que procurem fazer sempre boas confissões.

– E aos clérigos?

– Diga aos clérigos que deem bom exemplo aos jovens, e que se empenhem em dar-lhes sempre bons avisos e bons conselhos, quando for o caso disso.

– E aos teus superiores?

– Diga aos meus superiores que agradeço a todos pela bondade que tiveram para comigo; que continuem a trabalhar para conquistar muitas almas; e, quando eu estiver no paraíso, pedirei por eles ao Senhor.



– E a mim que me dizes?

A estas palavras, mostrou-se comovido e, lançando um olhar fixo, replicou: “Ao senhor peço que me ajude a salvar a alma. Desde há muito tempo, peço a Deus que me deixe morrer em suas mãos; peço-lhe, pois, que realize essa obra de caridade e me assista até nos últimos momentos da minha vida”.

Assegurei-lhe que não o abandonaria, quer sarasse, quer estivesse doente e, com muito mais razão, se estivesse em perigo de morte. Depois assumiu um ar muito alegre e não ligou para mais nada, a não ser para preparar-se para receber o Santo Viático.

### *Capítulo XXIX – Recebe o Viático – Outros ditos edificantes – Uma mágoa*

Estávamos no sexto dia da sua doença (oito de janeiro), quando ele mesmo pediu para fazer a sagrada comunhão. “Com muito gosto iria fazê-la com os meus companheiros na igreja, dizia, pois há oito dias que não recebo o meu querido Jesus”. Enquanto se preparava para receber a comunhão, perguntou a quem o assistia o que significa Viático.

– Viático, respondeu alguém, significa provisão e companheiro de viagem.

– Oh que bela provisão a minha, tendo comigo o Pão dos anjos na viagem que estou para empreender!

– Não só terás este Pão celeste, acrescentou alguém, mas terás o mesmo Jesus por ajuda e por companheiro na grande viagem, que te preparas para fazer para a eternidade.

– Se Jesus é meu amigo e companheiro, nada tenho a temer; antes, tudo tenho a esperar da sua grande misericórdia. Jesus, José e Maria, dou-vos o meu coração e a minha alma.

Depois fez a sua preparação e foi necessário que alguém o ajudasse, porque tinha as suas habituais orações que ele rezava por ordem uma após outra. Recebeu a sagrada hóstia com tais sinais de piedade, que são mais fáceis de imaginar do que de descrever.

Depois da comunhão, ficou a rezar em ação de graças. Tendo-se perguntado se precisava de alguma coisa, só respondia: “Rezemos”. Após uma considerável ação de graças, chamou os presentes e recomendou-lhes que só lhe falassem do paraíso.

Nessa altura recebeu a visita do ecônomo da casa<sup>106</sup>, o que lhe deu grande satisfação.

– Ó padre Savio, pôs-se a dizer sorrindo, desta vez vou para o paraíso.

– Tem coragem e coloquemos nas mãos do Senhor a vida e a morte; esperamos ir para o paraíso, mas quando Deus quiser.

– Para o paraíso, padre Savio; perdoe os desgostos que lhe dei; reze por mim e, quando estiver no paraíso, pedirei também a Deus pelo senhor.

Algum tempo depois, vendo-o tranquilo, perguntei-lhe se tinha algum recado a deixar-me para o seu arcepreste. A esta palavra mostrou-se perturbado. “O meu arcepreste, respondeu, ajudou-me muito, fez o que pôde para me salvar, diga-lhe que nunca esqueci os seus conselhos. Não voltarei a ter a consolação de vê-lo neste mundo, mas espero ir para o paraíso e pedir a Maria Santíssima que o ajude a conservar bons todos os meus companheiros e que assim eu possa encontrar-me com ele e com todos os seus paroquianos no paraíso”. Ao dizer isso, a comoção embargou-lhe as palavras.

Depois de descansar um pouco, perguntei-lhe se não desejava ver os seus familiares. “Não posso voltar a vê-los, respondia, porque estão muito longe, são pobres e não têm dinheiro para a viagem. Além disso, o meu pai está longe de casa trabalhando na sua profissão. Diga-lhes que morro resignado, alegre e feliz. Rezem também por mim, espero ir para o paraíso e lá os espero a todos... À minha mãe...”, e interrompeu o que ia dizer.

Cerca de uma hora depois, disse-lhe: “Tens talvez algum recado para a tua mãe?”.

– Diga à minha mãe que a sua oração foi atendida por Deus. Ela me disse muitas vezes: querido Francisquinho, desejo que vivas muito tempo neste mundo, mas prefiro mil vezes que morras a ver-te inimigo de Deus pelo pecado. Espero que os meus pecados tenham sido perdoados, espero ser amigo de Deus e poder ser feliz com ele para sempre. Ó meu Deus, abençoa a minha mãe, dai-lhe coragem para aceitar com resignação a notícia da minha morte, dai-me a graça de vê-la com toda a família no paraíso a tomar parte na vossa glória.

Queria continuar a falar, mas obriguei-o a calar-se para descansar um pouco. Na noite do dia oito, agravando-se cada vez mais o seu mal, decidiu-se administrar-lhe a Santa Unção. Tendo-se perguntado se desejava receber este sacramento:

– Sim, respondeu, desejo de todo o coração.

– Porventura não tens nada que te pese na consciência?

<sup>106</sup> Era o padre Ângelo Savio (1835-1893).

– Ah! sim, tenho uma coisa que me pesa muito e me remorde bastante na consciência!

– O que é? Desejas dizê-la em confissão ou de outra maneira?

– Tenho uma coisa em que sempre pensei na minha vida, mas não imaginei que me desse tanta pena na hora da morte.

– O que é então que te dá tanta pena e tanta mágoa?

– Sinto o mais amargo desgosto porque na minha vida não amei o Senhor tanto como ele merece.

– Fica tranquilo a tal respeito, porque neste mundo nunca poderemos amar o Senhor como ele merece. Aqui é necessário fazer o que pudermos; mas o lugar onde o amaremos como devemos é a outra vida, é o paraíso. Lá o veremos como ele é em si mesmo, lá conheceremos e saborearemos a sua bondade, a sua glória, o seu amor. Feliz de ti que em breve terás esta inefável ventura! Agora te prepara para receber a Santa Unção, que é o sacramento que apaga os vestígios dos pecados e nos dá também a saúde corporal, se for bom para a saúde da alma.

– Para a saúde do corpo, replicou, não se fale mais nisso; quanto aos pecados, peço perdão deles e espero que sejam inteiramente perdoados; antes, confio que poderei obter também a remissão da pena que pelos mesmos devia suportar no purgatório.

### *Capítulo XXX – Recebe a Santa Unção – As suas jaculatórias nesta ocasião*

Tendo-se preparado tudo para o último sacramento que o homem recebe nesta vida mortal, quis ele mesmo rezar o *Confiteor* com as outras orações que acompanham este sacramento, dizendo ele próprio uma jaculatória especial na unção de cada sentido.

Administrou o sacramento o padre Alasonatti, ecônomo da casa. Quando da unção dos olhos, o piedoso enfermo disse: “Ó meu Deus, perdoai-me todos os olhares pecaminosos e tudo aquilo que li e não devia ter lido”. Na unção dos ouvidos: “Ó meu Deus, perdoai-me tudo aquilo que ouvi com estes ouvidos e que era contrário à vossa santa lei. Fazei com que, ao fechar-se para sempre neste mundo, se abram para ouvir a voz que me chamará a gozar da vossa glória”.

Na unção do nariz: “Perdoai, ó Senhor, todas as satisfações que dei ao olfato”.

Na boca: “Ó meu Deus, perdoai-me a gula e todas as palavras que de qualquer modo vos tenham desagradado. Fazei que a minha língua possa cantar quanto antes os vossos louvores para sempre”.

Neste ponto, o ecônomo se comoveu profundamente e exclamou: “Que belos pensamentos, que maravilha num rapaz de tão tenra idade!”. Continuando depois a administração do sacramento, ao ungir as mãos dizia: “Por esta santa unção e pela sua piíssima misericórdia o Senhor te perdoe qualquer falta que tenhas cometido com o tato”. O enfermo continuou: “Senhor Jesus, com o véu da vossa misericórdia e pelos méritos das chagas das vossas mãos cobri e apagai todos os pecados que cometi por obras em todo o decurso da minha vida”.

Nos pés: “Perdoai, ó Senhor, os pecados que cometi com estes pés, quer quando fui aonde não devia ter ido, quer não indo aonde me chamavam os meus deveres. A vossa misericórdia me perdoe todos os pecados que cometi por pensamentos, palavras, atos e omissões”.

Várias vezes foi dito a ele que bastava dizer aquelas jaculatórias com o coração e que o Senhor não pede tão grande esforço como ele tinha de fazer rezando em alta voz: então se calava um instante, mas depois continuava no mesmo tom de voz de antes. Por fim, estava tão cansado e o pulso era tão fraco, que pensávamos que estava para dar o último suspiro. Pouco depois se refez um pouco e, na presença de muitas pessoas, dirigiu estas palavras ao superior: “Pedi muito a Nossa Senhora a graça de morrer num dia a ela dedicado e espero ser atendido. Que mais poderei pedir ao Senhor?”.

Para secundar o piedoso pedido foi-lhe respondido: “Pede ainda ao Senhor que te faça passar todo o purgatório neste mundo, de forma que ao morrer a tua alma suba logo ao céu”. “Oh! sim, acrescentou logo, peço do fundo do coração, dê-me a sua bênção; espero que o Senhor me faça sofrer neste mundo, para que passe aqui todo o meu purgatório e assim a minha alma, ao separar-se do corpo, possa voar logo para o céu”.

Parece mesmo que o Senhor o atendeu, dado que teve ligeiras melhoras e a sua vida se prolongou ainda por cerca de vinte e quatro horas.

### *Capítulo XXXI – Um fato maravilhoso – Duas visitas – Sua preciosa morte*

Nove de janeiro, sábado, foi o último dia do nosso querido Besucco. Esteve todo o dia perfeitamente consciente. Queria rezar continuamente, mas foi proibido por ser demasiado cansativo. “Oh! ao menos, disse, reze alguém

perto de mim e assim eu repetirei no coração o que ele disser por palavras”. Para satisfazer este seu ardente desejo era necessário que alguém rezasse orações ou pelo menos jaculatórias junto do seu leito. Entre outros que o visitaram nesse dia encontrava-se um seu companheiro um tanto dissipado. “Besucco, disse ele, como estás?”. “Querido amigo, respondeu, estou no fim da minha vida, reza por mim nestes últimos momentos. Mas pensa que um dia será a tua vez. Oh! como te sentirás feliz, se fizeres boas obras! Mas, se não mudares de vida, ah! que mágoa sentirás na hora da morte!”. Aquele companheiro pôs-se a chorar e, desde aquele momento, começou a pensar com mais seriedade nos assuntos da alma e hoje em dia ainda tem boa conduta.

Às dez da noite recebeu a visita do senhor Eyzautier, tenente da Guarda Real de Sua Majestade, acompanhado da esposa. Tinha-se empenhado em que Besucco viesse para o Oratório, e tinha-o ajudado muito. Francisco mostrou-se muito contente e deu vivos sinais de agradecimento. Aquele valoroso militar, ao ver a alegria que transparecia naquele rosto e os sinais de devoção que ele manifestava e a assistência que tinha, sentiu-se profundamente comovido e disse estas palavras:

– Morrer deste modo é um verdadeiro prazer e queria também eu poder encontrar-me nesse estado. Depois, falando com o enfermo, disse-lhe: “Querido Francisquinho, quando estiveres no paraíso, reza também por mim e pela minha esposa”. Cada vez mais comovido, não conseguiu falar e, despedindo-se do enfermo pela última vez, afastou-se.

Cerca das dez e meia parecia não poder ter mais do que poucos minutos de vida, quando mexeu as mãos tentando levantá-las. Peguei-lhe nas mãos e juntei-as para que de novo as apoiasse no leito. Ele tirou-as e levantou-as de novo com ar risonho, tendo os olhos fixos como quem contempla algum objeto da máxima consolação. Pensando que talvez quisesse o crucifixo, coloquei-o nas suas mãos; mas pegou nele, beijou-o, e o colocou de novo sobre o leito, levantando logo de novo com ímpeto de alegria as mãos. Naquele instante, a sua face parecia mais viva e corada do que no seu estado de saúde normal. Parecia resplandecer no seu rosto uma beleza, um resplendor que ofuscou todas as outras luzes da enfermaria. A sua face irradiava um esplendor tão forte, que o sol ao meio-dia seria como escuras trevas. Todos os presentes, que eram em número de dez, ficaram não só assustados, mas estupefatos, atônitos e em profundo silêncio tinham os olhares fixos na face de Besucco, que irradiava um clarão semelhante ao da luz elétrica e que os obrigava a baixar o olhar. Mas todos ficaram ainda mais admirados quando o enfermo, levantando um pouco a cabeça e estendendo as mãos o mais que podia como

quem aperta a mão a uma pessoa amada, começou com voz alegre e sonora a cantar assim: *Lodate Maria, o lingue fedeli. Risuoni nei cieli la vostra armonia\**.

Depois fazia esforços para se levantar mais para cima que de fato ia se elevando, enquanto, estendendo as mãos postas, começou de novo a cantar assim: *O Gesù d'amor acceso, non vi avessi mai offeso. O mio caro e buon Gesù, non vi voglio offender più\**. Sem interromper entoou a loa: *Perdon, caro Gesù, pietà, mio Dio, prima di peccar più morir voglio\**.

Nós continuávamos em silêncio e os nossos olhares estavam fixos no enfermo que parecia um anjo com os anjos do paraíso. Para interromper a estupefação, o diretor disse: “Eu creio que neste momento o nosso Besucco recebe uma graça extraordinária do Senhor ou da sua Mãe celeste, de quem foi tão devoto em vida. Talvez ela venha convidar a sua alma para conduzi-la para o céu”.

O padre Alasonatti, administrador, teve que exclamar: “Ninguém se assuste. Este jovem está em comunicação com Deus”. Besucco continuou o seu canto, mas as suas palavras eram truncadas e cortadas, como de quem responde a amorosas interrogações. Eu consegui apenas recolher estas: “Rei do céu... Tão belo... Sou pobre pecador... A vós dou o meu coração... Dai-me o vosso amor... Meu querido e bom Senhor”. Depois se deixou cair normalmente no leito. Cessou a luz maravilhosa, o seu rosto tornou-se como antes; reapareceram as outras luzes e o enfermo já não dava sinal de vida. Mas, percebendo-se de que já não se rezava, nem lhe sugeriam jaculatórias, logo se virou para mim, dizendo: “Ajude-me, rezemos. Jesus, José e Maria, assisti-me nesta minha agonia. Jesus, José e Maria, expire em paz convosco a alma minha”.

Eu lhe recomendava que se calasse, mas ele, sem fazer caso, continuou: “Jesus na minha mente, Jesus na minha boca, Jesus no meu coração; Jesus e Maria, a vós entrego a alma minha”. Eram as onze quando ele quis falar, mas já não podendo, disse apenas estas palavras: “O crucifixo”. Com elas pedia a bênção do crucifixo com a indulgência plenária *in articulo mortis*, que muitas vezes tinha pedido e que eu prometi.

Dada esta última bênção, o ecônomo começou a ler o *Proficiscere*, enquanto os outros rezavam de joelhos. Às onze e um quarto, Besucco, fixando-me com o olhar, tentou esboçar um sorriso em forma de despedida, depois levantou os olhos ao céu indicando que partia. Poucos instantes depois, a

\* Louvai a Maria, ó línguas fiéis. Ressoe nos céus a vossa harmonia.

\* Ó Jesus de amor aceso, não te houvesse nunca ofendido. Ó meu querido e bom Jesus, não mais quero te ofender.

\* Perdão, querido Jesus, tende piedade, meu Deus. Prefiro morrer antes que voltar a vos ofender.

sua alma deixava o corpo e voava gloriosa, como fundadamente esperamos, a gozar da glória celeste em companhia daqueles que com a inocência da vida serviram a Deus neste mundo, e agora são bem-aventurados com ele e o ben-dizem eternamente.

### *Capítulo XXXII – Sufrágios e funeral*

Não se pode exprimir a dor e a mágoa sentida em toda a casa pela perda de tão querido amigo. Fizeram-se naquele momento muitas orações junto do seu próprio leito. Ao nascer do dia, a notícia espalhou-se entre os seus companheiros que, para buscar algum conforto na dor e prestar homenagem ao amigo falecido, se reuniram na igreja a fim de rezar em sufrágio da sua alma, se porventura ainda tivesse necessidade. Muitos fizeram a sagrada comunhão com esta mesma finalidade. Terço, ofício, orações em comum e em privado, comunhões, missa, em suma, todas as práticas de piedade que, naquele dia festivo, se realizaram na nossa igreja foram dirigidas a Deus pelo eterno repouso da alma do bom Francisco. Naquele dia deu-se outra coisa singular. A sua fisionomia tornou-se tão atraente e o seu rosto tão corado, que não tinha qualquer aspecto de morte. Nem sequer quando andava bem de saúde, alguma vez se mostrou nele sinal daquela extraordinária beleza. Os próprios companheiros, bem longe de ter aquele medo que geralmente se tem dos mortos, ansiavam vê-lo e todos diziam que parecia mesmo um anjo do céu. É por este motivo que a fotografia tirada depois da morte apresenta feições muito mais simpáticas e graciosas do que tinha em vida. Os que viam objetos que de algum modo tivessem pertencido a Besucco andavam à porfia para os adquirir e ficar com eles como sinal da mais grata recordação. A voz mais comum que corria entre todos era que ele tinha voado para o céu. “Já não tem necessidade das nossas orações, diziam alguns; neste momento goza já da glória do paraíso”. “Mais ainda, acrescentava outro, certamente se encontra já na presença de Deus a pedir por nós”. “Eu creio, concluía um terceiro, que Besucco possui já um trono de glória no céu, e que invoca as bênçãos divinas sobre os seus companheiros e amigos”. No dia seguinte, onze de janeiro, foi cantada missa pelos seus companheiros aqui na igreja do Oratório e muitos deles fizeram a sagrada comunhão para maior glória de Deus e pelo eterno repouso da sua alma, se porventura ainda tivesse necessidade de algum sufrágio. Terminada a cerimônia fúnebre, foi acompanhado pelos pesarosos colegas à paróquia e depois ao cemitério”.

O lugar que agora ocupa é o n.º 147, quadra do lado do poente.

*Capítulo XXXIII – Comoção em Argentera e veneração pelo jovem Besucco*

As virtudes que neste maravilhoso juvenzinho resplandeceram pelo espaço de 14 anos na localidade de Argentera, tornaram-se ainda mais luminosas quando ele partiu deste mundo e quando chegaram notícias da sua preciosa morte. O padre Francesco Pepino enviou-me um comovente relatório de coisas que têm algo de sobrenatural. Guardá-lo-ei ciosamente para momento mais oportuno; aqui me limitarei a extrair dele alguns traços. “Quando se soube da notícia da grave doença de Besucco, escreve ele, fizeram-se orações públicas por ele, cantando-se a missa com a bênção do Santíssimo Sacramento e oração *pro infirmo*. A notícia da sua morte, recebida na tarde do dia treze, correu logo de boca em boca e, em menos de uma hora, por toda a parte Francisco era proclamado modelo da juventude cristã. Não se pode calcular a grande dor que se abateu sobre os pais e os benfeitores deste querido juvenzinho cuja conduta exemplar agradou sempre a todos e a ninguém ofendeu. A irmã mais nova de Francisco, chamada Maria, anunciou claramente a morte no dia dez de janeiro, assegurando que perto da meia-noite do dia nove para dez, estando na cama com sua mãe, sentiu um forte rumor no quarto de cima onde costumava dormir Francisco. Ela ouviu claramente lançar um punhado de areia no pavimento e, com receio de que a mãe com tal ruído viesse a suspeitar da morte de Francisco, entreteve-a com conversas em voz alta, o que aquela filha não costumava ter. Várias outras pessoas, convencidas da sua santidade, não hesitaram em recomendar-se a ele para obter favores celestes e foram atendidas”.

Não quero discutir sobre os fatos aqui apresentados: entendo fazer apenas o papel de historiador aceitando qualquer observação que o benévolo leitor possa fazer. Eis por isso mais algumas passagens do mencionado relatório: “No mês de fevereiro, um menino com cerca de dois anos encontrava-se em grave perigo de vida; julgando o caso desesperado, os pais recomendaram-no ao nosso Besucco, cujas virtudes ambos enalteciam. Prometeram, além disso, que, se o pequeno se curasse, iriam animá-lo à prática da santa *Via-Sacra*, à imitação de Francisco. A criança se curou depois de pouquíssimo tempo e agora goza de perfeita saúde. Há dias, continua o pároco, recomendei eu mesmo à intercessão do querido juvenzinho um pai de família gravemente enfermo, recomendei-o também ao mesmo tempo a Jesus Sacramentado, a cuja honra e glória se consagra o referido pai de família na qualidade de cantor. Omito o nome dessas pessoas unicamente para as poupar a qualquer crítica indiscreta. O enfermo logo melhorou e, em poucos dias, apareceu perfeitamente curado”.



“A irmã mais velha de Francisco, de nome Ana, casada no mês de março, vendo-se acometida de grave incômodo que não a deixava descansar nem de dia nem de noite, num momento de maior apuro, exclamou: “Meu querido Francisquinho, ajuda-me nesta grave necessidade, obtém-me algum repouso”. Dito e feito. Daquela noite em diante, começou e continuou a descansar tranquilamente. Animada pelo bom resultado da sua oração, recomendando-se de novo a Francisco que a socorresse num momento em que a sua vida corria grave perigo, foi atendida além de toda a sua expectativa”.

“Eu que recolho os fatos dos outros para maior glória de Deus, não devo deixar de notar que, habituado a recomendar-me às orações do meu afilhado quando ele ainda era vivo, com maior confiança a ele recorri depois da sua morte e desta minha confiança obtive em diversas circunstâncias felizes resultados”.

#### *Capítulo XXXIV – Conclusão*

Aqui termino a vida de Francisco Besucco. Teria ainda várias coisas a referir acerca deste virtuoso juvenzinho; mas, como poderiam dar azo a críticas por parte de quem se recusa a reconhecer as maravilhas do Senhor nos seus servos, reservo-me o direito de publicá-las em tempo oportuno, se a divina bondade me conceder graça e vida.

Entretanto, estimado leitor, antes de terminar este meu escrito, queria que juntos tirássemos uma conclusão que fosse útil para mim e para ti. É certo que, mais tarde ou mais cedo, a morte virá para nós ambos e talvez esteja mais próxima do que possamos imaginar. É igualmente certo que, se não praticarmos boas ações no decurso da nossa vida, não poderemos recolher os seus frutos na hora da morte, nem esperar de Deus qualquer recompensa. Ora, dando-nos a divina Providência algum tempo para nos prepararmos para aquele último momento, utilizemo-lo em boas obras, tendo a certeza de que a seu tempo colheremos o fruto merecido. Não faltará, é verdade, quem faça troça de nós, por nos mostrarmos a favor da religião. Não liguemos a quem fala assim. Engana-se e prejudica-se a si mesmo e a quem o escuta. Se quisermos ser sábios perante Deus, não devemos reear parecer loucos diante do mundo, porque Jesus Cristo nos assegura que a sabedoria do mundo é estultice aos olhos de Deus. Só a prática constante da religião pode tornar-nos felizes no tempo e na eternidade. Quem não trabalha no verão, não tem direito de descansar no inverno, e quem não pratica a virtude na vida, não pode esperar qualquer prêmio depois da morte.

Coragem, leitor cristão, coragem em realizar boas obras enquanto temos tempo; os sofrimentos são breves, e os prêmios que nos esperam duram eternamente. Invocarei sobre ti as bênçãos divinas, e tu suplica também ao Senhor Deus que use de misericórdia para com a minha alma, a fim de que, depois de ter falado da virtude, do modo de a praticar e da grande recompensa que para ela Deus tem preparada na outra vida, não me aconteça a terrível desgraça de a transcurar com dano irreparável da minha salvação.

O Senhor nos ajude, a ti e a mim, a perseverar na observância dos seus preceitos nos dias da nossa vida, para podermos um dia gozar no céu do grande bem, do sumo bem, pelos séculos dos séculos. Assim seja.